

Randall Price

ARQUEOLOGIA BÍBLICA



O que as últimas descobertas da arqueologia revelam sobre as verdades bíblicas

Reedição do livro *Pedras que Clamam*

Randall Price

ARQUEOLOGIA BÍBLICA

Reedição do livro *Pedras que Clamam*



Traduzido por Sérgio Viúla
e Luís Aron de Macedo



Rio de Janeiro
2006

Título original em inglês: *The stones cry out*
Harvest House Publishers
Eugene, Oregon, USA
Primeira edição em inglês: 1997

Tradução: Sérgio Viúla (até ao capítulo 8); Luís Aron de Macedo (capítulo 9 em diante).
Revisão: Elaine Arsenio
Capa e projeto gráfico: Daniel Bonates
Editoração: Olga Rocha dos Santos

CDD: 215.8 – Arqueologia
ISBN: 85-263-0225-6

As citações bíblicas são extraídas da tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil.

Para receber cópia grátis do boletim informativo do doutor Randall Price sobre arqueologia bíblica, cenários bíblicos e profecia bíblica, escreva em inglês para:

World of the Bible Ministries, Inc.
110 Easy Street
San Marcos, TX 78666-7336
Estados Unidos
Fone: 00-1 (512) 396-3799 — Fax: 00-1 (512) 392-9080
E-mail: wbmrandl@itouch.net

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-701-7373

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331
20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

5ª edição/2006

Ao

Dr. H. L. Willmington

Um servo de Cristo,

um ministro para as multidões,

um modelo para muitos,

um amigo para mim.

e para

MINHA MÃE,

Maurine Price

Por cultivar minha curiosidade

e direcionar minha devoção,

para que eu pudesse procurar ambos

— as pesquisas e o Salvador.

Sobre o autor

O Dr. J. Randall Price é mestre em teologia pelo Dallas Theological Seminary (Novo Testamento e Línguas Semíticas) e doutor em filosofia pela Universidade do Texas, em Austin (Estudos do Oriente Médio e Arqueologia). Também é diplomado pela Universidade Hebraica de Jerusalém (Arqueologia). Participou de escavações em Tel Yin'am, na Galiléia, e em Qumran, sítio da comunidade que descobriu os manuscritos do mar Morto. Ensinou Arqueologia Bíblica na Universidade do Texas, em Austin, é professor adjunto de Teologia na Escola Internacional de Teologia e presidente dos Ministérios Mundo da Bíblia (World of the Bible Ministries, Inc.), uma organização especializada em pesquisa bíblica sobre o antigo e o moderno Oriente Médio. Já conduziu 34 excursões às terras bíblicas e é autor e co-autor de nove livros e três vídeos relacionados a temas arqueológicos, incluindo *In search of temple treasures* (*Em busca dos tesouros do templo*) e *Secrets of the Dead sea scrolls* (*Segredos dos manuscritos do mar Morto*). Trabalhou ainda como consultor técnico e apareceu na série televisiva *Ancient secrets of the Bible* (*Antigos segredos da Bíblia*) como especialista em estudos bíblicos e arqueológicos. Ele é casado com Beverlee Shaw e tem cinco filhos, que compartilham seu entusiasmo pelo mundo bíblico.

Agradecimentos

Este livro deve muito a vários amigos, profissionais ou apaixonados pela arqueologia. O primeiro deles é Clifford Wilson, que gentilmente colaborou com o prefácio. A contribuição de sua vida inteira para a arqueologia bíblica é apreciada por todos que têm estudado sob a sua orientação ou lido os seus excelentes trabalhos.

Pela razão de as primeiras e últimas palavras deste livro terem sido escritas em Jerusalém, devo minha gratidão àqueles que em Israel compartilharam comigo o seu tempo, pesquisa e recursos fotográficos: Amihai Mazar, Avraham Biran, Trude Dothan, Sy Gittin, Gaby Barkay, Amnon Ben-Tor, Dan Bahat, Magen, Rami Arav, Bob Mullins, Steve Pfann e Zev Radovan. Agradecimentos especiais também àqueles que nos Estados Unidos e na Inglaterra aconselharam-me e compartilharam materiais próprios e fotografias pessoais. Primeiramente Gordon Franz, cuja assistência e consultoria durante todo este projeto foi inestimável, e Leen Ritmeyer, Bryant Wood, Keith Schoville, David Merling, Eugene Merrill, David Livingston, James Strange e Tom McCall.

Sou mais uma vez grato a Jack e Kay Arthur, pela cessão generosa de seu apartamento em Jerusalém durante minha pesquisa inicial, em outubro de 1996. Sou também grato ao Dr. e a Sr.ª Weston Fields por também me permitirem usar a sua casa, onde os manuscritos foram completados, em junho de 1997.

Houve muitos outros que cooperaram: transcrevendo (Linda Winn, Debbie Smith), fotografando (Paul Streber, que tirou muitas das fotografias nas regiões de Israel e Jordânia) ou proporcionando apoio técnico (Wayne House, Jim Fox, Gary Collett e Ken Standford). Agradecimentos também a Richard Short, que preparou a cronologia, e a Steve Ando, que organizou os índices.

Minha especial gratidão ao professor Harold Liebowitz, que foi o primeiro a convidar-me para escavar com ele em Israel e que me ofereceu a oportunidade de auxiliá-lo num curso de arqueologia bíblica na Universidade do Texas, em Austin.

Da mesma forma, sou grato a Terry Glaspey, que sugeriu a idéia deste livro; a Bob Hawkins, Jr. e a Carolyn McCready, da Harvest House Publishers, que me ofereceram o projeto; a Steve Miller, que habilmente serviu como editor; e a Barbara Sherrill, por sua excelência na produção da capa.

Minha apreciação estende-se aos patrocinadores do meu ministério, que compartilham das lidas terrenas e dos galardões eternos, e ao pastor Steve Sullivan, cujas orações fiéis em meu favor me têm proporcionado êxito no trabalho.

Sumário

Introdução

Prefácio

Um convite para ouvir as pedras

PARTE 1: O QUE A ARQUEOLOGIA PODE COMPROVAR?

Capítulo 1 — A aventura da arqueologia
Revelando os segredos das eras passadas
23

Capítulo 2 — Cavando as respostas
A História na pedra
31

Capítulo 3 — Escavações que fizeram a diferença
Escritos do passado
47

Capítulo 4 — Mais escavações que fizeram a diferença
Retratos do passado
67

PARTE 2: NOVAS DESCOBERTAS EM ARQUEOLOGIA

Capítulo 5 — Os patriarcas
Lendas vivas ou vidas lendárias?
81

Capítulo 6 — Sodoma e Gomorra
História salgada ou cidades pecadoras?
97

Capítulo 7 — O êxodo
Primeira Páscoa: um artifício?
111

Capítulo 8 — A conquista
Josué realmente conquistou Jericó?
125

Capítulo 9 — O rei Davi
Figura mítica ou monarca famoso?
141

Capítulo 10 — O Templo
Propaganda política ou lugar comprovado?
153

Capítulo 11 — A arqueologia e a Arca
Superstição sagrada ou artefato antigo?
179

Capítulo 12 — Reis e profetas
Assinaturas sagradas na pedra
193

Capítulo 13 — A arqueologia e a profecia
As pedras podem mostrar o sobrenatural?
213

Capítulo 14 — A arqueologia e um milagre
Lendo entre as rachaduras
227

Capítulo 15 — Os Rolos do mar Morto
Matéria arqueológica digna de primeira página
241

Capítulo 16 — A arqueologia e Jesus
Ficção teológica ou fatos fidedignos?
257

PARTE 3: OUVINDO AS PEDRAS HOJE

Capítulo 17 — O que a arqueologia pode comprovar?
Perspectivas sobre a arqueologia e a Bíblia
281

Capítulo 18 — Para onde as pedras o conduzem?
Fé e arqueologia
291

AUXÍLIOS PARA ESTUDO, NOTAS E CRÉDITOS

Sítios arqueológicos em Israel
302

Períodos arqueológicos
304

Cronologia da história de Israel
306

Cronologia das figuras históricas e eventos
308

Museus com exposições arqueológicas bíblicas
315

Glossário
329

Sugestões de recursos na arqueologia bíblica
343

Notas
351

Créditos
381

Introdução

Arqueologia Bíblica, do Dr. J. Randall Price, é uma fonte relevante, erudita e atualizada dos maiores achados relacionados à arqueologia e à Bíblia. Cada um dos 18 capítulos incluem gemas que são um deleite para cristãos biblicamente convictos, tanto os eruditos quanto os leigos.

Como durante muitos anos tenho sido pessoalmente a "voz" de um programa de rádio, amplamente ouvido, também chamado *The stones cry out* (título do original em inglês — N. do T.), tenho o prazer de recomendar este livro, que tão habilmente reúne uma grande quantidade de material que autentica especificamente ambiente, incidentes e personagens bíblicos. Além disso, Randall Price não hesita em confrontar-se com aparentes problemas. E suas respostas são aceitáveis aos intelectuais que estejam preparados para reconhecer que a Bíblia não é apenas um livro teológico, mas também o maior registro da história jamais conhecido pelo homem.

Por exemplo, ele tenta resolver a controvérsia sobre a expressão "casa de Davi", encontrada numa inscrição monumental em Tel Dã. Tão bem quanto argumenta a favor da genuinidade da inscrição e da tradução exata das palavras, ele valoriza a sua exposição, graças ao contato que mantém com arqueólogos e outros eruditos envolvidos em achados como esses.

Existem, é claro, áreas de controvérsia e debate que sempre serão alvo das atenções, devido a questões levantadas pela história e pela arqueologia. A contribuição deste trabalho é a informação a grupos de leitores sobre as últimas descobertas e discussões na vanguarda arqueológica. Além disso, como o próprio Randall nos lembra, citando outro autor, que a vigente "verdade absoluta em arqueologia dura cerca de vinte anos". Ninguém pode escrever um livro sobre a Bíblia e a arqueologia e estar certo de que ele é definitivo, que todas as suas interpretações e conclusões serão inquestionáveis em vinte anos!

Recomendo com veemência este livro. Foi um prazer lê-lo, e é um privilégio escrever esta introdução. O trabalho do Dr. Price poderia ser tremendamente importante para o corrente processo, entre os escolásticos, de rejeição à crítica — por muito tempo prevalecente — contra a Bíblia como história. Ele demonstra que a Bíblia é a maravilhosa revelação divina da verdade, estabelecida em contextos históricos maravilhosamente confiáveis.

Dr. Clifford Wilson
Presidente da Universidade Internacional do Pacífico

Prefácio

O político e novelista inglês Benjamin Disraeli certa vez colocou o panorama da arqueologia em perspectiva, ao escrever a sua primeira excursão às ruínas da antiga Tebas (Nô, Jr 46.25 —):

> Imagine um sonho efervescente e tumultuado, cheio de portões triunfais, procissões de pinturas, muros intermináveis de esculturas heróicas em relevo, granitos colossais de deuses e reis, obeliscos prodigiosos, avenida de enigmas e corredores com mil colunas, noventa metros de largura e altura proporcional. Meus olhos e mente ainda doem com tal magnificência, tão destoante da nossa pequenez.[1]

A arqueologia, ao revelar a grandeza do passado, ajuda-nos a mensurar nossas presentes realizações no curso das eras. Cada civilização tende à declaração exclusivista de que é mais avançada e completa que seus primitivos descendentes. Todavia, é saudável despertar para a própria "pequenez", à luz das culturas monumentais da Antigüidade. Impérios têm-se levantado, durado por milênios e depois caído na poeira de seu próprio esplendor. Aos nossos, na hora certa, acontecerá a mesma coisa. Além dessa revelação, a arqueologia bíblica nos concede um singular vislumbre da história, mostrando-a direcionada por um plano e cheia de lições eternas para a vida. Ao introduzir-nos no mundo da Bíblia, revela que o levantamento e a queda de nações são explicados como parte de um plano maior, que incorpora nossa "pequenez" e lhe dá significado. Este livro foi escrito para buscar um pouco mais desse significado, a partir da história das Escrituras ambientada nas pedras.

Desafios modernos à arqueologia

Hoje, os livros de arqueologia bíblica enfrentam muitos desafios. Uma das vozes principais nesse campo, William Dever, adverte: "Você tem que ser muito corajoso para se aventurar a publicar atualmente [...] você com certeza será acometido de todos os lados".[2]

O primeiro desafio parte dos arqueólogos. Nessa disciplina, existe amplo debate até a respeito da propriedade de se usar o termo "arqueologia *bíblica*". Na verdade, a arqueologia naquelas regiões onde a história bíblica se desenvolveu descobriu outros povos e culturas além dos que são relevantes para a Bíblia. Por essa razão, argumenta-se que o restritivo "bíblica" mina a significância deles. Mais ainda, a tendência da arqueologia nos últimos anos é para a especialização, caracterizada pelo distanciamento dos estudos bíblicos. A escola da Nova Arqueologia, enraizada

na antropologia cultural e renunciando a orientação histórica da arqueologia clássica, concebe os estudos bíblicos como albatrozes de uma geração antiga, religiosamente orientada e nada científica.

Carentes das referências que guiaram os seus antecessores, a presente geração de arqueólogos tem proposto teorias revolucionárias e interpretações revisionistas para substituir os modelos tradicionais, biblicamente embasados, da história de Israel. Esse tem sido o caso, especialmente entre a comunidade arqueológica de Israel. Hoje na "terra do Livro", a Bíblia é considerada menos história real e mais história religiosa pelos mesmos arqueólogos que trouxeram à luz o seu registro em rocha.

O segundo desafio parte do lado oposto — o dos estudantes e professores da Bíblia. Para muitos, a arqueologia não é mais relevante para a religião. Nesta era de relativismo moral, onde o foco no treinamento ministerial tem mudado do "biblicamente sonoro" para o "socialmente expressivo", cursos de arqueologia bíblica têm desaparecido dos currículos de muitos institutos bíblicos e seminários.[3] Os que realmente ensinam arqueologia bíblica geralmente precisam enfrentar o sistema para manter a sua posição. Mas, se os modelos progressistas de educação persistirem, aqueles provavelmente não serão substituídos quando se aposentarem.

Talvez essa negligência seja uma reação ao distanciamento entre a arqueologia e a Bíblia. Qualquer que seja a causa, esse divórcio está produzindo uma geração de teólogos abstratos e arqueólogos técnicos que acreditam terem pouco em comum. Sem a necessária síntese das Escrituras com as pedras, os estudantes, de ambos os campos, certamente serão prejudicados.

Meu envolvimento com a arqueologia

Meu ingresso e interesse em arqueologia nasceu do estudo da Bíblia. Meu entusiasmo em tornar a Bíblia relevante foi temperado pela descoberta de que cada texto tinha um contexto. No contexto americano do século XX, às portas do século XXI, eu estava separado do contexto bíblico por milhares de milhas e anos. Tornou-se claro para mim que, antes de aplicar a Bíblia à minha vida e época, eu precisava entender a vida e as épocas originais às quais sua mensagem se aplicava. Então mudei-me para Israel, a fim de aprender mais diretamente sobre esse contexto, através do estudo da arqueologia bíblica e, mais tarde, pelo trabalho de campo, em escavações arqueológicas.[4]

Durante o meu doutorado nos Estados Unidos, tive o raro privilégio de ensinar arqueologia bíblica numa das quatro maiores universidades de nosso

país. Ali tive alunos que haviam crescido no sistema de educação pública, sem acesso às Escrituras, e que ficavam admirados de ver o seu professor segurando a Bíblia numa mão e um livro de arqueologia na outra. Creio que a admiração deles procedia da gradativa constatação de que a Bíblia é história real e que fatos históricos estão com ela entrelaçados.

A popularidade da arqueologia bíblica

Em nítido contraste, enquanto entre os profissionais a arqueologia bíblica pode estar agonizando, ela nunca foi tão bem-sucedida como matéria popular. O cidadão médio, quaisquer que sejam suas crenças, tem grande fascinação pela arqueologia, especialmente a da Bíblia. A proliferação de especiais com orientação arqueológica na TV, as novas séries que harmonizam a Bíblia e a arqueologia, em canais a cabo, e os numerosos artigos de revistas sobre arqueologia bíblica demonstram o elevado índice de interesse pelo assunto.

É de se esperar que tal paixão possa revelar-se como a salvação da arqueologia bíblica na arena acadêmica. Se houver igual demanda da parte do povo junto aos seus rabinos, pastores ou padres, é possível que as instituições que treinam tais líderes reconsiderem seu currículo e os preparem para ensinar as Escrituras com o conhecimento que vem das pedras.

O público para o qual escrevi este livro, portanto, é popular. Minha perspectiva surge de uma elevada visão da Bíblia (chamada pelos arqueólogos "posição maximalista"), que acredita ser a corroboração histórica com o registro arqueológico tanto possível quanto preferível. Meu propósito, porém, não é *autenticar* a Bíblia, que como documento arqueológico é prova em si mesma. Antes, pretendo demonstrar, por meio das pedras, que as Escrituras são confiáveis. E as pedras nos apresentam um panorama da Bíblia impossível de ser contemplado por qualquer outra perspectiva.

Não planejei uma volta ao passado, e sim uma viagem *à luz* do passado, para que esta iluminasse o presente. Se meu esforço foi bem-sucedido, nossa viagem despertará em você um profundo interesse, tanto pela história do mundo quanto pela Bíblia. Como Disraeli, você também descobrirá que os seus olhos e a sua mente estarão doendo em face daquela grandeza que nos ajuda a mensurar nossos momentos.

Dr. J. Randall Price
Jerusalém (Shavuot, 1997)

Um convite para ouvir as pedras



As pedras clamam,
há muito silenciosas, desde antigas eras,
descortinando agora, qual rolo escrito,
a divina verdade em páginas empoeiradas.

As pedras clamam,
Contam, com voz poderosa, a sua história,
há muito escondida dos olhos do homem
— a divina verdade para esta hora.[1]

— Anne Moore

Ainda me lembro da primeira vez que escalei a Grande Pirâmide do faraó Quéops. Uma das sete maravilhas do mundo antigo, ela ainda é motivo de mistério e controvérsia. Sua altura é espantosa, e cada pedra representava uma escalada em particular. A única visão no caminho da subida é a de milhões de blocos de calcário. Quantos devem ter trabalhado a vida inteira ali sem ver outra coisa além de pedras!

Ao chegar no topo, entretanto, a paisagem mudou. Desse ponto avantajado, via-se de um ângulo inédito o que sobrara do passado. Era possível avistar

os contornos do passadiço que conectava a pirâmide ao vale do Templo e às tumbas gigantes dos faraônicos carros do Sol. Podia-se também captar uma vista melhor do presente. Ali, estendendo-se pelo horizonte, estava a grande metrópole do Cairo, que como as areias circundantes havia avançado sobre a cidade-pirâmide de Gizé.

À medida que meus sentidos eram contagiados pelo panorama diante de mim, comecei a imaginar o local da pirâmide como um ponto imóvel na progressiva marcha do tempo. Aquelas pedras, que haviam testemunhado o florescimento e a queda do império egípcio, já contavam mil anos quando Abraão passou por elas para reclamar a sua herança em Canaã. Eram um símbolo de refúgio nos dias de José, quando ele trouxe seu pai, Jacó, e os filhos deste para viverem à sua sombra. As pirâmides testemunharam a opressão dos israelitas e o êxodo sob Moisés. Elas presenciaram o profeta hebreu Jeremias ser levado cativo de sua terra, Judá, e observaram o infante Jesus fugir do rei Herodes. Se pudessem falar, quantas histórias nos contariam!

De certa forma, porém, as pedras realmente contam histórias. A Bíblia usa o simbolismo das "pedras falantes" para lembrar-nos de que Deus deixou testemunhas de suas obras. No caso dos babilônios, cegos para a sua própria destruição, o profeta Habacuque escreveu: "Porque a pedra clamará da parede, e a trave lhe responderá do madeiramento" (Hc 2.11). Quando os líderes religiosos tentaram silenciar aqueles que exaltavam a entrada messiânica de Jesus na rochosa Jerusalém, Ele retrucou: "Digo-vos que, se estes se calarem, as próprias pedras clamarão" (Lc 19.40). Hoje, também, se os homens recusarem o testemunho da Palavra, ainda existe o das rochas. Como disse o salmista, "a verdade brotará da terra" (Sl 85.11).

Ali, de pé sobre uma das maiores relíquias arqueológicas do mundo, pude ver coisas até então para mim despercebidas. O passado ganhou uma nova perspectiva, e o presente foi visto sob uma luz mais intensa. Desde então, a minha experiência tem comprovado a veracidade dessa visão, graças às evidências desenterradas da Bíblia. Mas, a despeito de minha experiência, é da arqueologia que provém o melhor testemunho da obra de Deus revelada em sua Palavra. Não deveríamos então escalar essa pilha de tesouros temporais e obter uma visão realçada das coisas eternas?

Por acreditar que esse é um objetivo louvável — ou mesmo uma santa missão —, esforço-me neste livro para lembrar, mais uma vez, como as pedras podem efetivamente falar. E falam tanto que tive de ser seletivo nas histórias que retirei das pedras. Meu esforço também foi o de narrá-las tão claramente quanto possível, a fim de que fossem acessíveis a um maior número de pessoas.

Por essa razão, esta obra é direcionada aos não especialistas. Tentei ainda dar voz aos arqueólogos profissionais, registrando suas declarações nas entrevistas que constam deste trabalho.

Estou consciente de que todo livro sobre arqueologia, em virtude das constantes escavações e descobertas, corre o risco de se tornar ultrapassado antes de sua impressão. Todavia, o enfoque categórico aqui não é dado às pedras, mas às Escrituras, cujas verdades não podem ser diminuídas pelo tempo.

É trabalhoso enquadrar esse processo a leigos e eruditos ao mesmo tempo em que se administra obsolescência e absolutos. Por isso alguns especialistas no campo podem pensar que superestimei o valor de seus achados. Todavia, a nós, que temos como base as Sagradas Escrituras, sobejam razões para entusiasmo após o término de cada escavação. Porque conhecemos e cremos num Deus que não só conduz a história como às vezes intervém no seu curso. E analisar as pedras matizadas pela história é chegar mais perto da realidade daquEle que era, que é e que há de vir. Quer você compartilhe desse entusiasmo, quer não, convido-o a juntar-se a mim para ouvir as pedras falarem mais uma vez. Isso o conduzirá a novas alturas. Eu prometo!



1. Randall Price escalando a Grande Pirâmide.



2. Price no topo da Grande Pirâmide.

Parte 1

O que a arqueologia pode comprovar?

1

A aventura da arqueologia

Revelando os segredos das eras passadas



Eu creio na pá. Ela sustentou as tribos da humanidade. Ela forneceu-lhes água, carvão, ferro e ouro. E agora ela está lhe revelando a verdade — verdade histórica, cujas minas nunca haviam sido abertas, até o nosso tempo.[1]

— *Oliver Wendell Holmes*

Vivemos um período de entusiasmar! Descobertas arqueológicas estão brotando por todo o mundo, mais rápido do que os nossos jornais podem informar. E são boas as notícias para os estudantes das Escrituras: grande parte dos achados está ajudando, como nunca antes, na compreensão da Bíblia. Para ilustrar o quanto e quão rápido o passado está invadindo o presente, aqui estão apenas algumas das maravilhosas descobertas, com relevância para a Bíblia, feitas até a época deste escrito, no início de 1997:

- Uma câmara escondida foi descoberta no vale do Rei (Luxor, Egito) próximo à tumba do famoso rei Tut. Ela pode ser o lugar do sepultamento do primogênito do faraó Ramsés II. Se for correta a teoria de que era ele o faraó do Êxodo, então seu filho foi morto na última praga ordenada por Moisés.

- Sob as ondas da costa de Alexandria, Egito, milhares de artefatos dos anos 670-30 a.C. foram encontrados.[2] Entre eles, uma das sete maravilhas do mundo antigo, o grande farol de Alexandria, desaparecido há mais de 2.200 anos. Outras descobertas

incluem palácios reais de figuras famosas como a rainha Cleópatra, Júlio César e Marco Antônio.[3] E, em algum lugar nesse sítio submerso de cerca de cinco acres e meio, arqueólogos crêem que encontrarão pelo menos o sarcófago dourado de Alexandre, o Grande, que fundou a cidade em 323 a.C. e cuja conquista do mundo conhecido foi predita pelo profeta hebreu Daniel (veja Dn 11.3,4).[4]

• Descoberta recente, ainda não publicada, é a de uma inscrição cuneiforme de 3.500 anos sobre um prisma de argila do reino sírio de Tikunani. Os primeiros trabalhos de tradução levaram ao anúncio de que o texto pode finalmente conter a identidade há muito procurada dos enigmáticos habirus, povo que alguns acreditam estar relacionado aos hebreus bíblicos.[5]

• Há notícias de que satélites, utilizando-se de raios infravermelhos, localizaram o desaparecido rio Pisom. Há muito enterrado pelas areias do deserto, seu antigo curso pôde ser traçado pelo satélite no leito de Farouk El-Baz, que corre de Hijaz, no Oeste da Arábia, até o Kuwait. Esse rio, junto com os bem conhecidos Tigre e Eufrates, ajuda a definir a localização do jardim do Éden na Bíblia (Gn 2.11).[6]

• E, falando no jardim do Éden, chega de Israel a notícia de uma serpente fossilizada com pernas traseiras bem desenvolvidas encontrada numa pedreira.[7] A descoberta de uma cobra com pernas dá relevância à história da serpente descrita no relato da tentação, no livro de Gênesis (Gn 3.1-15).

• Já ouviu falar nos misteriosos essênios? Cinqüenta tumbas descobertas recentemente em Beit Safafa, sudoeste de Jerusalém, podem ser a primeira evidência dessa comunidade perdida.[8] Crê-se que um grupo de essênios habitou Qumran e produziu os manuscritos do mar Morto. As tumbas de Jerusalém são do mesmo período e exatamente iguais às de Qumran. Esse achado pode ser o elo que faltava entre Jerusalém e Qumran, resolvendo finalmente o enigma da autoria dos manuscritos do mar Morto.

Se esses relatórios são insuficientes para entusiasmá-lo, talvez seja porque notícias desse tipo estão cada vez mais comuns nesta era de redes de informação 24 horas e de variados programas educacionais de televisão. Para realmente apreciarmos as revelações arqueológicas de nossos dias, será preciso fazer uma pequena viagem à época em que tais informações eram desconhecidas para o mundo.

Era assim

No início do século XVIII, ninguém podia sonhar que maravilhas a arqueologia estava para revelar. O mundo do passado estava amplamente esquecido, exceto pela procissão histórica de nomes antigos de pessoas e lugares, mas não havia qualquer evidência física de que eles realmente houvessem existido. Típica daquele tempo era a observação de Herder:

• No Oriente Próximo e no vizinho Egito, tudo que é dos tempos antigos nos parece ruínas ou um sonho que desapareceu [...] Os arquivos da Babilônia, Fenícia e Cartago não existem mais; o Egito sucumbiu praticamente antes que os gregos conhecessem o seu interior. Assim, tudo se restringe a algumas folhas desgastadas que contêm histórias sobre histórias, fragmentos de história, um sonho do mundo anterior ao nosso.[9]

Essa era a condição de nosso conhecimento material sobre a Antigüidade há apenas dois séculos. A Bíblia era o único testemunho a respeito dela própria. De um lado, o leitor era abençoado por suas verdades, ainda que de outro lado ele fosse freqüentemente deixado a perguntar-se acerca dos lugares e eventos nela registrados. Havia, é lógico, muitas fontes de literatura antigas — comentários sobre a história antiga e bíblica, como o Talmude, Josefo e os escritos greco-romanos —, mas estavam disponíveis somente para quem fosse treinado em literatura clássica. Os demais tinham de contentar-se com a sua fé e imaginar o mundo bíblico sem nenhuma outra referência além do mundo no qual viviam. E, mesmo para os especialistas, o passado era um quadro nebuloso e imaginário.

O fato de o passado aparentemente não ter nada a oferecer gerou uma apropriada ilustração da mortalidade do homem e uma ponderação filosófica sobre a sua transitoriedade. Foi com essa atitude mental que Dunsany escreveu o seu contemplativo solilóquio:

Foi a aranha que falou: "O trabalho do mundo é construir cidades e palácios. Mas não para o homem. O que é o homem? Ele apenas prepara cidades para mim e as aperfeiçoa. Leva de dez a cem anos para construir uma cidade e por mais quinhentos ou seiscentos a aprimora, e fica preparada para mim. Então passo a habitá-la, e me escondo de tudo o que é feio e faço belos fios sobre ela, de um lado para o outro [...] Para mim Babilônia foi erguida, e a rochosa Tiro; e os homens ainda constroem minhas cidades! O trabalho do mundo é a construção de cidades, e eu herdo todas elas!"

Desenterrando o passado

A arqueologia, no entanto, humildemente reclama essa herança para o homem. Ela espanta as aranhas do tempo e ressuscita a glória desvanecida do passado para que uma geração a entenda e aproveite. Sob alguns aspectos, ela também repeliu algumas noções céticas concernentes à Bíblia, que alcançaram popularidade com a invasão da Alta Crítica, há mais de um século. Esse avanço tornou-se possível graças ao trabalho da pá, quando começaram a vir à luz perspectivas do mundo da Palavra. Na verdade, como orgulhosamente declarou o

professor William Foxwell Albright, deão da velha escola: "descoberta após descoberta [a arqueologia] tem estabelecido a exatidão de inumeráveis detalhes e trazido reconhecimento crescente ao valor da Bíblia como fonte de história".[10]

Enquanto para muitos arqueólogos modernos a visão de Albright continua a ser desafiada, as evidências da arqueologia aumentam sem parar. Décadas atrás, o Dr. Donald J. Wiseman podia gabar-se de que "a geografia das terras bíblicas e resquícios visíveis de antigüidade foram gradualmente registrados, até hoje: mais de 25 mil sítios dentro dessa região e datando dos tempos do Antigo Testamento, em seu mais amplo sentido, foram localizados".[11] Hoje, todavia, os resquícios são centenas de milhares. Com tal abundância de artefatos — e com outros vindo à tona o tempo todo — é difícil, se não impossível, para nós estudantes das Escrituras nos mantermos atualizados quanto a cada item que tenha relevância bíblica. Contudo, livros como este são uma tentativa, uma proposta de jornada ao berço da Palavra — as terras, as línguas e o ambiente do Livro dos livros.

Para iniciarmos nossa viagem, faz-se necessário um entendimento básico do assunto.

O que é arqueologia "bíblica"?

A palavra "arqueologia" deriva do termo grego *archaiología*, que significa "estudo das coisas antigas [ou arcaicas]". Os gregos usavam a palavra "arqueologia" para descrever antigas lendas e tradições. A primeira menção conhecida — em inglês — data de 1607, usada numa referência ao "conhecimento" sobre o Israel antigo com relação a fontes de literatura como a Bíblia. Então, no século XIX, quando começaram a ser desenterrados artefatos dos tempos bíblicos, a palavra foi a estes aplicada (excetuando-se os documentos escritos).

Portanto, a arqueologia está ligada à Bíblia desde o começo. E hoje é entendida como um departamento da pesquisa histórica que busca revelar o passado por uma recuperação sistemática de seus resquícios. Todavia, à medida que a arqueologia se desenvolveu como ciência e as escavações alcançaram terras além das que têm relevância bíblica, surgiu a necessidade de se cunhar um termo mais exclusivo. E assim, como uma disciplina distinta em um campo mais extenso, nasceu a "arqueologia bíblica" — a ciência da escavação, decifração e avaliação crítica dos registros de materiais antigos relativos à Bíblia.

O nascimento da arqueologia bíblica

A arqueologia nasceu quando os homens começaram a querer recuperar materiais do passado. Os primeiros *arqueólogos*, se é que podemos chamá-los

assim, foram os ladrões de tumbas, que pilhavam os sepulcros da Antigüidade (geralmente não muito tempo depois de serem selados). Apesar do risco de acabar preso numa tumba com os cobiçados tesouros e da morte a que estava sujeito o ladrão aprisionado, a "profissão" aparentemente floresceu. A maioria das grandes tumbas do passado descobertas em nosso tempo já haviam sido visitadas por aqueles "profissionais".

Quando em tempos relativamente modernos o passado começou a ser explorado por aventureiros europeus, relíquias e souvenires eram levados para casa com o propósito de encantar amigos e conquistar fama. Logo os caçadores de fortuna começaram a proliferar, navegando para terras distantes em busca de riquezas que imaginavam estarem à espera deles nas vastas minas sem dono que eram as antigas ruínas. As "escavações" desses mercenários destruíam material em proporção idêntica à dos achados. Outros, porém, com um espírito diferente, começaram a registrar as suas observações em pinturas e desenhos, que, apesar do romantismo, traziam notícias de terras e culturas havia muito esquecidas.[12]

A primeira tentativa "científica" em arqueologia foi conduzida por Napoleão Bonaparte em 1798. Seu interesse pela arqueologia era evidente, considerando-se a maneira como se dirigiu às tropas francesas após ter invadido o Egito: "Do alto destas pirâmides, cinqüenta séculos vos contemplam!" Diz-se que Thomas Jefferson* "explorou cientificamente" os túmulos da Virgínia. No século seguinte, outros americanos, como Edward Robinson e Eli Smith, juntaram-se a um grupo de eruditos da Inglaterra, Suíça, França, Alemanha e Áustria para publicar plantas topográficas, mapas detalhados e resultados de árduas escavações nas terras bíblicas.

As primeiras expedições arqueológicas, executadas com altos custos, foram quase todas financiadas por pessoas cujo principal interesse era a Bíblia. Assim, na maioria das vezes, o progresso da arqueologia como um todo deveu-se ao impulso da arqueologia bíblica. Quaisquer que tenham sido as motivações, todavia, esses "descobridores das fronteiras arqueológicas" abriram caminho para um desenvolvimento mais científico da disciplina — em benefício de todos nós.

Tornando a história tangível

Como já mencionei, antes do nascimento da arqueologia ninguém tinha realmente idéia de como era o mundo da Bíblia. As concepções eram puramente imaginárias. Como conseqüência, os comentários da Bíblia eram recebidos

* N. do T. – Terceiro presidente americano (1743-1826).

quase do mesmo modo que os contos mitológicos dos gregos e romanos. Não que as pessoas rejeitassem a Bíblia como verdade. Mas o mundo da Bíblia lhes parecia um planeta diferente, e seus personagens, uma população alienígena cuja aparência e maneira de viver assemelhavam-se mais ao universo dos sonhos que à realidade.

Lembro-me de como fiquei chocado ao visitar pela primeira vez a Terra Santa. A concepção que eu tinha de um Jesus vestido de linho branco a passear sobre tapetes de grama viridente, tal como se via nos flanelógrafos, evaporou-se diante da realidade. As relíquias diante de mim, resgatadas nas escavações e o material exposto nos vários museus da Terra Santa mudaram muitas de minhas idéias preconcebidas. O mundo que eu construíra em minha imaginação ia se dissipando à medida que os fatos — que também diziam respeito à minha fé — me eram apresentados. E, passada a surpresa inicial, a arqueologia despertou-me para uma realidade: eu não tinha mais desculpas para justificar um comportamento diferente do apresentado pelos heróis da fé!

Sim, porque eles também foram pessoas reais, vivendo num mundo real e conhecendo as mesmas preocupações e dúvidas com as quais eu me deparava. E, se a fé por eles manifestada desenvolvera-se num mundo real, então nada me escusava de ser diferente. E essa convicção tornou-se mais forte à medida que, ao logo dos anos e das sucessivas descobertas arqueológicas, os contornos do mundo bíblico real se faziam mais nítidos diante dos meus olhos.

A arqueologia revelou as cidades, palácios, templos e casas dos que conviveram com os indivíduos cujos nomes aparecem nas Escrituras. Tais descobertas nos possibilitam declarar, como o apóstolo João: "O que era desde o princípio, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida [...] Estas coisas vos escrevemos" (1 Jo 1.1,4).

Coisas palpáveis podem assistir a fé em seu crescimento. A arqueologia traz à luz os remanescentes tangíveis da história, permitindo a criação de um contexto razoável para o desenvolvimento da fé. Permite também que fatos a sustentem — a confirmação da realidade dos personagens e eventos bíblicos. Assim, céticos e santos podem, do mesmo modo, perceber a mensagem espiritual arraigada à história. O arqueólogo Bryant Wood, diretor da Associates for Biblical Research (Associados para Pesquisa Bíblica), comenta o assunto ao discorrer sobre a descoberta do nome "Casa de Davi" numa coluna de Tel Dã (*cf.* capítulo 9):

> Sabemos que [Davi] é uma figura histórica porque ele é mencionado na Bíblia, mas isso não é suficiente para os eruditos. Eles precisam de evidência extrabíblica. Então a arqueologia bíblica pode desempenhar um importante papel, verificando a verdade das Escrituras em face da crítica que hoje recebemos da moderna erudição.[13]

Uma aventura para todos os tempos

A arqueologia de Hollywood é uma aventura sem fim. Os arqueólogos do cinema são em parte eruditos e em parte super-homens, capazes de saltar abismos flamejantes para resgatar fantásticos tesouros. Mas a arqueologia, em sua busca pelo passado, segue um caminho diverso. Ela é metodológica e freqüentemente secular. Mesmo assim, ainda é uma aventura — quando nos transporta ao passado e nos desafia a mudarmos nossa perspectiva do presente. Nessa aventura, às vezes somos forçados a substituir opiniões particulares por fatos concretos da história e a encarar, quem sabe pela primeira vez, a realidade da Palavra. E, à luz dos incessantes reclamos dos críticos, a arqueologia nos contempla com respostas adequadas a esta era tecnologicamente abençoada mas teologicamente falida.

É com um senso de aventura, então, que o convido a unir-se a mim numa viagem através do tempo — para escavar o solo, sondar as Escrituras e descobrir que coisas maravilhosas nos falam as pedras!

2

Cavando as respostas

A História na pedra



O verdadeiro negócio da arqueologia é estabelecer marcos factuais no mundo da Bíblia para guiar os intérpretes.[1]

— *Joseph Callaway*

Nossa era anseia por respostas. A vantagem é que agora temos acesso a um imenso estoque de informações, indisponíveis em épocas anteriores. Por exemplo, enquanto os arqueólogos escavam incessantemente — em busca de mais respostas —, o público em geral pode navegar por uma multidão de páginas arqueológicas na Internet. Somente através do banco de dados da Israeli Antiquities Authority (Autoridade em Antigüidades Israelitas), arqueólogos de poltrona podem acessar as mais de cem mil relíquias descobertas no Estado de Israel desde 1948!

Constam entre as descobertas mais significativas aquelas com inscrições, pois permitem acesso imediato ao conhecimento do passado. Inscrições não são encontradas com muita freqüência, no entanto algumas têm sido de grande auxílio para a compreensão dos registros bíblicos.

O poder da palavra escrita

Assim deverá ser escrito...

Palavras escritas tinham grande importância para os antigos. Eles acreditavam que as palavras carregavam consigo uma força capaz de realizar a vontade de quem falava.[2] Na produção de *Os Dez Mandamentos*, de Cecil B. DeMille, destaca-se nas cenas cruciais do filme o pronunciamento: "Assim deverá ser escrito..." O roteirista utilizou a frase de forma apaixonada para enfatizar o contraste entre a palavra da terra e a que é do céu. O faraó vale-se da frase para selar um decreto proferido contra Moisés (e Deus). Todavia, a frase, quando utilizada pelo faraó, não tem poder algum: ele e seus deuses são sempre derrotados por Moisés. Em contrapartida, Deus a utiliza de maneira poderosa. Moisés a pronuncia contra o faraó, e o rei descobre que não pode fazer nada além de aceitar o seu destino. No caso de algum ponto ser perdido, a cena final do filme reforça o poder da Palavra de Deus, mostrando um quadro da Bíblia sobre o qual a frase é majestosamente sobreposta.

... assim deverá ser encontrado

Nada é mais estimulante para um arqueólogo do que descobrir palavras escritas em tempos remotos. São como vozes do mundo antigo, raramente compreendidas, contudo falam alto àqueles experimentados em "ouvi-las". Os profissionais treinados para ler tais escritos são chamados *epigrafistas* (de uma palavra grega que significa "escrito em cima"; as relíquias escritas são chamadas *inscrições*, de uma palavra latina que significa "escrever em cima").

Assim como a escrita moderna é preservada em materiais que variam do CD ao cartão postal, também as inscrições do mundo da Bíblia chegaram até nós impressas nos mais diferentes objetos. E, tal como hoje, podem apresentar-se sob as mais diversas formas, desde um trabalho escolar infantil até revelações religiosas. Desse modo, importantes pronunciamentos e documentos foram preservados nos mais resistentes materiais. Às vezes, a escrita aparece sobre metal, porém, exceto pelas moedas, os metais eram reservados para textos e propósitos especiais. Por exemplo, a porção mais antiga que temos da Bíblia é a dos rolos de prata tirados de uma tumba no vale de Hinom. E um registro de valor inestimável, que aponta o local onde foi enterrado um tesouro, está preservado no *Copper Scroll* (Rolo de Cobre), um dos rolos do mar Morto.

As inscrições mais bem preservadas do mundo bíblico encontram-se em artefatos de pedra ou argila. Inscrições em pedra são geralmente monumen-



3. Escriba egípcio em posição de escrever (2750 a.C.), Museu Egípcio, Cairo.

tais, associadas com edifícios públicos, para comemorar algum evento especial (vitória ou dedicação), ou em conexão com enterros, para preservar um nome ou como memorial. Os tamanhos variam desde os enormes obeliscos, painéis egípcios e estátuas aos pequenos e alongados cilindros usados para registro na Mesopotâmia. Contrariando a concepção hollywoodiana, os Dez Mandamentos encaixam-se na última categoria. Eles foram provavelmente escritos sobre placas ou tabletes de pedra mais ou menos do tamanho de uma mão humana.

As inscrições em argila estão geralmente associadas a comunicações diplomáticas e arquivos arqueológicos. (Todavia, sendo a argila um material barato e durável, era também usada para outros propósitos, como inventários ou controles econômicos.) Aparecem na maioria das vezes gravadas em pequenos tabletes retangulares, sendo a forma de escrita mais antiga a que se parece com uma série de cunhas interligadas — daí o nome *cuneiforme*. Outro tipo de artefato em argila usado para a escrita comum eram os pedaços de cerâmica ou *fragmentos*. O termo técnico para os fragmentos que contêm escritos é *ostraca*.* Eram o material de escrita mais abundante, o caderno do pobre. As inscrições encontradas nesses fragmentos são geralmente cunhadas ou escritas com tinta (obtida por uma combinação de carvão, goma-arábica e água).

*N. do T. – Plural irregular de *óstraco*.

A literatura sagrada ou de outra ordem, bem como cartas particulares e comerciais, eram escritas com tinta em folhas de material quase equivalente ao nosso papel, como por exemplo o *pergaminho* — feito de peles de animais, quase sempre de bode ou de ovelha, devidamente preparadas. Havia também o *velino*, feito de pele de bezerro. O material mais utilizado era feito do junco que crescia nos pântanos ao longo dos rios: o *papiro*, que também era o nome da planta. De constituição mais delicada, documentos em papiro só se conservam sob condições excepcionais. Eles têm sido encontrados apenas em áreas secas ou guardados em vasos dentro de cavernas como as da região do mar Morto.

Há mais de um século, as provas literárias, ao lado de uma vasta quantidade de outros materiais, vêm construindo um impressionante arsenal de evidências em favor da historicidade da Bíblia e de uma crescente iluminação do texto sagrado. Consideremos agora a valiosa contribuição desses artefatos arqueológicos aos estudos bíblicos.

O valor da arqueologia para a Bíblia

A arqueologia, com relação à Bíblia, presta-se a confirmar, corrigir, esclarecer e complementar a mensagem teológica contida no texto sagrado. Uma vez que a Palavra foi anunciada à humanidade em lugares e tempos específicos,



4. Texto cuneiforme, Museu Asmoleano, Oxford, Inglaterra.



5. Ostraca — fragmentos em cerâmica com escritos (de Arade).

torna-se necessário compreendermos o contexto histórico, cultural e religioso de seus destinatários. E, quanto mais claramente percebermos o significado original da mensagem, conforme comunicada ao mundo antigo, tanto melhor poderemos aplicar suas verdades eternas às nossas vidas, no mundo moderno. A arqueologia ajuda-nos a entender esse contexto, de modo que a verdade teológica não seja mal interpretada ou aplicada indevidamente. O professor Amihai Mazar, diretor da Universidade Hebraica no Instituto de Arqueologia de Jerusalém, declara-nos esse propósito:

> Penso que a coisa mais importante que temos de entender é que a arqueologia é a nossa única fonte de informação vinda diretamente do período bíblico [...] A arqueologia pode trazer-nos a informação do período exato em que as coisas aconteceram [...] um quadro completo da vida diária nesse período, bem como as inscrições [...] que são a única evidência escrita que temos do período bíblico, afora a própria Bíblia.[3]

Confirmando a Bíblia

De acordo com o *Webster's English Dictionary*, confirmar é "dar nova certeza da validade" de alguma coisa. A arqueologia faz emergir das pedras uma nova certeza a respeito da Bíblia, que vem agregar-se à convicção de que já possuímos pelo Espírito. Seu valor é apologético, o qual desde o início da ciência arqueológica contribuiu tanto para instigar quanto para patrocinar as escavações. Apesar do

recente distanciamento, nos círculos arqueológicos, das qualidades confirmatórias inerentes às evidências extraídas da terra, a maioria dos eruditos ainda atesta a significativa concordância entre as pedras e as Escrituras. Por exemplo, Amihai Mazar, apesar de avesso ao uso da arqueologia para legitimar a Bíblia, ainda assim admite ser possível corroborar a Bíblia com as descobertas arqueológicas:

> Em certos casos, podemos até lançar luz sobre certos eventos ou mesmo sobre certas construções como as que são mencionadas na Bíblia. Podemos enumerar muitos assuntos como esse onde a relação entre os achados arqueológicos e a narrativa bíblica pode ser estabelecida. Quanto mais recuamos no tempo, mais problemas [encontramos] e as questões são mais difíceis de responder. Nos períodos mais recentes [o tempo da monarquia], as coisas tornam-se mais seguras e melhor estabelecidas.[4]

Apesar de ser verdadeiro que a maior parte das evidências disponíveis abrangem épocas mais recentes da história israelita, as descobertas relativas a esses períodos refletem às vezes tempos mais antigos. Por exemplo, Gabriel Barkay descobriu em 1979, numa tumba no vale de Hinom, em Jerusalém, pequenos rolos de prata contendo um texto do Pentateuco — a bênção de Arão (Nm 6.24-26), datados de antes do exílio de Judá. O achado criou um problema para os eruditos que defendiam a autoria do Pentateuco como sendo de sacerdotes de época posterior ao exílio. Como resultado, suas teorias deverão ser abandonadas ou reformuladas.



6. Fragmento de um documento em papiro proveniente do deserto da Judéia.



7. Escavação da tumba 25 em Ketef-Hinom, no vale de Hinom, Jerusalém.

As confirmações da arqueologia à narrativa bíblica não se restringem à história. Elas demonstram também a singularidade da Bíblia, com sua teologia, quando comparada com outros documentos antigos do Oriente Próximo. As descobertas de obras religiosas dos sumérios, egípcios, hititas, assírios, babilônios e cananeus têm servido para destacar a originalidade e a elevada moral da Bíblia. Portanto, a arqueologia não só é capaz de confirmar a revelação das Escrituras, desacreditando o ceticismo histórico, como também de demonstrar o seu singular conteúdo religioso.

Resgatando o significado do texto bíblico

Um dos primeiros passos para o entendimento das Escrituras é discernir o significado do texto conforme escrito originalmente. Conquanto seja improvável que os arqueólogos desenterrem algum autógrafo (texto do autor original), as cópias passadas adiante chegaram até nós tão bem preservadas que nos dão a certeza de termos em nossas mãos a Palavra de Deus tal como foi revelada. Entretanto, as muitas cópias manuscritas de textos bíblicos às vezes contêm variações de palavras. E essas antigas versões apresentam-nos um desafio: recuperar a forma precisa, a gramática e a sintaxe das palavras no hebraico, no aramaico e no grego, bem como os seus significados exatos e nuanças. Por isso,

como destaca Bryant Wood, "uma contribuição muito importante da arqueologia é o estudo que faz da linguagem da Bíblia".[5]

> Temos feito muitas descobertas de textos antigos, bibliotecas e coleções de documentos que nos ajudam a entender as línguas hebraica e grega, o que nos permite obter uma tradução melhor dessas línguas para o inglês.[6]

A maioria das descobertas de inscrições em línguas bíblicas ou em suas cognatas (línguas que possuem afinidade com os idiomas da Bíblia) têm afirmado a integridade dos textos recebidos (autoritativos). Além disso, elas auxiliam os eruditos a entenderem as peculiaridades das seções poéticas e a interpretar melhor as palavras que aparecem apenas uma vez (*hapax legomenon*), sem qualquer sentido seguro para a tradução. Como resultado, temos agora maior certeza da validade dos textos nas línguas originais e aprimorada habilidade em traduzi-los para as línguas modernas.

Esclarecendo o mundo da Bíblia

Antes da arqueologia, a Bíblia era a testemunha solitária do que então se conhecia como "história sagrada". As Escrituras, porém, assemelhavam-se a um livro exótico, narrando a história de uma civilização alienígena, desvinculado de pessoas e eventos reais. Sem acesso ao material do passado, cada um concebia o mundo bíblico à sua maneira. Porque a maioria da população mundial era analfabeta — situação que se estendeu até os tempos modernos — e cabia à arte e à arquitetura o papel de instruir o povo a respeito da vida nos tempos bíblicos. O mundo espiritual era elevado na arquitetura das catedrais, por exemplo, posicionando o homem comum ainda mais distante da realidade do mundo da Bíblia. Desde os mosaicos até as pinturas e esculturas em relevo, ilustrava-se a vida dos santos e pecadores das páginas sagradas, mas somente à luz limitada da época e dos conhecimentos do artista.

Defrontei-me pela primeira vez com esse dilema durante uma exposição especial no Museu de Israel intitulada "Rembrandt e a Bíblia". Graduado em arte e em teologia, interessei-me por aquela singular apresentação das obras do mestre holandês. Uma das primeiras cenas que vi estava num esboço, datado de 1637, que representava um homem, obviamente rico, de pé na escada à porta de sua mansão. Vestia turbante, túnica com cinto, botas de cadarço, casaco de pele, e tinha um cão obediente aos seus pés. Também faziam parte da cena um garoto vestido com pesada roupa de viagem e botas e uma mulher, semelhantemente vestida, que segurava um lenço de seda. Ao fundo, altas construções de pedra e grandes árvores verdes, junto das quais uma mulher observava o homem, que aparentemente dizia adeus à mulher chorosa e ao garoto.

O tema da obra era a despedida de Agar e Ismael, e o homem era Abraão. Porém, conhecendo o mundo da Bíblia, jamais teria concebido a cena tal como se mostrava diante de mim! As personagens estavam vestidas para um clima frio, e não para o escaldante deserto do Neguebe. Onde Abraão morava não havia aquelas árvores e provavelmente nem cachorros — pelo menos não os domésticos. E os patriarcas moravam em tendas, não em mansões elegantes.

Quase que por ironia, poucos passos à frente da sala onde eram exibidas aquelas concepções erradas do século XVII ficava a exposição permanente da seção arqueológica do museu, que guardava remanescentes arqueológicos da época de Abraão. O contraste saltava aos olhos. As relíquias pintavam um quadro muito diferente do de Rembrandt, mostrando a realidade da vida nômade dos beduínos e da sociedade que cercava os patriarcas.

Rembrandt não poderia mesmo saber como pintar Abraão e Sara, naturais da Mesopotâmia, ou a egípcia Hagar num ambiente cananita. Não havia referências daquela época para suprir a sua arte. A arqueologia mudou essa situação para sempre, fornecendo tanto ao artista quanto ao espectador uma visão acurada do ambiente original dos patriarcas. Esculturas de palácios da Mesopotâmia, cerâmica e artefatos cananitas e painéis pintados das tumbas egípcias, todos datando do período patriarcal, tornaram vivas as figuras bíblicas. Se os registros arqueológicos que hoje possuímos estivessem disponíveis a Rembrandt, que obras não teria pintado!

O mundo da Bíblia, conforme iluminado pela arqueologia, tem facilitado também a interpretação do texto bíblico em seu contexto histórico, como observa Gonzalo Báez-Camargo: "Não vemos mais dois mundos diferentes, um mundo da 'história sagrada' e outro da 'história profana'. Toda história é uma história, e é a história de Deus, pois Deus é o Deus de toda a história".[7]

O achados materiais dessa história governada por Deus magnificam o mundo da Bíblia com detalhes e um realismo jamais imaginado. O professor Amihai Mazar explica:

> Podemos calcular até a população de lugares como Jerusalém, ou toda a área de Judá, ou do reino de Israel. Podemos imaginar quantas pessoas viveram lá, em que tipo de comunidades viviam, que tipo de plantas cultivavam, que tipo de vasilhas utilizavam na vida diária, que tipo de inimigos tinham e que tipo de armas eles usavam contra esses inimigos — tudo o que se relaciona ao aspecto material da vida no período do Antigo Testamento pode ser descrito por achados arqueológicos desse período em particular.[8]

Para demonstrar como o mundo da Bíblia trouxe clareza ao texto bíblico por meio das descobertas arqueológicas, consideremos as palavras de Jesus registradas

em Mateus 8.22 e Lucas 9.60, consideradas ásperas: " [...] deixa aos mortos sepultar os seus mortos". Esses evangelhos colocam as palavras num contexto em que certos discípulos explicavam o porquê de não poderem deixar de imediato as suas respectivas situações para seguir a Jesus. Nesse exemplo específico, um discípulo pediu permissão para ir primeiro enterrar o seu falecido pai. Conforme entendido pelos leitores modernos, a aparente negativa de Jesus mostra-se tanto irracional quanto desnecessariamente severa. Alguns comentaristas tentam atenuar a declaração, interpretando-a como "deixe os espiritualmente mortos enterrarem os fisicamente mortos", mas isso iria contradizer o quinto mandamento da lei mosaica, que diz: "Honra a teu pai e a tua mãe..." e a responsabilidade judaica de providenciar um sepultamento apropriado conforme ordenado em Deuteronômio 21.22,23.

Todavia, quando interpretados à luz da informação arqueológica concernente às práticas de sepultamento do primeiro século judaico, o pedido do discípulo e a resposta de Jesus podem ser vistos sob uma ótica diferente.[9] O enterro judaico no tempo de Jesus consistia na verdade de *dois* sepultamentos e [o segundo] acontecia pelo menos um ano depois. O primeiro (conhecido como ser "reunido aos seus pais") era dentro da cova da família, seguido por um período de pranto. O segundo era dentro de uma caixa de ossos (ossuário), geralmente com os resquícios de outros membros da família, quando já a carne estava decomposta. O que parece estar em foco no registro do evangelho é o segundo sepultamento (conhecido como *ossilegium*). A réplica de Jesus ao discípulo que desejava uma licença de 11 meses antes de iniciar o serviço não se referia apenas à prolongada ausência, mas especialmente ao aspecto não-bíblico do segundo sepultamento.

O sepultamento imediato ("reunir-se aos seus pais") é retratado na Bíblia (ver Gn 49.29; Jz 2.10; 16.31; 1 Rs 11.21,43), mas nos tempos do Novo Testamento esse conceito havia adquirido um outro significado teológico.[10] De acordo com fontes rabínicas, o ato da decomposição tinha um efeito purificador, fazendo expiação pelos pecados do falecido. A consumação desse processo espiritual era o ritual do segundo sepultamento. Uma vez que Jesus seguia o ensino bíblico de que somente Deus faz expiação (sobre a base da fé na redenção sacrifical [...]), sua declaração corrigia essa prática imprópria. Poderíamos então interpretar as palavras em Lucas 9.60 [...] como: "Olhe, você já honrou o seu pai dando-lhe um sepultamento apropriado na tumba da família. Agora, ao invés de esperar que a carne se decomponha, o que não pode expiar o pecado, vá pregar o evangelho do Reino de Deus [...] o único meio de expiação. Deixe os ossos dos ancestrais de seu falecido pai reunirem-se aos dele no ossuário! Quanto a você, siga-me!"[11]

Complementando o testemunho da Bíblia

Os 66 livros da Bíblia foram escritos em pelo menos três continentes, cobrindo mais de quatro mil anos de história. Seus autores eram profetas, cam-

poneses, poetas, pastores e estadistas. Conquanto seu testemunho seja vasto e diversificado, as Escrituras mencionam somente certas pessoas e acontecimentos específicos, necessários ao seu propósito teológico mais amplo.

A Bíblia enfoca alguns detalhes da história antiga enquanto omite outros. Um dos grandes valores da arqueologia, então, é o de testemunha extra que completa o cenário descrito pelos autores sagrados. Por exemplo, apesar de o rei Onri (885-874 a.C.) ter sido um dos mais destacados governantes de sua época — ele construiu Samaria e transformou-a na capital do Reino do Norte —, o texto bíblico concede-lhe meros oito versos de história (1 Rs 16.21-28). A razão é que ele era um dos reis mais ímpios de Israel até aquele tempo. A arqueologia, porém, tem-nos provido de informações adicionais a respeito de Onri, narrativas extrabíblicas de suas explorações registradas por alguns de seus oponentes estrangeiros.

Testemunhos complementares são especialmente úteis para se entender a época do Segundo Templo, que abrange o período em que os evangelhos foram escritos. Por exemplo, os fariseus e os saduceus, que faziam oposição a Jesus, são bem conhecidos nos quatro evangelhos, mas nenhum testemunho se tinha deles até 1948. Foi então que os manuscritos do mar Morto vieram à luz com numerosas descrições e narrativas das seitas judaicas — e também informações sobre os fariseus e os saduceus.

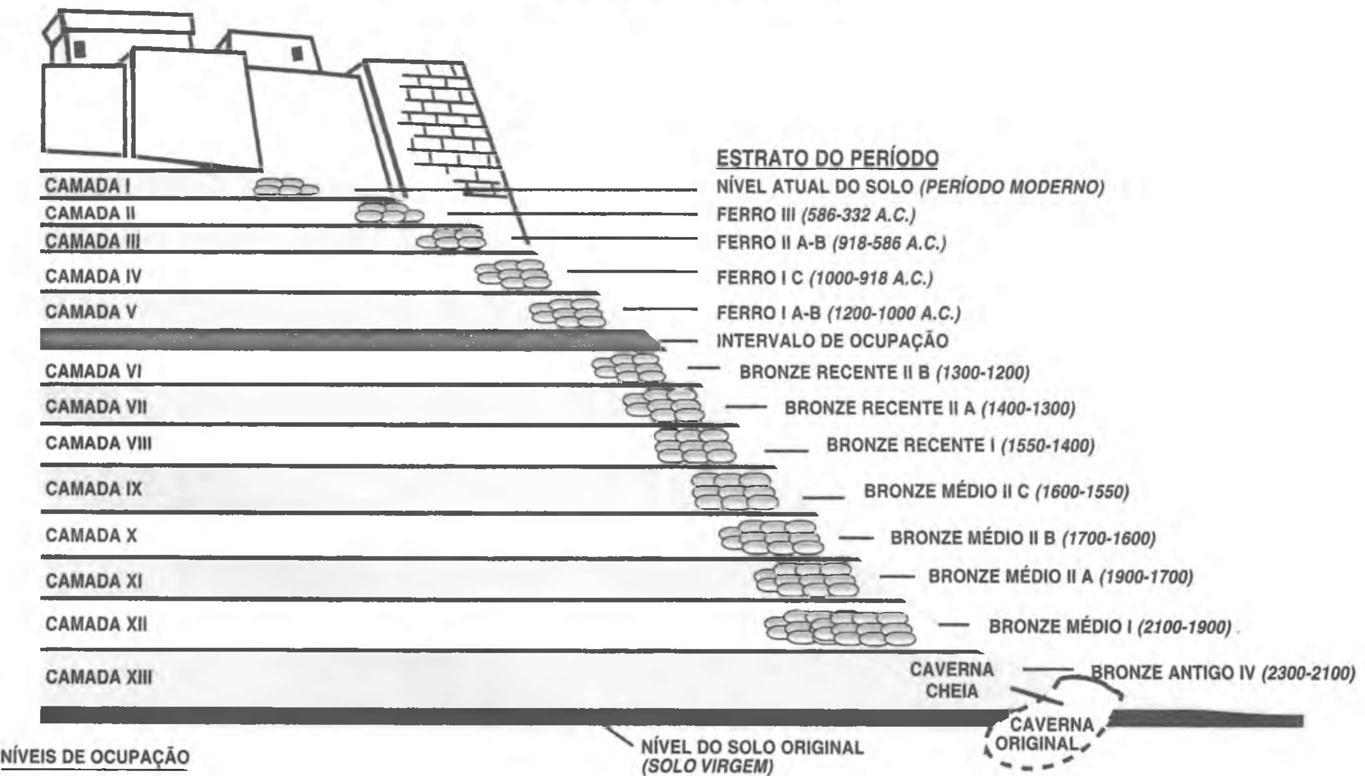
As limitações da arqueologia

Enquanto a arqueologia é de grande ajuda para a compreensão das Escrituras, os que com esse propósito dela se utilizam devem evitar que as evidências materiais os levem a criticar a autenticidade e a exatidão do texto bíblico. A. Momigliano expressa corretamente esse cuidado:

> Bíblicos ou clássicos, nós, historiadores, temos aprendido que a arqueologia e a epigrafia não podem tomar o lugar da tradição viva de uma nação [...] Ao mesmo tempo, fomos curados da antiga ilusão de que a confiabilidade de tradições históricas pode ser facilmente demonstrada pela pá do arqueólogo.[12]

Uma das razões para que o registro no texto bíblico tenha prioridade sobre a evidência arqueológica são as limitações da arqueologia, por natureza confinada ao reino material. O professor Amihai Mazar, diretor do Instituto de Arqueologia da Universidade Hebraica de Jerusalém, observa:

> [...] a arqueologia é obviamente limitada. A arqueologia lida principalmente com a cultura material, não tanto com idéias, filosofia, poesia, sabedoria etc., como temos na Palavra de Deus. A Bíblia é uma riqueza, um mundo cheio de



Estratigrafia de um Tel
ESTRATO DO PERÍODO
CAMADA I
NÍVEL ATUAL DO SOLO *(PERÍODO MODERNO)*
CAMADA II
FERRO III *(586-332 A.C.)*
CAMADA III
FERRO II A-B *(918-586 A.C.)*
CAMADA IV
FERRO I C *(1000-918 A.C.)*
CAMADA V
FERRO I A-B *(1200-1000 A.C.)*
INTERVALO DE OCUPAÇÃO
CAMADA VI
BRONZE RECENTE II B *(1300-1200)*
CAMADA VII
BRONZE RECENTE II A *(1400-1300)*
CAMADA VIII
BRONZE RECENTE I *(1550-1400)*
CAMADA IX
BRONZE MÉDIO II C *(1600-1550)*
CAMADA X
BRONZE MÉDIO II B *(1700-1600)*
CAMADA XI
BRONZE MÉDIO II A *(1900-1700)*
CAMADA XII
BRONZE MÉDIO I *(2100-1900)*
CAMADA XIII
CAVERNA CHEIA
BRONZE ANTIGO IV *(2300-2100)*
CAVERNA ORIGINAL
NÍVEL DO SOLO ORIGINAL
(SOLO VIRGEM)
NÍVEIS DE OCUPAÇÃO

pensamento intelectual. A arqueologia é limitada. Ela nos fornece [somente] cerâmica, construções, fortificações, plantas de cidades, modelos de comunidades, [ou informa] quantos sítios houve em cada período, qual era a população.[13]

A limitação básica da arqueologia é a natureza fragmentária das evidências que se retiram do solo. Edwin Yamauchi, professor de história na Universidade de Miami, e também em Oxford e Ohio, enfatiza essa limitação ao apontar o nível de fragmentação dos achados arqueológicos.[14] Atualizei suas observações, como segue:

1. Somente uma fração do que é fabricado ou escrito sobrevive. No caso do material escrito, que acresce diretamente o nosso conhecimento do passado, apesar de vários e grandes arquivos terem sido descobertos no Oriente Próximo, eles representam um número infinitesimal comparado ao que foi destruído. Por exemplo, a grande biblioteca localizada em Alexandria reunia quase um milhão de volumes, muitos dos quais eram cópias únicas, e tudo se perdeu quando ela foi queimada até os alicerces no século VII. A terra de Israel ainda está para produzir um arquivo, de qualquer período, apesar de a correspondência com seus vizinhos ser atestada por descobertas feitas em outras terras. Caso os israelitas tenham usado materiais perecíveis para a escrita, é natural esse vácuo, como já observamos. Se encontrássemos um arquivo, ele provavelmente dataria de um período cananita mais antigo. Tabletes de argila já descobertos em Tel Hazor indicam essa possibilidade. Ainda assim, o que fosse achado constituiria apenas uma fração diminuta do material produzido.

2. Somente uma fração dos sítios arqueológicos disponíveis foi pesquisada. Em Israel e no Oriente Próximo, existem ainda milhares de *tels* não escavados. (*Tel* é um outeiro artificial criado pela repetida destruição e reconstrução de cidades antigas e vilas no mesmo sítio.) Com certeza, os sítios arqueológicos jamais serão devidamente pesquisados no mesmo ritmo das descobertas que se verificam a cada ano. Muitos sítios são conhecidos, porém não recebem a necessária atenção por falta de recursos ou disputas políticas sobre territórios. Outros nunca serão pesquisados porque foram destruídos pelo crescimento populacional e por projetos de construção.

3. Somente uma fração dos sítios pesquisados foram escavados. Mesmo em Israel, onde está ligada à economia turística nacional — e isto pode ser uma surpresa para muitos —, a arqueologia não recebe alta prioridade. A maior parte do orçamento do governo israelita destina-se ao incremento militar, para proteger o país contra o terrorismo, ou ao desenvolvimento de uma nação ainda jovem. Arqueólogos, na maioria assalariados como professores, precisam levan-

tar de fontes particulares o dinheiro para as suas expedições. E a maior parte dos trabalhadores são voluntários, que pagam as próprias despesas para escavar. Por essas razões, menos de dois por cento dos sítios pesquisados em Israel foram escavados.

4. Somente uma fração de um sítio é examinada. Novamente, devido à escassez de recursos, os arqueólogos determinam áreas de prioridade em um *tel* onde supõem que irão desenterrar os achados mais significativos. Tal seleção faz-se necessária porque, em alguns casos, a provisão de fundos para a continuação do trabalho depende do progresso demonstrado em anos anteriores. Além disso, com tantos sítios ainda inexplorados, encurtam-se as temporadas de escavação e descobertas importantes em potencial são perdidas como resultado de trabalho incompleto. Até os sítios mais estratégicos, escavados por diferentes grupos, contêm ainda muito chão intocado. Tel Hazor, por exemplo, em virtude de suas imensas proporções, representa o *tel* menos escavado em Israel!

5. Somente uma fração do material encontrado chega ao conhecimento do público. Nem mesmo os achados mais significativos, como as inscrições, têm publicação garantida, ou o processo pode ser muito demorado. A causa é que muitos deles são fontes de controvérsia. Um exemplo são os rolos da caverna 4, dos manuscritos do mar Morto: uma demora de quarenta anos apenas para a liberação das fotografias. Os relatórios finais de Kathleen Kenyon sobre Jericó foram publicados trinta anos após a descoberta das ruínas da antiga cidade. Falta de interesse, de perícia, de tempo e de dinheiro também são empecilhos à publicação. Por essa razão, cerca de noventa por cento dos quinhentos mil textos cuneiformes armazenados em depósitos de museus permanecem inacessíveis ao público.

O desenvolvimento contínuo da arqueologia como ciência também se constitui obstáculo à publicação das descobertas. Uma enxurrada de especialistas, métodos sofisticados e instrumentação tecnológica multiplicou os domínios nos sítios arqueológicos. Houve um tempo em que alguns anos bastavam para se completar um relatório de campo. Hoje a mesma tarefa pode arrastar-se por décadas. Por isso, são raros os profissionais cujas carreiras duram o suficiente para testemunhar a publicação das evidências por eles escavadas.

Outro problema é proteger dos ladrões os sítios escavados. A cada temporada, sítios são pilhados pelos nômades beduínos e por comerciantes que vivem da venda de antigüidades no mercado negro. Assim, algumas descobertas se perdem para sempre sem ao menos um registro.

As limitações da arqueologia deveriam levar os arqueólogos, cientistas sociais e teólogos a não fazerem julgamentos prematuros com base apenas em

resquícios arqueológicos, o que pode gerar críticas injustas à historicidade ou à exatidão do texto bíblico. Esse argumento, é claro, vai de encontro à prática contemporânea, defendida por aqueles que supõem a arqueologia avultada além da prioridade bíblica. Mas sempre que ocorrem dúvidas, o tempo tem demonstrado a integridade das Escrituras.

A Bíblia: um documento arqueológico

Em última análise, a Bíblia é o melhor exemplo de documento arqueológico. Enquanto possuímos apenas um número limitado de artefatos arqueológicos do período bíblico, a Bíblia apresenta o mais completo registro literário dos tempos antigos. Sobrevivendo de uma forma ou de outra desde que os seus primeiros livros foram escritos por Moisés há cerca de 3.400 anos, ela continua sendo a mais exata e confiável narrativa da Antigüidade. Por essa razão, não é apropriado relevar outras inscrições arqueológicas em detrimento do texto bíblico. Existem na verdade instâncias em que a informação necessária para se resolver uma questão cronológica ou histórica não figura na arqueologia e nem na Bíblia, mas é injusto equiparar evidências retiradas do limitado conteúdo das escavações arqueológicas aos completos registros das Escrituras.

Ao mesmo tempo, entenda-se que a Bíblia é uma revelação completa, mas não *exaustiva*. Apesar de sua mensagem ser compreensível a qualquer era, ela ainda é seletiva em suas declarações e estabelecida em contextos antigos. Assim, a arqueologia, apesar de suas limitações, poderá, como serva da Bíblia, alargar o escopo das declarações contidas no texto sagrado bem como tornar mais inteligível os ambientes nele descritos. Nos próximos capítulos, exploraremos alguns exemplos específicos de como a arqueologia presta serviço às Escrituras apresentando ao homem de hoje o conhecimento do passado.

3

Escavações que fizeram a diferença

Escritos do passado



Qualquer área na face da terra, ainda que aparentemente abandonada e vazia, traz consigo uma história que o espírito inquisitivo mais cedo ou mais tarde tentará traduzir.[1]

— Nelson Glueck

Constam dos museus de hoje milhares de artefatos arqueológicos provenientes do Oriente Próximo antigo, achados fabulosos que contribuem significativamente para nos aclarar o mundo bíblico.

Nem sempre foi assim, todavia. O escritor inglês Samuel Johnson, no século XVIII, declarou categórico: "Tudo o que é realmente conhecido da Grã-Bretanha antiga está registrado em umas poucas páginas, e não podemos saber mais do que o velhos escritores nos disseram".[2] Johnson não imaginava que vastos remanescentes da Londres romana repousavam bem debaixo de seus pés, na estalagem George, à rua Fleet, e que parte do muro da antiga cidade jazia a cinco minutos de sua própria casa!

Ao mesmo tempo, no Egito, o povo da cidade de Luxor disputava o "bom fundamento" encontrado no meio do deserto, um alicerce que brotava da areia e sobre o qual construíam suas casas de tijolos. Pelo menos assim o consideravam. Eles não tinham ciência de que a excelente área plana sobre a qual erguiam

suas habitações era de fato o topo dos enormes pilares que formavam o Grande Corredor de Colunas de Carnaque, uma estrutura descrita pelo historiador grego Heródoto em 450 a.C. quando ele caminhava junto às bases das colunas, cerca de trinta metros abaixo!

Até o século XVIII, portanto, ninguém ainda havia aprendido a ler o registro das pedras. Seu conhecimento estava confinado a histórias do passado. Mas isso estava para mudar.

Ao findar aquele século, iniciaram-se as escavações, e elas fizeram a diferença. As descobertas finalmente ensinaram a humanidade a ler o passado — e também lançaram nova luz sobre as obras contemporâneas.

Escavações que nos ensinaram a ler

Os exploradores pioneiros no contato com o mundo bíblico ficaram maravilhados ao contemplar pela primeira vez as ruínas monumentais do Egito e da Mesopotâmia. Procedendo aos registros das antigas cidades, desenhos das maravilhas rochosas, eles voltaram para casa a fim de extasiar uma platéia ávida por novidades. Todos os que viam aquele outro mundo revelado nas ilustrações logo ficavam curiosos acerca dos misteriosos sinais que cobriam as maravilhosas estruturas.

Apesar de os pesquisadores saberem que aqueles símbolos peculiares representavam a história de civilizações desaparecidas, a maioria deles estava convicta de que as chaves para interpretá-los também se haviam perdido. Ali estavam as enigmáticas línguas do Egito e da Mesopotâmia, as duas grandes potências do passado. Como os historiadores ansiavam por decifrar os seus segredos! Mas ninguém possuía as chaves. Ironicamente, as chaves apareceram nas próprias pedras, na proporção dos achados, que se somavam. Duas dessas descobertas literalmente nos ensinaram como ler as línguas perdidas e, como resultado, revelaram novas maravilhas ao mundo. Foram elas a pedra Roseta e o rochedo de Behistun, contadas entre as primeiras grandes descobertas arqueológicas.

A pedra Roseta — chave para os hieroglifos egípcios

Os hieroglifos (a antiga escrita egípcia, sendo o termo derivado de duas palavras gregas: *hieros*, "sagrado", e *glifo*, "gravar")[3] receberam uma aura especial de mistério por causa dos artistas europeus, que romantizaram em suas obras as ruínas de Gizé e Tebas. Para os encantados europeus, os símbolos que as cobriam tornaram-se tanto motivos ornamentais quanto eram considerados repositórios de segredos conhecidos somente dos faraós.



8. Grande Corredor de Colunas, Carnaque, Egito. Quando foi descoberto, havia casas nativas no topo das colunas, que então estavam ao nível do chão.

A maioria dos eruditos da época concordava que aqueles sinais carregavam um significado místico para os egípcios, mas também imaginavam ser possível decifrá-los e assim recuperar muita coisa daquela cultura perdida. Porém o significado dos hieroglifos permaneceu-lhes obscuro, tão indefinido quanto uma nuvem de chuva sobre o ermo.

Foi então que, em 1798, soldados sob o comando de Napoleão Bonaparte, que junto com uma unidade de cientistas franceses invadira o Egito no ano anterior, começaram a reunir um grande número de artefatos egípcios recém-descobertos. Como seria demonstrado mais tarde, os objetos estavam destinados a colecionadores somente, e não à conservação. Um ano depois, os tesouros caíram nas mãos dos ingleses, que seguiram a esquadra francesa e expulsaram o exército de Bonaparte do Egito.

No meio de uma nova coleção de antigüidades confiscadas, enviada pelos ingleses para o museu nacional em Londres, constava um grande bloco de pedra de basalto gravado de cima a baixo com antigos caracteres. A pedra foi encontrada por um oficial do exército francês, o tenente P. F. X. Bouchard, que fazia reconhecimento na área próxima ao povoado de Roseta, à margem esquerda do Nilo. Com cerca de 7 metros de altura, quase 1 metro e meio de largura e 33 centímetros de espessura, a pedra pesava aproximadamente 760 quilos!

Denominada apropriadamente Pedra Roseta, logo despertou interesse, quando se observou que a escrita apresentava diferentes tipos de caracteres. Estudos posteriores revelaram serem textos paralelos, cada um registrando o mesmo relato. O texto no topo da pedra estava escrito em hieroglifos, o do meio parecia uma forma cursiva dos mesmos hieroglifos (hoje chamada escrita demótica) e o da parte inferior era grego coiné.

Sendo esse grego (o mesmo do Novo Testamento) de fácil leitura para os eruditos, criou-se a expectativa de que alguém pudesse trabalhar do conhecido para o desconhecido. Comparando primeiro as palavras gregas facilmente inteligíveis com o texto demótico (que pensava-se ser legível), talvez alguma luz pudesse ser lançada sobre os enigmáticos hieroglifos (que pensava-se serem somente simbólicos). À medida que o texto grego da Pedra Roseta era traduzido, soube-se que a pedra era uma estela comemorativa que já estivera em um templo egípcio. Ela registrava algum decreto publicado de Mênfis (a capital egípcia antiga) em 196 a.C. exibindo os triunfos do Rei Ptolomeu V Epifânio. A inclusão deste nome (o único nome real preservado na seção de hieroglifos da pedra) se mostraria essencial para finalmente quebrar o código de hieroglifos.



9. A Pedra Roseta como aparece hoje no Museu Britânico, Londres.

A primeira tentativa bem-sucedida de ler o texto egípcio foi feita por Thomas Young (mais conhecido como o autor da badalada teoria da luz). Ele identificou corretamente um grupo recorrente de hieroglifos escritos com um círculo (conhecido como *cartucho*) com o nome do rei Ptolomeu. Agora que sabia-se que nomes estrangeiros eram escritos somente com estes hieroglifos, o significado dos sinais haveria de ser entendido pelos eruditos. Ironicamente, um jovem francês chamado Jean-François Champollion entrou no drama da decifração. Lingüista bem dotado, Champollion energicamente aplicou-se à tarefa em questão. Ele comparou o hieroglifo de Young para "Ptolomeu" na Pedra Roseta com um obelisco que acabara de ser descoberto (1819) de um templo egípcio antigo perto de Aswan, que continha os nomes de Ptolomeu e Cleópatra em grego. Ele foi capaz de isolar o cartucho para Cleópatra e, partindo daí, decifrar outros nomes reais. Finalmente, em 1822, com a idade de 32 anos, ele anunciou triunfantemente que havia resolvido o quebra-cabeça dos hieroglifos. Para a surpresa de muitos eruditos, ele demonstrou que os hieroglifos não eram apenas símbolos, mas sinais com valor fonético — eles formavam uma linguagem legível! Por isso, em função da descoberta da Pedra Roseta, os segredos ocultos da linguagem egípcia e através dela, a história do Egito antigo, religião e cultura foram abertas ao mundo.[4]

A inscrição Behistun — Chave para o acadiano cuneiforme

O que a Pedra Roseta fez pelos hieroglifos egípcios, uma inscrição monumental no Irã (antiga Pérsia), fez pelo acadiano cuneiforme. Acadiano era uma língua semítica da Mesopotâmia, e seus dois principais dialetos (assírio e babilônio) foram usados para registrar os triunfos militares e contos religiosos dos grandes impérios mundiais da Assíria e Babilônia. Ambos estes impérios figuram proeminentemente na Bíblia como nações usadas por Deus para punir os israelitas por sua infidelidade à Aliança Mosaica.

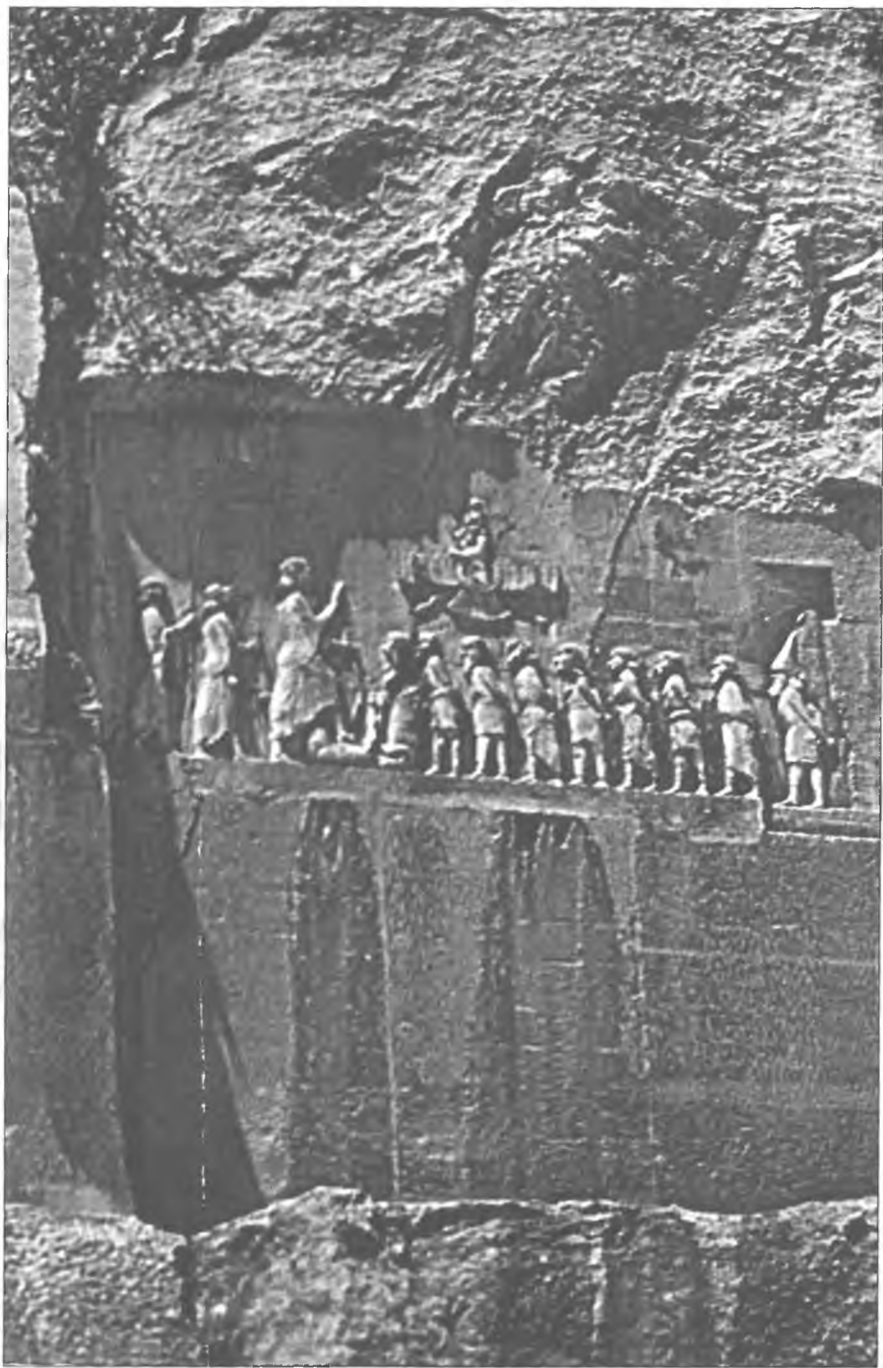
Por séculos, aqueles que passavam por velhas trilhas de caravanas aos pés da montanha iraniana conhecida como Rochedo de Behistun, com 1.200 metros de altura, perguntavam-se maravilhados e curiosos sobre as estranhas figuras encrustradas no lado do penhasco cerca de 91 metros acima de suas cabeças. Estes antigos viajantes consideravam esta gigantesca configuração como uma obra de Deus. Registros antigos de cerca de 500 a.C. revelam que a rocha era chamada *Baga-Stana* ("a Casa de Deus"), daí o nome moderno, Behistun (também Bisitun). Neste relevo maciço, há um homem com a mão levantada. Dez

homens olham para o homem e dois outros ficam atrás dele. Acima de suas cabeças há uma imagem suspensa como a de um pássaro. Quem eram estes estranhos homens e o que era o objeto flutuando sobre suas cabeças? Antes dos tempos modernos, a resposta do guia turístico era: "Cristo, seus discípulos e o Espírito Santo" (como uma pomba)!

Como uma grande parede erguida atrás das figuras esculpidas, a superfície da pedra tinha sido aplainada e parecia macia e polida. Isso até que alguns corajosamente escalaram a face do penhasco e relataram que estas paredes "macias" foram na verdade encrustradas com milhares de pequenas pontas de flechas! Seriam estas algum tipo de decoração antiga? Os eruditos que têm-nas estudado não decidiram ainda. Ao contrário, elas têm sido consideradas uma forma de escrita antiga que, por causa da forma, foi chamada de *cuneiforme* (do latim, "em forma de cunha").

Baseado na descoberta de escrita semelhante na antiga capital persa de Persépolis, outros eruditos sugeriram que as figuras não eram do Novo Testamento, mas do Antigo, e que elas poderiam incluir os reis persas. Esta conjectura provou ser correta, porque quando os caracteres cuneiformes foram finalmente decifrados, uma frase bravamente proclamava: "Eu sou Dario, o Grande Rei, Rei de Reis, Rei da Pérsia". Uma vez que isso foi lido, estava claro que a figura central não era outro senão Dario, o Grande, que governou o império persa de 522 a.C. até 486 a.C. Outras decifrações também encontraram o nome de seus filhos, Xerxes, que sucedeu Dario no trono persa. Aqui então, pela primeira vez, houve evidência do monarca Dario I Hystaspes, que serviu como instrumento de Deus para o retorno dos hebreus de Judá e para ajudá-los a reconstruir o Templo em Jerusalém. Aqui, também, estava um testemunho em pedra de Xerxes (Assuero), que havia casado com a judia Ester, e que foi reverenciado desde então no festival judaico de Purim. Eles não apenas haviam deixado seus "cartões de visita" em Behistun, mas também suas "carteiras de identidade com foto" para que todos vissem! Os segredos da misteriosa montanha foram revelados finalmente.

Os homens que sucederam na leitura da escrita cuneiforme e na resolução destes "segredos em pedra" foram o major britânico sir Henry Rawlinson. Com grande risco de vida, Rawlinson repetidamente escalou o íngreme penhasco de Behistun para copiar as inscrições. Sua postura precária enquanto copiava o texto cuneiforme estava para equilibrá-lo no último degrau de uma escada, sem qualquer outro apoio além de um braço na frente da rocha! Numa ocasião, a



10. A inscrição de Dario, o Grande, rei da Pérsia no Rochedo de Behistun, Irã.

escada de cordas que ele estava usando partiu e deixou-o pendurado numa pequena saliência até que foi resgatado.

Graças ao doloroso trabalho de Rawlinson e outros eruditos, soubemos que aquelas inscrições em Behistun preservaram não apenas a linguagem cuneiforme, mas três — os antigos persa, babilônio e elamita. Com a ajuda de seu trabalho na pedra de Behistun, o enigma dos escritos cuneiformes foram decifrados. Esta chave, em contrapartida, abriu o mundo para antigos anais da Assíria e Babilônia, lançando nova luz não apenas sobre sua história, mas também sobre a historicidade da Bíblia.[5]

Escavações que recontaram antigas histórias

Você já se perguntou alguma vez por quê a Bíblia devia ter todas as boas histórias? Se as grandes histórias da criação e do dilúvio foram histórias reais, como a Bílbia as apresenta, não deveriam outras culturas antigas terem sabido destas histórias também? Esta suposição foi confirmada quando um número de textos cuneiformes antigos foram descobertos contendo paralelos mesopotâmios dos relatos bíblicos.

Tecnicamente falando, esses textos não foram descobertos por arqueólogos no campo, mas por eruditos estudando. Apesar da arqueologia inglesa na Mesopotâmia não ter sido a ciência exata que é hoje, ela desenterrou centenas de toneladas de esculturas monumentais e milhares e milhares de tabletes cuneiformes. A maioria veio através dos esforços de sir Austen Henry Layard, que escavou na antiga capital assíria de Nínive, na década de 1850. No palácio do rei assírio Assurbanipal, ele encontrou milhares de tabletes de argila que haviam sido parte dos arquivos reais. Eles haviam aparentemente esperado por Layard desde que foram abandonados quando o palácio foi destruído em 612 a.C.

Ele embarcou estes tesouros de volta ao Museu Britânico, e lá eles foram cuidadosamente guardados nos recessos do porão do museu. Os eruditos começaram a identificar a tempo, catalogar e decifrar muitos destes tabletes. Estes eruditos podem nunca ter escavado em terra estrangeira, todavia os escritos que eles desenterraram do porão em sua própria terra provaram ser uma das maiores descobertas arqueológicas de todas! Três dos mais antigos textos: o Épico de Atrahasis, Enuma Elish e o Épico de Gilgamés, são especialmente significativos quando comparados à Bíblia.

O Épico de Atrahasis — O Gênesis babilônico

A descoberta do mais antigo texto mesopotâmio com paralelos com o Gênesis foi feita no século passado e chamado Épico de Atrahasis (Atrahasis é o principal personagem da narrativa). Apesar de ter sido primeiro publicado em 1876 por George Smith, do Museu Britânico, descobriu-se em 1956 que ele tinha erroneamente ordenado a destruição dos fragmentos do texto, e em 1965 que tinha somente um quinto do próprio texto! Foi então que o erudito inglês Alan Millard, assistente interino do Departamento de Antigüidades da Ásia Ocidental no Museu Britânico, pôde restaurar outros três quintos de texto dos fragmentos armazenados no porão do museu. Enquanto analisava um texto que tinha sido desenterrado mais de um século antes, ele notou que os escritos pareciam estranhamente como os do livro de Gênesis. Esta história épica estava preservada num tablete de mais de 1.200 linhas. O tablete em si provavelmente datava do século XVII a.C., mas a história que ele recontava remonta a séculos do período babilônico mais antigo. A história, apesar de apresentada de uma perspectiva teológica dos babilônios, contém muitos detalhes que são semelhantes aos relatos bíblicos da criação e do dilúvio. No conto babilônico, os deuses governavam os céus e a terra (*cf.* Gn 1.1). Eles fazem o homem do pó da terra misturado com sangue (*cf.* Gn 2.7; 3.19; Lv 17.11) para tomar dos deuses inferiores a responsabilidade de cuidar da terra (*cf.* Gn 2.15). Quando o homem se multiplica sobre a terra e se torna muito barulhento, um dilúvio é enviado (depois de uma série de pragas) para destruir a humanidade (*cf.* Gn 2.15). Um homem, Atrahasis, é avisado sobre o dilúvio e recebe ordens para construir um barco (*cf.* Gn 6.14). Ele constrói um barco e enche-o de comida, animais e pássaros. Por este meio ele é salvo enquanto o resto do mundo perece (*cf.* Gn 6.17-22). Muito do texto é destruído neste ponto, portanto não há registro da atracagem do barco. Contudo, como na conclusão do relato bíblico, a história termina com Atrahasis oferecendo um sacrifício aos deuses e o deus principal aceitando a continuação da existência humana (*cf.* Gn 8.20-22).[6]

Enuma Elish — A criação mesopotâmica

Geoge Smith, que havia traduzido a história mesopotâmica do dilúvio, foi também o primeiro homem a revelar ao mundo a existência de um relato mesopotâmico da criação conhecido como *Enuma Elish*. Como o Épico de Atrahasis, fragmentos deste texto também tinham vindo da biblioteca de



11. Tablete 11 do Épico de Gilgamés, que se constitui um velho relato babilônico do dilúvio.

Assurbanipal, em Nínive, mas outros fragmentos foram mais tarde encontrados em Ashur (a velha capital da Assíria) e Uruk. Em meados de 1920 dois tabletes quase completos foram também achados em Kish. Ao todo, sete tabletes juntos compunham este conto épico. A parte mais interessante deste conto (para estudantes da Bíblia) é aquele em que a criação é recontada sob uma perspectiva babilônica e assíria. O estranho nome do texto vem das palavras assírias que introduzem o texto: *Enuma Elish*, que significam "quando acima".[7] Na pequena porção do texto que menciona a criação, somos avisados que o universo, em suas partes componentes, começou com os deuses principais (que representam as forças da natureza), e foi completado por Marduque, que veio a ser o cabeça do panteão (assembléia de deuses) babilônico. É Marduque, não a criação, que permanece como o tema dominante no épico.

Quando procuramos paralelos com o relato de Gênesis encontramos alguns: o caos aquático é separado em céu e terra (*cf.* Gn 1.1-2, 6-10), a luz é preexistente à criação do sol, lua e estrelas (*cf.* Gn 1.3-5,14-18), e o número sete figura proeminentemente (*cf.* Gn 2.2-3). Além disso, porém, o contexto mitológico controla o conteúdo. Os deuses geraram outros deuses aos quais tentam destruir por causa de suas barulhentas festas. A mãe destes deuses, Tiamat, cria monstros para devorá-los, mas o mais forte deles — Marduque — corta-lhe ao meio. É de suas duas metades que os céus e a terra são formados. A humanidade é formada do sangue do líder capturado dos deuses rebeldes (uma espécie de

Estela Negra	Acadiano (neo-assírio)	Layard	Nínive	1845	Realizações militares de Salmaneser III	840	Figura dos israelitas pagando tributo
Textos de Balaão	Aramaico	Franken	Deir Alla (Sucote)	1967	Profecia de Balãao sobre o desgosto do concílio divino	8° século	Ligado a um famoso vidente conhecido da Bíblia
Rolos de Prata	Hebraico	Barkay	Tumba do Vale de Hinom	1979	Amuleto contendo o texto de Nm 6.24-26	7° século	Cópia mais antiga de uma porção da Bíblia
Inscrição de Siloé	Hebraico	Garoto camponês	Jerusalém	1880	Comemoração da conclusão do aqueduto de Ezequias	701	Exemplo contemporâneo da língua hebraica
Cilindro de Senaqueribe	Acadiano (neo-assírio)	Taylor	Nínive	1830	Realizações militares de Senaqueribe	686	Descreve o ataque a Jerusalém
Óstracos de Laquis	Hebraico	Starkey	Tell ed-Duweir	1935	18 cartas do capitão do forte de Laquis	588	Condições durante o ataque babilônio final
Cilindro de Ciro	Acadiano	Rassam	Babilônia	1879	Decreto de Ciro permitindo a reconstrução dos templos	535	Ilustra a política que também beneficiou Judá

Gilgamés	12	Acadiano (neo-assírio)	Rassam	Nínive (biblioteca de Assurbanipal)	1853	As explorações de Gilgamés e Enkidu e a busca pela imortalidade	7° século cópia	Paralelos com o relato do dilúvio no Gênesis
Boghaz-Keui	10.000	Hitita	Winckler	Boghaz-Keui	1906	Arquivos reais do império neo-hitita	16° século	História hitita e ilustrações de tratados internacionais
Nuzi	4.000 do Acadiano	Dialeto Horeu	Chiera e Speiser	Yorghun Tepe	1925 a 1941	Arquivo contendo registros familiares	15° século	Fonte de costumes em meados do 2° milênio
Ugarite	1400	Ugarítico	Schaeffer	Ras Shamra	1929 a 1937	Arquivos reais de Ugarite	15° século	Religião e literatura cananita
Amarna	380	Acadiano (dialeto semita ocidental)	Camponês egípcio	Tell el-Amarna	1887	Correspondência entre o Egito e seus vassalos em Canaã	1360 a 1330	Reflete as condições na Palestina em meados do 2° milênio
Crônicas Babilônicas	4	Acadiano (neobabilônio)	Wiseman	Babilônia	1956	Registro da corte do império neobabilônico	626 a 594	Registro da captura de Jerusalém em 597 e história do período

demônio entre os deuses) para trabalharem como escravos para os preguiçosos deuses inferiores e alimentar o panteão babilônico. Este conto mitológico tem pouco em comum com os primeiros capítulos de Gênesis, que nos falam sobre Deus criando o homem à sua própria imagem, dando-lhe o mundo para desfrutar, cuidando dele e buscando amizade com ele. Mesmo assim, a descoberta de Enuma Elish proveu nosso primeiro conhecimento de que outras culturas do Oriente Próximo compartilhavam aspectos da cosmogonia bíblica (relato da criação).

O Épico de Gilgamés — O dilúvio mesopotâmico

Outro achado importante que vem da escavação de Henry Layard foi um velho conto babilônico do dilúvio chamado Épico de Gilgamés. Ele foi nomeado depois que o principal personagem, o rei Gilgamés, que deve ter governado a cidade mesopotâmica de Uruk por volta de 2600 a.C., e que nesta história épica está em busca da imortalidade. Porque nenhuma cópia do texto completo foi encontrada, os eruditos tiveram que compor o texto baseados nos fragmentos de períodos separados por mais de 1.000 anos (1750-612 a.C.)! Enquanto uma data no século XVIII é conjeturada para a composição original, se o material de Gilgamés for confirmado nos tabletes Ebla, a data poderia retroceder a um tempo muito anterior. O épico como o temos hoje está registrado em 12 tabletes. A história do dilúvio, que aparece no tablete 11, parece ter sido tomada como empréstimo do Épico de Atrahasis (que está incompleto).

Quando o Épico de Gilgamés foi publicado pela primeira vez na Europa em 1872, ele causou uma sensação que rivalizava com as teorias de Darwin. Algumas pessoas o declaravam uma prova histórica do dilúvio do Gênesis, enquanto outros ainda desdenhavam da asseveração de que a Bíblia é singular e autêntica. Em toda a literatura mesopotâmica, o conto do dilúvio no tablete 11 representa a principal correlação com o texto bíblico. Na história recontada aqui, Gilgamés é avisado sobre o dilúvio por Utnapishtim, um homem que ganhou imortalidade, e como o Noé bíblico, também passou a salvo pelas águas do dilúvio. Em seu relato do dilúvio, ele diz que o deus criador Ea favoreceu-o avisando-o sobre o dilúvio e ordenando-lhe que construísse um barco (*cf.* Gn 6.2,13-17). Neste barco ele levou sua família, tesouros e todas as criaturas vivas (*cf.* Gn 6.18-22; 7.1-16), escapando assim da tempestade enviada pelos céus que destruiu o restante da humanidade (*cf.* Gn 7.17-23). De acordo com seus cálculos, a tempestade acabou no sétimo dia, e a terra

seca apareceu no décimo segundo dia (*cf.* Gn 7.24). Quando o barco veio a repousar sobre o monte Nisir, no Curdistão (ao invés do bíblico monte Ararate, na Turquia), Utnapishtim enviou uma pomba, uma andorinha e finalmente um corvo (*cf.* Gn 8.3-11). Quando o corvo não voltou ele deixou o barco e ofereceu um sacrifício aos deuses (*cf.* Gn 8.12-22). Apesar de que estes elementos particulares da história mesopotâmica pareçam excepcionalmente paralelos à história bíblica, uma pessoa que leia a tradução inteira da história achará seu caráter extremamente lendário; seu tom difere dramaticamente do relato do Gênesis.

De onde vieram estas histórias?

Desde a descoberta dos textos mesopotâmicos, questões têm sido levantadas a respeito da origem destas histórias que são semelhantes àquelas encontradas na Bíblia. Três possíveis respostas têm sido oferecidas pelos eruditos: 1) Elas foram relatos israelitas originalmente, que foram tomados como empréstimo e adaptados à religião e cultura mesopotâmicas; 2) Elas foram originalmente histórias mesopotâmicas, que foram tomadas como empréstimo pelos israelitas para atender aos seus propósitos religiosos; 3) tanto os relatos mesopotâmicos como os israelitas (bíblicos) vieram de uma fonte antiga em comum.

Concernente à primeira opção, até onde se sabe, os relatos bíblicos não foram escritos até o tempo de Moisés no século XV a.C. Parece improvável, então, que as histórias mesopotâmicas mais velhas (século XVII a XVIII a.C.) fossem derivadas do relato israelita. Quanto à segunda opção, é possível que Moisés tenha usado fontes para compilar seus relatos no Gênesis (veja Gn 14). Mais ainda, é possível que os escritores bíblicos tenham tido acesso ao Épico de Gilgamés, como um fragmento do épico descoberto durante as escavações de 1956 em Megido, Israel.[8] Isso significa que tenha ocorrido uma dependência literária dos textos mesopotâmicos para compilar os relatos bíblicos? O uso de fontes extrabíblicas não é conflitante com a doutrina da inspiração, uma vez que há numerosos exemplos nos quais obras não-canônicas são citadas tanto no Antigo como no Novo Testamentos (*veja* Js 10.13; 1 Sm 24.13; 2 Sm 1.18; Lc 4.23; At 17.28; Tt 1.2; Jd 14). Todavia, nem a posse e nem o uso ocasional de textos extrabíblicos pelos escritores bíblicos estabelecem que tenha ocorrido uma dependência literária deles. Os escritores bíblicos continuamente enfatizam que sua fonte primária era a revelação divina. Fontes secundárias podem ter sido usadas em algumas ocasiões, mas não parece que elas foram usadas em referência à criação ou ao dilúvio.[9] As muitas diferenças significativas e omissões entre

os relatos podem tornar improvável que tanto os autores mesopotâmicos como os bíblicos têm tomado emprestado um do outro.

Mas poderia ter acontecido uma "dependência da tradição?" Isto é, poderiam os relatos bíblicos simplesmente ser variações de mitos mesopotâmicos? Mais uma vez, é improvável. Uma das razões é que a orientação bíblica é monoteísta (um só Deus) e seus personagens são eticamente morais. Em contrapartida, a orientação mesopotâmica é politeísta (muitos deuses) e seus personagens são eticamente volúveis. Este contraste é evidente, por exemplo, no sentido de que os dois textos tratam do relato do mundo pós-diluviano. No texto bíblico, Deus aceita o sacrifício de Noé e promete não destruir de novo a terra por um dilúvio (Gn 8.20-22). No Épico de Atrahasis, os deuses descobrem, para sua tristeza, que eles haviam varrido sua única fonte de alimentos (os sacrifícios dos homens). Porque estão com fome, eles decidem tolerar a humanidade (que pode alimentá-los). Outra razão é que importantes detalhes nos relatos diferem (como o tamanho do barco, a duração do dilúvio, o envio de pássaros, e assim por diante). A.R. Millard, que foi co-autor de um livro sobre o Épico de Atrahasis, resume a questão do alegado empréstimo quando diz:

> Todos os que suspeitam ou sugerem o empréstimo feito pelos hebreus são compelidos a admitir uma revisão de grande escala, alteração e reinterpretação de um modo que não pode ser substanciado por nenhuma outra composição do antigo Oriente Próximo ou em qualquer outro escrito hebreu... Assumindo que o dilúvio aconteceu, o conhecimento dele deve ter sobrevivido para formar os relatos disponíveis; enquanto os babilônios só podiam conceber o evento em sua linguagem politeísta, os hebreus, ou seus ancestrais, entenderam a ação de Deus nele. Quem pode dizer que não foi assim?[10]

De fato, pistas literárias nestas composições mesopotâmicas implicam a antigüidade do relato de Gênesis. Eruditos têm há muito tempo reconhecido que Gênesis 2.1-4 é um *colofão* ou apêndice para a primeira narrativa da criação em Gênesis 1.[11] Os tabletes antigos que contêm um relato da criação também têm um colofão. Uma comparação dos dois revela que a organização do material no colofão de Gênesis concorda com a informação dada nos antigos colofões: 1) título ("os céus e a terra", Gn 2.1a,4a); 2) data ("no dia em que o Senhor fez os céus e a terra," Gn 2.46); 3) número em série ("seis dias" = série de 6 tabletes); 4) Se foi ou não completo em séries ("sétimo dia [=depois do sexto tablete]... completados," Gn 2.1b-2); 5) nome do escriba ou dono ("o Senhor Deus," Gn 2.4b).

Portanto, parece mais provável que tanto o relato mesopotâmico como o israelita refletem um conhecimento universalmente preservado de eventos que

ocorreram durante a história pré-diluviana da terra. As variações nestas histórias foram passadas por diferentes culturas semíticas que desenvolveram-se após a divisão das nações no pós-diluviano Oriente Próximo (*veja* Gn 10—11).

Heranças deixadas da antigüidade

São relíquias arqueológicas como a Pedra Roseta e o Rochedo de Behistun que nos têm ensinado como ler o passado e considerar a Bíblia com um grande senso de historicidade e singularidade. Todavia, estas são apenas parte de uma grande herança da antigüidade deixada para nós. No próximo capítulo continuaremos nossa jornada através do museu do tempo para vermos mais das descobertas das escavações que fizeram a diferença.

4

Mais escavações que fizeram a diferença

Retratos do passado



Hoje é um adágio dizer que a investigação arqueológica na Palestina e em terras circunvizinhas, que desde o fim da Primeira Guerra Mundial tem sido conduzida numa escala sem precedentes, transformou nossa atitude, e nossa compreensão do Israel antigo e do Velho Testamento.[1]

— *D. Witon Thomas*

No capítulo anterior, demos uma olhada nas escavações que têm representado a redação de novos capítulos nos anais da arqueologia. Estas escavações fizeram a diferença porque afetaram nossa percepção da Bíblia e do mundo no qual a maioria dos seus eventos se desenrolaram. Neste capítulo veremos as escavações que têm aperfeiçoado nossa compreensão do passado tanto por preservá-lo em material fotográfico como em transformar crenças atuais sobre ele historicamente.

Escavações que fotografaram o passado

Antes que as escavações arqueológicas revelassem o mundo da Bíblia, ninguém tinha idéia de como se pareciam as pessoas descritas em suas páginas. Todavia, quando as descobertas começaram a ser reveladas, entre elas estavam estátuas, desenhos e pinturas que davam um "quadro" do tipo de pessoas que viveram durante os tempos bíblicos. Ainda mais incrível foi que os arqueólogos

encontraram “figuras” das mesmas pessoas mencionadas na Bíblia. Entre elas, estavam as estátuas de faraós que conheceram Moisés, inimigos que ameaçaram Israel ou conquistaram muito de Israel e governantes romanos mencionados no Novo Testamento, alguns dos quais conversaram com Jesus e com o apóstolo Paulo.

Os detalhes incluídos nestas cenas desenhavam a vida diária dos antigos tornando possível que os artistas criassem cenas bíblicas corretamente e produtores de filmes retratassem com exatidão os dramas bíblicos na televisão e no cinema. Do “álbum de fotografias” da arqueologia, vamos considerar três famosas “impressões” que nos ofereceram um raro vislumbre do passado velado.

O Mural de Beni-Hasan — Pintura de uma parada do tempo dos patriarcas

Durante o período bíblico os israelitas continuaram a manter contato político e econômico com o Egito, uma das superpotências daquele tempo. O contato de Israel com o Egito remonta ao período dos patriarcas (Gn 12.37-50), a Moisés (livro de Êxodo), à monarquia do rei Salomão (1 Rs 9.16) ao rei Josias (2 Rs 23.29-35), ao tempo de Jesus (Mt 2.13-15). Desde que a lei judaica (Êx 20.4) proíbe a fabricação de imagens humanas (porque o homem é criado à imagem de Deus), não devíamos esperar pinturas feitas pelos israelitas. Porém, do lado egípcio, onde a fabricação de imagens era ordenada, uma quantidade de retratos têm sido descoberta.

Um famoso exemplo veio de uma pequena vila conhecida como Beni-Hasan, localizada no sul do Cairo na margem leste do Nilo. Lá, esculpida nas encostas circunvizinhas, está uma grande necrópole (cidade dos mortos). Como era geralmente o costume dentro das tumbas egípcias, as paredes eram decoradas com cores vivas mostrando cenas que descreviam a vida diária. Em uma dessas tumbas, datando de aproximadamente 1890 a.C., os arqueólogos encontraram um esplêndido mural de mais de 2 metros de comprimento por meio metro de altura mostrando uma parada de estrangeiros: oito homens, quatro mulheres, três crianças, vários animais, todos sendo liderados por oficiais egípcios. O texto em hieroglifos no topo desta pintura dava uma descrição da procissão e seu propósito. O texto afirmava que estas pessoas eram parte de um grupo de 37 asiáticos da região de Shut (a qual incluía a área do Sinai e o sul de Canaã). Eles estavam sendo levados por seu chefe, chamado Abishai, para comercializar com os egípcios. Detalhes como composição física, penteados, roupas, sapatos, armas e instrumentos musicais são claramente apresentados.



12. O Mural de Beni-Hasan, que apresenta um grupo de pessoas de Canaã entrando no Egito, semelhante aos patriarcas bíblicos.

Enquanto ainda não se sabe exatamente quem eram estas pessoas ou mesmo porquê elas estavam vindo em caravana à uma região tão distante dos centros comerciais, a importância da pintura repousa sobre sua descrição visual de como as pessoas se pareciam no tempo dos patriarcas. Quando olhamos estas imagens, podemos imaginar a viagem de Abraão e Sara ao Egito (Gn 12.10) e mais tarde a jornada de Jacó e seus filhos ao Egito (Gn 42.5; 43.11; 46.5-7). Algumas pessoas têm até sugerido que os padrões de cores sobre as túnicas dos asiáticos no mural são como a "túnica colorida" de José (veja Gn 37.3). Mesmo que, como outros eruditos têm pensado, uma melhor tradução fosse "uma túnica de mangas longas," um exemplo deste tipo de vestimenta também é atestado em outro lugar no "álbum de fotografias"[2] da arqueologia.

O Obelisco Negro de Salmaneser III — Retrato de um rei israelita

Uma das mais excitantes descobertas já feitas em arqueologia bíblica foi uma enorme pedra negra extraída de um buraco cavado na antiga cidade assíria de Calah (moderna Ninrode) em 1845. Esta pedra, porém, quase não foi desenterrada. O arqueólogo inglês Henry Layard havia sido aconselhado por seus trabalhadores a desistir e fechar o buraco. Era inverno, o chão estava extremamente frio e duro, e o difícil trabalho de cavar valas para descobrir artefatos havia provado ser inútil. Layard não queria desistir, mas se comprometeu a pedir a seus homens que trabalhassem por somente mais um dia. Eles não tive-



13. O Obelisco Negro de Salmaneser III, descoberto em 1845.

ram que esperar tanto! Quase imediatamente depois que os homens reassumiram o trabalho eles bateram numa enorme pedra, que agora sabemos ser um dos mais importantes documentos assírios relacionados ao Antigo Testamento.

A pedra era um bloco de calcário polido com quatro lados (obelisco) medindo 2 metros. Em cada lado do obelisco estavam esculpidos cinco registros de esculturas em relevo demonstrando várias cenas de tributos sendo trazidos à corte assíria. Além disso, acima e abaixo dos painéis em todos os lados havia quase 200 linhas de texto cuneiforme. Logo que o texto cuneiforme foi traduzido descobriu-se que ele catalogava 31 campanhas militares do monarca assírio Salmaneser III. As esculturas em relevo detalhadas de tributo e pagadores de tributos mostravam belamente muitos estilos diferentes de roupa, artigos caros e até animais exóticos para o zoológico assírio. Todavia, a grande surpresa foi que as linhas acima de um registro que mostrava uma figura de joelhos diante do rei da Assíria foi traduzida:

Tributo de Jeú, filho de Onri.[3] Prata, ouro, vasos de prata, taças de ouro, cálices de ouro, caixas com ouro, recipientes, cetros para a mão do rei [e] dardos, [Salmaneser] recebeu dele.

Aqui, pela primeira vez em qualquer artefato arqueológico, estava um retrato de um dos reis de Israel![4] De acordo com a Bíblia (2 Rs 9-10; 2 Cr 22.7-9), Jeú, um comandante no exército do rei Jorão, foi "escolhido pelo Senhor" para



14. O rei israelita Jeú (à direita), conforme descrito no Obelisco Negro de Salmaneser III.

suceder o trono israelita. Instruído pelo profeta Eliseu para matar Jorão, ele tornou-se o governante de Israel de 841-814 a.C. Ele serviu como instrumento final de Deus contra a casa do ímpio rei Acabe (incluíndo a infame rainha Jezabel), e erradicou da terra o culto idólatra a Baal.

No relato bíblico, porém, não há menção do rei Jeú pagando tributo à Assíria como descrito no obelisco. A Bíblia fala realmente que Jeú, quase ao final de seus 28 anos de reinado, foi relapso na responsabilidade real de manter a lei de Deus (2 Rs 10.31) e, ao invés disso, seguiu novamente o culto henoteísta instituído por Jeroboão (*veja* 1 Rs 12.28-29). Por causa disso, o Senhor removeu a proteção de Israel e inimigos estrangeiros começaram a invadir e conquistar partes da terra (2 Rs 10.32-33). A fraqueza de Israel neste ponto pode ter influenciado Jeú a buscar a proteção da Assíria. Uma vez que a hegemonia assíria foi imposta, Israel teria sido sujeito a pagar tributo (*cf.* 2 Rs 17.3). Se foi este o caso, o obelisco preenche uma parte que faltava da história não incluída no texto bíblico.

O relevo do ataque de Laquis — Panorama do julgamento de Israel

Encontrar a figura de um rei israelita mencionado na Bíblia foi na verdade uma surpresa, mas encontrar figuras de *centenas* de israelitas numa antiga foto de um verdadeiro evento bíblico não foi menos impressionante! A "foto" era de Laquis, uma das mais importantes cidades israelitas em Judá durante o período bíblico. Laquis hoje é uma *tel* escavada localizada a cerca de 40 quilômetros ao sudoeste de Jerusalém. Apesar de agora estar silenciosa e desolada, o antigo vislumbre mostra um quadro bem diferente. Ele não apenas descreve Laquis no clímax de sua glória, ocupada e extremamente fortificada, mas também registra vividamente o que ocorreu no fatídico dia de seu colapso.

A "foto" em si não vem de Israel, mas da distante terra da Assíria. Ela originou um mural de mais de 27 metros de comprimento decorando uma sala cerimonial no palácio do rei assírio Senaqueribe, em Nínive. O palácio foi escavado por Henry Layard e o mural, feito de painéis de esculturas em relevo, está hoje guardado no Museu Britânico. Nos relevos estão descrições acuradas e realistas da batalha entre os assírios e o povo de Laquis, que ocorreu durante a conquista assíria de Judá em 701 a.C. (*veja* 2 Rs 17.5-6; 2 Cr 32.1). A cena mostra (da esquerda para a direita) o campo assírio, seu ataque e conquista da cidade pelas tropas assírias derrubando os muros, a tortura de alguns habitantes da cidade e finalmente o exílio dos prisioneiros e sua apresentação diante de



15. Vista minuciosa do ataque assírio conforme descrito nos quase 28 metros do relevo de Laquis. Observe a rampa de invasão e os aríetes.

Senaqueribe, que estava assentado em seu trono em frente ao seu campo. A Bíblia registra este mesmo evento no livro de 2 Crônicas: "Depois disso, Senaqueribe, rei da Assíria, enviou seus servos a Jerusalém (ele, porém, estava diante de Laquis, com todo o seu domínio)" (2 Cr 32.9, *veja também* 2 Rs 18.13,14,17; 18.8; Is 36.1,2; 37.8). Enquanto nem a Bíblia nem quaisquer anais assírios provêem detalhes desta conquista, ambos descrevem a brutalidade dos assírios e as horríveis condições da conquista — os quais vemos representados nos relevos.

Escavações em Laquis também têm confirmado a exatidão de vários detalhes encontrados nos relevos. A partir das partes incendiadas neste sítio, as fortificações da cidade têm sido reveladas — exatamente como demonstrado nos relevos assírios.[5] A rampa de invasão representada no relevo, sobre a qual os soldados assírios levaram seus aríetes e arqueiros, também foi descoberta em Laquis. Além disso, pedras de catapulta e flechas, desenterradas em abundância, testificam da ferocidade da batalha, exatamente como demonstrado nos relevos. Uma vez mais, a arqueologia tornou possível verdadeiramente enxergar um dos maiores eventos históricos mencionados na Bíblia.

Escavações que mudaram a história

Muitas pessoas hoje acreditam que neste momento nosso conhecimento da história é completo. Elas aceitam que alguns detalhes ainda estão faltando, mas supõem que saibamos quase tudo o que há para saber sobre as grandes civilizações que governaram o passado. A impressionante cobertura que encontramos nos livros de história e nos canais históricos parecem confirmar isso. Contudo, os historiadores admitirão que nosso presente conhecimento do passado ainda é sensivelmente limitado. O que realmente sabemos apresenta lacunas enormes e revisões inesperadas. Isso também tem sido verdade com respeito a história da Bíblia. Apesar de a Escritura apresentar informação histórica, esta informação é seletiva e incompleta. Isso se encaixa com o propósito teológico da Bíblia, pois ela não foi escrita para ser um livro de história. Por esta razão, os historiadores têm muitas vezes duvidado de certos fatos históricos da Bíblia. Isso não é só porque eles suspeitam que uma visão religiosa da história possa alterar os fatos, mas porque alguns detalhes históricos na Bíblia não têm evidência material para sustentá-los.

Todavia, surpresas arqueológicas têm agora e antes revelado personagens e lugares históricos conhecidos na Bíblia ainda que desconhecidos em qualquer outra fonte. Tais descobertas não apenas nos dão uma nova perspectiva sobre o

que já sabíamos, mas também serve para afirmar a integridade histórica das narrativas bíblicas. Às vezes, também, as escavações trazem novos fatos à tona, nunca conhecidos antes, que lançam luz tanto sobre a Bíblia como sobre a história antiga. Existem duas escavações arqueológicas que fizeram exatamente isso, aumentando nossa apreciação pela exatidão da Bíblia enquanto forçavam os historiadores a rescreverem alguns capítulos de seus livros. Estas escavações confirmaram a existência dos heteus e do império de Ebla.

Os heteus — Prova de um povo do passado

A Bíblia, por 47 vezes, faz menção de um povo chamado "os heteus". Eles foram listados entre as nações que habitavam a antiga Canaã quando Abraão entrou na terra (Gn 15.20). Eles foram considerados significativos o suficiente para comprar carros e cavalos do rei Salomão (1 Rs 10.29). E mantiveram um exército tão poderoso que o rei de Israel alugou-os para lutar e expulsar o formidável exército dos arameus (2 Rs 7.6,7). Dois heteus, particularmente, ganharam notoriedade no relato bíblico. Um foi Efron, o heteu, que vendeu para Abraão o seu campo e sua caverna em Macpela, em Quiriate-Arba (Hebrom) para enterrar sua mulher Sara (Gn 23.10-20). Desde então ficou conhecida como a Tumba dos Patriarcas. O outro foi Urias, o heteu, um soldado no exército do rei Davi. Apesar de ser estrangeiro, Urias é retratado nas Escrituras como um servo leal, em contraste com o próprio filho de Israel, o rei Davi. O livro de 2 Samuel conta como Davi teve um relacionamento adúltero com a mulher de Urias, Bate-Seba. O pecado do rei foi completado quando Bate-Seba foi achada grávida e ele expôs Urias à morte para cobrir seu crime (2 Sm 11). E mais tarde, quando o profeta Ezequiel denunciou a pecaminosa Jerusalém, Deus declarou que a mãe virtuosa de Jerusalém era uma hetéia (Ez 16.3).

Todavia, a despeito da proeminência dos heteus no texto bíblico, há apenas 100 anos os críticos eruditos duvidavam de que eles jamais tivessem existido. Àquela altura, nenhuma evidência de tal povo havia sido encontrada. Eles eram simplesmente parte da história religiosa da Bíblia. No entanto, este veredicto histórico estava para mudar. Em 1876, o erudito britânico A.H. Sayce suspeitou que uma inscrição não decifrada descoberta esculpida nas rochas da Turquia e Síria pudessem ser uma evidência dos até então desconhecidos heteus. Então tabletes de argila foram descobertos nas ruínas de uma cidade antiga na Turquia, chamada Boghaz-Keui. O povo local estava vendendo estes tabletes e alguns caíram nas mãos de peritos. Isso permitiu que um perito alemão em

texto cuneiforme, Hugo Winckler, fosse ao sítio e escavasse. Ali, ele descobriu cinco templos, uma cidadela fortificada e muitas esculturas monumentais. Em um armazém incendiado ele também encontrou mais de 10 mil tabletes. Logo que eles foram finalmente decifrados, foi anunciado ao mundo que os heteus haviam sido encontrados! Boghaz-Keui havia sido de fato a antiga capital do império heteu (conhecida com Hattusha). Outras surpresas se seguiram, tal como a revelação de que a língua hetéia devia estar associada com as línguas indo-européias (das quais o inglês é uma parte), e que a forma de seus códigos de lei eram muito úteis para a compreensão daqueles descritos na Bíblia. A redescoberta deste povo perdido,[6] uma das mais extraordinárias realizações da arqueologia do Oriente Próximo, agora serve como um aviso para aqueles que duvidam da historicidade de certos relatos bíblicos. Só porque a arqueologia não produziu evidência corroborativa hoje não significa que não possa produzi-la amanhã. Os heteus são simplesmente um exemplo de que a Bíblia tem se demonstrado historicamente confiável. Portanto, isso deve ser respeitado apesar da presente falta de apoio material para certos eventos ou problemas cronológicos que permanecem sem solução.

Ebla — Uma civilização descoberta

Antes de 1968, os eruditos sabiam através de seus estudos de textos da antiga Mesopotâmia que houve uma vez um império sírio chamado Ebla. Os antigos reis babilônios haviam alegado ter conquistado este vasto reino em torno de 2300 a.C., mas ninguém sabia onde ele se localizava. Então, um dia, em 1968, uma inscrição foi encontrada numa proeminente *tel* na Síria conhecida como Tel Mardique; esta inscrição parecia identificar o sítio como Ebla. Mas a maior descoberta ainda estava por vir. Em 1975, enquanto os arqueólogos estavam escavando sob o templo da cidade, eles encontraram uma pequena sala que havia servido como um arquivo real. Lá, cerca de 17mil tabletes repousavam em pilhas! As prateleiras que haviam-nos sustentado haviam sido destruídas muito tempo antes num incêndio, mas este mesmo incêndio havia assado os tabletes de argila, endurecendo e conservando-os contra depreciação do tempo. Estes tabletes confirmaram o nome do lugar como Ebla e apresentaram aos eruditos a língua do império anteriormente desconhecida — eblaite.

A decifração de alguns destes textos revelou que Ebla tinha sido um império florescente 4.500 anos antes, séculos antes do tempo dos patriarcas bíblicos. Seus cidadãos haviam comercializado por eras com Mari, outra cidade antiga da Síria que tinha leis e costumes que ajudaram a esclarecer outros semelhantes associados com os patriarcas bíblicos. O volume total de tabletes recuperados



16. Pilhas de tabletes que uma vez constaram dos arquivos reais do império eblaite.

em Ebla (quatro vezes maior do que a soma de todos os textos precedentes deste período), tornou a descoberta imensamente importante para aqueles envolvidos em estudos do Oriente Próximo. Mas qual seria a importância destes tabletes para estudos bíblicos? Logo no início, durante a interpretação destes textos, disputas políticas entre a Síria e Israel podem ter forçado a retração das conexões que um tradutor havia feito com a história israelita. Mesmo assim, parece que muitas das alegações iniciais quanto à similaridade dos nomes bíblicos, à aparência de nomes de lugares bíblicos (como Sodoma e Gomorra), e afinidades com a língua hebraica foram considerações prematuras. O verdadeiro significado de Ebla, para a Bíblia, pode ser o de comparar o texto eblaite com o estilo poético hebraico e saber sobre os antecedentes das tradições e religiões de um povo que pode ter influenciado civilizações subseqüentes, incluindo o Israel antigo. Foi somente deste modo que os textos de Ugarite ajudaram os eruditos a entender a poesia bíblica e responder perguntas sobre o significado das palavras do hebraico e gramática bíblicos. Qualquer que seja o caso, Ebla escreveu um novo capítulo na História do Oriente Próximo durante o terceiro milênio a.C.[7]

Chegando mais perto do passado

As escavações fizeram a diferença! Elas recuperaram o conhecimento de civilizações perdidas e línguas mortas há muito tempo. Elas revelaram as imagens do passado, não apenas no rascunho, mas em muitos casos a forma exata daqueles cujos nomes ocuparam espaço no texto sagrado. Existem muitos outros exemplos que poderiam ser citados, mas as seleções que revimos são suficientes para revelar quão significante contribuição a arqueologia tem feito para nos aproximar mais daquele mundo que foi lar dos nossos pais na fé.

Nos próximos quatro capítulos, vamos viajar para dentro do mundo dos pais (os Patriarcas) para explorar como as novas descobertas arqueológicas continuam a instruir nossa fé hoje e enriquecer nossa compreensão dos primórdios da história bíblica.

PARTE 2

Novas descobertas em arqueologia

5

Os patriarcas

Lendas vivas ou vidas lendárias?



A arqueologia tem lançado luz considerável sobre a história dos Patriarcas em Gênesis: Abraão, Isaque e Jacó. Não que quaisquer registros destes homens possam ter sido jamais encontrados fora da Bíblia, mas o véu que anteriormente escondia seus tempos foi levantado. Como resultado, sabemos agora mais sobre o tipo de pessoas que eles eram, de onde eles vieram, como viviam, o que criam, onde e como eles devem ser encaixados na história das grandes nações dos tempos antigos além dos posteriores israelitas em si mesmos.[1]

— *G. Ernest Wright*

A única história conhecida pelos israelitas durante sua escravidão no Egito era aquela transmitida para eles por seus ancestrais — os patriarcas ("pais que governam"). Era uma história de aliança e promessa entre Deus e seus pais, que dava ao povo de Israel esperança mesmo no meio da opressão. Por esta razão, quando Deus agiu para libertar o seu povo dos egípcios, Ele escolheu identificar-se com os patriarcas — como "O Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó" (Êx 3.6,15,16; 4.5; Lc 20.37,38). Através disso, eles deveriam ter a certeza de sua libertação, pois Deus havia feito uma aliança com os patriarcas, que Ele havia jurado cumprir (Êx 6.3-8). De fato, a prática da circuncisão, que ainda é realizada nos meninos judeus hoje, testifica para a comunidade judaica uma contínua identificação com os patriarcas bíblicos que viveram 4.000

anos atrás. Os patriarcas continuam sendo o pilar central da autodefinição judaica, e a aliança patriarcal continua sendo a base histórica para o direito de Israel à sua terra antiga.

Menosprezando os patriarcas

Pode parecer um estranho ato de negar a si mesmos quando muitos críticos eruditos judeus se juntam aos seus colegas gentios na crença de que os relatos bíblicos dos patriarcas não são históricos.[2] Posso lembrar bem da primeira vez que tomei conhecimento disso. Eu havia completado meus estudos no Dallas Theological Seminary e era um estudante graduado na Universidade Hebraica de Jerusalém. No Dallas Seminary, as narrativas patriarcais eram ensinadas como história verdadeira, e presumi que fosse do mesmo jeito nesta respeitável instituição acadêmica israelita. Todavia, em meu primeiro dia num curso sobre a história antiga de Israel, o professor, que era um dos mais renomados arqueólogos israelitas, declarou com absoluta convicção: "Abraão nunca existiu, mas seus primos, sim!" O professor continuou explicando que as histórias bíblicas sobre Abraão, Isaque e Jacó eram simplesmente contos do campo que haviam sido passados através dos séculos e que tinham virado lendas (ele usou a palavra *saga*). Ele disse que os patriarcas foram apenas uma projeção retroativa criada pelos judeus nacionalistas em meados do primeiro milênio (600-400 a.C.). Estes nacionalistas estavam procurando criar um passado glorioso, ainda que não histórico. Para apoiar seu ponto de vista, ele declarou que a evidência arqueológica não sustentava a existência do período patriarcal. Arqueologia à parte, lembro-me de destacar, com minha timidez jovem, que tal visão para os israelitas, cujos reclames territoriais repousavam em parte sobre a aliança abraâmica, e que hoje são assunto de debate internacional, era equivalente a serrar o galho sobre o qual estavam sentados. Hoje, com meu juízo mais amadurecido, eu diria que na verdade derrubaria a árvore toda (*veja* Rm 4.13; 11.28,29)!

Incidentalmente, os cristãos deveriam compartilhar uma preocupação sobre esta visão, porque, no Novo Testamento, Abraão é chamado "pai de todos nós" (Rm 4.16), e crentes em Cristo são considerados seus "filhos" e "descendência, herdeiros segundo a promessa" (Gl 3.7,29). Além disso, a historicidade dos patriarcas é aceita por Jesus e pelos autores do Novo Testamento (Mt 1.1,2; 3.9; 8.11; Lc 13.28; 16.22-30; 20.37,38; Jo 8.39-58; At 3.13,25; 7.16,17,32; Hb 2.16; 7.1-9; 1 Pe 3.6) e usada como testemunha por eles da garantia de Deus quanto ao cumprimento de sua Palavra (Rm 4.1-25; Gl 3.6-29; Hb 6.13; Tg 2.21-23). O coração de Hebreus capítulo 11 lista uma "gale-

ria dos heróis do Antigo Testamento" que demonstraram a realidade de viver pela fé. Como Ronald Youngblood destaca:

> Para o crédito dos patriarcas, o autor de Hebreus devotou mais da metade daqueles vinte e nove versículos — quinze, para ser exato — ao detalhamento das maneiras pelas quais os patriarcas e suas esposas provaram ser homens e mulheres de fé...[3]

Portanto, sem os patriarcas, cuja fidelidade lançou o fundamento da nossa fé, nem judeus nem gentios têm uma promessa! Como pode a proeminência dos patriarcas na Escritura — especialmente de Abraão como uma figura central tanto no Antigo como no Novo Testamentos — ser desprezada como nada mais do que uma tradição? O registro arqueológico sustenta ou silencia a esperança de milhões de fiéis crentes cuja fé presente e bênçãos futuras estão baseadas na aliança com os pais? Vamos considerar a evidência arqueológica e decidir por nós mesmos.

Verificando os patriarcas

A antiga abordagem da escola Albright para com a historicidade das narrativas patriarcais foram sem dúvida iniciadas pela surpreendente verificação arqueológica do império heteu. Agora reconhecido como o terceiro grande império da história antiga no Oriente Próximo, os eruditos não podiam fazer outra coisa senão observar que as referências aos heteus, os filhos de Hete (Gn 10.15), estavam abundantemente espalhadas por todos os relatos patriarcais (Gn 11.27—50.26). Por razões semelhantes, uma reavaliação moderna da evidência arqueológica para os patriarcas tem levado alguns eruditos de volta à uma visão mais conservadora da historicidade dos relatos de Gênesis (Gn 12—36). Por que isso está acontecendo? O professor Nahum Sarna recentemente fez esta observação:

> Como um todo, as narrativas patriarcais possuem um sabor próprio sem paralelo no restante da Bíblia. Elas refletem um padrão de vida e várias instituições socio-legais que são peculiares ao período, mas freqüentemente atestados nos documentos do Oriente Próximo... a antigüidade das tradições de Gênesis é confirmada por várias práticas patriarcais que diretamente contradizem os valores sociais e as normas de uma era posterior...[4]

A narrativa bíblica dos patriarcas (incluindo José) em Gênesis 12—50 indica um período de Bronze Médio datado do mais recente terceiro milênio aos meados do segundo milênio a.C. (2166-1805). A evidência arqueológica para este período tem emergido na forma do Código de Hamurábi, textos heteus e egípcios, e milhares de tabletes de argila da cidade amorita de Mari (Tel Hariri), a cidade horita de Nuzi, e as cidades de Leilan e Alalakh. A estes podemos

acrescentar o fabuloso achado no sítio sírio de Ebla (Tel Mardique), que apesar de ainda controvertida, tem oferecido algum material comparativo. Esta evidência inclui códigos de lei, contratos legais e sociais, e textos religiosos e comerciais.

Uma geração atrás, o argumento que estes artefatos criaram para a antigüidade e historicidade dos patriarcas era mais aceito do que é hoje. Em tempos recentes, eruditos minimalistas têm desafiado estas conclusões.[5] Seus esforços, porém, ao invés de serem destrutivos para a posição maximalista, têm cooperado com ela removendo elementos inconsistentes ou desnecessários para o retrato bíblico dos patriarcas.[6] Em particular, a análise minimalista crítica de Thompson quanto a supostos paralelos entre os tabletes de Nuzi e os costumes sociais dos patriarcas tem ajudado a aprimorar o uso desses textos para uma reconstrução maximalista mais acurada da era patriarcal. Mesmo assim, a correção dos paralelos baseados no material de Nuzi, tem provado ser muito mais do que Thompson originalmente propôs.[7] Enquanto ali repousa menos evidência arqueológica para este período do que talvez qualquer outro, comparações cuidadosas de relatos bíblicos com a informação disponível têm oferecido os seguintes argumentos para a sustentação da historicidade patriarcal.

O mundo dos patriarcas

Os textos de numerosos contratos do antigo Oriente Próximo revelam que o cenário social retratado nas narrativas patriarcais é exato e se encaixa no tempo sugerido pela cronologia bíblica. Um ponto de comparação entre estes textos e a Bíblia envolve leis que regiam a herança. Em Gênesis 49, Jacó abençoa seus 12 filhos, dividindo uma fatia igual da herança para cada filho. Isso, porém, mudou no Sinai, pois a lei mosaica estipulava que o filho primogênito devia receber o *dobro* da herança (Dt 21.15-17). Esta aparente contradição foi formalmente explicada pelos altos críticos de acordo com o documentário hipotético de Wellhause, que alegava que diferentes escritores compuseram relatos conflitantes do Pentateuco ao mesmo tempo na história pós-exílica de Israel. Mas os textos extrabíblicos do antigo Oriente Próximo confirmam que apesar deste material poder ter sido editado para uma forma definitiva num período posterior, sua composição original poderia ter-se dado durante o tempo de Moisés.[8] No caso da bênção patriarcal de Gênesis 49, uma fatia igual na lei das heranças é evidente nas leis de Lipit-Istar (século XX a.C.). Todavia, 200 anos mais tarde, no Código de Hamurábi (século XVIII a.C.), uma distinção é feita entre os filhos da primeira mulher de um homem — que têm a primeira escolha — e os filhos de sua segunda esposa. Então, quando comparamos os textos

de Mari e Nuzi (século XVIII a XV a.C.) descobrimos que um primogênito natural recebeu uma porção dobrada enquanto um filho adotado não recebeu. As leis neobabilônicas do primeiro milênio refletem uma progressão semelhante, com os filhos de uma primeira esposa recebendo uma porção dobrada e os demais recebendo uma porção única.

O egiptologista britânico Kenneth Kitchen sugere um número de outras comparações sociais do registro arqueológico que oferecem correlação com uma data no segundo milênio.[9] Sua lista inclui o preço de escravos em siclos de prata (como com José, Gn 37.28), a forma específica de tratados e alianças (Gn capítulos 21, 26, 31), condições geopolíticas (Gn 14), e referências ao Egito (Gn capítulos 12,45-47). Exemplos adicionais propostos por eruditos incluem a domesticação de camelos (Gn 12.16), que foi atestada em textos até anteriores aos patriarcas,[10] a adoção de filhos através de substituição (Gn 12.16), testemunhadas por contratos de casamento na antiga Assíria (século XIX a.C.)[11], no Código de Hamurábi e em Nuzi, da lei mesopotâmica garantindo os direitos de herança de um filho adotado (assim como Eliézer em Gn 15.2-4).[12] Em cada um desses textos, a informação arqueológica parece concordar exatamente com a nossa informação das condições naquela época. Por isso, de acordo com a mudança dos costumes sociais refletida por essas leis, somente o contexto do segundo milênio vai encaixar-se no tipo de prática de herança dos patriarcas.[13]

Os nomes dos patriarcas

Um modo de determinar o espaço cronológico de personagens históricos é considerando seus nomes. Nomes tendem a refletir um ambiente cultural específico no tempo. Considere por um momento os nomes de seus pais e avós. Minhas avós chamavam-se Tabitha e Jesse, e meus avôs, Peyton e Ernest. O nome de minha mãe é Maurine e do meu pai era Elmo. Porque tais nomes são peculiares a um tempo eles raramente são passados adiante (exceto como iniciais) para a próxima geração. Hoje, na cultura americana é mais comum encontrar um Brandon, uma Sabrina ou Meagan. As principais exceções são nomes imortais tirados de grandes personagens do passado, mais freqüentemente figuras bíblicas. Por esta razão sempre teremos Davis, Marias, Joãos e Paulos.

Comecemos a considerar os nomes dos parentes mais próximos de Abrão, como seu bisavô Serugue, seu avô Naor e seu pai Tera (e o próprio nome de Abrão). Pesquisadores confirmaram que estes nomes aparecem em antigos textos assírios e babilônios e aqueles textos neo-assírios e correspondem aos lugares na região Eufrates-Habur da Siro-Mesopotâmia. Esta ligação geográfica com Abrão e sua linhagem concorda com os relatos bíblicos de que sua família veio



17. Sítio de escavação na porta de Laís com 4 mil anos de idade, em Tel Dã.

de Ur e se estabeleceu em Harã (Gn 11.28,31). Além disso, se tentarmos colocar os nomes dos patriarcas num ambiente cultural, descobriremos que eles são mais proeminentes no grupo lingüístico semita do noroeste da população amorita do início do segundo milênio a.C. (como Mari), e exemplos do terceiro milênio também têm sido atestados em Ebla. Nomes com um prefixo i/y, como *Yitzchak* ("Isaque"), *Ya'akov* ("Jacó), *Yoseph* (José) e *Yshmael* ("Ismael"), pertencem a este tipo de nome, e a freqüência com que aparecem diminui significativamente no primeiro milênio e daí em diante.[14]

Assim, o tempo durante o qual os homens com este nome teriam vivido seria o período pré-israelita — um fato que está de acordo com o texto bíblico.

Os lugares dos patriarcas

Os lugares mencionados nas narrativas patriarcais também revelam uma consistência histórica quando comparados à evidência arqueológica das ruínas de Ur, Hebrom, Berseba e Siquém. Em particular, a cidade de Harã na Mesopotâmia superior, que no texto bíblico parece ter sido um centro comercial durante o tempo de Abraão, foi abandonada depois do período patriarcal e continuou desocupada desde cerca de 1800 a.C. até 800 a.C. Observando este ponto, Barry Beitzel, um arqueólogo da Trinity Evangelical Divinity School, observa: "É altamente improvável [que alguém inventando uma história mais tarde] escolhesse Harã como um local-chave quando a cidade não havia existido por centenas de anos".

Será que Abraão passou por esta porta?

O sítio israelita de Tel Dã nas montanhas de Golã preserva o nome da antiga cidade de Dã, que muitos leitores da Bíblia se lembram por causa da descrição geográfica da Bíblia "De Dã até Berseba." De acordo com alguns textos egípcios de execração, o antigo nome de Dã era Laís (*veja* Jz 18.7,14).[15] Esse teria sido o nome da cidade no tempo dos patriarcas. As escavações arqueológicas neste sítio revelaram uma grande cidade cananita com cultura altamente desenvolvida, ricas tumbas, e enormes fortificações diagonais de defesa. A grande surpresa na escavação foi descobrir no meio das fortificações um portão de tijolos de 4 mil anos com um arco (uma realização arquitetônica que pensava-se ter sido inventada pelos romanos 2 mil anos depois!). Ainda mais incrível é o fato de que este muro de tijolos ainda permanece de pé hoje exatamente como foi construído originalmente, completo até em cima.[16] Esta serviu como principal porta para Laís, e teria sido usada por todos os que visitavam a cidade. De acordo com Avraham Biran, isso poderia ter muito bem incluído os patriarcas:



18. Reconstrução do muro da cidade de Laís conforme parecia no tempo de Abraão.

> Abraão, no livro de Gênesis, prosseguiu em derrotar os reis do Norte que levaram seu sobrinho Ló como prisioneiro, e o texto diz em Gênesis 14 que: "Abraão os perseguiu até Dã." Agora, é claro, naqueles dias o nome da cidade era Laís e não Dã. Eu imagino que o copista bíblico que achou o nome Laís tenha dito: "quem ainda lembra de Laís, ela se foi, está esquecida," então ele escreveu Dã. Mas para o meu modo de pensar, Abraão, sem dúvida, foi convidado a visitar a cidade de Laís e pelo que sei passou pelo muro antes que ele fosse bloqueado.[17]

Um lugar como a porta de Laís provê confirmação que, conforme declara o registro bíblico, havia de fato uma cidade em Dã no tempo de Abraão, desta forma acrescentando credibilidade à narrativa patriarcal.

Prova para os patriarcas no forte Abrão

Outro lugar do período israelita tem sido proposto como evidência incidental para confirmar a existência dos patriarcas. Construída no Neguebe por Davi ou Salomão no começo do século X a.C. como parte de uma linha de defesa contra os egípcios, o nome do lugar é listado num texto em hieroglifo sobre o relevo da parede no templo de Amon, em Carnaque (Luxor, Egito). O nome deste lugar é "O Forte de Abrão" ou "Cidade Fortificada de Abrão". Yohanan Aharoni acreditava que "forte Abrão" era o termo usado pelos egípcios para a cidade israelita de Berseba. Isso porque na lista egípcia das cidades do Neguebe, Berseba não é mencionada, todavia era um lugar proeminente duran-

te aquele tempo. A explicação mais plausível para isso é que o novo lugar de defesa em Berseba tinha recebido o nome de Abrão porque ele foi o fundador original da cidade (Gn 21.22,23). Como Ronald Hendel explica: "Quando o governo levanta fortificações, é natural chamá-las pelos nomes de ilustres heróis locais ou nacionais. Abrão, com a fama bíblica, certamente preenche os requisitos".[18]

O clima dos patriarcas

Através das eras, mudanças nos ciclos climáticos global e regionais afetaram o movimento das populações humanas. Em Gênesis lemos que os patriarcas se mudaram de lugar em lugar por causa de desastres regionais e fomes. Hoje, o clima moderno do Oriente Próximo é muito mais seco e árido do que era em tempos antigos da história. Porque as condições atuais não refletem as antigas, quando os arqueólogos querem conferir os relatos patriarcais das condições climáticas, eles têm que comparar o registro documentário antigo das mudanças climáticas com a evidência revelada nas escavações, amostras de essências e pólen e calibração radiocarbônica.

De acordo com o arqueólogo James Sauer, que tem feito escavações exaustivas e pesquisas climatológicas na Jordânia e na Síria, a evidência material concorda com os registros históricos para substanciar as tradições bíblicas do período do Bronze Médio.[19] Ele descobriu que durante o tempo do terceiro milênio a.C. a região inteira teria sido muito mais úmida. Isso teria feito o vale do Jordão, especialmente ao redor da presente área do mar Morto (onde as narrativas patriarcais colocam as cidades da planície), uma região fértil — exatamente como a Bíblia descreve. Além disso, a evidência para ciclos áridos durante este período é muito correlata com as fomes documentadas nos registros arqueológicos do Egito, Canaã e regiões circunvizinhas. Estas, em contrapartida, verificam padrões ambientais como os dos patriarcas, que buscaram alívio de tais condições. Esta evidência levou Sauer a concordar com as conclusões anteriores de Albright concernentes à antigüidade dos patriarcas e sugerir:

> Uma vez que as lembranças das mudanças climáticas e da geografia antiga parecem acuradas, sugeriria-se até que algumas destas tradições possam não ter sido escritas pela primeira vez no século X a.C., mas de fato muito antes.[20]

O testemunho de Gênesis capítulo 14

Todavia, outra corroboração da historicidade e antigüidade das narrativas patriarcais é encontrada no relato de uma invasão da baixa Canaã por uma coalizão de reis da Mesopotâmia (*veja* Gênesis 14). Na batalha seguinte, Ló,

sobrinho de Abraão, que vivia em Sodoma, foi capturado e levado com sua família (Gn 14.12). Abraão entrou na guerra e resgatou seu parente e depois da vitória encontrou com Melquisedeque, o rei-sacerdote de Sodoma (vv. 18-24). Tão especial é este relato que os altos críticos têm sido forçados a chamá-lo de farsa ou creditá-lo a uma fonte isolada (separada das supostas fontes documentais da escola da Alta Crítica usadas na composição do livro de Gênesis e baseada no uso de diferentes nomes para Deus no texto e supostamente na influência sacerdotal referida como J = Javista, E = Eloísta, S = Escola Sacerdotal). O que torna este capítulo tão impressionante é sua listagem de nomes e lugares tão detalhada e precisa (tanto estrangeiros como locais), várias vezes explicada incidentalmente por mais nomes contemporâneos, como "o vale de Sidim" para "o mar Salgado" (mar Morto – v. 3). Ou "o vale de Savé" para "o vale dos Reis" (o baixo "vale do Cedrom" – v. 17). Tais esclarecimentos literários estão entre os traços que indicam que este capítulo tenha a marca da antigüidade.

Apesar do fato de que aqueles reis nomeados em Gênesis 14 ainda tenham que aparecer nos relatos bíblicos cuneiformes, nós sabemos que os nomes certos estão conectados com os lugares certos. Sabemos disso porque enquanto os personagens específicos não são mencionados fora da narrativa do Gênesis, tais nomes aparecem em vários textos mesopotâmios deste período. Para demonstrarmos isso, consideremos os nomes de quatro reis do Leste dados em Gênesis 14.1.

"Anrafel, rei de Sinar" é visto como um típico nome semita ocidental da baixa Mesopotâmia, encontrado tanto em fontes acadianas como amoritas, e possivelmente conectado com o nome amorreu *Amud-pa-ila.*[21] "Sinar", em textos egípcios, é usado para Babilônia.[22] "Arioque, rei de Elasar", aparece como o *Arriyuk(ki)/Arriwuk(ki)* nos textos de Mari (amorreus) e Nuzi (horeus).[23] Em Mari este era o nome do quinto filho de Zinri-Lim, rei de Mari.[24]

"Quedorlaomer, rei de Elam" é claramente um nome elamita, baseado em termos elamitas familiares: *kudur* ("servo") e *Lagamar*, uma deusa principal no panteão elamita.[25] Ele se encaixa no tipo de nomes reais elamitas conhecidos como um tipo *Kutur*, e é conhecido de pelo menos três exemplos reais.[26] "Tidal, rei de Goim", é bem atestado como uma forma antiga do nome heteu *Tudkhalia*, que era o nome de pelo menos cinco governantes heteus.[27] Diz-se que um serviu como "rei de povos/grupos," o que reflete a fragmentação política que existia no império heteu em Anatólia (Turquia) durante os séculos XVIII e XIX a.C. e permitia o tipo de aliança descrita em Gênesis 14.[28]

As condições políticas descritas pela aliança em Gênesis 14 e aquela da coalizão transjordaniana dos reis da bacia do mar Morto foram possíveis em apenas um período da história — o início do segundo milênio a.C. Somente neste tempo o registro arqueológico revela que os elamitas estavam agressivamente envolvidos em assuntos da região (o Levante), e somente neste período as alianças mesopotâmicas eram tão instáveis para permitir tal confederação.[29] O termo "Goim" é uma tradução hebraica da palavra acadiana *Umman*, um termo usado para caracterizar vários povos que vieram como invasores.[30] Assim, este rei era provavelmente um governante andarilho que assimilou várias tribos e províncias em seus exércitos. Dado este entendimento e a mudança do quadro político, é lógico que um rei elamita encabeçasse uma coalizão mesopotâmica de cidades-estado e lançasse um ataque punitivo contra os rebeldes reis cananeus. Depois deste período, e especialmente durante o primeiro milênio a.C., o mapa político tornou-se completamente incompatível com as condições necessárias para tal formação.

A estes indicadores de historicidade ligados ao tempo, podemos acrescentar 1) a exatidão da rota de invasão tomada pelos reis do Leste, 2) o uso de um termo hebraico para "criados" no versículo 14, que é atestado fora desta passagem apenas no século XIX a.C. Um texto egípcio e uma carta do século XV a.C. de Ta'anak e 3) a descrição de Melquisedeque, que acuradamente descreve o ambiente do segundo milênio.[31] Estes detalhes em Gênesis 14, atestados em documentos extrabíblicos de tempo, podiam não ter sido inventados e corretamente atribuídos às suas respectivas nações e ambientes geográficos por um escritor hebreu vivendo num período posterior. Assim, a antigüidade deste relato, dentro do contexto mais amplo das narrativas patriarcais, indica que existe razão substancial para considerar o todo como historicamente acurado.

As tumbas dos patriarcas

No caso dos patriarcas de Israel, a arqueologia tem preservado para nós não apenas suas memórias, mas também seus memoriais. Nós geralmente dizemos de um modo figurado que as pessoas "enterram suas memórias", mas normalmente esta frase não é usada em sentido literal. Elas geralmente não fazem isso tão literalmente. Porém, quando se trata dos patriarcas (e matriarcas), os lugares de seus sepultamentos ainda estão conosco hoje. Que histórias estas tumbas contam?

O lugar do sepultamento dos patriarcas

Um dos mais conhecidos e controversos sítios na terra de Israel é a Tumba dos Patriarcas na cidade de Hebrom. O conflito que envolve esta cidade hoje

entre judeus e árabes pelo direito a este lugar sagrado é um testemunho de eras a favor da presença dos patriarcas, dos quais ambos os grupos alegam descender. Na Bíblia lemos que depois da morte da esposa de Abraão em Quiriate-Arba (Hebrom), Abraão comprou de Efrom, o heteu, uma caverna para sepultamento para sua família em Macpela (Gn 23.17-20).[32] A Bíblia registra que nas tumbas desta caverna foram sepultados Abraão e Sara, Isaque e Rebeca, Jacó e sua esposa Lia. Indubitavelmente, seu caráter como lugar dos patriarcas fez da cidade a escolha de Deus para a capital do país sob o reinado de Davi (2 Sm 2.1-4; 5.3-5). Sobre a área da caverna hoje permanece de pé uma maravilha arqueológica — uma construção ainda intacta com mais de 2 mil anos. Este edifício, que foi construído para comemorar e preservar o lugar do sepultamento deles, é datado pela maioria dos eruditos como do tempo de Herodes, o Grande. Outros eruditos, porém, acreditam que a construção original é muito mais antiga.

Ninguém na história recente explorou o interior da caverna,[33] mas existe evidência da presença de várias tumbas em covas da Era do Bronze Médio I debaixo do prédio. A única entrada para a caverna durante os tempos modernos foi logo depois que Israel ganhou de volta o acesso ao local durante a Guerra dos Seis Dias, em junho de 1967. Moshe Dayan fez uma garota israelita bem magra, chamada Michael, passar através da única entrada disponível para



19. Tumba dos patriarcas em Hebrom, sobre a caverna de Macpela.

a caverna, uma entrada de ar de onze polegadas dentro do nível superior da construção.[34]

Enquanto sentia seu caminho em completa escuridão, ela media e fotografava um longo corredor (cerca de 19 metros) e 16 degraus que levavam a uma câmara maior. Além da presença de vários blocos de pedra, que podiam ser pedras de tumbas (uma estava escrita em árabe com palavras do Alcorão), nada deste ponto em diante podia ser examinado. Visitantes à Tumba dos Patriarcas hoje não podem nunca entrar exceto no nível superior do edifício, onde *centotaphs* (tumbas comemorativas) dos patriarcas e matriarcas podem ser vistas.

O lugar do sepultamento de Raquel

De acordo com a Bíblia, dois membros da família de Abraão não foram incluídos na caverna de sepultamento — a esposa favorita de Jacó, Raquel, e seu estimado filho José. José foi enterrado em Siquém (moderna Nablus), mas o lugar de seu sepulcro é incerto. Raquel, que morreu no caminho para Belém, foi enterrada nesta vizinhança. Uma tradição muito moderna situa o lugar de sua tumba onde ela está hoje ao longo da estrada de Hebrom, na entrada para Belém, mas é duvidoso que este seja o lugar verdadeiro do enterro, baseando-nos numa comparação geográfica cuidadosa das descrições bíblicas do livro de Gênesis, 1 Samuel e Jeremias. O relato de Gênesis diz que Raquel foi enterrada na estrada para "Efrata (que é Belém)" (Gn 48.7). Belém hoje está localizada ao sul de Jerusalém no território designado à tribo de Judá. Porém, Jeremias, aludindo à morte de Raquel, diz que ela está "em [ou perto de] Ramá" (Jr 31.15), uma área ao norte de Jerusalém (A-Ram dos dias atuais) na herança tribal de Benjamim. Esta localização próxima a Ramá ou a Gibeá (logo a leste de Ramá) parece sustentada pela declaração de Samuel de que o "sepulcro de Raquel" estava "no termo de Benjamim, em Zelza" (1 Sm 10.2). O lugar original de Efrata tem sido identificado com uma cidade antiga construída perto da fonte de Ein Prat, onde a estrada de Betel à fonte primeiro passa entre Ramá e Gibeá. Somente a uma pequena caminhada deste local estão localizadas cinco grandes estruturas de pedras que, desde os tempos antigos, os árabes têm chamado de *Kub'r B'nai Yisrael* ("Os Sepulcros dos Filhos de Israel"). A origem destas estruturas retangulares permanece um mistério; tem sido cuidadosamente sugerido que elas datem da era megalítica (2000-1500 a.C.), uma delimitação de tempo que inclui os patriarcas.[35] Durante o último século Clermont-Ganneau identificou o lugar como a tumba de Raquel.[36] Argumentos posteriores em favor do local foram feitos recentemente pelo topógrafo e naturalista israelita Nogah Hareuveni.[37]



20. O autor com estruturas megalíticas chamadas "Os Túmulos dos Filhos de Israel" em Efrata, identificadas com o túmulo de Raquel.

Então, enquanto podemos ter apenas evidência circunstancial para a existência dos patriarcas — baseada em documentos do antigo Oriente Próximo que refletem seus costumes e práticas — podemos também acrescentar a isso o testemunho de suas tumbas desde a antigüidade.

Ainda outro desafio

Podemos concluir que, baseado na arqueologia, temos um bom argumento para traçar uma linha histórica confiável para os patriarcas. Documentários paralelos, lugares mencionados no relato bíblico, a precisão dos detalhes históricos, e a contínua existência das tumbas atribuídas a eles desde a antigüidade têm ajudado a iluminar nosso entendimento sobre esta era. Todavia, uma história do período patriarcal tem sido considerada como tão absurda que críticos a têm usado para pintar a forma dentro deste esboço histórico como fantasia. Esta é a história da destruição de Sodoma e Gomorra e das cidades da planície (Gn 18—19). A resposta da arqueologia para este desafio de historicidade será considerada em nosso próximo capítulo, então continue lendo!

Datas propostas para os patriarcas

EVENTO/PERSONAGEM BÍBLICO	PERÍODO	DATA(S)	PROPONENTES	PADRÃO	ESCRITO PRIMEIRO	EVIDÊNCIA
ANTIGA DATA 1 - FINAL DO 3º, INÍCIO DO 2º MILÊNIO A.C.						
Abraão Entrada em Canaã (Gênesis 12.14)	Bronze Médio I Bronze Médio I	2166-1991 2091	Archer Barker Woltke J. Davis (Fundamentalistas/ escolas Evangélicas)	Interno Cronologia Bíblica	Moisés	Antigüidade de relatos (Gn 14) Migração nômade Nomes pessoais, lugares Escavação em Ur, Ebla Amorreus (séculos XX a XVIII a.C.) Condições geopolíticas (BM IIA) Clima da região em BM I
Isaque Oferecido no Monte Moriá (Gênesis 22)	Bronze Médio I Bronze Médio I	2066-1886 2051				
Jacó Entrada em Harã (Gênesis 28.5)	Bronze Médio IA Bronze Médio IA	2006-1859 1929				
ANTIGA DATA 2 - FINAL DO 2º MILÊNIO A.C.						
Acontecimentos Patriarcais	Bronze Médio IIA	2000-1800	Glueck Albright	Arqueologia	Monarquia	Cerâmica no Neguebe O mural de Beni-Hasan (1890 a.C.)
Acontecimentos Patriarcais	Bronze Médio II A-B	1991-1786	Kitchen Milland	Cronologia Egípcia	Moisés	Antecedentes egípcios (Reino Médio) Condições geopolíticas (Gênesis 14)
Acontecimentos Patriarcais (tradições lembradas)	Bronze Médio II B-C	1750-1550	A. Mazar	Arqueologia	Corte de Davi e Salomão	Os arquivos Mari/Nuzi Próspera cultura urbana Dinastia dos Hicsos
DATA RECENTE - 1º MILÊNIO A.C.						
Acontecimentos Patriarcais (lembrados na monarquia)	Ferro IA	1250-1150 (período de estabelecimento)	Aharoni Z. Herzog	Arqueologia	Monarquia Unida	Escavações em Berseba (no BM) Anacronismos no relato de Gênesis
DATA EXTREMA- EXÍLIO - PÓS-MACABEUS						
Tradições Patriarcais (criadas como história religiosa)	Persa/Grego	400-165	T.L. Thompson Van-Secters	Crítica da Forma Análise da Estrutura	Exílio/ pós-exílio	Tradição literária/Tradição oral Uso do folclore teoria de JEDP

6

Sodoma e Gomorra

História salgada ou cidades pecadoras?



A Bíblia, ao contrário de outras literaturas religiosas do mundo, não é centrada numa série de ensinos morais, espirituais e litúrgicos, mas na história de um povo que viveu num certo tempo num certo lugar... A fé bíblica é o conhecimento do sentido da vida à luz do que Deus fez numa história específica. Assim, a Bíblia não pode ser entendida a menos que a história que ela relata seja tomada a sério. O conhecimento da história bíblica é essencial para o entendimento da fé bíblica... Se a natureza de tais períodos deve ser apropriadamente entendida, e os eventos bíblicos encaixados em seu contexto original na história antiga como um todo, os antecedentes originais para o material bíblico têm que ser recuperados com a ajuda da arqueologia.[1]

— *G. Ernest Wright*

A Bíblia registra que no tempo de Abraão, uma pentápolis (um grupo de cinco cidades) se estendia ao longo da bem irrigada planície na porção sul do Vale do Jordão (Gn 13.10-11).

Em um dos relatos mais memoráveis da Bíblia, lemos que uma destruição cataclísmica cobriu duas destas cidades — Sodoma e Gomorra (Gn 19.24-29). De acordo com a Bíblia, os habitantes eram tão ímpios (Gn 18.20; 19.1-13) que uma chuva de "fogo e enxofre" foi enviada por Deus em juízo. Como resultado, a reputação das cidades como "cidades de pecado" tornou-se um exemplo

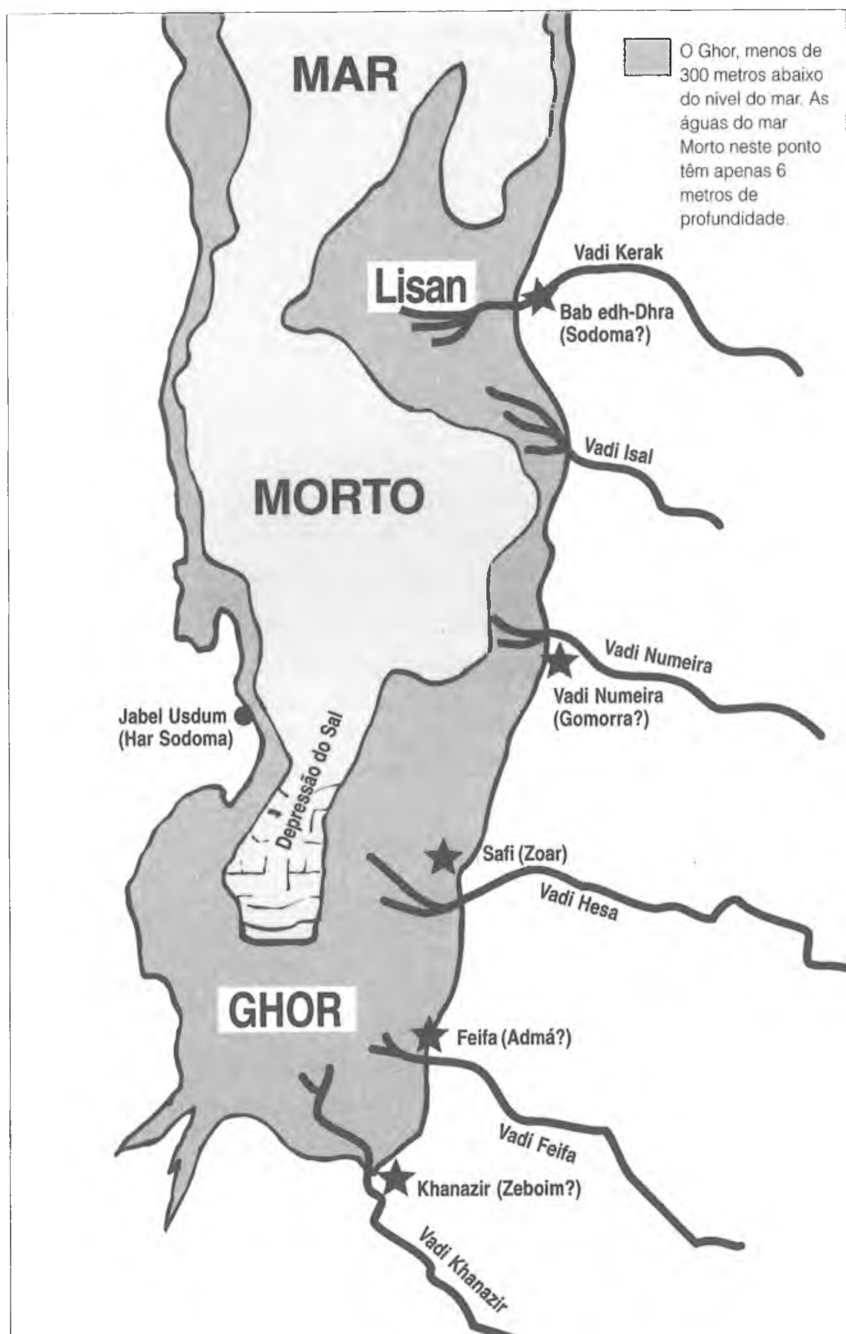
na Bíblia; os profetas e Jesus freqüentemente usando a frase "como Sodoma e Gomorra" em advertências de castigo divino. A infâmia destas cidades persiste até hoje preservada em nossa palavra portuguesa *sodomia*.

Ceticismo dos eruditos

Para muitos eruditos da Bíblia e arqueólogos, a história de Sodoma e Gomorra é apenas isso — uma história. Os mais críticos eruditos da Bíblia, como Theodor Gaster, chamaram-na de "história puramente mítica". Para a maioria dos eruditos críticos ela é uma "extraordinária história-origem" criada por contadores de história israelitas mais tarde para comunicar assuntos teológicos e sociais, não para preservar a memória dos lugares e acontecimentos históricos. Outros eruditos dizem que existe uma fração de historicidade dentro de um grande conteúdo de tradição literária posterior. Não é totalmente ficção, mas um "fragmento de memória local," tomada por israelitas e ampliada pela imaginação. Assim, a história incorpora uma explicação extrabíblica pré-israelita dos que viviam na região pela degeneração de seu ambiente e perturbações militares.

Algumas tentativas científicas para validar o evento histórico têm sido inconsistentes em seu tratamento da evidência bíblica e arqueológica. Num livro recente[2], dois geólogos argumentam que um forte terremoto (mais de 7 pontos na escala Richter) ocorreu ao longo de uma falha do vale aberto onde o mar Morto repousa hoje. Eles conjeturam que este terremoto, que incendiou "leves frações de hidrocarbono escapando dos reservatórios subterrâneos" (a "chuva de fogo e enxofre") destruiu Sodoma, Gomorra e Jericó, e até parou o rio Jordão por vários dias. Dizem que estes acontecimentos ocorreram todos simultaneamente por volta de 2350 a.C.

Com esta conclusão aglomerando os destinos bíblicos de Sodoma e Gomorra e o de Jericó (que só ocorreu mais de 900 anos depois), é óbvio que a alta consideração destes autores por geologia e climatologia não é da mesma forma estendida às Escrituras. Pelo contrário, eles disputam que estes relatos bíblicos foram o resultado de lembranças primitivas destes desastres geológicos, os quais foram mal recontados nas tradições religiosas das pessoas através dos tempos. Conseqüentemente, estes eventos foram ingenuamente atribuídos a Deus e erroneamente ligados a diferentes histórias dentro da historiografia israelita. A despeito de sua "abordagem científica," os autores não oferecem evidência histórica ou arqueológica para sustentar sua teoria, e, como um revisor arqueológico observou, eles cometeram "numerosos erros discutindo sítios arqueológicos e teorias."[3]



As cinco cidades da Planície, todas mais ou menos no mesmo nível acima do mar Morto, e cada uma localizada ao lado de um rio.

Declarações da antigüidade

Os escritores que redigiram a Bíblia, em contraste, acreditavam que a narrativa era história genuína. Eles citaram-na como referência de valor histórico, pois que valor histórico uma fábula teria para convencer uma audiência da certeza do julgamento de Deus? A menção da destruição de Sodoma e Gomorra por tantos autores bíblicos para diferentes audiências testifica do reconhecimento universal do evento no antigo Oriente Próximo (*veja* Dt 29.23; 32.32; Is 1.9,10; 3-9; 13.19; Jr 23.14; 49.18; 50.40; Lm 4.6; Ez 16.46-49; 53-56; Am 4.11; Sf 2.9; Mt 10.15; 11.23-24; Lc 10.12; 17.29; 2 Pe 2.6; Jd 7; Ap 11.8). Além disso, antigos historiadores não bíblicos também escreveram sobre Sodoma e Gomorra de uma maneira realista.[4] Alguns até afirmaram que evidências de sua destruição podiam ser vistas em seus dias (*veja especialmente* Filo, De Abrahamo 140f).[5] É por isso que, apesar das contestações dos críticos de que o relato original foi uma invenção posterior ou uma lembrança mal aplicada, tem havido repetidos esforços por parte de alguns arqueólogos para localizar as cidades históricas de Sodoma e Gomorra.

A busca por Sodoma e Gomorra

A busca por Sodoma e Gomorra tem geralmente concentrado-se na região do mar Morto, apesar de alguns eruditos terem argumentado que por causa da suposta atividade vulcânica (o fogo e o enxofre) o sítio devia ser procurado na Arábia[6] ou Iraque.[7] Todavia, o texto bíblico especifica "o vale de Sidim (que é o mar Salgado)" (Gn 14.3), um conhecido nome para o mar Morto.

Em 1924, o renomado arqueólogo W.F. Albright e o reverendo M. Kyle conduziram uma expedição para investigar a extremidade ao sul do mar Morto.[8] Albright acreditava que as cidades estavam debaixo das águas ao sul da península de Lisan. Ele não tinha o equipamento que lhe possibilitaria confirmar sua teoria. Em 1960, Ralph Baney explorou o solo do mar nesta região usando um sonar e equipamento de mergulho. Ele descobriu árvores de pé em posição de crescimento numa profundidade de mais de 7 metros, provando a teoria de Albright de que as águas do mar Morto haviam levantado e submergido antigas áreas de terra, mas ele não localizou nenhum traço de estruturas antigas que pudessem ser resquícios das cidades.[9] Como resultado, muitos eruditos que sustentavam a existência de Sodoma e Gomorra concluíram que ou a destruição fora tão completa que nenhum traço sobrevivera, ou que os resquícios estavam além de toda esperança de recuperação.[10] Ainda assim, a maioria dos eruditos bíblicos sentia que Sodoma e Gomorra haviam

se localizado em um canal sob o presente fundo do mar Morto, ou um local conhecido como Jebel Usdum, um domo de sal na costa sudoeste do mar Morto. Todavia, estas teorias foram baseadas em especulação, não em apoio arqueológico ou geológico.

Durante sua busca, Albright também descobriu estruturas sobre a terra no litoral leste da Transjordânia atravessando a península de Lisan. Em um sítio conhecido em árabe como Bab edh-Dhra, ele encontrou resquícios de uma comunidade estabelecida e muitíssimo fortificada com construções muradas, um ambiente extenso ao ar livre, casas, numerosos cemitérios e artefatos espalhados — todos sinais de que uma grande população morou um dia ali. Do lado de fora das ruínas, para o leste, estava um grupo de grandes blocos de pedra caídos (colunas) medindo 4 metros de comprimento. Albright interpretou isto como parte de uma instalação para ritos religiosos. Ele datou a cidade como sendo do terceiro milênio a.C. (Idade do Bronze Antigo, 3150-2200 a.C.), e acreditou que o sítio também havia deixado de ser ocupado dentro daquele período. Ele sentiu que havia uma conexão entre este sítio e as cidades da planície, mas porque fracassou em achar uma extensa camada de escombros, teorizou que ele só havia servido como um centro de peregrinação sagrada que era visitado anualmente.



21. Muro oeste de Bab edh-Dhra, olhando para o norte (Sodoma bíblica?).

A escavação de Bab edh-Dhra

Em 1965 e 1967, escavações no sítio de Bab edh-Dhra foram conduzidas por Paul Lapp sob os auspícios da *American Schools of Oriental Research* (Escolas Americanas de Pesquisa Oriental). Estas foram mais tarde continuadas por Walter Rast e Thomas Schaub, começando em 1973.[11] As escavações revelaram que o muro de fortificação que circundava a cidade tinha mais de 7 metros de largura! Ele era todo segmentado e o último segmento tinha um portão ladeado por duas torres idênticas. Dentro desta área murada estava uma cidade inferior de casas de tijolos ao longo do lado noroeste do templo cananita, com um altar em semicírculo e numerosos objetos cúlticos. Fora da cidade eles encontraram um enorme cemitério com milhares de pessoas sepultadas. Uma tumba sozinha comportava 250 indivíduos junto com uma riqueza de bens para sepulcros. Era óbvio que a cidade tinha sido uma comunidade proeminente na Era do Bronze Antigo.

Mas alguma coisa mais captou a atenção dos escavadores: a evidência da extensiva destruição por fogo. A área da cidade estava coberta por uma camada de cinzas com muitos metros de espessura. O cemitério também revelou depósitos de cinzas, colunas e vigas queimadas, e tijolos que haviam se tornado vermelhos por causa do intenso calor. O que teria causado este incêndio? Poderia haver muitas razões por que uma cidade antiga foi destruída por fogo, mas no sítio de Bab edh-Dhra, o mais extremo norte dos sítios, temos algumas evidências muito interessantes que prontamente se encaixam com o relato bíblico de Sodoma e Gomorra. O arqueólogo Bryant Wood, que se especializou na procura por Sodoma, explica:

> A evidência sugere que este sítio de Bab edh-Dhra é a cidade bíblica de Sodoma. Perto daquele sítio, cerca de um quilômetro mais ou menos, os arqueólogos encontraram um vasto cemitério indicando que em algum tempo houve uma grande população vivendo aqui neste lugar. À medida que começaram a escavar o cemitério, eles descobriram que na fase final, exatamente na época em que a cidade foi destruída, houve um tipo específico de sepultamento que era praticado naquele tempo... O morto era sepultado num prédio bem na superfície — uma estrutura que os arqueólogos chamaram de casa mortuária. Antes daquela última fase, eles cavavam tumbas profundas e enterravam seus mortos sob a superfície da terra. Mas durante aquela última fase, eles enterravam seus mortos nestas construções feitas de tijolos erguidas bem na superfície do solo. Algumas destas estruturas eram retangulares, algumas delas eram redondas, mas todas elas tinham uma característica em comum — haviam sido queimadas — de dentro para fora.



22. O autor próximo a depósitos de cinza de dois metros em Bab edh-Dhra (Sodoma?).

Inicialmente, os arqueólogos que escavaram estas construções pensaram que talvez esta era alguma forma de prática de higiene na antigüidade, que por causa dos corpos que eram colocados lá dentro, precisavam queimar o interior da estrutura para de alguma forma limpá-la por motivos de saúde. Mas enquanto investigavam exatamente como esta queimada acontecia, eles tiveram que mudar de opinião sobre isso. Num exemplo específico, quando estavam escavando uma dessas casas mortuárias, eles cortaram o que chamamos de faixa, através daquele prédio, à medida que cavavam a fim de terem uma divisão vertical daquela casa e da destruição, o que eles descobriram foi que o fogo não começou dentro do prédio, mas sobre o telhado do prédio, e depois de queimado o telhado, caiu sobre o interior da casa e então o fogo se espalhou por dentro da construção. E este era o caso em cada casa mortuária que eles escavaram.

Agora, aqui está algo que é bem difícil de explicar naturalmente. Você poderia explicar o incêndio com algum acidente que tivesse acontecido e o fogo teria se espalhado para a cidade. Ou com um terremoto chegando e fazendo o fogo se espalhar. Ou ainda, com um conquistador chegando e tomando a cidade e queimando-a. Mas como você explica o incêndio destas casas mortuárias num cemitério localizado a alguma distância da cidade? Os arqueólogos realmente não têm explicações para isso, mas a Bíblia nos dá a resposta. A Bíblia fala sobre a destruição de Deus sobre estas cidades por causa do seu pecado e fala que Deus fez chover fogo e enxofre do céu sobre estas cidades, e lá no cemitério



23. Resquícios de enterro do cemitério em Bab edh-Dhra (Sodoma bíblica?).

> nós temos evidência de que foi isso exatamente o que aconteceu. Os telhados destes prédios pegaram fogo, caíram e causaram o incêndio no interior dos prédios. Na cidade, não tivemos este tipo de evidência porque houve muita erosão. Temos evidência do incêndio pelas cinzas, mas nenhum telhado caído foi achado lá. Então, no cemitério temos a evidência que sustenta exatamente o relato bíblico.[12]

O terrível incêndio de Bab edh-Dhra implica a presença de mecanismo capaz de acender e queimar uma área tão vasta. O geólogo Frederick Clapp, que pesquisou a extremidade rasa ao sul do mar Morto (conhecido com Ghor) na década de 1920 e meados da década de 1930, observou seus abundantes depósitos de asfalto, petróleo e gás natural.[13] Isso nos lembra da declaração de Gênesis 14.10 de que o vale de Sidim estava cheio de poços de betume (piche). Além disso, existem formações incomuns de sal e cheiro de enxofre, que também nos lembra das referências em Gênesis 19.24-26 sobre um "pilar de sal" e enxofre. Clapp arrazoou que se estes materiais combustíveis tivessem sido expulsos da terra por pressão subterrânea causada por um terremoto (terremotos são comuns nestas áreas), eles podiam ter sido acesos pela luminosidade ou algum outro meio enquanto eram lançados da terra. Isso concorda com a descrição bíblica do desastre enquanto "fogo e enxofre... caíam do céu" com fumaça subindo "como a fumaça de uma fornalha" (Gn 19.24,28). Porque todos estes fatores favoreceram a localização sul do mar Morto, outras pesquisas desta região foram empreendidas com a esperança de encontrar apoio adicional para a conexão com as cidades bíblicas de Sodoma e Gomorra.

Uma pesquisa mais extensa

De acordo com o relato bíblico, cinco cidades — identificadas como Sodoma, Gomorra, Admá, Zoar e Zeboim — dominavam a região e eram conhecidas como "as cidades da planície." Sodoma e Gomorra eram as duas mais proeminentes cidades da pentápolis. Se aceitarmos a possibilidade de que Bab edh-Dhra tenha sido realmente Sodoma, então seria de se esperar que pudéssemos achar traços de outras cidades naquela mesma área geral.

Isso, de fato, tem sido o caso. Ao longo do litoral sul de Bab edh-Dhra está a cidade de es-Safi, identificada desde os tempos bizantinos com Zoar. As investigações de Rast e Schaub revelaram três outros sítios, um entre Bab edh-Dhra e es-Safi conhecidos como Numeira, e dois ao sul de es-Safi conhecidos como Feifa e Khanazir. Depois que pesquisas e escavações foram feitas nestes sítios, foi determinado que todos os sítios haviam sido destruídos e abandonados quase ao mesmo tempo (no final do período do Bronze Antigo III, cerca de 2450-

2350 a.C.). E mais, os mesmos depósitos de cinza que foram achados em Bab edh-Dhra foram também achados nestes sítios. De fato, em Numeira, uma cidade muitíssimo fortificada, uma camada tinha mais de 2 metros de espessura! Sob a camada de cinzas, escavadores encontraram resquícios em quase perfeitas condições, especialmente em casas onde paredes foram cobertas pelas cinzas.

Em cada uma destas cidades, os depósitos de cinzas haviam feito com que o solo tivesse a consistência de carvão esponjoso, tornando inviável que as pessoas se reinstalassem nele depois da destruição. O relato da destruição destas cidades da planície registra que quatro destas cidades foram destruídas, mas uma — Zoar — foi poupada a pedido de Ló (Gn 19.19-23). Todavia, também é registrado que Ló fugiu de Zoar porque estava com medo de viver ali, escolhendo viver em cavernas nas montanhas fora da cidade (Gn 19.30). Parece que por causa da destruição geral desta região, Zoar mesma foi também abandonada. Isso então correlacionaria a evidência arqueológica ao relato bíblico. Também é significativo que todas as cinco cidades ficassem na extremidade de Ghor, diretamente ao longo de sua falha leste. Isso torna possível a destruição de toda pentápolis através de um desastre relacionado a um terremoto, conforme previamente descrito.

Outro fator que sugere a identificação destas cidades com as cidades bíblicas é que a bacia sudeste — começando na extremidade norte da península de Lisan e continuando ao sul até Vadi Hasa (Nahal Zered) — é conhecida por ter sido o primeiro território para povoamento. Os cones aluviais (depósitos de solo dos ribeiros) e recursos para irrigação encorajaram pesada ocupação.[14] Neste sentido é significativo que cada um destes cinco sítios está ao longo de um *vadi**, que permitia que a cidade fosse alimentada por um riacho de água fresca. Albright havia teorizado corretamente que cada *vadi* em Ghor podia ter somente sustentado um centro urbano por causa da escassez de água (nos *vadis*), e porque uma comunidade acima do rio podia ter desviado a água para seu próprio uso, desprovendo quaisquer comunidades que estivessem rio abaixo.[15] Além disso, um estudo intenso da agricultura nesta área determinou que a economia antiga tinha sido baseada na irrigação. Isso se encaixa com a descrição geográfica das cidades da planície como "era como jardim do Senhor, como a terra do Egito" (Gn 13.10). Além disso, um terço do sul da península de Lisan (literalmente "língua"), onde estas cidades estão localizadas, é muito rasa — cerca de 6

---

*N. do T.: Denominação árabe para rios intermitentes e para os leitos destes rios.



24. Área de escavação em Numeira (Gomorra bíblica?).

metros de profundidade se comparados aos 429 metros de profundidade nos dois terços do norte. Este fato pode indicar que Lisan já foi uma planície que veio a ser inundada em tempos posteriores.

Estas ruínas são o único atestado dos sítios da Era do Bronze Antigo no lado sudeste do mar Morto. Porque os sítios deste período estão totalmente ausentes no lado oeste, parece que estes deveriam ser identificados com as cidades perdidas da planície. O único problema para alguns eruditos é a designação de uma Era de Bronze datando do tempo de Abraão e Ló. Thomas Thompson usou uma cronologia que colocava os patriarcas no ambiente do Bronze Médio I, o que o levou a rejeitar a presença patriarcal nas cidades da planície sob a suposição de que não havia sustentação histórica ou evidência arqueológica.[16] Todavia, quando consideramos a referência a estas cidades em Gênesis 14 (que melhor se enquadra numa data do terceiro milênio a.C.) e a provável referência a Sodoma em um dos tabletes Ebla (datados do Bronze Antigo III, 2650-2350 a.C.),[17] então a mudança para uma data do Bronze Antigo III está estabelecida, e o argumento de Thompson cai. Pois com esta mudança um importante conjunto de evidência arqueológica repentinamente aparece para a correlação bíblica do período patriarcal, especialmente destes sítios do mar Morto. Esta foi, de fato, a conclusão de um escavador que explorou estas cidades.[18]

Que cidade se encaixa em cada sítio?

Identificar estes sítios como as cidades da planície encoraja-nos a tentar identificar que sítios hospedaram que cidades. A Bíblia coloca em pares quatro das cidades — "Sodoma e Gomorra," "Admá e Zeboim". Uma vez que Zoar era uma cidade vizinha para a qual Ló pediu para fugir de Sodoma, Zoar tem que ser próxima à Sodoma e Gomorra. Deveriam Sodoma e Gomorra ser identificadas com as duas cidades ao norte de Zoar ou ao sul dela? A Bíblia sugere que Sodoma e Gomorra eram as mais proeminentes das duplas de cidades. Elas foram escolhidas para representar a pentápolis no derramamento do juízo de Deus (Gn 18.20,21). Destas duas cidades, Sodoma foi a única que Ló escolheu em seu desejo de ter o melhor (veja Gn 13.11,12). Era também a cidade cujo rei representava as outras cidades depois da morte dos reis da Mesopotâmia (Gn 14.7). Além disso, foi a cidade visitada pelos inquisidores para determinar a culpa do restante (Gn 18.22). Assim, Sodoma deve ter encabeçado todas as outras cidades da planície. Se esta também era uma liderança geográfica, então a cidade no mais extremo norte é a preferida, pois é o sítio mais visível das montanhas de

Betel, de onde Ló havia visto a cidade pela primeira vez (Gn 13.10-12), e de cujo ponto Abraão mais tarde observou sua destruição (Gn 18.27,28).

Das cinco cidades modernas, o lado norte de Bab edh-Dhra é claramente o maior e mais proeminente e, portanto, melhor identificado com Sodoma. Isso significaria que Numeira, bem ao sul de Bab edh-Dhra, deveria ser identificada com Gomorra. Afora o argumento dos pares, há evidência de que está é uma interpretação correta. Lingüisticamente, Numeira pode ser conectada com Gomorra, pois a designação do árabe moderno preserva o nome hebraico original.[19] Quanto ao sítio, os escavadores Rast e Shaub relataram que o setor sudoeste das ruínas revelou destruição por um extenso incêndio: "Este setor da cidade foi destruído por fogo. Os fundamentos dos prédios foram queimados sob toneladas de tijolos em chamas."[20] Além disso, em um dos cômodos selados por detritos de cinzas, e assim com artefatos quase no mesmo estado de quando a cidade encontrou o seu fim, mais de 5.000 sementes de cevada foram recuperadas. Nos tempos antigos, a cevada era usada para fazer pão e produzir cerveja. Estes produtos alimentícios podem indicar o abundante armazenamento de tais grãos na cidade e poderiam talvez refletir a declaração de Ezequiel de que um dos pecados de Sodoma (e de suas irmãs) era a "fartura de pão" (Ez 16.49).

Quando empregamos as informações disponíveis das escavações e o emparelhamento geográfico destas cidades, podemos identificar Bab edh-Dhra como Sodoma, Numeria como Gomorra, es-Safi como Zoar, Feifa como Admá e Khanazir como Zeboim. O diretor da Associates for Biblical Research (Associados para a Pesquisa Bíblica), Bryan Wood, acredita que a evidência é imperiosa e por isso conclui:

> Estas cidades da Era do Bronze Antigo, descobertas no país da Jordânia logo ao sudeste do mar Morto, formam uma linha norte-sul ao longo da bacia sul do mar Morto. Elas todas datam do tempo de Abraão e parece que são verdadeiramente as "cinco cidades da planície" mencionadas no Antigo Testamento.[21]

Uma mensagem para o nosso tempo

Se as evidências para estas cidades continuarem a se avolumar conforme espera-se das futuras escavações, então finalmente possuímos confirmação arqueológica da historicidade das cidades pecaminosas da Bíblia. Isso, é claro, é encorajador para aqueles cujas vidas são vividas em fé e não têm nada a temer de um Deus que uma vez julgou um grupo de cidades com fogo do céu. Mas para

aqueles que têm vivido pecaminosamente à vista dos céus, conforme o povo de Sodoma e Gomorra fizeram, pode haver pouco alívio. Estas cidades servem de aviso de que o Deus que puniu pecados no passado já marcou uma realização parecida. Mas desta vez Ele não vai se deter em apenas cinco cidades; Ele consumirá o mundo todo (2 Pe 3.10-12). Esta é uma profecia que não deve ser encarada levemente, pois Jesus advertiu que "no Dia do Juízo, haverá menos rigor para o país de Sodoma e Gomorra" do que para aqueles que sabiam destes fatos, mas esqueceram desta lição para sua vida (Mt 10.15). Em vista disso, o documento arqueológico que chamamos de Escritura aconselha que nos concertemos com Deus:

> Havendo, pois, de perecer todas estas coisas, que pessoas vos convém ser em santo trato e piedade, aguardando e apressando-vos para a vinda do Dia de Deus (2 Pe 3.11,12a).

Se estes sítios são realmente as cidades pecaminosas da Bíblia, elas confrontam nossa cultura atual com sua mensagem de que nosso presente modo de vida deveria ser vivido tendo em vista o futuro julgamento. Se pautarmos nossa própria conduta através deste aviso temporal, então assim como o fato de Sodoma e Gomorra estarem forçando o mundo a se lembrar, sua lição através de nós como crentes nunca será esquecida.

7

O êxodo

Primeira Páscoa: um artifício?



Um registro egípcio do êxodo dificilmente pode ser esperado do Egito... [Contudo] a tradição é um elemento tão vital na história israelita que torna a negação do evento simplesmente inacreditável.[1]

— *Alan R. Millard*

Enquanto estas palavras estão sendo escritas é Páscoa novamente na terra. Por todo o mundo, judeus (e muitos cristãos, *veja* 1 Coríntios 5.7-8) estão celebrando a redenção da escravidão no Egito. Numa cerimônia que a comunidade judaica tem celebrado em sucessão inquebrável por quase 3.500 anos, a Páscoa comemora o evento que foi o marco do início da nação judaica — o êxodo. É curioso, então, que mesmo sendo mantida a *Seder* (a refeição tradicional) e lida a *Hagaddah* (a história recontada), alguns eruditos judeus e cristãos acreditem que o êxodo nunca aconteceu! Por exemplo, o Rabi Sherwin Wine, fundador do judaísmo humanista, tem discutido que o êxodo tenha sido "criado por sacerdotes escribas em Jerusalém" que usaram "uma série de velhas lendas e distorceram lembranças que não tinham nenhuma relação com história."[2] Os eruditos em Antigo Testamento N.P. Lemche e G.W. Ahlström consideram o êxodo uma "ficção"[3] e "preocupado com mitologia ao invés do relato de fatos históricos."[4] Anos atrás, o erudito judeu Hugh Schonfield escreveu um livro

chamado *The Passover Plot* (A Conspiração da Páscoa), no qual ele concluiu erroneamente que Jesus havia encenado sua morte e ressurreição. Mas se a visão destes eruditos concernente ao êxodo estiver correta, então aquela terá sido a primeira conspiração da Páscoa!

A arqueologia explica um texto difícil

A narrativa bíblica das dez pragas é uma das mais memoráveis e fundamentais partes da história do êxodo. Quem não se lembra do rio que virou sangue, as hordas de gafanhotos, e o meu favorito pessoal quando criança — as pilhas de rãs! Será que esta é somente uma história supersticiosa ou houve um ambiente histórico para estas pragas incomuns? Olhando através de lentes arqueológicas para a religião do Egito, podemos entender as pragas como uma polêmica divina (ataque) contra os deuses fabricados dos egípcios (na tumba de Séti eu fotografei pelo menos 74). Associações entre pragas individuais e deuses específicos cujo controle dos elementos foram disputados ou destruídos por pragas podem ser feitas com base em nossas informações sobre estas deidades nos registros arqueológicos.[5] Todavia, há um incidente registrado na Bíblia que corre através de toda a narrativa das pragas — o relato do endurecimento do coração de Faraó. A despeito da discussão sobre quem primeiro endureceu o coração de Faraó, se Deus ou ele próprio, a razão para o ato tem geralmente cativado os comentaristas bíblicos. Porém, se compreendermos que este também é um ato polêmico, como as pragas que o acompanharam, então podemos procurar por pistas no registro arqueológico egípcio assim como para seu possível significado.

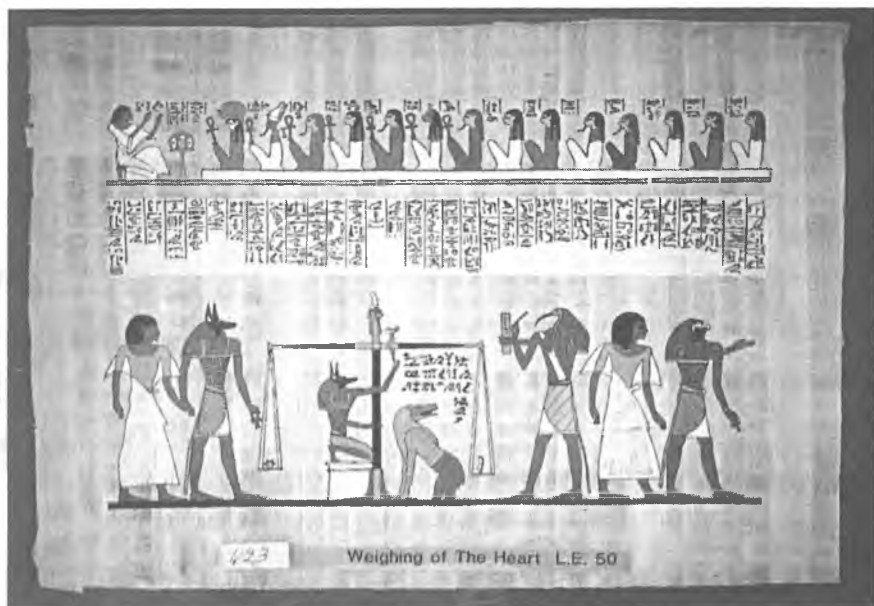
Os antecedentes egípcios

A visão egípcia do poder de Faraó

O que descobrimos é que Faraó era considerado como a encarnação do deus sol Rá e Horus-Osíris, os deuses mais importantes do Egito.[6] Assim, ele era visto como o principal deus do mundo.[7] O mundo de Faraó era visto como "uma força criadora," o mundo de um deus, que controlava a história assim como os elementos naturais e não podia ser revertido ou dominado por qualquer outra vontade. Portanto, ao fazer a vontade de Faraó dobrar-se diante da vontade divina, Deus demonstrou seu poder soberano sobre o que incorporava o poder do panteão egípcio na teologia do Egito.

O endurecimento do coração de Faraó

Descobertas egípcias nos proporcionam uma fascinante explicação sobre como Deus pode ter decidido "endurecer" o coração de Faraó. Na teologia do antigo culto egípcio à morte, conforme descrito no egípcio "Livro dos Mortos," depois da morte, o falecido embalsamado e colocado na tumba tinha que enfrentar um julgamento na Sala do Julgamento para determinar sua culpa ou inocência. Se julgado culpado seu destino era a destruição; se inocente, então a vida eterna com suas recompensas. Para passar por este julgamento, o morto tinha que negar uma longa lista de pecados que era lida contra ele e com êxito declarar que era puro. Este ato era chamado de "Confissão Negativa,"[8] e enquanto estava sendo conduzido, o coração do falecido (descrito num canopo) estava sendo pesado em escalas de julgamento contra o padrão da verdade (representado pelo símbolo dos hieroglifos para pena). Este julgamento é vividamente representado num mural pintado conhecido como "a pesagem do coração." Contra o testemunho do falecido, seu coração confessaria a verdade, mostrando que sua Confissão Negativa era uma mentira. O coração, portanto, subiria as escalas em favor do julgamento que resultaria em destruição. Uma vez que todos os homens pecam e que a incli-



25. Mural do egípcio Livro dos Mortos em papiro, intitulado "A Pesagem do Coração".

nação do coração é confessar este pecado, os engenhosos egípcios desenvolveram um meio de evitar que o coração contradissesse a Confissão Negativa. Eles fizeram isso escrevendo encantamentos sobre uma imagem de pedra de seus escaravelhos sagrados que eram entalhados na forma de um coração.[9] Este coração em forma de escaravelho de pedra era então colocado dentro ou em cima da cavidade do peito durante a mumificação (um fato revelado por raios-X de múmias egípcias).[10] Vários encantamentos que ordenavam ao coração: "não se rebele contra mim" ou "não testemunhe contra mim" transferiam o caráter do coração de pedra para o coração de carne no pós-túmulo, tornando-o "duro" e incapaz de falar.[11] Este ritual de "endurecimento do coração" revertia a função natural do coração flexível e resultava na salvação, desde que o falecido fosse agora declarado sem pecado através do silêncio.[12]

Todavia, quando Deus "endureceu" o coração de Faraó, que como um deus em si mesmo representava a salvação do Egito, Ele reverteu a esperança teológica de todos os egípcios. Este endurecimento resultou na incapacidade de Faraó naturalmente responder às assustadoras pragas, e assim pará-las, rendendo-se à solicitação de Moisés. Portanto, ao invés de o "endurecimento do coração" trazer salvação, ele trouxe destruição.[13] Assim, a arqueologia proveu nova perspectiva de um conceito teológico difícil dando-nos o cenário apropriado e o esquema das crenças egípcias que, através de Moisés, Deus queria confrontar. Além disso, ao revelar a precisão dos detalhes no relato bíblico, ela indica sua historicidade. Contudo, encontrar antecedentes históricos para a narrativa do êxodo não necessariamente significa que ele se constitui a história verdadeira. Portanto, precisamos agora voltar para a difícil questão da historicidade do êxodo.

A historicidade do êxodo

Estabelecer a historicidade do êxodo é um dos maiores problemas que permanecem para os eruditos bíblicos. A narrativa bíblica do êxodo tem sido notoriamente de difícil confirmação através da evidência arqueológica, causando assim sérias dúvidas sobre a autenticidade do evento.

Um obstáculo para a aceitação do êxodo como um verdadeiro acontecimento tem sido a incapacidade dos eruditos de reconciliar os acontecimentos do êxodo com a cronologia bíblica e arqueológica. Uma data antiga no século XV a.C. (1446-1441 a.C.) para o êxodo está em maior harmonia com a cronologia interna do Antigo Testamento (*veja* 1 Rs 6.1).[14]

O clássico estudo cronológico feito por Edwin Thiele[15] fixou a antiga data de 1447 a.C. para o êxodo.[16] De acordo com esta data, o faraó da opressão era

Tutmose I ou Tutmose III e o faraó do êxodo foi Tutmose II ou Amenotep II. A biografia antiga de um oficial naval egípcio chamado Amenemhab, que serviu sob diversos faraós deste período, nos mostra que aquele Tutmose III morreu no tempo da Páscoa no início de março de 1447 ou 1446 a.C.[17] Assim, sua morte ocorreu exatamente no tempo certo para encaixar-se com a cronologia bíblica e os acontecimentos do êxodo. Todavia, William Shea recentemente argumentou num documento não publicado[18] que Tutmose I e um recém-instalado filho co-regente — a princípio Tutmose II — morreram juntos perseguindo os escravos israelitas (como talvez implícito em Êx 15.4,19). Ele crê que seus corpos não tenham sido recuperados (daí as múmias designadas a eles no Museu Egípcio no Cairo estarem erroneamente identificadas). Ele baseia seu argumento em novas fotografias de Oral Collins das inscrições do Vadi Nasb do Sinai, descobertas pelo professor Gerster muitas décadas atrás, que pretendem registrar o nome de Tutmose I e desenhar imagens tanto dele como de seu filho e os eventos relacionados ao êxodo. O problema com a data antiga é que apesar de sua harmonia com fontes bíblicas e extrabíblicas, falta sustentação suficiente no registro arqueológico. Uma data posterior no século XIII a.C. (1280-1200 a.C.) parece oferecer maior apoio arqueológico (*veja* Êx 1.11),[19] mas tem significativos problemas cronológicos e não pode se acomodar aos eventos da Conquista.

De acordo com esta data, o faraó tanto da opressão como do êxodo foi Ramsés II e seu sucessor foi Merneptá. A falta de consenso tem gerado outras opções que geralmente exigem a revisão da cronologia egípcia[20] ou que tomem a arqueologia bíblica como uma estimativa aproximada ao invés de uma indicação precisa.[21] Esta revisão posterior leva a data de volta a 1470 a.C. Faulstich chegou a datas incrivelmente precisas para todos os acontecimentos do êxodo através de suas correlações computadorizadas de informações sobre datas astronômicas, informação bíblica a respeito de acontecimentos astronômicos (surgimento de estrelas, fases da lua e eclipses), os ciclos semanais do dia hebraico, e datas específicas apresentadas na Bíblia.[22]

Apesar de não ter-se chegado ainda a consenso algum, a busca contínua por evidência arqueológica dos registros do êxodo reafirma a importância do evento para os estudantes da Bíblia.

A importância do êxodo

A importância do êxodo tem sido enfatizada por Eugene Merrill, professor de Antigo Testamento no Dallas Seminary, que chamou-o de "o mais significa-

tivo acontecimento de todo o Antigo Testamento."[23] O êxodo não é simplesmente um acontecimento isolado dentre muitos na história do povo judeu; este foi o evento central sobre o qual os planos de Deus sofrem uma reviravolta e tanto o Antigo como o Novo Testamentos estão unidos. O professor John Durham explica:

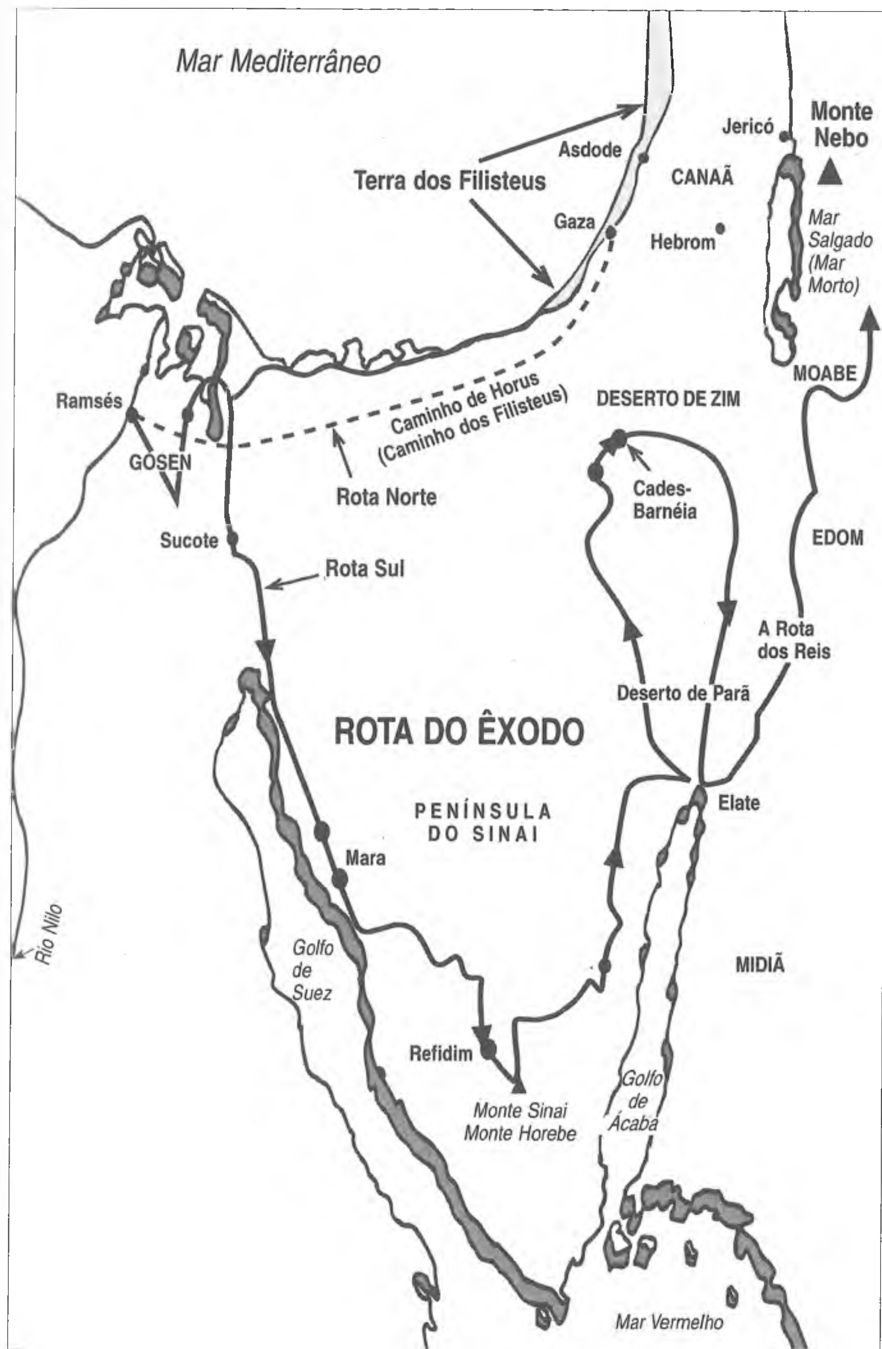
> Tanto dentro do livro de Êxodo como além dele, a libertação do êxodo é descrita como o ato pelo qual Israel foi levado a ser um povo e, portanto, como o ponto inicial da história de Israel... com o êxodo, Ele [Deus] revelou sua presença para um povo inteiro e chamou-o para ser uma nação e desempenhar um papel especial relacionando-se com ele em aliança. Este papel especial se torna um tipo de lente através da qual Israel é visto por todo o restante da Bíblia... que dá forma a muito da teologia do A.T. [Antigo Testamento]. É esse papel especial, na verdade, que inclui o livro de Êxodo tão completamente na produção canônica iniciada com Gênesis e concluída somente com o Apocalipse.[24]

O êxodo amarra os dois Testamentos juntos de tal maneira que negar que ele jamais tenha acontecido desmantelaria a estrutura teológica tanto do judaísmo como do cristianismo. Assim, é natural que busquemos o êxodo em algum lugar do registro arqueológico. Mas onde procurar, e o que podemos esperar encontrar? Vamos responder esta última pergunta primeiro.

Deveríamos esperar encontrar o êxodo?

Deveríamos esperar encontrar qualquer evidência arqueológica para o êxodo? Como os patriarcas antes deles, os israelitas viveram um estilo de vida nômade durante o êxodo. As exigências da vida no deserto do Sinai requeriam que nada fosse descartado, que todo item fosse usado até sua capacidade máxima — e então reciclado. Até os ossos de uma refeição seriam completamente reutilizados em várias aplicações industriais. Os acampamentos temporários em tendas dos israelitas não teriam deixado quaisquer vestígios, especialmente nas sempre móveis areias do deserto. Pode haver traços de grafito em rochas do Sinai[25] que sugiram a presença dos israelitas nesta região, mas em sua maior parte, por causa das condições do deserto, os israelitas teriam que ser "arqueologicamente invisíveis".

Mas, e quanto a possibilidade de registros egípcios que confirmem a ocorrência das pragas do êxodo e a destruição do exército egípcio no mar Vermelho? É possível que alguma evidência ainda apareça, mas não devemos esperar que os egípcios, orgulhosamente religiosos, tenham abertamente documentado desastres que difamassem seus deuses e imortalizassem a der-



Possível rota do êxodo

rota de seu exército nas mãos de escravos andarilhos. Como Charles Aling observa:

> Os povos do antigo Oriente Próximo mantiveram registros históricos para impressionar seus deuses e também inimigos em potencial, e por isso raramente, talvez nunca, mencionaram derrotas ou catástrofes. Registros de desastres não fortaleceria a reputação dos egípcios aos olhos de seus deuses, nem tornaria seus inimigos mais temerosos de seu poder militar.[26]

Isto significa que é improvável que encontremos um registro das pragas, o afogamento do exército egípcio no mar Vermelho ou as pegadas dos israelitas nas areias do deserto do Sinai. Se não podemos esperar encontrar vestígios de um êxodo nestes lugares, onde podemos procurá-los?

A evidência para o êxodo

Considerações históricas

Um modo de podermos defender a ocorrência do êxodo é através do que se pode chamar "plausibilidade contextual." Isto é, mesmo que não possamos ter evidência histórica direta para qualquer dos personagens ou eventos conectados com o êxodo, ou nem possamos concordar com datas específicas, o esboço geral conforme apresentado no relato bíblico é fiel aos tempos. Portanto, é muito mais provável que o êxodo tenha ocorrido do que o contrário. O argumento mais plausível no momento tem sido sobre a base da evidência egípcia.[27] Por exemplo, podemos demonstrar que os detalhes da vida na corte egípcia e certas peculiaridades na língua hebraica usados para descrever tais atividades indicam que o escritor tinha conhecimento em primeira mão daquele ambiente específico no Egito.[28] Nós temos evidência de que estrangeiros de Canaã entraram no Egito,[29] viveram lá,[30] foram considerados algumas vezes criadores de problemas,[31] e que o Egito oprimiu e escravizou uma vasta força estrangeira durante várias dinastias.[32] Também temos registro de que escravos escaparam,[33] e que o Egito sofreu sob condições semelhantes a pragas.[34] Podemos fornecer um modelo por computador de um mecanismo científico para a divisão das águas durante a travessia israelita do mar Vermelho.[35]

Podemos provar a presença de pessoas como os israelitas na península do Sinai, em Cades-Barnéia, e em outros lugares mencionados nos livros da Bíblia que registram esta história.[36] Podemos demonstrar através de uma comparação com o código de leis do antigo Oriente Próximo que datam de antes da concessão da Lei no Sinai que sua forma e estrutura se encaixam no então estabelecido

padrão para tais textos.[37] Finalmente, podemos fornecer informações arqueológicas para sustentar várias datas para a Conquista e os períodos de colonização, que seguiram-se ao êxodo. Estas informações vêm de sítios tais como Jericó, Megido e Hazor.[38]

Considerações arqueológicas

No início do êxodo, quando os israelitas deixaram o Egito, a rota mais direta e sensata seria viajar para o norte ao longo da atual Faixa de Gaza numa direção que os levaria à Canaã. Todavia, o relato bíblico nos diz que Deus não permitiu esta rota ao longo da planície costeira do Mediterrâneo. O relato bíblico afirma:

> E aconteceu que, quando Faraó deixou ir o povo, Deus não os levou pelo caminho da terra dos filisteus, que estava mais perto; porque Deus disse: Para que, porventura, o povo não se arrependa, vendo a guerra, e tornem para o Egito" (Êx 13.17).

Assim, os israelitas acabaram tomando uma rota muito mais longa ao sul, que se aprofundava no Sinai. Até a última década ninguém sabia porque Deus os mantivera longe da rota mais fácil ao norte. A obscura referência à "guerra" em Êxodo 13.17 era discutível porque ninguém sabia que povo estaria em conflito com os israelitas. A resposta foi descoberta pela arqueóloga israelita Trude Dothan, que se especializou no período antigo da ocupação filistéia de Canaã. No sítio de Deir el-Balah ao longo da antiga rota chamada de "Caminhos de Horus," ela descobriu a evidência que finalmente resolveu este quebra-cabeça do êxodo.[39]

Quando recentemente visitei com ela o Instituto de Arqueologia da Universidade Hebraica, pedi a ela para contar-me novamente sobre esta descoberta e explicar seu significado:

> Cheguei ao sítio de Deir el-Balah na Faixa de Gaza em busca dos filisteus. O que descobri foi uma colônia egípcia do período do êxodo, o período do Egito de Ramsés II, que é considerado como o Faraó do êxodo. A história do sítio é intrigante, costurando a informação dos ladrões [de tumba] e depois de nossa escavação arqueológica profissional. Os resultados foram que descobrimos na rota do Egito para Canaã uma colônia que havia sido edificada [no século XIV a.C.] como também uma fortaleza do período de Séti I [e o de seu filho] Ramsés II. Adjacente à colônia havia um cemitério cheio de grandes sarcófagos atropóides (em forma humana) que são definitivamente do estilo egípcio. Porque havia trabalhado previamente sobre os hábitos dos filisteus em Bete-Seã, um sítio muito importante de Israel e bem conhecido da Bíblia, eu sabia a respeito de sarcófagos como estes. [Então eu] tentei identificar cinco destes sarcófagos

com proteção especial para a cabeça, com retratos dos filisteus conhecidos dos relevos egípcios no período de Ramsés III.

> A importância deste sítio está em sua localização geográfica na rota do Egito para Canaã... uma rota militar dos egípcios que subia para Canaã... Quando encontramos a fortaleza [datada do] fim do século XIII, surgiu a idéia de que esta era realmente uma das muitas fortalezas pontilhando o caminho de Canaã à Gaza. [Assim] a área era muito bem fortificada, o que se constitui a razão de os israelitas não terem desejado seguir o caminho curto para Canaã, mas escolhido o caminho longo para o Sinai, porque eles estavam com medo dos egípcios e das fortificações que estavam no atalho.

Agora sabemos à luz das escavações de Deir el-Balah que "o Caminho dos filisteus" mencionado na Bíblia é também "o Caminho de Horus", mencionado nos relevos do templo egípcio em Carnaque. Este relevo também descrevia algumas das fortalezas egípcias ao longo desta rota, incluindo a que Trude Dothan descobriu. Então, desta notável correlação entre a Bíblia e dois sítios arqueológicos, podemos concluir que os israelitas foram avisados para evitar esta rota, porque eles entrariam nesta linha de forças de defesa comandada pelos soldados egípcios. Os soldados alocados ali estavam preparados para lutar, recapturar e enviar de volta ao Egito tais escravos fugitivos. Uma vez que os recém-libertos israelitas estavam despreparados para a batalha, o deserto era a opção mais segura.

Considerações sobre as imagens dos satélites

De acordo com o analista de imagens de satélite George Stephen, a rota do êxodo ainda pode ser vista hoje através do uso de tecnologia infra-vermelha.[40] Os satélites que empregam esta tecnologia para propósitos como levantamentos para inteligência e exploração mineral, podem também isolar trilhas nas areias do deserto mesmo que elas tenham milhares de anos. Eles fazem isso captando padrões de calor deixados na terra. Tais satélites têm capacitado os arqueólogos a recuperarem informações sobre rotas de caravanas antigas, descobrir vestígios de leitos fluviais secos ou soterrados há muito tempo, e encontrar cidades perdidas debaixo das areias. Stephens estudou as imagens captadas pelo satélite francês SPOT do Egito, do Golfo de Suez, do Golfo de Ácaba, e porções da Arábia Saudita a uma altura de 161 metros. Ele alega que pôde ver evidência de trilhas antigas feitas por "um grande número de pessoas" saindo do Delta do Nilo e seguindo direto ao sul ao longo da costa do Golfo do Suez e ao redor da extremidade da península do Sinai. Além disso, ele diz que observou vestígios de "acampamentos muito grandes" ao longo da trilha.



26. Arqueóloga Trude Dothan, que descobriu uma explicação para a rota do êxodo, com sarcófagos antropóides de Deir el-Balah.

Claro que não é possível determinar se estas trilhas foram feitas pelos israelitas mesmo ou por outros peregrinos através dos milênios. Mas isso demonstra que grande número de pessoas podiam se sustentar na mesma região e na mesma rota tomada pelos israelitas do êxodo.

Pesquisa futura

Pistas de restos vulcânicos

Com tantas questões sobre os acontecimentos do êxodo ainda não respondidas, é certo que novas propostas e projetos arqueológicos estarão vindo à tona no futuro. Um projeto recente é uma investigação inédita do sítio de *Tell el-Dab'a*. Este sítio ao leste da área do Delta do Nilo tem sido identificado com a terra bíblica de Gósen, onde os israelitas viveram antes do êxodo.[41] Uma escavação em andamento tem sido conduzida por anos pelo Instituto Smithsonian sob a direção de Manfred Bietak. O novo projeto começou pesquisando o sítio em busca de evidências de depósitos de tera (restos vulcânicos) deixados por erupções de um vulcão na ilha mediterrânea de Santorini (Thera) durante a Idade do Bronze.[42] De acordo com a teoria, esta explosão cataclísmica, que deixou depósitos de cinzas em pelo menos nove sítios arqueológicos do Egeu, pode também ter trazido as pragas aos egípcios, especialmente a praga das "trevas

espessas" (cinza vulcânica? — Êx 10.21-23), e a divisão das águas na travessia do mar.

Se estes eventos puderem realmente ser atribuídos à erupção do Santorini, então o êxodo poderia ser estabelecido na história egípcia e seguramente localizado dentro da cronologia egípcia (através de uma ligação com uma cronologia do Egeu estabelecida para o evento) se o debate travado agora sobre a data da erupção em si puder ser resolvido.[43] Notícias do campo anunciam que pedras-pomes da erupção foram agora encontradas em Tell el-Dab'a num nível que pode ser seguramente datado do início da décima oitava dinastia egípcia, ou cerca de 1525 a.C. Isso oferece tanto uma resposta para a controvérsia sobre a data da erupção como talvez uma conexão com o próprio êxodo (que a cronologia bíblica indica por volta de 1447/6 a.C.).

Pistas das sementes de cereal

Seguindo a mesma teoria que a evidência geológica da erupção vulcânica do Santorini pode ser usada para datar os acontecimentos do Êxodo, os arqueólogos Hendrick J. Bruins e Johannes van der Plicht ofereceram nova evidência que eles crêem confirmar a história do êxodo.[44] Comparadas as duas datas de radiocarbono dos grãos de cereal encontrados entre os detritos da destruição de Jericó com as datas deles de 1628 a.C. para a erupção do Santorini (que foi baseada na contagem de anéis na madeira das árvores). Baseado em seus achados, eles concluíram que o desastre do Santorini aconteceu 45 anos antes da destruição de Jericó, um lapso de tempo que eles acreditam que se encaixaria nos eventos do Êxodo e na caminhada dos israelitas por 40 anos pelo deserto. Isso tornaria a data deles para a destruição de Jericó em 1583 a.C. e para o êxodo em cerca de 1543 a.C., antiga demais até mesmo para a data tradicional mais antiga (em 1400 a.C.).

Bryant Wood, o diretor da Associates for Biblical Research (Associados para a Pesquisa Bíblica), defende uma data antiga e contesta o método de Bruins e van der Plicht de calibrar suas datas:

> Não apenas as minhas pesquisas em Jericó, mas as de outros eruditos demonstram que há um lapso de um século e meio ou quase entre as datas do C-14 e as datas historicamente determinadas no segundo milênio a.C. Atualmente há um debate feroz em andamento entre os eruditos a respeito da data da erupção de Thera. Esta é uma data extremamente importante, porque a erupção provê um ponto de convergência nas histórias da maioria das culturas mediterrâneas. A evidência para isso tem sido encontrada em uma série de sítios arqueológicos. Aqueles que trabalham com datas do C-14 estão

convencidos de que ela ocorreu em c. 1628 a.C., enquanto aqueles que trabalham com datas arqueológicas estão convencidos de que ela ocorreu cerca de 1525 a.C. Meu trabalho em Jericó provê outro exemplo de discrepância que existe entre o C-14 e as datas históricas no segundo milênio a.C. É evidente que um destes métodos está errado, mas qual deles?

Defensores de cada um, é claro, alegam que o outro está errado. Datas históricas estão, em última instância, ligadas às observações astronômicas registradas na antigüidade. Presumivelmente, os astrônomos podem calcular retroativamente com muita exatidão devido ao movimento preciso do universo. Proponentes da datação do C-14, por outro lado, dizem que seus valores corrigidos são muito precisos porque estão baseados na contagem de anéis de árvores, ano a ano, até 6000 a.C. (dendrocronologia*). A data bíblica de 1400 a.C. é baseada na cronologia assíria para o período dos reis, conhecido muito bem pelas observações astronômicas e informações bíblicas (480 anos do quarto ano de Salomão ao Êxodo, 1 Rs 6.1, e os 40 anos no deserto). Minha datação da destruição de Jericó é baseada em poesia, a qual está ligada à cronologia da décima oitava dinastia egípcia, que por sua vez está ligada a observações astronômicas... E a possível conexão entre a erupção de Thera e a praga das trevas? Para que haja uma conexão, a data do evento teria que ser reduzida para cerca de 1450 a.C. antes que ela pudesse ser correlacionada com a história bíblica.[45]

Se a evidência da erupção do Santorini em Tell el-Dab'a confirmar a data de 1525 a.C. para a erupção, então a data do C-14 tem que ser ajustada. Mesmo assim, a pesquisa agora em andamento pode eventualmente ajudar a resolver questões sem respostas que ainda estão diante de nós.

O que a evidência prova?

Nossa pesquisa sobre a questão do êxodo tem tentado apresentar o que pode ser conhecido (no momento) do registro arqueológico e histórico. O que nossas informações atuais provam? Reconhecidamente, evidência arqueológica direta para o êxodo ainda é procurada. No entanto, esta falta de informações históricas não significa que o êxodo não aconteceu. Prova conclusiva ainda pode aparecer numa escavação futura, mas não precisamos esperar por isso para aceitar a historicidade do êxodo. Nosso argumento pode ser produzido pela comparação do contexto bíblico com o que já é conhecido da história e arqueologia — um argumento que oferece substância suficiente para

*N. do T.: Estudo do aumento anual do número de anéis no tronco das árvores

resolver dúvidas sobre a realidade do evento e torna provável maiores confirmações arqueológicas no futuro. Portanto, aqueles que celebram a Páscoa nesta época — e em todas as épocas que virão, podem fazê-lo com a certeza de que é promessa não baseada numa conspiração, mas na atuação comprovada de Deus que realmente redimiu!

8

A conquista

Josué realmente conquistou Jericó?

A conquista provê outro exemplo da busca por conexões entre o material bíblico e histórico-arqueológico. Isso diz respeito a um evento para o qual existe uma considerável quantidade de evidência, uma grande quantidade de descrição detalhada nas fontes bíblicas, e volumes de diversas opiniões e hipóteses produzidas pelos eruditos modernos.[1]

— *Paul W. Lapp*

De acordo com a Bíblia, depois de 40 anos de caminhada no deserto do Sinai, Moisés trouxe os israelitas ao rio Jordão. Naquela fronteira separando o povo escolhido de seu lugar escolhido, Moisés subiu e permaneceu no monte Nebo, enquanto Josué, como seu sucessor, guiou o povo através do Jordão até o país de Canaã. Na história escriturística, esta entrada na Terra Prometida é realizada por uma série de conquistas militares nas quais os israelitas capturaram fortificações cananitas. A mais conhecida destas conquistas é a primeira cidade que caiu — Jericó — cujas muralhas, como todo professor de Escola Dominical tem ensinado — "desmoronaram". Há apenas um geração aproximadamente, este relato da conquista era aceito como histórico por quase todo mundo. Naqueles dias, o relatório da escavação de Jericó pelos arqueólogos britânicos John e J.B.E. Garstang parecia quase confirmar sem sombra de dúvida a destruição bíblica do que era conhecido como a



27. As escavações em Tel Jericó, o primeiro sítio da conquista.

"Quarta Cidade" em Jericó. Incluído neste relatório estava o que foi reportado como sendo fotografias das mesmas paredes que caíram quando os israelitas tocaram suas trombetas. Estas fotos foram acompanhadas pela declaração de Garstang de que "não há dificuldade agora para entender o tom de fé confiante que soa em cada linha da narrativa bíblica (Js 6)".[2]

Da confiança à controvérsia

Na década de 1950, todavia, Kathleen Kenyon escavou em Jericó e concluiu que Garstang estava errado. Na verdade, ela anunciou que suas descobertas revelaram que a cidade tinha sido destruída por volta de 1550 a.C., e portanto havia estado por muito tempo desabitada quando Josué entrou em cena. Para completar, uma geração de arqueólogos israelitas cavando em sítios estratégicos mencionados na narrativa da conquista também não acharam vestígio de destruição do tempo de Josué. Uma escola de pensamento predominante nos círculos arqueológicos hoje acredita que os eventos registrados sobre a conquista foram escritos muitos séculos depois de acontecerem os eventos que eles descrevem. Por esta razão, alguns eruditos alegam que estes relatos não contêm informação histórica acurada, mas somente lembranças de tradições. Como Nadav Na'aman, professor de história judaica na Universidade de Tel Aviv explica: "Este enorme hiato explica as muitas discrepâncias entre as histórias da conquista e a evidência arqueológica".[3]

Em círculos acadêmicos modernos, a questão de uma conquista histórica ("As muralhas de Jericó realmente caíram?") não é mais uma questão de modo algum. Israel Finkelstein, que serve como diretor do Instituto de Arqueologia da Universidade de Tel Aviv e que tem escavado alguns dos sítios da conquista, diz: "Esta não é uma possibilidade, assunto encerrado!" Finkelstein chega a esta conclusão através de uma análise dos padrões de assentamento nas regiões montanhosas de Israel. Estes, diz ele, indicam que o "Israel verdadeiro", não o Israel das histórias bíblicas, emergiu no cenário histórico no oitavo ou nono século a.C. (300-400 anos depois que a Bíblia estabelece estes eventos). Tais conclusões modernas nos alertam para o fato de que muitos problemas ainda permanecem para aqueles cuja missão é confirmar a conquista.

Os problemas para a conquista

Se permitirmos que somente a história da Escola Dominical de Josué e de Jericó formem as nossas noções sobre a conquista, então o assunto parece objetivo e simples. Mas além disso, o tema se desenvolve bastante complicado. Amihai



28. A Estela de Merneptá, na qual é encontrada a primeira menção de Israel em um texto egípcio, indicando que Israel já estava na terra no século XIII a.C.

Mazar, diretor do Instituto de Arqueologia da Universidade Hebraica, explica o problema conforme os eruditos e arqueólogos o vêem:

> A questão toda do êxodo e da conquista do país pelos israelitas continua muito enigmática do ponto de vista arqueológico, apesar do fato de toneladas de papéis e milhares de palavras terem sido escritas sobre este assunto por historiadores e arqueólogos que tentaram por dezenas de anos ilustrar esta relação. O período dos Juízes, a colonização, também é um tema muito difícil. Pesquisas arqueológicas no país olhando somente para a superfície do solo, [isto é, apenas] procurando sítios, descobriram que durante o tempo dos Juízes (séculos XI e XII a.C.) cerca de 250 sítios foram encontrados nas montanhas ao norte e sul de Jerusalém. Este fenômeno de uma nova onda de comunidades nas montanhas pode ser relacionado somente com o surgimento de Israel nesta região. Agora, é claro, podemos nos perguntar: De onde eles vieram? Eles vieram do Egito conforme a Bíblia nos diz ou eles eram pessoas locais que se estabeleceram como muitos eruditos acreditam? Ou será que eles vieram de clãs da Jordânia? Temos um debate a respeito da interpretação dos achados. Mas os achados em si continuam sendo uma importante contribuição para o fenômeno da emergência de Israel durante aquele período.[4]

O debate sobre a interpretação dos achados está entre aqueles que aceitam o relato bíblico e aqueles que confiam num modelo estritamente arqueológico. Esta disputa é sobre *quando* (uma data anterior ou posterior) e *como* (o método da conquista) Israel entrou em Canaã.

O problema do "quando"

A data de 1400 a.C. para a conquista, baseada na cronologia interna da própria Bíblia, já foi assumida pela maioria dos arqueólogos. Foi grandemente abandonada em favor de uma data mais recente seguindo a própria mudança de pensamento do patriarca arqueológico W. F. Albright durante suas escavações de Beitin. Albright havia identificado Beitin como a bíblica Betel, e quando descobriu um nível de destruição que podia datar de 1250 a.C., sentiu-se compelido a rever a data da conquista. Sua evidência juntou-se às de outros sítios arqueológicos que pareciam ter sido ocupados pelos invasores israelitas. Todos estes mostravam sinais semelhantes de grande destruição de 1250-1150 a.C. A quem mais a destruição poderia ter sido atribuída, senão aos israelitas?

Todavia, antes de revirmos a cronologia bíblica à luz da arqueologia, temos que examinar as pressuposições que foram feitas a respeito desta evidência. Primeiro, houve muitos outros invasores entrando em Israel durante esta época que poderiam ter sido responsáveis por esta destruição. Em 1230 a.C., o faraó egípcio Merneptá conduziu alguns combates (mencionados especificamente em

seu próprio registro — A Estela de Merneptá), bem como os recém-chegados filisteus,[5] que buscaram agressivamente expandir seu território. Houve também conflitos intertribais que ocorreram em Canaã, e o livro bíblico de Juízes registra ciclos de revoluções em alguns sítios pelos opressores midianitas e cananeus.

Uma outra consideração importante que afeta a questão do "quando" é como interpretar os relatos bíblicos a respeito da extensão da destruição a ser procurada. A Bíblia não sustenta a pressuposição de alguns arqueólogos sobre uma destruição maciça ocorrendo em todos os sítios ocupados. De acordo com o texto bíblico, somente dois sítios ao sul e outro ao norte foram destruídos de maneira a não deixar qualquer evidência de destruição. Incidentalmente, Betel (que Albright pensou que fosse Beitin, forçando sua revisão da cronologia bíblica) não foi um destes. De acordo com a Bíblia muitos sítios nunca foram conquistados pelos israelitas, de modo algum, mas ao fim da vida de Josué "muito da terra continuou para ser conquistado" (Js 13.1). Este é um fato confirmado pela evidência arqueológica. Bob Mullins, um supervisor de área das escavações da camada do período bíblico (Idade do Ferro), apresenta este ponto quando diz:

> Em termos de nossas próprias escavações em Bete-Seã, vemos a continuação da presença egípcia de algum ponto próximo a 1450 a.C. até 1150 a.C. Assim, isso empresta peso ao que a Bíblia diz sobre [as cidades de] Bete-Seã e até Megido não terem sido tomadas por Israel. O que vemos em termos de evidência arqueológica é que uma mudança na população de egípcia e cananita para israelita existe em Bete-Seã e Megido [somente] a partir do início da época de Salomão. Nenhum texto bíblico claramente diz quem pôs um fim nas cidades daquele tempo; nós presumimos talvez Davi. Todavia, há evidência circunstancial que parece indicar que Israel ocupou de fato partes da região montanhosa. Sabemos que em Juízes 1.27 os israelitas não conquistaram estas regiões do vale que incluíam tais importantes cidades como Megido e Bete-Seã.[6]

Conseqüentemente, os sinais de ampla destruição em certos sítios não deveriam ser considerado como evidência arqueológica contra a cronologia bíblica e a favor de uma data posterior para a conquista. Estas destruições melhor se encaixam no período dos Juízes, durante o qual batalhas em andamento eram algo comum.

O problema do "como"

As escavações de Kenyon em Jericó convenceram-na de que ninguém havia ocupado a cidade depois de 1550 a.C., tornando assim impossível uma conquista tanto na data mais antiga como na posterior. Isso levou muitos eruditos a concluírem que nenhuma conquista havia ocorrido de qualquer modo! Como, então, os israelitas entraram em Canaã e ocuparam tanto da terra? Esta

pergunta tem sido mais intensamente investigada por aqueles que mantêm uma visão minimalista da Bíblia. Os eruditos têm proposto modelos revisados da "emergência" israelita retirados das informações arqueológicas ou padrões de povoamento isolados. Porque as teorias desenvolvidas por estes eruditos revisionistas têm ganhado popularidade e estão minando a historicidade da Bíblia entre seus leitores, vamos pesquisar brevemente estas visões.

Uma teoria é conhecida como a teoria da "Infiltração Pacífica"[7]. Baseada amplamente em registros egípcios, ela argumenta que os israelitas gradualmente imigraram para Canaã, infiltrados na população cananita residente, e eventualmente dominou e substituiu-a (concordando assim com o termo bíblico "destruindo") a cultura cananita.

Uma outra teoria é chamada de a teoria da "Revolta dos Camponeses".[8] Uma vez que os proponentes desta visão não enxergam evidência de Israel no registro arqueológico, eles revisam radicalmente a história israelita identificando os israelitas como membros do mais baixo nível da população cananita. Num fenômeno social localizado, estes camponeses se revoltaram e destruíram seus senhores urbanos.

Ainda outra teoria, conhecida como a "Teoria da Transição," tem usado as informações arqueológicas da transição entre o final da Idade do Bronze Recente e o começo da Idade do Ferro para argumentar que as mudanças sociais e tecnológicas forçaram a emergência dos israelitas como uma cultura distinta.[9]

Então existe a "Teoria da Imaginação," que argumenta que aquelas mudanças climáticas na transição entre os períodos arqueológicos fizeram o povo das montanhas (israelitas *e* filisteus!) emergir numa tentativa de formar comunidades.[10]

A despeito de sua dependência sobre a mesma evidência arqueológica, cada teoria interpreta a evidência de maneira diferente, demonstrando que a evidência em si mesma é ambígua. Na análise final, nenhuma destas teorias adequadamente responde como a cultura cananita acabou e Israel conseguiu ganhar a posse de tamanha extensão de terra em Canaã. Finalmente, cada visão tem que dispensar ou reinterpretar as narrativas bíblicas para conseguir encaixar sua revisão da história.

Evidência para a conquista

Há qualquer evidência arqueológica que possa sustentar o modelo tradicional da conquista? Se tal evidência arqueológica pode ser encontrada, ela deve ser procurada em três sítios que supostamente foram queimados pelos israelitas: Hazor no norte, e Jericó e Ai no sul.

A evidência de Hazor

A Bíblia notifica que Josué "destruiu completamente" todas as cidades dos reis do norte de Israel, mas destaca Hazor como a única cidade que ele queimou (Js 11.11-13). O famoso arqueólogo israelita Yigael Yadin começou as escavações no sítio de Hazor com 175 acres de terra em 1955, e seu sucessor Amnon Ben-Tor está hoje continuando seu trabalho. Interpretando a história de Israel essencialmente sobre a base da evidência arqueológica, ele mesmo assim afirma a exatidão da descrição em Josué a respeito da destruição de Hazor:

> Existe evidência de uma enorme destruição. Eu chamei-a uma vez de mãe de toda destruição. Em Hazor, onde quer que você vá até o fim da camada cananita, você encontra destruição. É uma destruição inacreditável... deixou para trás grandes depósitos de cinzas. Houve um terrível incêndio no palácio [cananita]. Tanto assim, que os tijolos vitrificaram e algumas das vasilhas de barro derreteram [e] algumas pedras explodiram por causa do fogo... Podemos claramente dizer que a temperatura foi a mais do que 1.200 graus centígrados. Um incêndio normal chega a metade, cerca de 600 ou 700 graus, [mas à tarde] o vento é incrível... junte isso... e você terá este tipo de incêndio [com] calor muito intenso. Então este fogo destruiu muito... Se você voltar ao livro de Josué, pode lembrar-se que a história da destruição de Hazor diz que depois de matar todas as pessoas, os israelitas atearam fogo em Hazor e foi só Hazor que foi destruída por fogo... E no caso desta cidade, eles estavam interessados em dizer quão intensa foi a destruição de Hazor... porque Hazor foi uma vez a cabeça de todos os reinos; a mais importante das cidades-estado de Canaã (Js 11.10).[11]

Talvez dentro de poucos anos, a escavação de Ben-Tor confirme ainda mais do relato de Josué. No último ano, esta equipe desenterrou vários tabletes cuneiformes acadianos de um palmo de tamanho que sugerem que um arquivo cananita pode ter estado no sítio (um dos textos menciona uma escola para escribas que se reunia em Hazor). Estes tabletes também tinham tabelas de multiplicação e uma lista de itens enviados de Hazor a Mari. Esta descoberta posterior foi importante porque o nome Hazor aparecia no texto, confirmando a identificação bíblica. Apenas este ano (1997), as escavações revelaram um palácio cananita que Ben-Tor acredita ter sido destruído por Josué. Entre os artefatos encontrados dentro do palácio estavam um altar e restos de sacrifício animal, duas estatuetas de divindades, e o que acredita-se ser um vaso de libação do tamanho de uma banheira com um deus, agora sem cabeça, assentado na extremidade segurando um copo. Ben-Tor também acredita que outro palácio, ainda mais antigo, exista abaixo da atual camada de escavação que pode também conter arquivos. Ben-Tor tem declarado que pensa haver evidência sufici-



29. Amnon Ben-Tor, diretor de escavações em Hazor, com remanescentes do período cananeu em Hazor.

ente (além dos tabletes) para garantir a existência destes dois arquivos cananitas e estará trabalhando nos próximos anos para descobri-los. Se assim for, Hazor pode ganhar as manchetes muito em breve com uma descoberta monumental rivalizando com aquela dos Manuscritos do mar Morto!

A evidência de Jericó

Porque Jericó é o mais famoso dos sítios da conquista, ela tem sido o assunto mais freqüente na investigação arqueológica. A mais recente escavação do *tel* foi realizada pela arqueóloga Kathleen Kenyon na década de 1950. Ela concluiu que o sítio antigo tinha sido destruído e abandonado 150 anos antes do tempo que a Bíblia diz que ocorreu a conquista. A evidência dela tem sido desafiada por Bryant Wood.

Kenyon baseou sua datação no que ela não encontrou — ou seja, cerâmica cipriota importada. Wood, por outro lado, analisou a cerâmica cananita local escavada por várias expedições a Jericó.[12] Sua análise indica que Jericó foi destruída por volta de 1400 a.C. (o fim do período da Idade do Bronze Antigo I), ao invés de 1550 a.C. como declarado por Kenyon. E mais, Wood tem demonstrado que uma vez que a destruição esteja corretamente datada, a evidência arqueológica se harmoniza perfeitamente com o registro bíblico:[13]

1. A cidade era extremamente fortificada no período da Idade do Bronze I, o tempo da conquista de acordo com a cronologia bíblica (Js 2.5,7,15; 6.5,20).
2. A cidade foi maciçamente destruída pelo fogo (Js 6.24).
3. Os muros de fortificação caíram no mesmo tempo em que a cidade foi destruída, possivelmente por uma atividade sísmica (Js 6.20).
4. A destruição ocorreu no tempo da colheita na primavera, conforme indicado por grandes quantidades de grãos estocados na cidade (Js 2.6; 3.15; 5.10).
5. O ataque a Jericó foi breve, uma vez que o grão estocado na cidade não foi consumido (Js 6.15,20).
6. Os grãos não foram saqueados, como era usualmente o caso na antigüidade, de acordo com a ordem divina (Js 6.17-18).
7. Os habitantes não tiveram nenhuma oportunidade de fugir com seus produtos alimentícios (Js 6.1).
8. Jericó ficou abandonada por um período seguinte a destruição, de acordo com a maldição de Josué (Js 6.26).

Wood também ofereceu como apoio positivo: 1) Escaravelhos egípcios encontrados nos sepulcros do sítio formam uma série contínua do século XVIII ao século XIV, demonstrando que o cemitério estava em uso durante o período da Idade do Bronze Recente I. 2) A estratigrafia da Cidade IV (o sítio escavado por Garstang e Kenyon) mais tarde revelou 20 diferentes fases arquitetônicas que duraram por longos períodos e sofreram doze destruições menores. Se, como Kenyon declara, a cidade encontrou seu fim em 1550 a.C. no Bronze Médio II, então todas estas fases teriam que ser encaixadas no período anterior — do Bronze Médio III (1650-1550 a.C.), um tempo impossivelmente curto para tanta atividade. 3) Uma amostra de radiocarbono tirada de um pedaço de carvão nos detritos da camada da destruição final ofereceu a data de 1410 a.C. (aumentando ou diminuindo 40 anos). A análise de Wood acrescenta novo apoio arqueológico de que a Cidade IV em Jericó devia ser datada em 1400 a.C. com Garstang e a cronologia bíblica.

Evidência de Ai?

Ai foi a segunda cidade conquistada na entrada da Terra Prometida e a última em nossa lista de três incendiadas. De acordo com a Bíblia, o sítio de Ai situa-se "ao lado de Betel" (Js 12.9; *cf.* Gn 12.8). A identificação de Albright sobre Beitin como Betel levou a identificação do sítio vizinho de et-Tell como Ai. Todavia, escavações no sítio realizadas por Joseph Callaway não produziram qualquer evidência da ocupação entre a Idade do Bronze Antigo (cerca de 2400 a.C.) e a Idade do Ferro (cerca de 1200 a.C.). Isso significou que num espaço de mais de 1.000 anos, não houve cananeus no sítio a ser conquistado. Quer aceitemos a data antiga para a conquista, quer a recente, as escavações de Callaway nos deixam com a conclusão de que ou o relato bíblico está errado ou o sítio foi mal identificado. Assim, dois arqueólogos que mantêm a prioridade bíblica estão procurando ver se os verdadeiros sítios de Ai e Betel são realmente em outro lugar. Ambos acreditam que o sítio apropriado para Betel é a atual vila de el-Birah, e eles localizaram ao redor *tels* que oferecem alguma promessa de encaixe nas descrições bíblicas destes sítios.

O arqueólogo David Livingston acredita que o sítio de Khirbet Nisya é o que melhor se encaixa nos requisitos da bíblica Ai. Seu sítio se encaixa bem na topografia e geografia da Bíblia, estando em frente a el-Birah (Betel) e situado ao sul de um amplo vale com um *vadi* que leva o nome árabe de *Gai*, que aparentemente preservou o equivalente hebraico de *Ai*. O termo hebreu *Ai* literalmente significa "ruínas," mas se ele tem em mente as ruínas específicas conhecidas na Bíblia como o sítio fortificado que Josué conquistou, Livingston

pode ter um encaixe. Apesar de nenhum muro ou portões do Bronze Recente terem sido descobertos ainda, muita cerâmica do Bronze Recente tem aparecido, indicando que, como em sítios semelhantes,[14] ocupantes posteriores simplesmente destruíram todas as estruturas arquitetônicas anteriores.[15]

O outro contestador a favor de Ai é o sítio de Tel el-Makater, que está atualmente sendo escavado pelo arqueólogo Bryant Wood. Ele diz sobre este sítio:

> Nossa organização, os Associados para a Pesquisa Bíblica, tem realizado trabalho de campo para localizar o que cremos que seria o verdadeiro sítio de Ai... Em 1996 começamos o trabalho em Khirbet el-Makater, cerca de 17 quilômetros ao norte de Jerusalém e a leste de el-Bira (Betel). Este novo sítio oferece uma boa possibilidade de ser o sítio de Ai, porque se encaixa nos requisitos topográficos e geográficos do relato bíblico. Nossa escavação até aqui apresenta a promessa de ser a cidade fortificada do tempo de Josué... Descobrimos... uma estrutura muito larga... muros de quase 183 metros de largura... no lado norte do sítio... que têm quase 458 metros quadrados... Ligado à estrutura, encontramos duas grandes... pedras furadas onde o pivô para a porta teria rodado. Abundantes muros de fortificação e cerâmica do período do Bronze Recente I (século XV a.C.) também foram encontrados... Toda esta evidência sugere que temos realmente uma fortaleza que foi do tempo da conquista. Temos até encontrado evidência para uma luta na área da grande estrutura — um grande número de pedras de funda do tamanho de bolas de beisebol... que foram usadas na antigüidade durante a guerra... Também temos alguma evidência de fogo... Então achamos que temos neste sítio um bom candidato para a Ai da conquista. Estamos apenas no começo do nosso trabalho... enquanto continuamos à espera de que achemos evidência adicional para sustentar a verdade do relato bíblico.[16]

Ambos os sítios ainda estão sendo escavados, e talvez num futuro próximo tenhamos mais evidência sólida que possa substituir o atualmente aceito sítio problemático de et-Tell e proveja maior confirmação da conquista.

O altar de Josué foi achado?

O arqueólogo israelita Adam Zertal está convencido de que encontrou o mesmo altar que Josué erigiu no monte Ebal (descrito em Js 8.30-35). A revista popular *Biblical Archaeology Review* (Revista da Arqueologia Bíblica) publicou pela primeira vez seu artigo sobre o achado.[17] Se esta identificação estiver correta, a verificação direta sobre a historicidade da (ou esta espécie de) conquista é possível. Contudo, a interpretação de Zertal de que a estrutura fosse o altar de Josué não foi guiada pela cronologia bíblica, nem por uma convicção de que houve conquista. Baseado na grande quantidade de restos

de cerâmica ao redor dela, a estrutura é datada da primeira parte da Idade do Ferro (1220-1000 a.C.), tarde demais para a conquista bíblica.[18] A despeito da crítica de que ela seja uma casa de fazenda ou uma torre de vigia,[19] Zertal continuou a defender sua posição de que ela é um altar. No entanto, à luz desta data, é preferível vê-la como parte de uma instalação cúltica (lugar alto) do tempo dos Juízes.[20] Se for assim, uma vez que estruturas sagradas tendem a ser construídas e reconstruídas em sítios que possuem uma tradicional história cúltica, é possível que este altar pudesse ter substituído um outro anterior do tempo de Josué.

O problema da evidência

Mesmo com o tipo de evidência que Wood alega ser de Jericó e a possibilidade de uma nova identificação de Ai, a evidência arqueológica ainda é muito limitada e controversa. O que ela demonstra é que dos 17 sítios listados no relato da conquista no livro de Josué, 12 tiveram algum tipo de colonização na Idade do Bronze Recente.[21] Destes, somente dois tiveram evidência de uma destruição durante o Bronze Recente I[22] e cinco durante o Bronze Recente II - Ferro I.[23] Mesmo que a identidade de muitos destes sítios ainda seja disputada, aceitando-os para fins de estatística, eles revelam que a arqueologia não provê muita informação sobre estas cidades da conquista. Mesmo o livro de Josué provê muito pouca informação. Além das declarações que nos dizem que estas cidades foram "tomadas", o texto dá detalhes apenas sobre as três que foram queimadas (Jericó, Ai, Hazor). Infelizmente, alguns eruditos supõem que esta falta de evidência de alguma forma desacreditou o relato bíblico. O arqueólogo David Merling explica:

> ...Enquanto a arqueologia não encontrou nada que subtraia qualquer aspecto de qualquer história encontrada no livro de Josué, é a não-evidência que tem produzido uma fachada de desacordo entre a arqueologia e a Bíblia. Por não encontrar algo, os arqueólogos consideram que provaram alguma coisa. A não-evidência não é o mesmo que evidência. Outras conquistas, cujas histórias nunca foram questionadas, têm sido investigadas em busca de evidências de destruição. A falta de evidência entre aqueles sítios devia fazer todos os arqueólogos questionarem o uso da não-evidência.[24]

Tais pressuposições, diz Merling, têm feito os arqueólogos esperarem encontrar, como sítios ligados à conquista, grandes cidades com fortificações maiores — mas a Bíblia não faz tais declarações sobre estas cidades. Até parece que o relato da conquista geralmente não deixou o tipo de informação que poderia ser "provada" pela arqueologia.

A conquista pode ser encontrada?

Por que as tentativas de escavar evidência indiscutível da conquista têm fracassado tanto até aqui? Keith Schoville, professor emérito no departamento de Estudos Hebraicos e Semíticos na Universidade de Wisconsin (Madison), oferece uma explicação:

> Estes são assuntos muito difíceis de asseverar ou corroborar em termos de pesquisa arqueológica. Você simplesmente não tem... um tablete dizendo que os israelitas conquistaram tal e tal lugar em tal e tal data. Esse tipo de coisa não existe.[25]

Outra razão para esta dificuldade tem estado implícita em nossa discussão sobre a natureza da conquista em si mesma. Os fatos, como a Bíblia os apresenta, indicam que não há relativamente nenhuma evidência da conquista a encontrar. Maciça destruição física de toda Canaã não foi nem o alvo nem o resultado da conquista. A "proscrição" (sentença de destruição) sob a qual Canaã foi colocada por Deus aplicava-se às populações cananitas dentro de suas cidades, não às cidades em si mesmas (*veja* Js 6.17,21), exceto por Jericó, Ai e Hazor. Na avaliação de David Merling, a conquista, conforme descrita na Bíblia, não devia deixar evidência suficiente de si mesma. À luz deste entendimento, se nós realmente encontrássemos evidência de uma maciça destruição ao longo da rota da conquista na época em que a Bíblia a coloca (1400 a.C.), isso causaria na verdade *maior* problema para a Bíblia!

Deveríamos, então, procurar tal evidência de algum modo? Eugene Merrill, professor de Antigo Testamento no Dallas Theological Seminary, é de opinião de que tais esforços são inúteis:

> ...a verificabilidade arqueológica da conquista revela-se um exercício em irrelevância. Tudo que alguém poderia esperar é alguma indicação de que ocupantes da terra dizimados foram substituídos por colonizadores étnica e culturalmente diferentes, uma busca que é notoriamente infrutífera.[26]

Uma razão para que tal busca fosse uma vez julgada infrutífera é que enquanto tentam achar evidência da substituição ocupacional, os israelitas em seu período de colonização poderiam ter simplesmente adotado a cultura material dos cananitas (Dt 6.10,11). Não tendo ainda desenvolvido sua cultura material distintiva, os israelitas *pareciam com* os cananitas no registro arqueológico. As cartas de Amarna, constituídas de correspondência entre as cidades-estado cananitas e os oficiais egípcios em Amarna, na verdade revelam que os israelitas eram culturalmente inferiores aos cananitas. Todavia, baseados em escavações e pesquisas mais amplas, nós agora sabemos que os

israelitas na verdade evidenciavam apenas uma cultura cerâmica.[27] Esta coleção de cerâmica possibilita que os especialistas façam distinção entre os israelitas e seus vizinhos cananeus. Apesar desta cultura ser datada da imigração e colonização israelitas no final do século XIII a.C. (pelo menos), outros também a tem usado para defender uma data anterior para o êxodo.[28] Por exemplo, as escavações de Manfred Bietak em Tell el-Dab'a (Gósen), no Egito, têm revelado um estilo cananeu de cerâmica como aquele que aparece em Canaã. Esta pode ser evidência possível de que os israelitas estiveram uma vez em Gósen, ou de outra forma, que os asiáticos simplesmente entraram nesta região do Delta egípcio. A qualquer custo, a maioria dos críticos eruditos vão dispensar esta evidência porque ela presume uma data recente, e esta cerâmica é datada como antiga (cerca de 1650-1550 a.C.).

Com que somos deixados, então? Evidência da conquista pode ser encontrada? Apesar de a evidência ser inadequada e certamente controversa, a resposta a isso é afirmativa. Todavia, temos que olhar nos lugares certos. Não devemos procurar por uma camada de conquista exceto nas três cidades queimadas, e mesmo lá, com destruições subseqüentes por outros invasores, nossas expectativas têm que ser moderadas. Mesmo quando toda a evidência arqueológica é posta de lado ainda temos o testemunho do mais significativo documento histórico e arqueológico já descoberto pelo homem — a Bíblia. Mesmo que nos recusemos a aceitar que as Escrituras foram divinamente inspiradas, como muitos eruditos fazem, o relato realista da Bíblia sobre uma conquista parcial claramente possui as marcas de historicidade, não de um exagero etiológico. Informações extrabíblicas dos textos de Amarna têm nos fornecido um esboço compatível no qual os detalhes tradicionais da narrativa bíblica da conquista e do povoamento podem ser colocados. Bruce K. Waltke nos diz:

> De todos os modos estudados pelos quais a tradição textual com respeito à conquista e ao povoamento pode ser testada pela arqueologia, as duas linhas de evidência coincidem. Além disso, toda evidência artefactual creditada aos palestinos sustenta o relato literal de que a conquista ocorreu no tempo especificamente datado pelos historiadores bíblicos. Portanto, a partir destas informações ninguém tem razão para questionar a confiabilidade da Bíblia...[29]

Portanto, nossa busca pela conquista não tem sido em vão. Seja a falta de evidência suficiente ou a "irrelevância" de qualquer evidência, a busca forçou um retorno ao texto bíblico. Ali, uma vez que nossas pressuposições sobre a singularidade histórica da Bíblia estão corretas, nós verdadeiramente encontramos a conquista histórica, afinal.

9

O rei Davi

Figura mítica ou monarca famoso?



...os maiores líderes do Israel antigo — Davi e Salomão... nós raramente vemos... sob esta luz bem real. Eles são considerados como parte da herança das três maiores fés. A época em que eles governaram continha profundas conseqüências para o futuro. Todavia, de algum modo, eles têm sido vistos unidimensionalmente dentro dos limites restritos da "sacralidade" institucionalizada, que tem tendido a privá-los de qualquer moralidade e humanidade que eles certamente possuíam. Davi e Salomão foram homens reais — não mitos ou lendas...[1]

— *Jerry M. Landay*

A pessoa do rei Davi agiganta-se nas páginas do Antigo e Novo Testamentos, sendo mencionada cerca de 1.048 vezes. No Antigo Testamento ele é o assunto primário de 62 capítulos e o autor de 73 salmos. No Novo Testamento, figura proeminentemente em ambos os lados da genealogia de Jesus e no lugar onde este nasceu (Mt 1.1,6,17,20; Lc 2.4,11; 3.31), pois "Cristo é Filho de Davi" (Lc 20.41), que herdará "o trono de Davi, seu pai" (Lc 1.32). E, recentemente, baseado nas conquistas históricas do rei Davi, Jerusalém celebrou seu 3.000º aniversário da conquista feita por Davi da cidade dos jebuseus (2 Sm 5.7-25).

Com tal ênfase em Davi nas Escrituras, para muitos causa surpresa saber que até há pouco tempo todos os livros que lidam com a história da Terra Santa tinham de admitir que nenhum rastro de Davi jamais aparecera nos registros arqueológicos. Era típico haver declaração como esta de uma das maiores autoridades em arqueologia bíblica, senhora Kathleen Kenyon — palavras proferidas há apenas dez anos:

> Para muitas pessoas parece surpreendente que Davi e Salomão ainda permaneçam desconhecidos fora das páginas do Velho Testamento ou de fontes literárias diretamente derivadas do texto sagrado. Nunca foi encontrada alguma inscrição extrabíblica, quer da Palestina ou de país vizinho, que contivesse referência a eles.[2]

O mito do rei Davi

Esta falta de evidência leva muitos estudiosos críticos a duvidarem que um Davi histórico alguma vez tenha existido. Revisionistas históricos (ou minimalistas) argumentaram que o "mito Davi" tinha sido invenção literária tirada de várias tradições heróicas para explicar a formação da monarquia de Israel. Em certo desenvolvimento deste mito, de acordo com os críticos, uma escola sacerdotal circunjacente ao Templo tinha procurado base teológica para o próprio conceito de governo divino. Tratava-se do conceito de um rei ideal (Davi) comparado com um rei imperfeito (Saul). De acordo com os críticos, Saul, é claro, não existiu, mas serviu junto com Davi como modelos teológicos contrastantes da escolha do homem (Saul) *versus* a escolha de Deus (Davi). Mesmo assim, as freqüentes loucuras de Davi mostraram a superioridade de uma teocracia (governo de Deus) sobre uma monarquia (governo do homem). Sem evidência material para ajudar a dar carne a estas figuras, Davi e Salomão permaneceram para muitos como não mais que inspiradoras personagens de livros de história.

Por que não podemos encontrar mais?

Com freqüência, as pessoas ficam confusas sobre o motivo de tão pouco ter sido recuperado do período mais antigo da monarquia — os tempos de Saul, Davi e Salomão. Uma importante razão para a falta de evidência pode ser que muito pouco tenha sido escavado nas áreas relacionadas aos reinados desses monarcas. Israel é um *tel* gigantesco, e em lugares como Hebrom e Jerusalém, onde se esperaria que fosse encontrada a maioria das evidências deste período, antagônicas reivindicações religiosas e desassossego político tornam virtualmente impossível para os arqueólogos o acesso a alguns dos sítios mais promissores.

Nas áreas em que foram escavadas, há outras razões para a escassez de restos arqueológicos de materiais. Primeiro, em termos de arquitetura, construções mais recentes encobriram estruturas mais antigas e pouco deixaram do original para ser achado. Por exemplo, no nível mais baixo das escavações no muro meridional do monte do Templo, os arqueólogos só descobriram uma pequena seção de uma construção cuja data remonta aos tempos de Salomão. Em geral, milhares de anos de ocupações mais recentes encobrem quase todos os sítios. Segundo, em termos de achar saliências de monumentos e esculturas, outras culturas desse período da história deixaram tais evidências, mas o mandamento bíblico contra a fabricação de ídolos eliminou esta possibilidade em Israel.

Mas, e os registros escritos? Temos a Bíblia; e não há outros escritos do período bíblico? Uma razão para que poucos registros escritos tenham sido achados é que os israelitas, em contraste com seus vizinhos, escreveram a maioria dos seus documentos de tribunal e outros registros em rolos de papiro perecível. O papiro era mais eficiente e menos caro do que outros tipos de material para escrita. Além disso, representava um modo mais avançado de comunicação para uma sociedade instruída como o Israel bíblico. Na Bíblia, encontramos evidências do uso de papiro desde o fim do período monárquico; por exemplo, lemos que o profeta Jeremias escreveu suas profecias em rolos de papiro (Jr 36.2). A Bíblia também descreve o quão facilmente tal escritura podia ser destruída; por exemplo, o rei Jeoaquim pegou os rolos de papel escritos por Jeremias, cortou-os e queimou-os (Jr 36.23).

Achados do período do Primeiro Templo

Apesar destas considerações sobre a escassez de restos de materiais, em ocasiões excepcionais ao mandamento tais evidências são descobertas. Uma exceção à lei contra imagens esculpidas foi um óstraco proveniente de Ramote Raquel, da Idade do Ferro, que trazia pintado a figura de um indivíduo sentado num trono. O arqueólogo israelita Gabriel Barkay propôs que este poderia ser um quadro de Ezequias, rei de Judá.

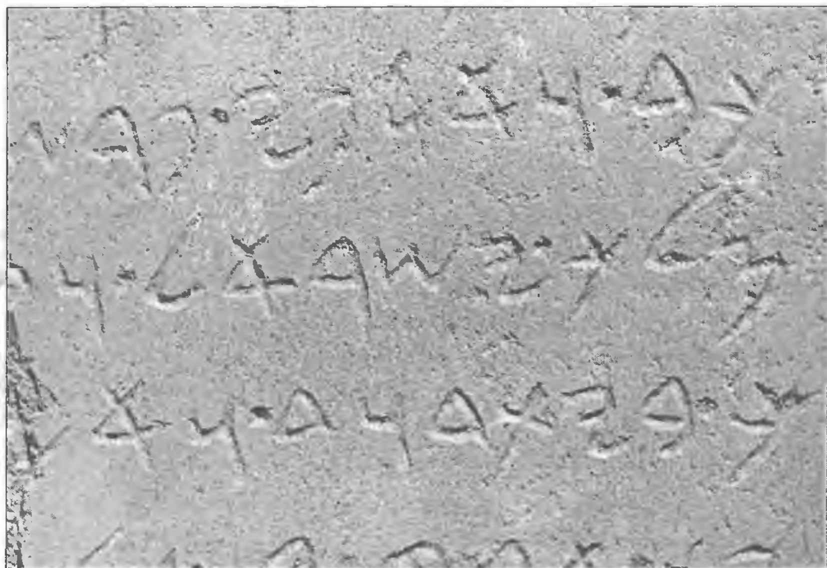
Outrossim, enquanto que os documentos em papiro são perecíveis, os selos que outrora estavam colados nestes documentos ainda existem. Escavações na Cidade de Davi revelaram numerosos destes selos (ou bulas) de barro nas ruínas de casas que foram queimadas pelo exército invasor babilônico no fim do período do Primeiro Templo. Além disso, há excelentes exemplos de inscrições mais duráveis desde o início da monarquia e o período do Primeiro



30. A estela de Tel Dã, com o escavador Avraham Biran apontando para as palavras "Casa de Davi" numa cópia do original.

Templo. A Bíblia observa que os profetas desses tempos às vezes escreviam em madeira ou metal (Is 8.1; Ez 37.16). Em Deir Alá, localizado no vale do Jordão, foi descoberta uma inscrição aramaica de meados do século VIII, mencionando o profeta bíblico Balaão (Nm 22—24), escrita em tinta vermelha e preta no gesso.[3] Entre as inscrições hebréias em pedra incluem-se o Calendário de Gezer (século X a.C.) e inscrições do século VIII a.C., como a inscrição no Túnel de Siloé, a inscrição do Administrador do Rei e o óstraco de barro de Samaria, Arade e Laquis. Também há significativos achados inscritos em metal ou marfim, como os rolos de prata do século VII a.C. de Ketef Hinom e uma ponta de cetro em marfim na forma de romã. Os rolos de prata preservam o mais antigo texto bíblico conhecido (do livro de Números) e indica que provavelmente o texto bíblico foi escrito logo em seguida aos eventos que descreve. De acordo com a inscrição na ponta do cetro, é provável que tenha pertencido a um sacerdote que exerceu o sacerdócio no Primeiro Templo.

Estas descobertas, embora escassas, mostram os tipos de achados que podem ser esperados e indicam que certamente há mais a ser encontrado. A localização mais promissora para tais evidências é um cume ao sul do atual monte do Templo em Jerusalém. Neste sítio de nove acres, a Jerusalém de



31. A estela de Tel Dã. As palavras "Casa de Davi" estão na terceira linha a partir do topo, começando com a segunda letra (lendo-se da direita para esquerda).

Davi teve seu começo ao lado da cidade cananéia/jebusita que já tinha 2.000 anos de existência. Ainda chamada *'Ir David* ("Cidade de Davi"), as escavações feitas por Kathleen Kenyon e o arqueólogo israelita, Yigael Shiloh, definiram estruturas provavelmente mencionadas por Davi, como uma pilha de pedras de pouco mais de 15 metros de altura, chamada de Escadaria de Pedra, que poderia ter sido a Milo bíblica, sobre a qual Davi construiu a Fortaleza de Sião (2 Sm 5.7,9). O mais antigo elemento conhecido no sítio, um sistema de água conhecido como o Veio de Warren, acredita-se ter sido usado por Joabe, general de Davi, para capturar a cidade dos jebuseus (2 Sm 5.6-9; 1 Cr 11.4-7).[4] E no verão de 1997, o arqueólogo israelita, Ronny Reich, descobriu na área meridional da Cidade de Davi uma imensa estrutura de pedra que pensa-se ser uma torre de defesa. Além disso, o arqueólogo Eilat Mazar, que dirigiu escavações do Ofel (área entre o monte do Templo e a Cidade de Davi), acredita que o palácio real de Davi acha-se à espera de ser descoberto logo ao sul de Ofel (e ao norte da Escadaria de Pedra).[5] A área, outrora fora dos limites por causa de pomares árabes que ali foram plantados, hoje está acessível aos escavadores. Talvez no futuro próximo evidências diretas da presença de Davi venham a ser desenterradas para todos verem.

Um achado inesperado

Uma inscrição-chave

A despeito das escavações que revelaram uma presença israelita estabelecida na Terra Santa perto da época de Davi — e que até descobriram estruturas na Cidade de Davi relacionadas aos seus dias —, os críticos continuaram a sustentar firmemente o mito Davi, porque nenhuma menção específica a Davi chegara a aparecer em tais escavações. Entretanto, estes críticos foram forçados a reconsiderar suas opiniões com base em novas evidências descobertas em 1993. O desafio para estes revisionistas surgiu através da inscrição num monumento (estela) de quase 3.000 anos, escrito em basalto preto por um dos inimigos estrangeiros de Israel. Descoberto no sítio de Tel Dã, norte de Israel, esta inscrição surpreendente traz as palavras "Casa de Davi".

O arqueólogo que fez esta descoberta é o professor Avraham Biran, diretor da Faculdade de Arqueologia Bíblica Nélson Glueck, da Hebrew Union College. A estela da Casa de Davi coroou 27 anos de descobertas arqueológicas em Tel Dã, o sítio no norte de Israel onde a estela foi encontrada. Quando



Sítios arqueológicos em Israel relacionados com eventos da vida do rei Davi

recentemente visitei o professor Biran em seu escritório no Instituto Judaico de Religião em Jerusalém, visitamos o Museu Skirball (localizado adjacente ao seu escritório), onde muitas de suas descobertas em Tel Dã estão armazenadas. Segurando uma réplica da estela da Casa de Davi, hoje acrescida de novas peças desenterradas em 1994, ele comentou sobre seu conteúdo e contribuição para a história bíblica:

> Num muro construído em algum lugar mais ou menos entre o fim do século IX e o começo do século VIII a.C., achamos um fragmento inscrito em aramaico. Suas linhas falam de guerras entre os israelitas e os arameus, as quais pela Bíblia sabemos que [durante esse período] eram constantes entre Israel e Damasco. Neste fragmento, um rei de Damasco, Ben-Hadade, é manifestamente vitorioso. Ele matou alguém e levou prisioneiros e cavaleiros. [...] Mas o que foi realmente tremendo foi descobrir que ele derrotou um "rei de Israel da Casa de Davi!" Então aqui temos a menção da "Casa de Davi" numa inscrição araméia datada [...] aproximadamente 150 anos depois dos dias do rei Davi. O ano seguinte, em outro cenário da escavação, encontramos mais duas peças e estas ligam-se à primeira e nos dão os nomes destes reis. O rei de Israel, a quem se faz referência, é "Jorão", [...] que é filho de Acabe. O rei da Casa de Davi [Judá] é "Acaziau" [Acazias], que também é mencionado na Bíblia. [...] A coisa excitante aqui é que temos uma estela histórica que se refere a eventos históricos dos quais a Bíblia fala extensamente [2 Rs 8.7-15; 9.6-10].[6]

Com mais precisão, o professor Biran datou a inscrição no tempo do usurpador Hazael, arameu, que, segundo opinião do professor, foi o autor da inscrição. O reinado inteiro de Hazael foi caracterizado por guerras com Israel, e ele entrou na história bíblica como um dos mais brutais inimigos de Israel (2 Rs 8.7-15). Informado pelo profeta Eliseu de que seria rei, Hazael assassinou o rei da Síria, Hadad-'izr, e reinou entre 842 e 800 a.C. Depois de ter ascendido ao trono, imediatamente entrou em guerra contra Israel, Judá e a Filístia. O registro bíblico indica que ele dizimou o exército israelita e o transformou, junto com a Filístia, em estados vassalos (servis) (2 Rs 10.32,33; 12.17). Judá também parece ter compartilhado este mesmo destino (2 Rs 12.17,18). O professor Biran julga que a estela da Casa de Davi foi erguida como monumento comemorativo a estas ações, e é provável que tenha sido escrita na parte final do reinado de Hazael. A linha que contém a referência à Casa de Davi (linha 9) está no contexto de matar os reis israelitas e judaicos. Nestas linhas (7b-9), depois de reconstrução, lê-se: "Eu matei Jorão, filho de Acabe, rei de Israel, e matei Acaziau, filho de Jeorão, rei da Casa de Davi".

Em que implica a inscrição?

O termo *Casa de Davi* é um título dinástico que implica que, se havia uma "Casa de Davi", deveria ter havido um Davi. Como era de se esperar, os minimalistas bíblicos opõem-se a este raciocínio, afirmando que a descoberta do epíteto *Beth-David* ("Casa de Davi") significa nada mais que um nome que foi tirado das tradições da história israelita e usado com freqüência como título divino para lugares, como *Beth-el* ("casa de Deus"). Neste sentido, um revisionista histórico argumenta que *Beth-David* é uma "referência epônima a Jeová como Padrinho". Ele escreve:

> [...] O nome de lugar *'bytdvd* ["Casa de Davi"] dificilmente se refere a um Davi histórico, mas é muito mais provável que seja alusão a um templo dedicado ao epíteto divino *dvd*, o epíteto de Jeová historicamente conhecido, e o herói das narrativas bíblicas antes parece ser derivado de associações familiares implícitas na forma deste nome de lugar e de suas associações com a monarquia em Jerusalém.[7]

Esta opinião foi apoiada pelo argumento de que um divisor de palavras (normalmente um ponto escrito entre as palavras para mostrar que são separadas) está ausente nas letras *'bytdvd*.



32. A inscrição do rei Mesa, a qual o estudioso francês André LeMaire acredita conter a linha "Casa de Davi".

Porém, vários epigrafistas defendem a referência a um Davi histórico,[8] inclusive Anson Rainey, de Israel, e Alan Millard, da Inglaterra, ambos peritos em inscrições aramaicas antigas. Eles demonstraram que há exemplos de palavras e nomes compostos nos quais o divisor de palavras está ausente.[9] Além disso, o arqueólogo e professor da Wheaton College, James Hoffmeier, mostrou que ler *'bytdvd* como nome de lugar não tem nenhuma atestação na Bíblia ou em qualquer literatura cognata do antigo Oriente Próximo.[10] Por outro lado, a leitura "Casa de Davi" como título dependente do fundador histórico da linhagem, o rei Davi dos judeus, aparece mais de 20 vezes no Velho Testamento (*ver*, por exemplo, 1 Rs 12.19; 14.8; Is 7.2; e assim por diante).

Recentemente, o estudioso francês André LeMaire forneceu novo apoio a uma identificação da inscrição de Tel Dã com o histórico rei Davi. Ele identificou a leitura do nome Davi numa linha antigamente ilegível, "Casa de D...", na estela do rei Mesa (ou Pedra Moabita). Se depois do escrutínio de outros estudiosos, tal caso for comprovado, servirá como segundo exemplo da frase "Casa de Davi".[11] Entretanto, mesmo que o nome de "Davi" não esteja nesta inscrição comemorativa dos moabitas, pertencente ao século IX a.C., também contém, como na estela de Tel Dã, outros nomes bíblicos — por exemplo: Onri (1 Rs 16.28). De fato, os estudiosos não duvidam da historicidade de Onri pelo simples fato de que ele é mencionado na inscrição do rei Mesa. Se tal for o caso, então por que a historicidade de Davi deveria ser posta em dúvida se o seu nome aparece num epíteto na estela de Tel Dã? Além disso, os epítetos "a terra de Onri" e "a casa de Onri" foram encontrados em textos assírios.[12] Se os assírios puderam especificar Estados pelo nome do fundador da dinastia, independente de quem estivesse no poder naquele momento, os arameus não poderiam fazer o mesmo? Sob esta consideração, a estela aramaica "Casa de Davi" implica que durante esse período os reinos de Israel e Judá eram, como a Bíblia descreve, tremenda ameaça tanto política quanto militar para as nações circunvizinhas. Os revisionistas, porém, consideram que Israel e Judá eram cidades-estado insignificantes. Mas um poder estrangeiro dominante como a Síria teria erigido um monumento comemorativo da derrota de inimigos sem importância?

Ademais, sabemos que a estela do rei Mesa também contém o termo "filho de Acabe". Então por que a referência a Acabe, filho de Onri, seria considerada factual, enquanto que a linha sobre Davi é considerada fictícia?[13] Em outras palavras, se houve um rei Acabe como cabeça de dinastia, então por que não haveria um rei Davi? A razão, obviamente, é que ao passo que sempre houve evidências extrabíblicas a respeito de um rei Acabe, anteriormente nada havia a

respeito de um rei Davi. Como observou o doutor Jack Sasson, professor de Estudos Religiosos da Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill: "Até Acabe, nenhuma personalidade da Bíblia tinha sido confirmada por outras fontes; nem Davi, nem Abraão, ou Adão e Eva".[14]

Se for aceito que a estela de Tel Dã faz referência legítima a um rei Davi histórico, então o revisionista terá de revisar seu ponto de vista e reconsiderar as pressuposições que prejudicam sua interpretação do texto bíblico.

Davi era real?

Alguns estudiosos estão propensos a reconhecer que as estelas de Tel Dã e do rei Mesa tornam plausível que uma figura real chamada Davi tenha existido, contudo ainda insistem que muito do que está registrado na Bíblia acerca de Davi é totalmente imaginário. Mas, os eventos descritos na Bíblia sobre Davi fazem mais sentido se for presumido que Davi é uma pessoa real. Porquanto um crítico possa afirmar que a vitória heróica de Davi sobre um gigante é mera ficção, nada há tão contemporâneo quanto um político pego em adultério e no conseqüente ato do encobrimento! (*vide* 2 Sm 11.) Não obstante, ambos os aspectos da vida de Davi são descritos com igual senso de realidade. De fato, nada há sobre Davi que não soe verdadeiro à experiência humana normal. Sua devoção e desejos são retratados em pólos conflitantes, da mesma maneira que no melhor dos homens. Quando sua paixão por Deus se apresenta muito santa (por exemplo, Salmos 23, 42), logo somos lembrados de suas outras paixões que mostram que ele realmente é pecador (Sl 32, 51). Luxúria, preguiça, infidelidade, assassinato, orgulho, medo, feudos familiares, fracasso matrimonial — tudo faz parte da história deste rei. Tais elementos desprovidos de idealismo normalmente não são pintados nos retratos de mitos e lendas, e com certeza não naqueles intencionalmente projetados para ser ideais nacionais e progenitores messiânicos. Portanto, o achado de um reconhecimento histórico da "Casa de Davi" — relatado por um inimigo de Israel sem respeito à tradição israelita —, dá apoio material a uma narrativa literária que historicamente já se mostra acreditável. O arqueólogo Bryant Wood resume este adequado entendimento da importância da estela da Casa de Davi, quando diz:

> Em nossos dias, a maioria dos estudiosos, arqueólogos e estudiosos bíblicos faria exame muito crítico da precisão histórica de muitas das narrativas da Bíblia, particularmente dos primeiros livros da Bíblia. Quase todos os estudiosos de hoje diriam que qualquer coisa anterior ao período do reino [de Israel] é pura história folclórica e mito, e é neste ponto que a arqueologia bíblica pode representar papel muito importante, porque no campo da arqueologia podemos

apresentar evidências novas e dados novos para nos ajudar a entender estas narrativas bíblicas. Não é incomum as descobertas mais recentes da arqueologia destruírem opiniões críticas mais antigas sobre a Bíblia. Muitos estudiosos afirmaram que nunca houve um Davi ou um Salomão, mas hoje temos uma estela que de fato menciona Davi.[15]

No momento, maior porção da estela ainda está faltando do que foi encontrada. Aparentemente, o rei israelita que reconquistara Dã destruiu a "estela da vitória" do inimigo e usou a pedra como blocos de construção. A maioria destas pedras ainda pode estar enterrada em algum lugar na entrada da cidade antiga. Talvez os arqueólogos em breve venham a descobrir e reunir essas peças perdidas do quebra-cabeça e formar o quadro completo para nós. Até esse dia, os pequenos fragmentos que temos já são suficientes para admoestar os revisionistas históricos a não mitificar os personagens bíblicos, como Davi. Antes, a realidade histórica de Davi encoraja-nos a imitar o exemplo estabelecido por este rei de outros tempos — que, embora imperfeito, sempre se voltava a um Deus perfeito. Como ele, devemos viver como aqueles que são "segundo o [...] coração [de Deus]" (1 Sm 13.14).

10

O Templo

Propaganda política ou lugar comprovado?



Quando se considera o que Jerusalém, o centro espiritual das religiões monoteístas, tem representado para incontáveis milhões de pessoas, e depois se tenta avaliar se tais pessoas fizeram, ou mesmo em nossos dias, fazem alguma idéia de como era a cidade originalmente, fica claro que há um vasto espaço entre a imaginação e a realidade. [...] Ainda que no passado muitos estudiosos tivessem se empenhado em reconstruir as diferentes fases do monte do Templo, [...] com exceção das torturantes indicações nos textos antigos, tiveram na maior parte tradições religiosas contraditórias, lendas e histórias folclóricas para orientá-los, e conseqüentemente suas reconstruções ficaram torcidas. [...] [Mas hoje nossas] escavações, [...] que se centralizam em torno do antigo monte do Templo, [capacitou-nos] a descrever Jerusalém como ela emerge de novo dos insights *que ganhamos.*[1]

— *Benjamim Mazar*

A maior realização arquitetônica do antigo Israel foi o seu magnífico Templo em Jerusalém. Situado politicamente no centro do país, também era o foco religioso da nação onde a glória de Deus era residente entre o seu povo. Por conseguinte, foi destinado para estar no centro dos conflitos religiosos e políticos. O Templo tornou-se objeto de conflitos religiosos internos, com idólatras e reformadores alternadamente profanando ou rededicando seus lugares santos. Conflitos políticos externos levaram os inimigos de Israel a repetidamente saquear seus tesouros e forçar os reis dos judeus a diminuir e deformar suas estru-

turas com o propósito de pagar tributos. E por duas vezes, os poderes estrangeiros destruíram o Templo completamente.

Ainda no centro do conflito

Hoje, Jerusalém e o seu monte do Templo estão outra vez no centro do conflito, e os novos inimigos de Israel têm procurado empreender uma guerra na história ao negar que o Templo algum dia tenha existido. Enquanto que a arqueologia é apolítica — como é a maioria dos arqueólogos em suas metas arqueológicas —, a arqueologia de Jerusalém, sobretudo próxima ao antigo monte do Templo, tem sido continuamente atacada pelos modernos inimigos de Israel como propaganda política sionista. E, como no passado, as disputas religiosas internas continuam a perturbar o local sagrado. De fato, as escavações arqueológicas por todo o território de Israel são regularmente ameaçadas por judeus zelosos que exigem seu fechamento, argumentando que tais escavações podem estar profanando velhos cemitérios judeus ou conter antigos restos mortais de judeus. Além disso, qualquer tipo de escavação no próprio monte do Templo é expressamente proibido por muçulmanos e judeus zelosos. A lei islâmica permite que só muçulmanos podem adorar no monte, e considera toda invasão no local para qualquer finalidade arqueológica como tentativa velada do governo israelita de eliminar a presença islâmica e reconstruir o Templo judeu. Ultimamente tem havido revoltas árabes por causa de escavações que revelaram um trecho da rua herodiana ao longo da extremidade meridional do Muro Ocidental,[2] assim como a abertura de uma saída para o Túnel Hasmoneano que liga uma escavação arqueológica de uma porção subterrânea do Muro Ocidental com uma das suas portas.[3] Em contraste, muitos dos judeus zelosos que esperam algum dia reconstruir o Templo, afirmam que somente sacerdotes judeus adequadamente purificados têm permissão de entrar no local, e dizem que a descoberta de coisas pertencentes ao Templo é a proveniência exclusiva do futuro Messias.

Como resultado, quase toda informação arqueológica que está disponível acerca do monte do Templo vem de explorações e escavações feitas no século passado. Naquela época, a área estava sob o governo turco e os arqueólogos às vezes conseguiam permissão para explorar. Mas pequena quantidade de novas informações foi obtida em recentes anos de escavações que aconteceram à beira do antigo Templo. Estas novas descobertas permitiram-nos formular novas deduções arqueológicas importantes concernentes a antigas questões sobre o próprio Templo.

Contando os templos corretamente

Em nosso estudo do Templo de Jerusalém é importante lembrar que na sucessão histórica houve três Templos que estiveram no monte do Templo entre 960 a.C. e 70 d.C. O Primeiro Templo teve sua construção iniciada em 967 a.C. e terminada em 960 a.C. Os babilônios destruíram este Templo em 586 a.C. (Para mais informações sobre evidências arqueológicas desta destruição, *vide* o Capítulo 12.) O Templo foi reconstruído sob a liderança de um sacerdote chamado Zorobabel, sendo que as fundações foram lançadas em 538 a.C. e a estrutura dedicada em 515 a.C. Por quase 500 anos este Segundo Templo permaneceu em sua forma modesta de reconstrução até ao período romano. Então o rei dos judeus nomeado pelos romanos, Herodes, o Grande, restaurou-o completamente, iniciando os trabalhos em 19 a.C. e dedicando-o dez anos depois. Esta restauração total foi feita sob todos os aspectos. Herodes aumentou e reformou o Templo, dobrando sua plataforma em relação ao tamanho anterior.[4] Se bem que em termos históricos e arquitetônicos este tenha sido a terceira construção, religiosamente ainda era considerado o Segundo Templo, porque a oferta dos sacrifícios não foi interrompida durante a transição entre as estruturas. Foi neste Segundo Templo há pouco restaurado que Jesus foi dedicado quando criança (aproximadamente em 6 a.C.). Apesar de Herodes já ter dedicado o Templo, os trabalhos continuaram por outros 46 anos (Jo 2.20). Depois, em 70 d.C., o exército romano destruiu o edifício.[5] Novas evidências da presença deste exército foram recentemente localizadas fora de Jerusalém na escavação de um acampamento da Décima Legião (aquela que destruiu a cidade e o Templo). Ademais, a inscrição de Vespasiano-Tito descoberta em 1970 numa coluna de pedra perto do monte do Templo celebra o imperador pai e o general filho da Décima Legião, bem como Silva, o comandante romano da Décima Legião. Em 73 d.C., Silva atacou os judeus que tinham fugido para Massada.[6]

Construindo o Primeiro Templo

O Primeiro Templo foi construído por Salomão, filho do rei Davi, segundo o plano de Deus (1 Cr 28.6). Durante seus últimos anos de vida, Davi providenciou materiais para a construção do Templo fornecidos pela tesouraria real e uma arrecadação angariada entre o povo de Israel (1 Cr 29.1-9). Em seguimento à morte de Davi, Salomão terminou o Templo utilizando primariamente trabalho forçado da população israelita nativa (1 Rs 5.13-16; 2 Cr 2.2). De acordo com a Bíblia, o padrão arquitetônico para o Primeiro Templo, como o Tabernáculo antes dele, foi divinamente revelado (Êx 25.9,40; 1 Cr 28.11-19).



33. Escavação de um acampamento da Décima Legião Romana, a qual destruiu o Segundo Templo em 70 d.C. (monte Herzl, Jerusalém).

A construção em si foi feita numa colina alta da cadeia de montanhas do Moriá ao norte da Cidade de Davi e do cume de Ofel (a área limítrofe da cidade). Seguindo a trilha bíblica dos textos que estão voltados para o Templo — de Gênesis (22.2) e Êxodo (15.17) até Samuel (2 Samuel 7.10) —, acreditamos que ocupava o ponto mais alto desta colina no mesmo lugar onde Abraão fora impedido de matar o filho Isaque (Gn 22.12-14) e o anjo do Senhor de destruir a cidade de Jerusalém (2 Sm 24.16-25). Nos dias de hoje o consenso arqueológico localiza este lugar na plataforma elevada da Cidade Velha da Jerusalém Oriental, conhecido por judeus e cristãos como o monte do Templo.

Contudo, embora tenhamos alguns detalhes sobre sua construção na Bíblia, ninguém pode estar completamente certo de como era o Primeiro Templo. Fui lembrado deste fato quando recentemente visitei uma exposição especial no Museu das Terras Bíblicas, em Jerusalém, intitulada "Cidades dos Reis do Mundo Bíblico". Nesta exposição, composta por maquetes de cidades antigas e artefatos relacionados, havia uma esplêndida maquete do Primeiro Templo, acompanhada por várias visualizações computadorizadas do Templo de Salomão, feita por três *designers* diferentes. O texto que descrevia a maquete enfatizava que cada um desses modelos do Templo salomônico é teórico, porque nenhum resto arqueológico factual do Primeiro Templo sobreviveu à destruição sucedida em 586 a.C. Então como é que aqueles fabricantes de maquetes as construíram? A arqueologia nos responde com a explicação do professor Amihai Mazar:

> Muito desejamos explorar o Templo de Salomão. Infelizmente, sabemos que nada restou dele, mas a descrição do Templo salomônico registrado nas Escrituras é tão exata que até podemos esboçar a planta e compará-la com plantas de outros templos que foram encontrados na Síria e Canaã em sítios arameus da Idade do Ferro e do Bronze. [Além disso,] este Templo de Salomão foi baseado numa longa tradição [de templos] que começou aproximadamente 1.000 anos antes e continuou por 200 ou 300 anos depois. Assim, podemos inserir a tradição bíblica relativa ao Templo de Salomão numa tradição de muito mais tempo [dos antigos templos do Oriente Próximo], que pode ser ilustrado arqueologicamente.[7]

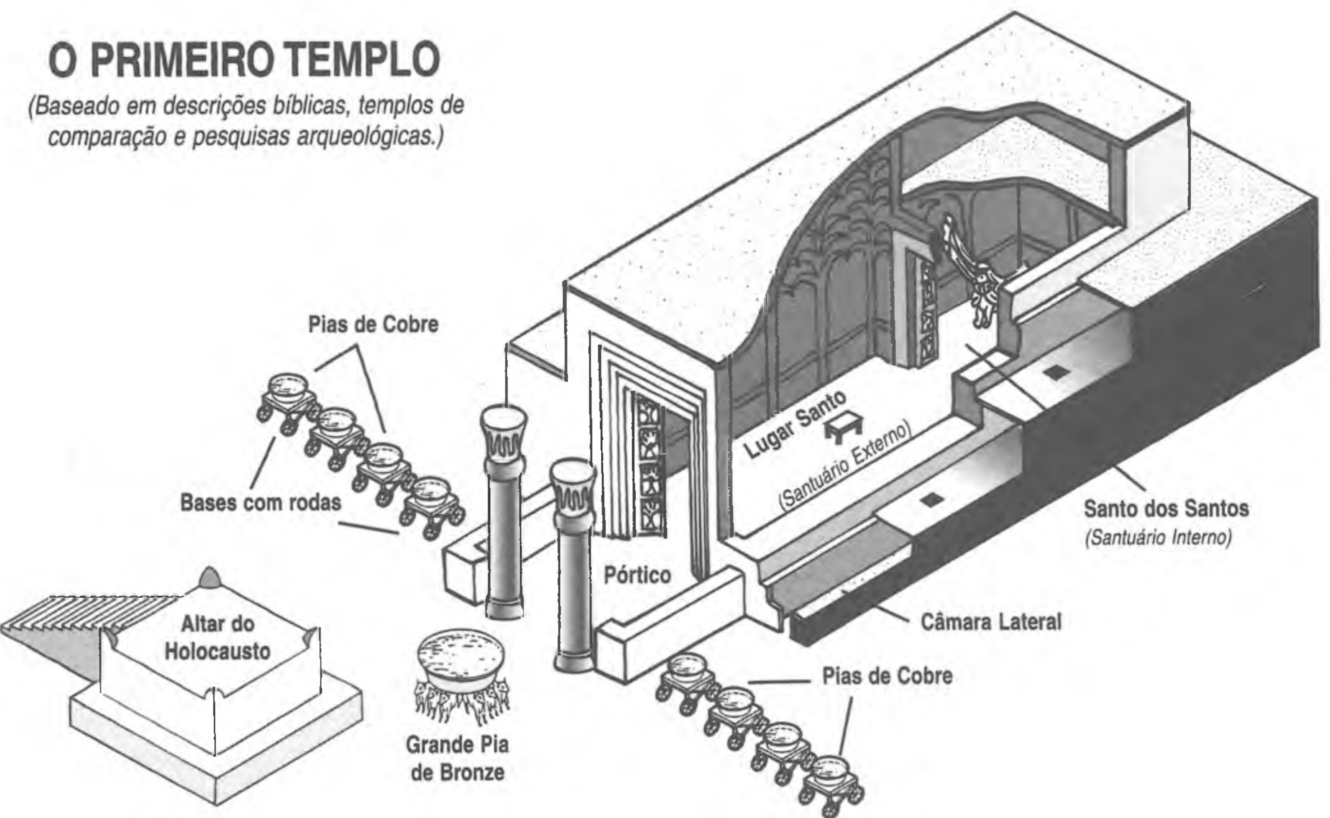
A arquitetura do Primeiro Templo

Como o professor Mazar comentou, o quadro que a arqueologia nos pinta do Templo de Salomão vem de estudos e comparações da forma dos templos entre os vizinhos de Israel.[8] O estilo do Templo de Jerusalém parece ter sido derivado do tipo de templos de salão comprido, comuns na Síria do segundo

milênio a.C.[9] O templo de salão comprido era construído com a porta da entrada no lado menor (ao invés de um templo de salão largo, que tem a entrada no lado maior). Considera-se em geral que o estilo do interior era *tripartido* (de três partes),[10] cada divisão tendo função distinta com graus diversos de santidade. O Templo em Jerusalém, em todas as suas construções, adotou esta forma com o pórtico externo, o Lugar Santo interno e o Santo dos Santos na parte mais interna.

O melhor exemplo arqueológico de um templo do tipo salomônico é um templo tripartido de salão comprido do século VIII achado em Tel Tainat, no vale de Amuq, ao norte do rio Orontes, Síria. Escavado durante a década de 1930 pela Universidade do Instituto Oriental de Chicago, este templo, que tinha orientação leste-oeste igual ao Templo de Jerusalém, ainda conservava um par de leões feitos para apoiar as colunas e guardar a entrada. Este templo foi construído próximo do palácio real, como o de Salomão. Outros bons exemplos provenientes do norte da Síria incluem quatro templos de dois sítios (Tel Munbaqa e Tel Emar), e um templo mal preservado em En dara. Além destes, dos três templos encontrados nas escavações em Ebla, um é de estilo de salão comprido, indicando uma longa história para este tipo de construção. Este mesmo estilo de templo foi importado para Canaã durante o segundo milênio a.C. e aparece (com variações) em Hazor e Tel Kitan (no vale do Jordão). Dois templos deste tipo pertencentes ao período do Bronze Médio IIB (1750-1550 a.C.) também foram encontrados em Siquém e Megido. A única forma de templo reconhecidamente israelita está representada por um templo pequeno dentro da fortaleza israelita em Tel Arade (no Neguebe).[11] Embora originalmente erigido na época de Salomão e interiormente semelhante ao Templo de Jerusalém, o estilo é o do templo de salão comprido. Isto fornece confirmação arqueológica do relato bíblico, mostrando que o Templo de Salomão foi inspirado por fonte não israelita.

Esta fonte estrangeira, porém, não era síria, mas fenícia. De acordo com o costume dos seus tempos, Salomão, quando construiu o Templo, contou com a perícia do provedor fenício de materiais, Hirão (Hurão), rei de Tiro (2 Sm 5.11; 1 Rs 5; 2 Cr 2.3-18). O texto bíblico acrescenta que Hirão enviou seus arquitetos e artesãos fenícios para assessorar as contrapartes israelitas na construção do Templo segundo especificações contemporâneas. Um destes foi o artesão meio-judeu, meio-fenício chamado Hirão-Abi, que recebeu a supervisão dos artesãos do Templo.[12] Crédito lhe é dado pela vasta combinação de objetos de decoração, fundição e revestimento do Templo (1 Rs 7.13-45; 2 Cr 2.13,14). A construção do Segundo Templo sob o comando de Zorobabel também envolveu


O PRIMEIRO TEMPLO
(Baseado em descrições bíblicas, templos de comparação e pesquisas arqueológicas.)
Pias de Cobre
Bases com rodas
Altar do Holocausto
Grande Pia de Bronze
Pórtico
Lugar Santo
(Santuário Externo)
Santo dos Santos
(Santuário Interno)
Câmara Lateral
Pias de Cobre

trabalhadores fenícios (Ed 3.7-10),[13] em consonância com o decreto de Dario, rei da Pérsia, de "reconstruir" o Templo. Os judeus no cativeiro, e muito distantes da construção original, só poderiam reconstruir (em vez de substituir) este Templo com a ajuda de fenícios qualificados para seguir projeto próprio.

Porquanto existam poucos exemplos de templos fenícios (ou, tenham ainda de ser achados) para confirmar este projeto, é certo que suas construções eram derivantes do mesmo templo de salão comprido.[14] Um templo fenício dois séculos mais velho do que o de Salomão foi escavado em Hazor. Media 25,6 por 17,0 metros e era tripartido. Em cada lado da entrada do *hall* principal havia um pilar redondo, como aqueles do Templo de Salomão. Outrossim, painéis e esculturas de marfim em vários templos fenícios trazem decorações de padrão semelhante a querubins, palmas e flores abertas lavradas no apainelamento do Templo de Jerusalém (1 Rs 6.35).[15] Além disso, o pai da Igreja, Eusébio, do século IV d.C., preservou em seus escritos o registro de um sacerdote fenício chamado Sanchuniaton, que forneceu detalhes de como o rei de Tiro, Hirão, abastecera Salomão de materiais para a construção do Templo. Tais informações arqueológicas sobre templos de comparação tornam possível reconstruir um retrato razoavelmente preciso do Templo salomônico.[16]

Uma excursão pelo Templo

Na aparência, o Primeiro Templo era um edifício modesto. Era do tamanho aproximado de uma igreja ou sinagoga pequena: 31,2 metros de comprimento, por 10,4 metros de largura, por 15,6 metros de altura, totalizando 324,4 metros quadrados, e situado numa plataforma de cerca de 3 metros de altura.[17] Na frente do Templo, para o leste, havia um pátio aberto no qual estava o altar do holocausto (ou de bronze). Não muito longe localizava-se uma imensa fonte de água chamada "mar de fundição (ou de metal)". Esta fonte, que comportava calculados 56.781 litros de água e repousava nas costas de uma dúzia de bois de bronze, era usada para o ritual da purificação e limpeza dos sacerdotes envolvidos na oferta de sacrifícios. Dez pias ou bacias (chamadas *mekhonot*) de bronze, ornamentadas e portáteis (providas de rodas), que ficavam perto de ambos os lados norte e sul do pátio, transportavam a água para os vários lugares do Templo. (Foi descoberto em Chipre um exemplar paralelo a estas pias portáteis que data do século XI a.C. Adornado com querubim, este carrinho tinha quatro rodas, era de bronze, media 33 centímetros e sustentava uma bacia de água.) Na extremidade mais ocidental do complexo do Templo havia um cinturão de despensas que circundavam os lugares santos. Outros objetos feitos para uso no Templo, como altares de pedra e pás de ferro para incenso, foram encontrados

em muitas regiões de Israel, mais notadamente vários exemplares do século VIII achados no sítio em Tel Dã, norte da Galiléia.

Para entrar nos lugares santos (os três compartimentos do Templo) primeiro subia-se na plataforma do Templo por uma escadaria de dez degraus que dava entre as colunas gêmeas de bronze, as quais eram chamadas de Jaquim ("Ele [Deus] estabelece") e Boaz ("nEle [em Deus] está a força") — cada uma com cerca de 12 metros de altura e 3,65 metros de circunferência. Depois do pórtico da entrada achava-se o primeiro e menor compartimento do Templo, que levava ao compartimento principal (o Lugar Santo). A porta pela qual o indivíduo entrava tinha provavelmente alizares de porta volumosos e que se engrenavam, semelhantes aos descobertos nas tumbas dos reis em Tamassos, Chipre, e num marfim do século VIII a.C. de Ninrode, de uma mulher numa janela.

No Templo, este compartimento do meio era o maior. Suas paredes interiores eram recobertas com tábuas de cedro elaboradamente esculpidas e revestidas com ouro, e o chão era coberto com tábuas de faia (ou cipreste), de forma que nenhuma obra de pedra ficava visível. Além disso, diz-se que Salomão adornou este compartimento com pedras bonitas e preciosas. Alojados dentro desta admirável câmara central estavam os objetos sagrados do Tabernáculo: o menorá (um candelabro de ouro com sete braços), a mesa dos pães (ou da proposição, ou pães da presença sagrada) e o altar de ouro (ou de incenso). Feitas especialmente para este compartimento (originalmente, inexistentes no Tabernáculo), havia dez mesas (cinco no lado norte e cinco no lado sul) que estavam acompanhadas por dez castiçais de ouro com suas lâmpadas, bem como muitos utensílios feitos para uso dos sacerdotes.

O compartimento mais interno estava separado da entrada por um grande véu duplo (10,4 x 20,8 metros) de tecido de três dedos de espessura e por uma parede com somente uma porta que era mantida fechada, exceto em ocasiões raras. O acesso a este compartimento não iluminado e sem janela (o Santo dos Santos) era proibido a todos, menos ao sumo sacerdote, mas só uma vez por ano no santíssimo *Yom Kippur* (dia da Expiação). Neste compartimento em forma de cubo perfeito (cerca de 108 metros quadrados), que era inteiramente revestido de ouro, cujo cálculo monta a 23 toneladas, ficava o objeto mais sagrado do Tabernáculo: a Arca da Aliança (*vide* o próximo capítulo). Podemos fazer uma idéia de como deveriam ter sido as partes chapeadas a ouro do Templo, baseando-nos em templos semelhantemente adornados no Egito. O templo do faraó Tutmés III (1450 a.C.) tem inscrições que registram que as entradas, pilares e santuários eram todos recobertos de ouro. Nas ruínas deste edifício encontram-



34. Ponta de cetro em marfim na forma de romã do báculo de um sacerdote que serviu no Templo de Salomão.

se ranhuras nas colunas e capitéis de pedra, que muito provavelmente serviam para prender as folhas de ouro que os cobriam.[18]

Os achados do Primeiro Templo

Depois que o Primeiro Templo foi queimado pelo exército invasor babilônico, o Segundo Templo de Zorobabel foi reconstruído no mesmo lugar do primeiro. Os construtores até reutilizaram algumas das antigas pedras e assim encobriram quaisquer restos arqueológicos do Primeiro Templo. Não obstante, acredita-se que algumas pedras das paredes exteriores que cercam o Templo são salomônicas e que partes dos muros na área do Ofel são do período do Primeiro Templo. O único artigo descoberto que se sabe ter relação com o Templo de Salomão é uma minúscula romã de marfim que outrora estava presa à ponta de um cetro. Datado do século VIII a.C., sua relação com o Templo é indicada por uma inscrição na cabeça do cetro: "Pertencente à ca[sa de J...]. Um objeto santo dos sacerdotes (ou 'santo aos sacerdotes')". É muito provável que a "casa" mencionada na inscrição seja a "Casa do Senhor (Jeová)" ou o Templo. Uma romã semelhante esculpida (sem inscrição) foi achada no chão de uma casa que data do século VI a.C. Também pode ter pertencido a um cetro e ter relação com o Templo ou era usada para decoração na rédea de um cavalo (tal uso é descrito em relevos assírios).[19]



35. Restos do Templo Samaritano no monte Gerizim.

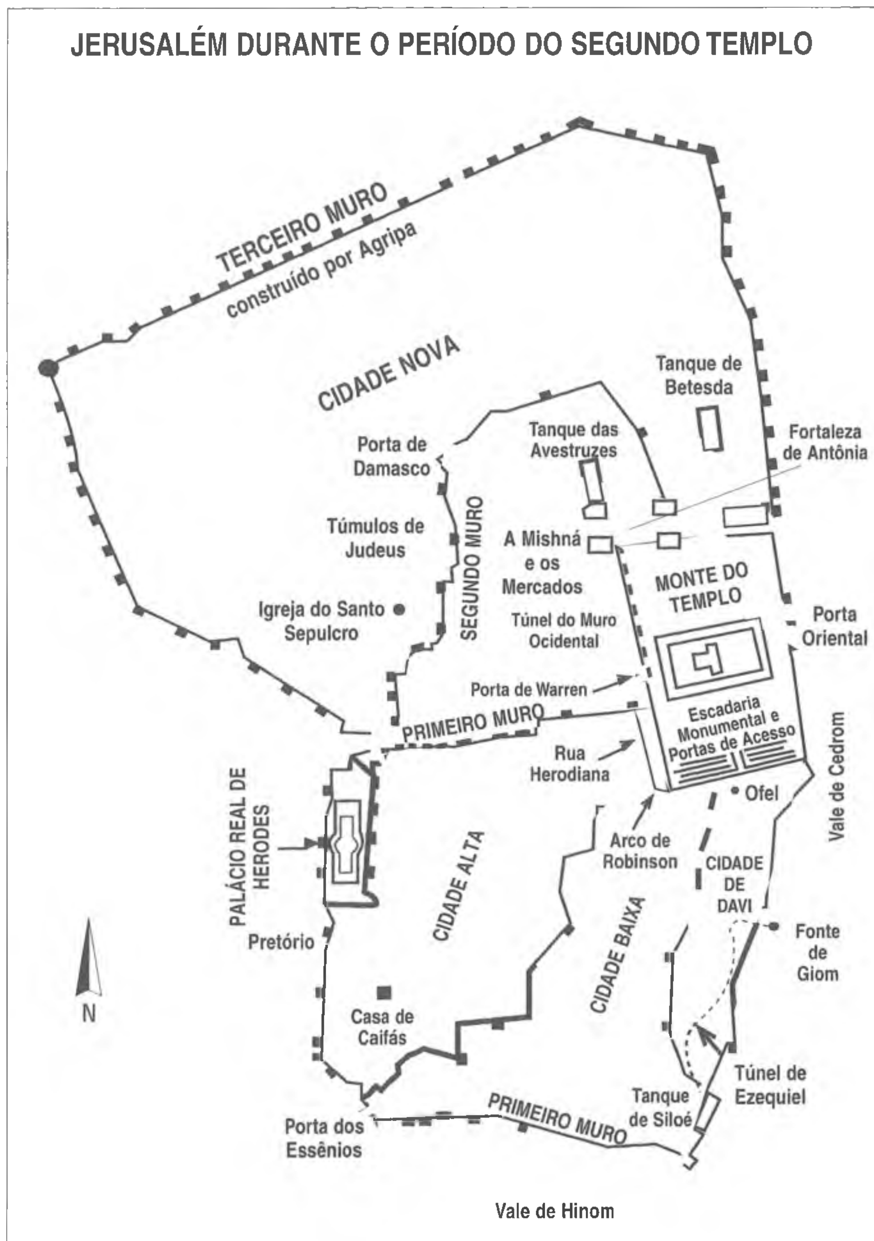
A arqueologia e o Segundo Templo

Uma réplica no monte Gerizim?

Segundo todas as indicações, o Segundo Templo (de Zorobabel) foi construído de acordo com a mesma planta e dimensões do Primeiro Templo. Embora a reconstrução feita mais tarde por Herodes tenha suprimido completamente todos os traços deste Templo, um extraordinário achado em Samaria abriu a possibilidade de recuperar uma duplicata exata do Templo de Zorobabel. A descoberta foi feita no monte Gerizim, local sagrado para os samaritanos, porque é onde outrora estava o seu antigo templo. De acordo com Flávio Josefo, historiador do século I, o Templo Samaritano foi destruído em 113 a.C. por João Hircano. No diálogo que manteve com Jesus, foi a este templo que a mulher samaritana se referiu como o lugar onde seus "pais adoraram" (Jo 4.20). Sob convite do diretor da escavação, Yitzhak Magen, visitei o sítio duas vezes no monte Gerizim para ver as descobertas. Os achados são as ruínas do Templo Samaritano, incluindo seus muros de 1,82 metros de espessura, portas e altares (nos quais encontraram cinzas e ossos de sacrifícios). Além destes, foram descobertos dois edifícios adjacentes, que se supõe serem uma residência real e um edifício administrativo, os quais na ocasião estavam sendo escavados. Estes edifícios assemelham-se à planta do complexo do Primeiro Templo, que tinha um palácio propriamente dito, a sala do trono, a casa da filha de faraó, o pórtico das colunas e a casa do bosque do Líbano. O Templo Samaritano foi localizado embaixo do chão da igreja bizantina de Maria Teótoco, do século V, que havia sido descoberta em escavações durante a década de 1920. A porta norte do templo combina com a porta do templo descrita no *Rolo do Templo*, um documento dos Rolos do mar Morto escrito quando o Segundo Templo (de Zorobabel) ainda estava de pé. Que o Templo Samaritano era uma réplica provável do Templo de Zorobabel está implícito na narrativa de Josefo sobre sua origem.

De acordo com registro do historiador, um sacerdote do Templo de Jerusalém, Menaém, apaixonou-se por uma mulher de nome Nikaso, que era filha de Sambalate, líder samaritano. Pelo fato de Nikaso não ser judia, foi dito a Menaém que escolhesse entre Nikaso e o sacerdócio. Escolhendo Nikaso e perdendo o acesso ao Templo de Jerusalém, Sambalate construiu para o novo genro um templo rival no monte sagrado de Gerizim, fazendo de Menaém o sumo sacerdote. Yitzhak Magen acredita que esta narrativa de Josefo está correta, comentando que as inscrições do século II a.C. descobertas no local confirmam que "os samaritanos adotaram tudo — das orações judaicas ao [seu] ritual de sacrifícios".[20]

A prioridade de escavação recaiu sobre os dois edifícios adjacentes, porque suas ruínas estão mais completas do que as encontradas no templo. Entretanto, quando tudo estiver escavado, nosso conhecimento desta fase há muito vivida do Templo de Jerusalém será imensamente melhor.



Antes do acesso judeu à área do monte do Templo, que foi ganha como resultado da Guerra dos Seis Dias, em junho de 1967, nosso conhecimento do Segundo Templo de Herodes estava limitado a uma pequena porção de um muro remanescente (conhecido como "Muro das Lamentações" ou Muro Ocidental), venerado como o "único remanescente" do Templo que sobreviveu à destruição romana em 70 d.C. Este quadro mudou em 1968 quando o arqueólogo israelita, Benjamim Mazar, começou extensas escavações na extremidade sul do muro ocidental e meridional do monte do Templo.[21] Estas escavações, concluídas em 1978, revelaram evidências nunca antes vistas da antiga existência e glória do Templo. Quando em 1979 me mudei para Jerusalém a fim de iniciar meus estudos arqueológicos, pude ver muitos dos artefatos descobertos exatamente do modo como estas escavações os revelaram, antes que fossem removidos para museus. Certo item que me impressionou foi um grande pedaço da balaustrada superior, que achava-se caída precisamente no lugar onde o exército romano a tinha derrubada há 2.000 anos. Um pedaço menor tinha se rompido e jazia contra o canto do muro. Nele havia uma inscrição com os dizeres: "Ao Lugar das Trombetas". Aqui era o lugar exato onde os sacerdotes tocavam as trombetas de prata para convocar o povo israelita ao local sagrado.

As escavações de Mazar revelaram muito mais. Alguns dos melhores achados que se tem notícia são admirados por milhares de turistas todos os anos. Um destes são as ruínas do Arco de Robinson, parte do apoio de uma grande escadaria que ligava a seção superior e a inferior do canto sudoeste do monte do Templo. Outro achado é a escadaria monumental no muro meridional e suas portas (Portas Duplas e Triplas), que serviam como entrada principal para o povo entrar no Templo. Jesus e os discípulos usaram esses degraus para entrar e sair do Templo e discutir suas construções (Mt 24.1,2; Mc 13.1,2; Lc 21.5,6). A história registra que Gamaliel ensinou seus alunos nestes degraus. Um desses alunos foi Saulo, que depois se tornou o apóstolo Paulo (At 5.34; 22.3).

Descobertas *embaixo* do monte do Templo

Uma das escavações mais empolgantes — e mais controversas — feitas no muro ocidental do monte do Templo foi a que expôs um extenso curso de muro no nível do solo original (15,8 metros abaixo do nível do solo atual). Este traba-

36. Inscrição na balaustrada do Templo onde se lê "Ao Lugar das Trombetas".



37. O autor com a balaustrada caída do Templo, que foi destruído em 70 d.C. Observe a porção quebrada no topo (lado direito), onde originalmente estava a inscrição "Ao Lugar das Trombetas".

lho começou em 1968 em conjunto com as escavações de Mazar e continuou até 1982. Em 1985, sob a direção de Dan Bahat, ex-arqueólogo distrital para Jerusalém com a Autoridade das Antigüidades de Israel, o trabalho foi retomado com o nome de escavações do "Túnel do Muro Ocidental".[22] As escavações revelaram a porção exposta do Muro Herodiano, que corria ao longo de um túnel de quase 275 metros de comprimento, com cerca de 90 centímetros a 1,20 metros de largura e 1,82 a 2,43 metros de altura. Pelo fato de se acreditar que este túnel era usado pelos sacerdotes que oficializavam no Templo, recebeu o nome popular de "Túnel dos Rabinos". As características do muro na extremidade sul da porção exposta são verdadeiramente impressionantes. Aqui, numa seção intitulada "Curso do Mestre", estão quatro blocos que trazem inconfundíveis sinais da habilidade herodiana (beiras e bossagens homogêneas). Estas "pedras de fundação" têm 3,35 metros de altura e variam de 1,82 a 12,80 metros de extensão! Calcula-se que a maior pedra tenha aproximadamente 4,57 metros de altura, 12,80 metros de comprimento e 4,26 metros de profundidade, pesando cerca de 545.000 quilos! Em comparação, a maior pedra da Grande Pirâmide do Egito pesa somente 10.000 quilos.

Ao longo do Túnel do Muro Ocidental também foi descoberta uma das antigas portas do monte do Templo. Primeiramente relatada no século XIX por Charles Warren, e por isso chamada de "Porta de Warren", é uma porta grandiosa que dava para a plataforma do Templo imediatamente ao sul de onde ficava o Santo dos Santos. Seu interior parece muito com o interior do atual Arco de Wilson (embora o Arco de Wilson seja datado de um período mais recente). Entretanto, devido a uma controvérsia com as autoridades muçulmanas em 1981, a porta foi hermeticamente fechada e bloqueada ao acesso. A primeira vez que entrei no túnel, vi esta porta em 1982, logo depois de ter sido selada. Desde então visitei o local muitas outras vezes, tanto com Dan Bahat quanto com o finado rabino Yehuda Getz, que estava envolvido com a escavação da porta. Minhas entrevistas com estes homens e com o finado chefe rabino Shlomo Goren (cuja escavação clandestina feita do outro lado da Porta de Warren até o muçulmano Domo da Rocha foi o que provocou a revolta que fechou a porta) estão publicadas em meu livro *In Search of Temple Treasures* (*À Procura dos Tesouros do Templo*)[23] e apresentadas em vídeo com o mesmo título.

Em direção à extremidade norte do túnel encontram-se sinais que revelam de onde as pedras foram extraídas (algumas das pedras estão apenas parcialmente cortadas). Um pouco mais adiante da área onde a rua original terminava está um canal e aqueduto de água chamado Túnel Hasmoneano (embora alguns o datem de época pré-hasmoneana),[24] que desembocava no Tanque das Avestru-



38. Interior do Túnel do Muro Ocidental de quase 275 metros de comprimento. Ao longo do lado direito está uma porção exposta do muro de sustentação do Templo dos dias de Herodes.

zes, imediatamente ao norte da antiga Fortaleza de Antônia (onde Jesus foi açoitado). A abertura em setembro de 1996 de uma nova saída para este Túnel Hasmoneano — abertura tencionada a dar acesso ao público — foi veementemente protestada pelos palestinos. Na decorrente revolta, 53 pessoas foram mortas.

Um passeio nas ruas de 2.000 anos de existência

Enquanto as escavações no Túnel do Muro Ocidental continuam, as escavações na extremidade sul do Muro Ocidental foram retomadas pelo arqueólogo de Jerusalém, Ronny Reich, em preparação ao 3.000º aniversário de Jerusalém (996 a.C. a 1996 d.C.), Reich removeu os escombros deste local e os colocou no nível original da Rua Herodiana. Em outubro de 1996, enquanto este trabalho estava sendo concluído, falei com Reich no próprio sítio e ele me ofereceu este resumo do trabalho de sua equipe:

> Escavamos fora dos muros do monte do Templo na rua principal de Jerusalém, que estava pavimentada entre o monte do Templo e a Cidade Alta e incluímos os bairros residenciais da cidade. [...] Expusemos aqui uma amostra de cerca de 70 metros da rua que tinha pelo menos 500 metros de comprimento — a extensão original do monte do Templo. [...] Colocamos à mostra meios-fios da rua de ambos os lados e as ruínas de traços de lojas que se abriam para a rua do lado oeste. No lado leste estavam outras lojas nas quais as pessoas compravam e vendiam todos os tipos de coisas que [serão determinadas] quando examinarmos os achados encontrados nas lojas. Já posso lhe adiantar que foi encontrada grande quantidade de pesos de pedra para pesar mercadorias à venda e esta é a primeira indicação de atividade comercial que ocorria aqui na rua. Se desejar, chame-a de centro comercial de Jerusalém. [...] Revelamos o exterior da área do monte do Templo — um lugar secular, embora muito próximo do recinto santo do Templo, contudo ainda na parte de fora.[25]

Sentia-me emocionado ao andar nesta rua recentemente exposta, sabendo que em 2.000 anos eu era um dos primeiros a fazê-lo. Também era interessante ficar dentro das entradas dessas lojas, com a plena consciência de que em outra época lojas semelhantes tinham se espalhado no recinto sagrado do Templo e recebido a condenação de Jesus, impelindo-o a expulsar os cambistas de dinheiro (Mt 12.12,13; Mc 11.15-17; Lc 19.45-47; Jo 2.14-17). Hoje, esta antiga rua ainda está entulhada de enormes pedras do monte do Templo, deixadas de propósito para revelar a magnitude da terrível devastação sofrida sob os romanos. Estas próprias pedras contam histórias, como Ronny Reich descreve:



39. A única foto conhecida do interior da Porta de Warren antes que fosse hermeticamente fechada.



40. A Porta de Warren como aparece hoje depois de lacrada.

> Resolvemos tirar as pedras da metade da rua e deixar as pedras na outra metade só para comemorar a destruição de Jerusalém. Estas pedras gigantescas pesavam, em média, de 2 a 4 toneladas cada; algumas são maiores, [...] chegando até 15 toneladas. [...] Como parece, os romanos desmantelaram as paredes pedra por pedra, [...] simplesmente derrubando-as sobre a rua das partes altas da parede. Em alguns lugares estas pedras ao caírem racharam as lajes [as pedras que pavimentavam a rua], em outros, as pedras chegaram a afundar na rua. Imagine: 10 toneladas de pedra caindo de uma altura de 25 metros. Este é um lugar comovente em extremo para os judeus zelosos que todos os anos, aos nove do mês de Abe [Tisha B'av] lamentam a [comemoração da] destruição do Templo. [...] Em todos os anos destes últimos 2.000 anos nós lamentamos, mas aqui podemos ver e tocar.[26]

Descobertas como esta tornam impossível acreditar nos revisionistas históricos que negam que o Templo judeu tenha algum dia existido. Ainda mais controverso — e ameaçador para tais revisionistas — são as deduções arqueológicas que situam o próprio Templo no lugar das estruturas sagradas do islamismo.

O local do Templo no monte do Templo

Uma plataforma de 25 acres que hoje domina o monte do Templo não passou por nenhuma perturbação substancial desde a última destruição do Templo, e os arqueólogos concordam que Templos antigos outrora ocuparam um lugar nesta plataforma. Mas a pergunta é: Onde? Pela razão de estar proibida a investigação arqueológica nesta área, só deduções podem ser feitas com base em escavações próximas à região e relatórios de escavações ocorridas no monte no século passado. No decorrer dos anos, várias teorias foram compostas. Asher Kaufman, físico da Universidade Hebraica de Jerusalém, oferece uma teoria que goza de popularidade. Baseado em sua leitura de um tratado da Mishná chamado *Middot* ("medidas") e mediante computações físicas, ele posiciona o Templo no canto noroeste da plataforma atual, cerca de 100 metros do Domo da Rocha dos muçulmanos.

Sua teoria da localização do Templo está baseada no alinhamento da Porta Oriental com a entrada para o Templo propriamente dito, uma suposta porção do Muro Oriental do Templo (descoberta em 1970 por Ze'ev Yeivin) e cortes para fundação que parecem se alinhar com o local atual de uma cúpula muçulmana conhecida como "Domo dos Tabletes ou Espíritos". Problemas com esta posição são a presença de um antigo fosso seco (aterrado pelos romanos em 68 d.C.), imediatamente ao norte, e o antigo vale Beth Zetha, ao



41. Entradas de lojas ao longo da rua da época de Herodes recentemente expostas no Muro Ocidental, mostrando porção de uma pilha de pedras da destruição do monte do Templo em 70 d.C. (bem à direita) e lajes rajadas da rua (no meio, à direita).

nordeste. Estas características geográficas teriam limitado a construção do Templo a este ponto do norte. Além disso, não há evidência alguma de que a Porta Oriental do Templo estivesse em alinhamento direto com a entrada do Templo, nem a atual Porta de Ouro é a localização correta da antiga Porta Oriental.

Outra teoria na direção oposta é a do arquiteto Tuvia Sagiv, de Tel Aviv. De acordo com características arquitetônicas e exames com raios infravermelhos, ele argumenta que o Templo foi construído onde hoje se situa a mesquita muçulmana de Al-Aqsa, com seu Santo dos Santos no lugar da fonte de al-Kas.

Entretanto, entre os arqueólogos israelitas, a conformidade de opiniões sobre a localização do Templo favorece o local tradicional, imediatamente a oeste e no centro da plataforma no lugar atual do Domo da Rocha. Evidências arqueológicas para esta localização foram primeiramente apresentadas por Benjamim Mazar, diretor das escavações do monte do Templo, com a ajuda de Leen Ritmeyer, que por 18 anos trabalhou nas escavações como arquiteto principal.[27] Ritmeyer, que hoje dirige sua própria companhia de projetos arqueológicos na Inglaterra, foi o primeiro a deduzir:[28]

> Josefo nos conta que Herodes duplicou a área do monte do Templo. No tratado da Mishná chamado *Middot*, somos informados de que o monte do Templo tinha 500 côvados quadrados. Investiguei certo degrau no canto noroeste da plataforma muçulmana de nossos dias e, usando algumas fotografias antigas, descobri que se tratava das ruínas de um muro mais antigo. Olhando nas plantas, logo percebi que este degrau situava-se paralelamente ao Muro Oriental do monte do Templo a uma distância de 262 metros. Se você dividir essa distância por 500, obterá o bem estabelecido côvado [real] de pouco mais de 52 centímetros de comprimento reportando ao período do Egito antigo. Com isso, eu tinha dois muros a uma distância de 500 côvados.
>
> Ao longo da atual extremidade norte da plataforma, Brian Loren investigou a cisterna número 29, relatada por Charles Warren no século passado. Warren descreve que viu no lado de dentro uma escarpa de pedra bem talhada, identificada por ele como o limite norte deste monte do Templo pré-herodiano. Deste ponto de partida no Muro Ocidental, que continua pelo Muro Setentrional percorrendo uma distância de 500 côvados, chegamos ao Muro Oriental imediatamente ao norte da atual Porta de Ouro. Daquele ponto pode-se projetar 500 côvados até a uma curva, provavelmente devido a uma construção mais antiga que foi profundamente enterrada. Também a oeste, a Porta de Barclay é na forma de L e o ponto onde faz a dobra tem exatamente 500 côvados do Muro Oriental.



42. Antiga localização do Templo judeu, de acordo com Asher Kaufman — cerca de 100 metros do Domo da Rocha no local da cúpula pequena (primeiro plano).

> Assim, logo que eu tinha posicionado três muros com os seus cantos, foi relativamente fácil completar o retângulo e, então, tomar as medidas deste retângulo e compará-lo com o local atual. O resultado foi precisamente o dobro do anterior. Evidências [adicionais] que apoiariam a localização deste antigo monte do Templo são os túneis subterrâneos que levam às Portas Duplas e Triplas justamente opostas ao Muro Meridional da época anterior a Herodes. No oeste, os túneis subterrâneos de Barclay e Loren foram construídos até ao Muro Ocidental pré-herodiano. Assim, acredito que eu tenha descoberto o local do monte do Templo pré-herodiano.[29]

Fazendo um diagrama destas conclusões, Ritmeyer removeu artisticamente os aumentos mais recentes feitos nessa plataforma pelos hasmoneanos e pelo rei Herodes, os quais foram identificados durante escavações arqueológicas, e tracejou as dimensões dos vários pátios do Templo como estão registrados na Mishná. Isto lhe permitiu definir o Templo na plataforma de 500 côvados no lugar do atual Domo da Rocha (para ver o diagrama e identificações precisas deste local, consulte o próximo capítulo).[30]

Na expectativa de novas descobertas

Os recentes trabalhos arqueológicos têm tornado impossível para as pessoas negarem a existência do Templo judeu em Jerusalém. Propaganda política e rivalidades religiosas impedem-nos atualmente de encontrar outras evidências



43. Maquete do Segundo Templo Herodiano (olhando de leste para oeste).

do Templo que, com certeza, jazem enterradas sob a plataforma presente. Mas virá o dia em que tudo isso pertencerá ao passado e então poderemos revelar as maravilhas que datam dos dias gloriosos do Templo. Esta expectativa torna-se mais especial pelo fato de que este foi o lugar onde Jesus disse que as pedras clamariam. Que inclinemos o ouvido em antecipação a esse dia futuro!

11

A arqueologia e a Arca

Superstição sagrada ou artefato antigo?



Modelos do Tabernáculo têm sido feitos a partir de fontes arqueológicas e outras. [...] Recipientes de madeira folhados a ouro ou santuários portáteis também ostentam certo grau comparável de antigüidade. [...] O conceito realmente estava muito próximo ao da Arca da Aliança dos hebreus, a não ser pelo fato de que, antes do exílio, esta última era o objeto mais sagrado no ritual e culto hebreus.[1]

— *E. M. Blaiklock*

A presença poderosa da Arca da Aliança serviu para dividir o rio Jordão, derrubar os muros de Jericó, destruir as cidades dos filisteus e matar israelitas irreverentes. Com esse tipo de história, a arca foi destinada a se tornar o objeto central dos roteiros escritos para filmes hollywoodianos. Lamentavelmente, isto fez com que algumas pessoas consignassem este artefato antigo ao campo da superstição sagrada. Além disso, há estudiosos que vêem a arca como simples criação literária, uma peça de ficção religiosa projetada para dramas teológicos. Outros afirmam que os exércitos de outras culturas antigas do Oriente Próximo levavam imagens dos seus deuses para as batalhas, e, por isso, são de opinião de que os israelitas tomaram emprestado ou compartilharam esta mitologia regional, tendo sua própria versão desta prática pagã (a arca) para situações difíceis.

Pelo contrário, a narrativa bíblica demonstra a singularidade teológica da arca em relação a outras culturas. Ademais, os arqueólogos têm encontrado

artefatos que são paralelos à arca, gerando credibilidade à possibilidade de sua existência. A arqueologia também conseguiu fazer uma descrição da arca que é compatível com os dados bíblicos.

Primeiramente, vamos considerar a descrição bíblica da arca e, depois, examinaremos exemplos arqueológicos que ilustram seu desígnio.

A descrição da Arca

A Arca da Aliança (ou Arca do Testemunho) tinha a forma de caixa retangular, medindo aproximadamente 1,20 metros de comprimento, 60 centímetros de altura e 60 centímetros de largura.[2] Este *design* está indicado pela palavra hebraica *'aron*, que significa "caixa" ou "cofre".[3] A palavra portuguesa *arca* vem do latim e também significa "cofre". O miolo da arca era feito de madeira de acácia (ou de cetim), o que atesta sua origem desértica, visto que árvores de acácia são nativas da região do Sinai. Esta madeira tem tamanha durabilidade que na versão grega do Antigo Testamento, chamada Septuaginta, a palavra é traduzida por "incorruptível" ou "não deteriorável". Justaposta a esta madeira imperecível havia uma camada de ouro, aplicada para proteção prática e simbolismo religioso. Segundo certa fonte, a madeira era dourada (ou seja, folhada a ouro).[4] Outras fontes informam que o texto hebraico indica que havia caixas finas de ouro no interior e no exterior do repositório da madeira original, formando algo como uma "caixa chinesa".[5] Desta forma, a arca pode ter sido um recipiente de três camadas (uma caixa de ouro, mais uma caixa de madeira, mais uma caixa de ouro).

A porção superior da arca tinha um tabuão de ouro de construção especial chamado "propiciatório" (em hebraico *kapporet*, "cobertura"). Este tabuão servia como tampa plana para a caixa e encaixava-se numa beira ou "coroa" de ouro que circundava o topo dos quatro lados da caixa exterior e ajudava a manter a tampa no lugar. Esta característica impedia que a tampa caísse acidentalmente e expusesse o conteúdo da arca quando transportada. Em cima da tampa de ouro havia um par de seres alados de nome "querubim". Tudo isso formava uma peça maciça de ouro. Será que esta é uma descrição fidedigna de um verdadeiro objeto da antigüidade? A comparação com relíquias semelhantes que foram desenterradas no antigo Oriente Próximo nos ajudará a encontrar a resposta.

Paralelos arqueológicos à Arca

O vocábulo hebraico para "arca" (*'aron*) também era usado para os caixões egípcios (Gn 50.26), e alguns dos nossos melhores exemplares de objetos na



44. Modelo da Arca da Aliança preparado por Chaim Odem para o Instituto do Templo, em Jerusalém.

forma de arca chegam-nos do Egito. Por exemplo, em Luxor, no Vale dos Reis, os arqueólogos descobriram a tumba do jovem faraó egípcio Tutancâmon (1343-1325 a.C.).[6] Os objetos de sua tumba estão em exibição permanente no Museu do Cairo, no Egito. Nesta tumba foi encontrada uma arca no formato de cofre feito de cedro, com aproximadamente 81 centímetros de comprimento, com varapaus para transporte que deslizam em anéis de metal presos embaixo. Também foi achado um relicário maior que consiste numa caixa de madeira retangular revestida de ouro. A caixa tinha varapaus para transporte e uma imagem do deus Anúbis montado em cima. Além disso, esfinges egípcias, aparecendo normalmente em pares, adornavam muitos dos objetos relativos a ritos — em certo caso, outra "arca". Contudo, nesta arca em particular as esfinges estão gravadas no lado.

Muitas culturas do Oriente Próximo adotaram o conceito de querubins em arca com atributos humanos e animais para representar os poderosos guardiães dos deuses. Exemplos de esfinges, touros alados e grifos surgem da Assíria, Babilônia, Grécia e Fenícia, como também de Canaã. Um exemplar de marfim



45. Réplica miniaturizada da arca, mostrando sua construção como caixa de três camadas. Dentro da primeira caixa de ouro estão as tábuas dos Dez Mandamentos.

especialmente bonito, dos séculos VIII e IX a.C., foi achado no palácio do governador assírio Hadatu, em Aslan Tash, norte da Síria.[7] Estes símbolos aparecem habitualmente como combinação de criaturas. Por exemplo, no Egito a esfinge é um homem leão, enquanto que na Babilônia a figura primária é um homem boi. Em Israel, foram descobertas figuras de querubins de marfim na forma de esfinge nas ruínas que outrora faziam parte do palácio do rei Acabe, em Samaria. É difícil determinar em que grau estas esfinges israelitas mais recentes eram representação precisa do querubim da arca. As imagens de seres alados em culturas de comparação do Oriente Próximo foram influenciadas pela mitologia pagã local, mas os querubins sobre a Arca da Aliança, de acordo com a tradição judaica, eram inigualáveis na forma.[8]

A arqueologia e o conceito da Arca

Na Bíblia, a arca é descrita como o lugar onde o Deus do céu toca a terra dos homens. Por exemplo, lemos sobre "a arca do concerto do SENHOR dos Exércitos, *que habita entre os querubins*" (1 Sm 4.4, ênfase minha; *vide também* 2 Sm 6.2; 2 Rs 19.15; Sl 80.1; 99.1; Is 37.16). Por essa razão a arca é freqüentemente aludida como "o *escabelo dos pés* do nosso Deus" (1 Cr 28.2, ênfase minha; *consulte também* Sl 132.7,8). Este conceito está ilustrado na arte antiga

dos vizinhos mais próximos de Israel: Síria e Canaã circunvizinhas.[9] Nos relevos assírios e babilônicos um rei é em geral assistido por uma representação da deidade da nação, a qual é retratada por um disco solar alado pairando sobre a cabeça do rei (como a que foi feita no séquito do rei Dario no monte Behistun). Em Biblos, Hamate e Megido os arqueólogos encontraram representações de um rei sentado num trono flanqueado por criaturas aladas.[10] Imagens similares em marfins de Megido são de particular interesse, porque refletem a habilidade fenícia, como a empregada na construção do Primeiro e Segundo Templos (1 Rs 5; Ed 3.7). Assim estes objetos podem proporcionar a representação mais próxima de qual teria sido a aparência da arca. O propósito deste simbolismo era denotar o estado divino de alguém entronizado, representá-lo como montando uma carruagem divina assessorada por um séquito de seres celestiais.

A arqueologia e o conteúdo da Arca

A arca continha objetos sagrados associados com a presença de Deus com Israel no deserto. Estes objetos serviriam como testemunhas da aliança mosaica para as gerações futuras do povo judeu. Os relicários sagrados das outras religiões do Oriente Próximo tinham imagens dos seus deuses, mas pelo fato de Deus ter proibido os israelitas de fazerem representações físicas dEle, a imagem divina era comunicada pela Lei de Deus, a qual estava dentro da arca. Esta Lei compreendia as Dez Palavras (os Dez Mandamentos) que haviam sido escritas



46. Arca no formato de cofre encontrada na tumba do rei Tutancâmon — cerca de 1334 a.C.

em duas tábuas de pedra. Estas "tábuas da Lei" ficavam permanentemente dentro da arca (2 Cr 5.10).[11] A versão de Hollywood destas tábuas é em geral exagerada. Quer intencionalmente ou não, o retrato cinematográfico de um homem de 80 anos carregando enormes lajes de pedra que pesam centenas de quilos e descendo uma montanha íngreme faz a Bíblia parecer mais fantasia do que realidade.

Contudo, a arqueologia oferece um quadro mais preciso. Baseado em descobertas de tábuas de pedra com inscrições semelhantes, os Dez Mandamentos foram esculpidos provavelmente em lascas de pedra não muito maiores do que o tamanho da mão do homem.[12] Este tamanho está implícito pela dimensão relativamente pequena da própria arca. Os sábios rabínicos, rabino Meir e rabino Yehudah, debateram o conteúdo da arca. O primeiro disse que as tábuas de pedra e os rolos da Torá foram colocados lado a lado dentro da arca. O último argumenta que no quadragésimo ano da curta permanência no deserto, uma prateleira foi anexada a um lado fora da arca para segurar o rolo da Torá.[13] De qualquer modo, somente tábuas pequenas poderiam caber dentro da arca.

A arqueologia também nos ajuda a entender a razão para estas tábuas terem sido depositadas dentro da arca. Nas culturas do Oriente Próximo, nos tempos de Moisés, era costume pôr documentos legais e acordos entre reinos rivais "aos pés" do deus que cultuavam, no seu santuário. Este deus agia como o guardião dos tratados e supervisionava sua implementação. Registros egípcios fornecem exemplo disto num pacto feito entre Ramsés II e Hatusílis III. O acordo foi fechado ao depositar uma cópia do tratado aos pés de Teshup, o deus do rei hitita, e de Rá, o deus do faraó. As tábuas da Lei colocadas dentro da arca estavam igualmente aos "pés" de Deus, porque a arca era o escabelo dos seus pés.[14] Outro possível exemplo deste costume pode ser visto em 1 Samuel 10.25, onde lemos que o profeta Samuel registrou as ordenanças do reino e as pôs "perante o SENHOR", ou seja, ao pé da arca. Semelhantemente, o rei Ezequias pode ter agido conforme este costume quando "estendeu perante o SENHOR" as cartas ameaçadoras do assírio Rabsaqué (Is 37.14).

Uma breve história da Arca

A Arca da Aliança foi construída pelo artesão Bezalel ben Uri ("À Sombra de Deus, o Filho da minha Luz"), sob a supervisão de Moisés no monte Sinai. Foi transportada de um lugar para outro juntamente com o Tabernáculo pelos longos anos da jornada dos israelitas à Terra Prometida e no decorrer dos períodos da conquista e estabelecimento na terra. Quando os israelitas entraram em



47. Um dos querubins (ou esfinges) de marfim proveniente do palácio de Acabe, em Samaria.

Canaã pode ser que a arca tenha servido como substituta da experiência da presença do Senhor manifestada no monte Sinai. Enquanto que a presença de Deus estava visivelmente presente no deserto, estava representativamente presente com a arca.[15] Quando o rei Davi conquistou Jerusalém e a fez capital da nação judaica, ele transportou a arca, com o Tabernáculo, para Jerusalém. Quando o filho de Davi, Salomão, o sucedeu no trono, ele construiu o Primeiro Templo e colocou a arca sagrada em seu compartimento mais interior conhecido como o Santo dos Santos (1 Rs 6.19).

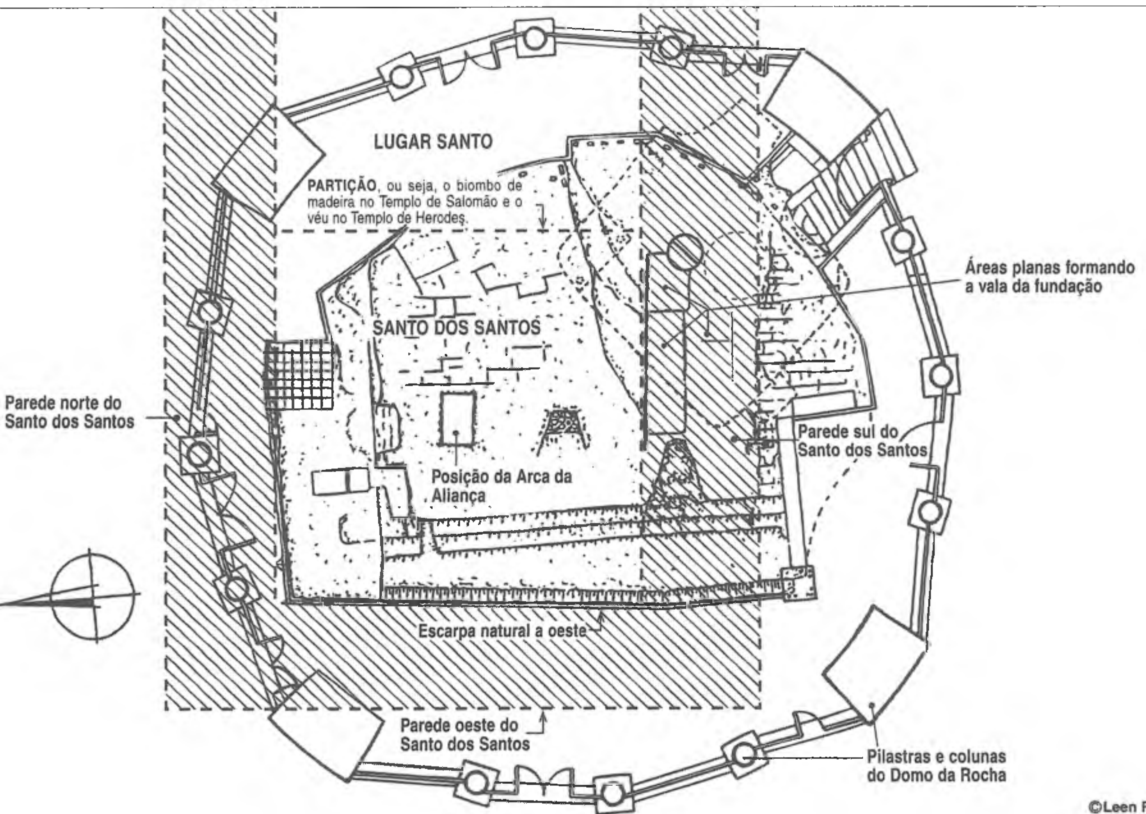
No Primeiro Templo, o sumo sacerdote se aproximava da arca uma vez por ano, no dia da Expiação, para levar perante Deus o sangue sacrificatório destinado a obter outro ano de perdão dos pecados para a nação judaica. Durante o reinado do perverso Manassés, rei de Judá, a arca foi retirada do Templo e um ídolo de escultura colocado em seu lugar (2 Rs 21.4-7). Não sabemos onde a arca foi guardada durante este tempo, mas ela reapareceu uma geração depois durante o tempo do rei Josias e foi colocada de volta no Santo dos Santos (2 Cr 35.3), depois de o rei ter ocasionado a reforma e feito amplos consertos na estrutura do Templo (2 Rs 22.1-7). Cerca de 38 anos depois, o Primeiro Templo foi destruído pelo comandante babilônico Nebuzaradã (2 Rs 25.8,9), e ainda que os tesouros do Templo tenham sido levados para a Babilônia e depois devolvidos (2 Rs 25.13-17; Ed 1.7-11; Is 52.11,12; Jr 27.16-22; Dn 5.2-4), a arca nunca foi mencionada entre estes itens.

A arqueologia descobriu o lugar da Arca?

Desde o cativeiro babilônico, há 2.500 anos, a localização exata da arca tem permanecido desconhecida. Embora persistam rumores de que a Arca da Aliança foi encontrada aqui ou ali, nenhuma evidência arqueológica foi apresentada para substanciar quaisquer dessas reivindicações. Contudo, hoje podemos fazer uma idéia de onde a arca ficava dentro do antigo Santo dos Santos. Se, como vimos no último capítulo, é possível deduzirmos o local do edifício do Templo e seu Santo dos Santos, então é possível localizarmos onde a arca foi colocada dentro desta estrutura. De acordo com fontes antigas, como Josefo e o tratado da Mishná, chamado *Middot*, a arca repousava numa plataforma de rocha firme. Na tradição judaica, esta plataforma era chamada de *'Even Ha-Shetiyah* ("a Pedra Fundamental"), e em árabe *es-Sakhra* ("a Pedra"). Segundo pesquisas feitas por Leen Ritmeyer, ex-arquiteto principal das escavações realizadas no monte do Templo e hoje diretor da Ritmeyer Archaeological Design na Inglaterra, a enorme pedra dentro do atual Domo da Rocha muçulmano tem de ser a plataforma de rocha firme dentro do Santo dos Santos. Ritmeyer explica como chegou a esta conclusão:

> Custou-me 20 anos para entender. Estava convicto de que o Templo devia ter estado aqui em algum lugar. Comecei examinando as dimensões da rocha e as medidas do interior do Templo. Sabemos que as medidas do interior do Templo eram de 20 côvados de largura. O [Lugar] Santo tinha 40 côvados de comprimento e o Santo dos Santos era 20 por 20 côvados. Se usarmos a medida das dimensões de 500 côvados da Mishná, o Santo dos Santos terá cerca de 10,4 metros. Comparando isso com o tamanho da rocha, a rocha é maior do que o Santo dos Santos. Contudo, a Mishná [*Yoma* 5.2] diz que esta pedra é chamada de *'Even Ha-Shetiyah*, "a Pedra Fundamental". Por que a chamariam de Pedra Fundamental? Porque se o Santo dos Santos fosse menor do que a rocha, então a rocha teria servido como fundação para, pelo menos, um dos Templos. Com essa informação em mente, comecei a examinar mais de perto a rocha à procura de uma fundação.[16]

O exame que Ritmeyer fez da rocha começou primeiro eliminando os sinais exploratórios que os cruzados deixaram na rocha, a qual em 1099 d.C. fora conquistada dos muçulmanos e convertida numa igreja cristã chamada *Templum Domini* ("Templo do Senhor"). Cortes existentes nos lados norte, sul e oeste da rocha foram atribuídos por ele às ações desses expedicionários. Os cruzados tinham a opinião de que a pedra desfigurara o Templo do Senhor e por isso a moldaram na forma que julgavam ser um tamanho mais aceitável. Em seguida,



A localização do Santo dos Santos no Templo, mostrando o possível local da Arca da Aliança, dentro do moderno Domo da Rocha.



48. A "Pedra Fundamental" (Sakhra) dentro do Domo da Rocha muçulmano (visto da escarpa ao norte). Repare na depressão retangular identificada por Leen Ritmeyer como o lugar do assentamento da Arca da Aliança durante o período do Primeiro Templo.

construíram um altar no cimo da rocha. Em 1187, quando o califa Saladin recapturou para os muçulmanos o Domo da Rocha, encontraram a rocha coberta de lajes de mármore. Ao removerem as lajes, descobriram que a rocha havia sido mutilada. Esta mutilação incluía o alargamento de uma caverna e a abertura de alguns túneis profundos cavados sob a rocha, o que pode indicar que os cruzados estavam tentando localizar o esconderijo secreto da arca. A caverna natural abaixo da rocha foi identificada por eles como o Santo dos Santos, onde eles comemoravam a visita do anjo a Zacarias. Eles alargaram esta caverna com o propósito de usá-la como santuário, e pelo fato de queimarem velas e incenso na caverna, foi necessário abrir uma cavidade vertical para ventilação (isto formou o buraco que hoje há na rocha).

Portanto, antes que os cruzados desfigurassem a rocha, o nível superior teria sido maior e mais aplainado. Ritmeyer então mediu as áreas planas da parte sul da rocha identificadas por ele como as valas da fundação. Suas dimensões combinavam perfeitamente com a espessura conhecida das paredes do Segundo Templo (6 côvados ou 3,12 metros). Esta vala da fundação revelou a localização da parede sul do Santo dos Santos. A parede da parte de trás estaria encostada na inalterável escarpa rochosa natural situada a oeste. A parede norte situar-se-ia adjacente à extremidade norte da própria rocha. Esta disposição das paredes também concordava com cálculos anteriores feitos por Ritmeyer sobre o posicionamento da plataforma do Templo original. Ele descobriu que a direção da escarpa a oeste era virtualmente idêntica à da escadaria, previamente identificada por ele, e do muro oriental do monte do Templo. Assim, o Primeiro e Segundo Templos teriam tido a mesma orientação — o eixo longitudinal do Templo em ângulos retos com a parede oeste. Este eixo também está alinhado com o ponto mais alto do monte das Oliveiras, onde acontecia o sacrifício da bezerra ruiva (necessário para o ritual da purificação — Números 19). Esta tornou-se para Ritmeyer uma confirmação adicional da localização do Templo.

Descoberto o local da Arca

Tendo identificado estas estruturas, Ritmeyer começou a procurar outras indicações para a posição do Santo dos Santos. Ele nos conta a história de como esta identificação foi primeiramente percebida:

> Assim que comecei a pesquisar este problema na primavera de 1994, os segredos da *Sakhra* revelaram-se para mim numa sucessão tão rápida que às vezes era empolgante. Enquanto viajava de avião para Israel, a 10.000 metros de altura, obtive meu primeiro vislumbre da mais espetacular de todas as descobertas, qual

seja, o da localização primitiva da Arca da Aliança! Desviando o olhar do filme que passava a bordo do avião, apanhei uma fotografia grande da *Sakhra* que estava em minha pasta e tentei mais uma vez traçar aquelas áreas planas que, é claro, me eram conhecidas como as valas da fundação. [...] Esbocei sobre as áreas planas na fotografia da *Sakhra* a linha da parede sul do Santo dos Santos. [...] Tracejei o limite ocidental da rocha e a parede norte no limite norte da pedra exposta. [...] Também fiz uma linha pontilhada onde o véu, que separava o Santo dos Santos do [Lugar] Santo, estaria pendurado. Não esperava achar quaisquer restos arqueológicos, visto que ali nunca existira uma parede. Então, de repente, notei no meio deste quadrado um retângulo escuro! O que poderia ser? A primeira coisa que me ocorreu, obviamente, foi o [lugar da] Arca da Aliança, a qual outrora ficava no centro do Santo dos Santos no Templo de Salomão. Mas claro que isso não podia ser verdade, pensei. [...] [Não obstante,] de acordo com meu plano, ajustava-se exatamente no centro do Santo dos Santos. As dimensões desta bacia rasa combinavam com as da Arca da Aliança, que eram 1,5 x 2,5 côvados (78 x 130 centímetros), com o eixo longitudinal coincidindo com o do Templo. Sua localização é bastante singular, visto que só poderia ter sido o lugar onde ficava a Arca da Aliança. É evidente que sem essa área plana a arca ficaria oscilando de maneira indigna, o que concebivelmente não seria permitido.[17]

De acordo com Ritmeyer, então, esta depressão na rocha servia como base para firmar a arca no Santo dos Santos. Tal depressão não poderia ter sido criada pelos cruzados, porquanto eles recobriram a rocha com lajes para escondê-la e teriam colocado uma estátua (em tal base) no meio da rocha e não ao norte da rocha (onde a depressão teria estado naquela época).[18]

A pesquisa de Ritmeyer está sumariada no diagrama desenhado por ele e apresentado por nós no fim deste capítulo. Descreve um corte no sentido norte-sul feito no monte do Templo herodiano e em seus átrios em relação ao atual Domo da Rocha. Pode-se ver a plataforma de rocha firme original designada "Sakhra", que era o ponto mais alto do monte Moriá — local em que Abraão tinha oferecido Isaque e onde havia estado o anjo do Senhor nos dias do rei Davi. Dentro acha-se a caverna natural dos dias de Salomão; a escarpa ocidental onde a parede oeste teria sido construída. O chão do Santo dos Santos tem uma área reentrante onde a Arca da Aliança teria sido colocada no Templo de Salomão.

Porquanto seja impossível investigar arqueologicamente a rocha para confirmar as conclusões de Ritmeyer, se ele está certo, então identificamos pela primeira vez o local do Santo dos Santos e a posição primitiva da Arca da Aliança. Neste caso, a pedra das pedras clamou com a evidência de que a arca realmente existiu!

OESTE
LESTE
TEMPLO DE HERODES
CÂMARA SUPERIOR
DOMO DA ROCHA
PORTA DE NICANOR
SANTO DOS SANTOS
LUGAR SANTO
PÓRTICO
SUPOSTA PASSAGEM PARA A ESCADARIA
500 CÔVADOS DO MURO ORIENTAL
DOMO DA CORRENTE
ALTAR
LINHAS CONVERGENTES DA VISTA PARA O TOPO DO MONTE DAS OLIVEIRAS
2440'
NÍVEL DO SOLO ATUAL
MURO ORIENTAL
ÁTRIO DAS MULHERES
POSSÍVEIS RUÍNAS DO MURO ORIENTAL DO PERÍODO DO PRIMEIRO TEMPLO
MURO OCIDENTAL HERODIANO
740,35 m
CAVERNA
740,35 m
OBSERVADO POR BAGATTI (1959) E CLERMONT-GANNEAU (1874)
737,31 m
CISTERNA DA PORTA DE WARREN
725,11 m
0
50m
ACUMULAÇÃO DE FRAGMENTOS DE ROCHA
722,07 m
713,84 m
LUGAR DA ARCA DA ALIANÇA
NÍVEIS DA ROCHA DE ACORDO COM WARREN
(metros acima do nível do mar)
VALE DE CEDROM
VALE DE TIROPEÃO
© Leen Ritmeyer

Posição do Templo e do Santo dos Santos de acordo com Leen Ritmeyer. A Arca da Aliança estaria assentada à esquerda da *Sakhra*, no meio do Santo dos Santos neste diagrama.

12

Reis e profetas

Assinaturas sagradas na pedra



Devido a intensas pesquisas arqueológicas, o Judá da Idade do Ferro é um dos segmentos de maior conhecimento da arqueologia da Palestina.[1]

— *Amihai Mazar*

O final do século VII a.C. foi uma era próspera, mas trágica. Os estudos bíblicos e a arqueologia juntos estão revelando muitas coisas acerca deste período no que tange a torná-lo um dos mais bem conhecidos da história antiga. [...] O intensivo trabalho de campo arqueológico, incluindo escavações e pesquisas, é responsável por tornar muito bem conhecido a época que compreende o final do século VII e princípio do século VI a.C.[2]

— *Philip J. King*

Uma das modernas alegorias cristãs que gozam de grande estima entre o povo cristão chama-se "Rastros na Areia". A narrativa chama a nossa atenção para o fato de que nos momentos mais difíceis da vida, quando parece que estamos sozinhos e vemos apenas um par de rastros na areia, Deus não estava ausente, pois Ele nos carregava nos braços!

Também houve uma época na história de Israel que parece que Deus abandonou o povo escolhido para que este vivesse por conta própria. Os israelitas escolheram ser governados por reis em vez do Rei e, assim, colocaram seu caminho no curso de todas aquelas nações que tinham ido antes deles. Como re-

sultado disso, tempos difíceis vieram. Mas neste tempo de prova nacional, Deus não deixou que seu povo caminhasse só. Para guiá-los de volta para o caminho certo Ele enviou profetas e sacerdotes, alguns dos quais deixaram seus próprios "rastros" e, como veremos, até impressões digitais nas pedras. Seus "rastros" deixaram impressão mais sólida do que os outros eventos e povos antes deste período de tempo — a Idade do Ferro II (1000-586 a.C.) —, porque as evidências arqueológicas já desenterradas melhoram imensamente à medida que partimos do fim do reinado de Salomão e avançamos pela monarquia de Israel.

Estas evidências aumentaram nossa compreensão do contexto doméstico e estrangeiro em que o povo de Israel trabalhou sua fé. Um sítio arqueológico que muito tem contribuído para nosso conhecimento do contexto estrangeiro é Tel Miqne, o sítio da cidade bíblica de Ecrom, que serviu como uma das principais cidades dos filisteus e o centro de uma indústria importante da época. Recentemente uma nova e sensacional descoberta feita no sítio ajudou os arqueólogos a inteirar-se mais acerca da presença filistéia.

Achando os filisteus

Identificando o povo filisteu

Na Bíblia, um dos mais proeminentes inimigos de Israel foram os filisteus. Emergidos de um grupo de povos invasores provenientes do mar Egeu durante o século XII a.C., tornaram-se o mais terrível inimigo de Israel no tempo dos juízes. Ocuparam lugar de destaque na história primitiva de Israel, encontrando-se com figuras como Sansão, Samuel, Saul e Davi. E quem não conhece os nomes filisteus da sedutora Dalila ou do gigante Golias?

A área habitada pelos filisteus foi a planície litorânea do Mediterrâneo, e o acesso a esta região, exceto durante o curto reinado de Salomão, evitou que Israel desenvolvesse comércio marítimo. Também pode ter evitado alguma coisa a mais. Uma das principais rotas militares e comerciais, primeiramente chamada o "Caminho de Hórus" e mais tarde, a "Via Máris" (o "Caminho do Mar"), atravessava o território deles. Israel foi chamado para ser testemunha do verdadeiro Deus para as nações — as mesmas nações que usavam regularmente esta rota. O fracasso dos israelitas em conquistarem esse território significou que esta função do povo de Deus ficou comprometida durante a maior parte do período monárquico. Embora o rei Davi tivesse conseguido colocar o território filisteu sob controle israelita como tributário (2 Sm 8.11,12; 1 Rs 4.24) e manifestamente os filisteus tivessem sido forçados a pagar tributo, como nos dias do

descendente de Davi, Josafá (873-848 a.C.; 2 Cr 17.11), conflitos de fronteiras ainda continuaram a suceder entre filisteus e israelitas, como no tempo de Acaz (731-715 a.C.; 2 Cr 28.18).

Descobrindo uma cidade filistéia

Uma destas cidades fronteiriças, parte de uma pentápolis de cidades filistéias mencionada nas Escrituras e nos anais assírios, foi Ecrom. Era a mais antiga das cidades filistéias, construída no tempo dos juízes e totalmente destruída — muito provavelmente durante as guerras de Davi — ao redor de 1000 a.C. Isto fez de Ecrom um importante sítio arqueológico para aumentar nosso conhecimento dos filisteus. Entre 1983 e 1997, a arqueóloga israelita, Trude Dothan, e o arqueólogo americano, Seymour Gittin, trabalharam para pôr a descoberto a história enterrada de Tel Miqne, a qual eles estavam certos de que se tratava da Ecrom dos tempos bíblicos. Resumindo a história hoje tornada pública acerca de Ecrom, Gittin diz:

> Em torno de 1000 a.C., também sabemos que os filisteus tiveram muitos problemas: o povo do interior, os judeus da monarquia unida, fazia incursões na planície litorânea por cerca de 250 anos, como está retratado no desfiladeiro em Tel Mikne-Ecrom. [Durante esse tempo,] os filisteus eram de importância relativamente secundária, suas cidades tinham diminuído em poder político e econômico. Mas por volta de 700 a.C., com a ascensão do império neo-assírio, tudo mudou. De um momento para outro Ecrom foi reurbanizada e um grande centro industrial de óleo de azeitona foi estabelecido. Durante este período de paz (*Paxis Syriaca*), que durou por aproximadamente 100 anos ou avançou bem adentro do século VII, Ecrom prosperou e tornou-se um dos grandes centros comerciais da antigüidade.[3]

A princípio, os arqueólogos só podiam contar com o palpite de que este era o local bíblico. A situação geográfica na junção da planície litorânea e o interior montanhoso de Judá estava correta. Os artefatos arqueológicos que saíam do *tel* pareciam distintamente filisteus. Mesmo assim, depois de 14 anos de escavação, nada que fora desenterrado podia confirmar de maneira cabal que este sítio era mesmo a antiga Ecrom. Então, em fins da estação de 1996, a última planejada para escavação, algo inesperado aconteceu. Seymour Gittin narra os eventos daquele dia:

> Durante anos estávamos à procura de material com inscrições e gravações em Ecrom. [...] Agora, quando começamos a escavar no [estrato] do século VII destes enormes edifícios de importância histórica, fomos extremamente cautelosos quando deparamos uma pedra na forma de estela, a qual parecia ter uma inscrição. Ano após ano, virávamos cuidadosamente estas pedras, mas

> nunca havíamos achado nada. Porém, no verão passado, o encarregado do Campo 4, Steve Ortiz, da Universidade do Arizona, aproximou-se de mim e disse que tínhamos outra candidata para estela... "Por favor, venha e examine. Acho que há algo rabiscado nesta pedra." Dei uma rápida olhada e disse: "Não, é igual às outras". Depois de tantos anos de desapontamentos, pensei que esta fosse outra decepção. Então, passados uns 5 minutos, após terem varrido com muito cuidado parte do segmento superior da pedra, ele me chamou de novo. Não havia dúvida... lá estavam: maravilhosas linhas talhadas — uma inscrição estrangeira. Ainda que a pedra estivesse de cabeça para baixo e coberta por muitos fragmentos de rocha, podia-se distinguir letras que nitidamente eram do hebraico antigo ou do fenício antigo.[4]

O que os pesquisadores tinham achado era uma inscrição de pedra que finalmente confirmou que eles estavam cavando na cidade bíblica de Ecrom. Extraordinariamente, a pedra não apenas identificou o nome da cidade, mas também os nomes de dois dos seus reis. Nunca antes em Israel havia sido achado uma inscrição dessa qualidade num contexto historicamente identificável. Gittin descreve este grandioso achado e seu significado para os estudos bíblicos:

> [Esta descoberta é] um dos achados mais emocionantes com que já deparamos e sem dúvida entrará para os anais da arqueologia do Israel antigo como um dos achados epigráficos mais importantes ao menos neste século. Com o achado desta pedra, temos até a prova de que este era realmente o antigo local bíblico: a cidade filistéia de Ecrom. O teor da inscrição, que está completa, é composto de 5 linhas com 71 letras. Esta pedra marcou a dedicação de um santuário num enorme complexo do templo. O rei na época, provavelmente por volta de 690 a.C., era Aquis, filho de Padi, como nos informa a inscrição. Ele era o rei de Ecrom e construiu este santuário para a sua deusa. A informação deste texto, logo que for publicada, será de extrema importância para nossa compreensão desta parte específica do período bíblico. Claro que esta estrutura em si pode ser datada em função de sua última fase, porque sabemos que, em 603 a.C., o rei neobabilônico Nabucodonosor foi à Filistéia e destruiu Ecrom, [...] e com esta destruição veio o fim da cultura material dos filisteus. O que [este texto] diz entre outras coisas é que estes reis, sobre os quais somos informados pelos anais assírios, eram de fato os reis de Ecrom. Esta é outra razão para a singularidade desta inscrição, porque pela primeira vez temos uma inscrição de significado histórico com o nome de um lugar bíblico e de seus governantes *in situ* [no lugar onde pertenceu] e num nível de destruição que pode ser datado. Reúna tudo isso e uma palavra surge à mente: singular! Este é um achado verdadeiramente extraordinário.[5]

Outro achado incomum, que data da fase filistéia final de Ecrom (que terminou em 603 a.C.), foi uma naja de ouro (conhecida como *ureaus*), que



49. Os arqueólogos Seymour Gittin e Trude Dothan com a inscrição de Ecrom, Instituto Albright, Jerusalém.

fazia parte do toucado de uma estatueta. A estatueta era de uma deidade egípcia (ou figura pertencente à realeza) que estava associada com seu palácio do tipo neo-assírio. Tais influências religiosas estrangeiras foram um dos fatores que afetaram adversamente os israelitas e fizeram dos filisteus tamanha ameaça para os israelitas em sua terra.

Com a conclusão das escavações em Tel Miqne-Ecrom, podemos traçar o curso da influência dos filisteus desde o seu início em Israel até o seu desaparecimento no final do período monárquico.

Os lugares mais "perigosos" do país

Depois da morte de Salomão, em 922 a.C., o reino unido sobre o qual ele reinara foi dividido, e Jeroboão I assumiu a monarquia sobre dez das tribos de Israel, que ficaram conhecidas como o Reino do Norte (1 Rs 11.29-37). Este enfraquecimento do governo centralizado incentivava ataques estrangeiros sobre o Reino do Norte e sobre Judá, ou Reino do Sul. Um dos ataques sobre Judá, ocorrido logo após a morte de Salomão, foi feito por Sisaque, faraó egípcio, que saqueou os tesouros do Templo em Jerusalém (1 Rs 14.25,26). Em 1994, uma estela com inscrição trazendo o seu nome foi desenterrada em Megido.[6]

Depois da divisão do reino, Jeroboão I, do Reino do Norte, teve medo de que o povo de Israel se voltasse para a casa de Davi no Reino do Sul (Jerusalém), porque o Templo estava lá. Para que o povo do Reino do Norte pudesse cultuar sem fazer a peregrinação exigida a Jerusalém, Jeroboão I estabeleceu dois centros de culto rivais ao de Jerusalém, um em Dã e o outro em Betel, cidades do Reino do Norte, localizadas nas extremidades norte e sul do seu reino (1 Rs 12.26-29). O símbolo que rivalizava os dois querubins da Arca da Aliança em Jerusalém foram os dois bezerros ou touros de ouro. Este objeto de culto tinha historicamente precedido a arca na época do êxodo, e Jeroboão serviu-se bem desta precedência quando conclamou Israel para adorar nestas localidades (1 Rs 12.28). O professor Amihai Mazar explica:

> Achamos que os querubins no Templo em Jerusalém eram um tipo de pedestal para o Deus invisível, assim quiçá o touro fosse o paralelo do querubim no santuário do Reino do Norte. Claro que eles não tinham a arca, mas quem sabe fosse um tipo de símbolo religioso de um deus invisível, o qual talvez ficava em cima ou era puxado por esses touros, que simbolizavam força, poder, fertilidade e coisas assim.[7]

Para os profetas de Deus, estes lugares tornaram-se os mais perigosos do país, porque permitiam tentações idolátricas que, em última instância, levaram



50. O autor com um altar de incenso e pá para remover cinzas — descobertos em Tel Dã.

Israel ao desastre. Por esta mesma razão Oséias proclamou a acusação de Deus contra o Reino do Norte:

> Quando Efraim [Reino do Norte] falava, tremia-se; foi exalçado em Israel; mas ele fez-se culpado em [na adoração de] Baal e morreu. E, agora, multiplicaram pecados e da sua prata fizeram uma imagem de fundição, ídolos segundo o seu entendimento, todos obra de artífices, dos quais dizem: Os homens que sacrificam beijam os bezerros. Por isso, serão como a nuvem de manhã e como o orvalho da madrugada, que cedo passa (Os 13.1-3).

Hoje a arqueologia tornou viva as palavras de Oséias ao revelar algumas das influências profanadoras que foram descritas pelo profeta.

As evidências da idolatria

Antigos altares nos lugares altos

Dã, o extremo norte dos dois locais de culto instituídos por Jeroboão, está situado ao pé do monte Hermom, nas alturas de Golã, e foi escavado durante os últimos 31 anos. Avraham Biran, que dirigiu tais escavações, diz: "Achamos o santuário a respeito do qual estou convencido de que se trata do santuário que

Jeroboão construiu".[8] Esta identificação foi confirmada em 1976 pela descoberta feita por Biran de uma inscrição no local, na qual se lia: "Para o deus que está em Dã". Este lugar alto (em hebraico, chamado *bamá*) mencionado em 1 Reis 12.31, era uma plataforma quadrada (18,2 x 18,8 metros) desenterrada no lado noroeste do sítio. Montada no alto de um lance de escada com cinco degraus de pedra de cantaria, foi nesta plataforma que os bezerros de ouro foram colocados. Na frente da plataforma encontrava-se um grande altar com pontas para as ofertas queimadas. É evidente que este lugar alto foi completamente destruído numa violenta conflagração (possivelmente sob Ben-Hadade), não obstante foram achados alguns objetos de culto para rituais, como três grandes pitói decorados em relevo com serpentes se contorcendo, uma banheira de barro e instalações emplastradas que provavelmente eram usadas para cerimônias de libação, um pequeno altar com pontas, suportes para incenso, uma estatueta de Astarote e algumas pás de incenso.[9]

Bezerros de culto

E os bezerros de ouro? Biran conjetura: "Os bezerros feitos de ouro podem ter presenciado tempos de guerra. Com tanta coisa que aconteceu naquela parte do país em todas aquelas centenas de anos, eles podem ter desaparecido".[10] Ainda que talvez os bezerros de ouro nunca venham a ser encontrados, os arqueólogos acharam em outras regiões do país estatuetas de touro sagradas que lhes são semelhantes. Por exemplo, em 1990, Lawrence Stager achou um pequeno ídolo na forma de bezerro de bronze (outrora polido para se assemelhar a ouro, junto com partes de prata) nas ruínas de um templo cananeu em Asquelom, que foi destruído em aproximadamente 1550 a.C. Outro ídolo no formato de touro foi descoberto num lugar alto em Samaria, a antiga capital do Reino do Norte. Amihai Mazar, que recuperou esta estatueta, rememora sua descoberta:

> Encontrei-a numa estante de uma pequena sala de coleção num kibutz do norte de Israel. Um soldado, membro desse kibutz, achou-a por casualidade durante um treinamento militar numa colina das montanhas ao norte de Samaria. Quando a vi, percebi que se tratava de um achado importante. É uma estátua de bronze bastante pesada, com cerca de 22,5 centímetros de comprimento mostrando um novilho. Esse soldado me levou à colina e por dois dias a escavamos, [...] encontrando ali um grande círculo de pedras e alguns fragmentos de cerâmica (século XII a.C.). [...] Esta estrutura e objetos provavelmente faziam parte de um sistema de [rituais, a respeito do qual] conhecem-se mais de 250 lugares deste tipo, mas muito poucos foram escavados. Este lugar específico provavelmente era um tipo de lugar para rituais o qual a Bíblia chama de *bamá*, lugar alto no topo de uma colina cercada por uma

> pedra fixa, conhecida como *matsebá*. Interpretei este lugar como um dos mais antigos exemplos de tal lugar de culto público que pode ter relação com os israelitas do período bíblico. [...] Os israelitas imaginavam que o seu deus invisível estivesse acima do touro. Assim, pode ser que o bezerro de ouro nos templos de Dã e Betel desempenhasse este papel e o fato de acharmos tal touro bonito num local que talvez esteja relacionado com a prática religiosa dos israelitas neste período primitivo, é de grande significado para a história deste símbolo religioso em Israel.[11]

Os profetas registram que a contaminação do culto no Reino do Norte foi completa. Todos os seus reis foram corruptos e seus pecados sociais levaram conseqüentemente a nação para a condenação. O último rei a governar no Reino do Norte foi Oséias (732-722 a.C.). Como que dando um último vislumbre das influências estrangeiras que condenaram o império, a arqueologia descobriu o selo do sinete do rei. Inscrito em hebraico com as palavras "Pertencente a Abdi, servo de Oséias", o selo retrata uma figura egípcia que está acima de um disco solar (símbolo do deus Rá).[12] O Reino de Israel foi destruído em 701 a.C. pelos assírios, que deportaram a população e a substituíram por estrangeiros que dariam prosseguimento ao conflito religioso com Israel (como os samaritanos). Subseqüentemente, o povo do Reino do Sul emularia os pecados dos seus vizinhos do norte, mas pela razão de Judá ter tido uma sucessão irregular de reis piedosos, o povo foi poupado de julgamento por mais de um século.

A erradicação da idolatria

Josias foi o último dos reis de Judá que foram piedosos. Ele tentou reverter a terrível apostasia trazida por Manassés, seu avô descrente. Restaurou o Templo, liberou os recintos sagrados dos ídolos, reinstalou os levitas no serviço e colocou de volta a Arca da Aliança no Santo dos Santos (2 Cr 35.1-3). Suas reformas estenderam-se a todo o Judá com o imperativo de remover todos os traços idolátricos do reino (2 Cr 34.33). Evidências desta reforma foram recentemente descobertas em Ein Hatzeva, que é identificada com a cidade bíblica de Tamar (Ez 47.19).[13] Neste lugar, num topo de colina perto da margem sul da fonte de Hatzeva, na região do deserto conhecida como Arabá (cerca de 51,5 quilômetros ao sul do mar Morto), foi descoberto um santuário edomita datado do fim do período do Primeiro Templo (o tempo de Josias). Situado próximo do grande circuito comercial conhecido como a "Rota da Especiaria", tinha evidentemente servido como lugar alto para cultos à beira de estrada, nos quais os viajantes rogavam aos seus deuses por uma jornada segura.

As evidências da reforma foram percebidas em mais de 70 potes de cerâmica deliberadamente despedaçados e objetos de pedra para culto enterrados embaixo de pilhas de pedras que foram usadas para destruí-los. Algumas destas relíquias quebradas são altares, estátuas, queimadores de incenso, vasilhas para libação, cálices e suportes para incenso no formato humano. A destruição intencional de um santuário tão distante do sul mostra a extensão da operação "limpeza" religiosa de Josias. Tal ação de longo alcance nos lembra de nossos tempos de apostasia (1 Tm 4.1-3; 2 Tm 3.1-7), pois se vamos ter um avivamento em nossos dias, este tem de ser sem comprometimento com nada, não deixando nenhum campo de atuação — negócios, comércio ou entretenimento — intato em nossa busca da pureza (2 Co 6.14; 7.1).

Evidências do desaparecimento de Jerusalém

As crônicas babilônicas

As reformas de última hora efetuadas por Josias não foram o suficiente para salvar o Reino do Sul da intoxicação idolátrica. Uma das surpreendentes revelações advindas das extensas escavações em Jerusalém, é que mais ídolos foram descobertos nesta cidade sagrada do que em qualquer outro lugar do resto do país. Muitos destes ídolos eram estatuetas de fertilidade, denunciando a tremenda influência de uma cultura cananéia ainda difusa. Não é de admirar, então, que quando os profetas retrataram a santidade ideal de uma futura Jerusalém restaurada, eles a tivessem descrito como um dia quando "não haverá mais cananeu na Casa do SENHOR" (Zc 14.21). Este fato sublinha a magnitude dos atos abomináveis de Judá, sobre os quais os profetas predisseram que levariam à queda de Jerusalém diante de Nabucodonosor e do exército babilônico.

Temos em duas tabuinhas de um grupo conhecido como Crônicas Babilônicas testemunho arqueológico de alguns dos eventos que circundam esta queda. Estas tabuinhas cuneiformes foram compradas pelo Museu Britânico em fins do século XIX, mas foram traduzidas somente em 1956. Diferente de outras inscrições propagandistas designadas apenas para apoiar a reputação de um conquistador, estas tabuinhas apresentam um registro histórico factual escrito de maneira simples e direta. Um apontamento nesta crônica registra o primeiro avanço de Nabucodonosor contra Jerusalém:

> No sétimo ano, no mês de Quisleu, o rei da Babilônia reuniu suas forças e marchou contra a Síria [Síria-Palestina]. Acampou contra a cidade de Judá [Jerusalém] e, no segundo dia do mês de Adar, tomou a cidade e capturou o

rei. Designou um rei de sua própria escolha, apanhou seu pesado tributo e o levou para a Babilônia.

Baseado em nosso conhecimento dos sistemas de calendário de outros achados arqueológicos, as datas indicadas neste relatório podem ser traduzidas com precisão. A data em que Nabucodonosor reuniu suas tropas foi dezembro de 598 a.C., e a data da invasão em Jerusalém foi 16 de março de 597 a.C. O texto bíblico identifica o rei de Judá como Joaquim, e a substituição designada por Nabucodonosor como Zedequias (2 Rs 24.10-17). Esta tabuinha termina com um apontamento no ano de 594 a.C., o que implica que a tabuinha seguinte na série registraria os cruciais anos de 587 a 586 a.C., as datas da destruição final de Jerusalém e do Templo. Infelizmente, a próxima tabuinha sobrevivente começa com os eventos ocorridos em 556 a.C. Talvez algum dia a tabuinha perdida que está entre as datas que temos venha a ser encontrada, não obstante temos outras descobertas que registram alguns dos acontecimentos daqueles dias fatais.

As cartas de Laquis

Um registro arqueológico que presta tremendo testemunho ao próprio cerco e conquista da cidade são alguns óstracos conhecidos como as Cartas de Laquis (586 a.C.). Estes óstracos, recuperados de um quarto perto da porta da cidade de Laquis (Tel ed-Duveir), uma cidade de Judá distante somente 40 quilômetros de Jerusalém, proporcionam algo do drama vivenciado naquelas horas finais. Até o patético emocional do momento nos foi preservado. Um óstraco descreve o clamor por socorro feito de última hora pelo comandante do exército de Laquis, Ja'osh, quando viram-se acabar as esperanças no vizinho posto avançado de Azeca em virtude do temível exército babilônico. Embora escrito na linguagem habitual da formalidade culta, ainda podemos sentir o seu desespero quando escreve: "Que Jeová faça meu senhor ouvir novas de paz, agora mesmo, agora mesmo!" Contudo, novas de paz não vieram, e os babilônios marcharam direito de Laquis para Jerusalém, colocando fogo na cidade quando a capturaram (2 Rs 25.8-10; Jr 39.8).

A torre israelita

A terrível queda de Jerusalém diante dos babilônios está ainda registrada nas pedras da cidade. Numa cova profunda (hoje alojada dentro do porão de uma escola no Bairro Judaico da Cidade Velha), freqüentemente negligenciada por turistas, estão as ruínas de uma estrutura que presenciou a invasão daqueles

últimos dias. Localizada imediatamente ao norte do Muro Largo, a Torre Israelita, escavada pelos arqueólogos israelitas Nachman Avigad e Hillel Geva, é remanescente das defesas da antiga cidade. Ruínas dramáticas deste sítio apresentam espesso depósito de terra queimada (uma camada da conflagração) e numerosas pontas de flechas de ferro caídas, tudo constituindo-se evidências da batalha feroz que aconteceu aqui no perímetro norte quando, em 586 a.C., aríetes babilônicos abriram caminho neste ponto e queimaram Jerusalém.

Bulas! Bulas!

Dois achados importantes

Ironicamente, o mesmo fogo que destruiu o Primeiro Templo também preservou de maneira singular parte de sua herança. Em 1982, no nível da destruição babilônica da Cidade de Davi (Área G), no terraço inferior imediatamente a leste das ruínas de uma casa israelita de quatro cômodos conhecida como a Casa de Ahi'el, foi descoberto um depósito secreto contendo 51 pequenos "botões" de barro.[14] Totalmente torrados pelo fogo, esses "botões"



51. O arqueólogo israelita Hillel Geva, escavador do Muro Largo e da Torre Israelita — em pé ao lado de trecho da Torre Israelita.

eram na verdade antigos selos de barro inscritos com o nome dos seus donos. Ainda que o fogo tivesse destruído os documentos de papiro nos quais os selos haviam sido colocados, o fogo ajudou a preservar os selos contra a ação do tempo. O nome técnico de tais selos é "bulas" e, portanto, o lugar onde eles foram encontrados chama-se "A Casa das Bulas". É raro a arqueologia descobrir artefatos que tragam nomes de pessoas mencionadas na Bíblia, mas entre estas bulas foi achada a bula de "Gemariahu [Gemarias], filho de Safã". Este nome, que aparece algumas vezes no livro de Jeremias, era o nome de um escriba que serviu na corte do rei Jeoaquim (*vide* Jr 36.10-12,25,26). Foi ele um dos que aconselharam Jeoaquim a não queimar o rolo de Jeremias, que continha as profecias de Jeremias proferidas entre 627 e 605 a.C. (*vide* Jr 36.25).

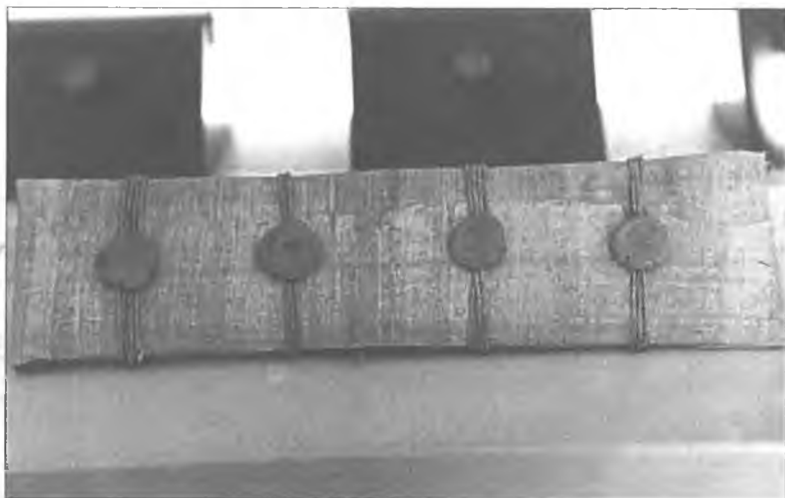
Ademais, um estoque com mais de 250 bulas inscritas apareceram em 1975 nas mãos de um negociante de antigüidades da Jerusalém Oriental árabe.[15] Estas também devem ter vindo da Cidade de Davi e é bem provável que foram retiradas numa escavação ilegal e vendidas no mercado negro. Encontrado entre esta coleção estava um selo que trazia o nome de Ismael, que assassinou Gedalias,[16] o governador interexílico de Judá nomeado pelos babilônios depois da destruição de Jerusalém. Outro selo trazia o nome de "Berachiahu [Baruque], filho de Neriahu [Nerias], escriba".[17] Este Baruque não era outro senão o confidente e escriba pessoal do próprio profeta Jeremias! Ele fazia parte estratégica do drama vivido durante os últimos dias do Primeiro Templo, e em tempos passados foi escondido pelo Senhor com Jeremias quando o rei Jeoaquim procurou prendê-los (Jr 36.26). Mas uma revelação ainda mais excitante relativa a este escriba estava para vir!

Bula com impressão digital

Recentemente foi revelado que existe outra bula com o nome de Baruque numa coleção particular em Londres.[18] Este selo, porém, tem uma diferença incrível. Preservado no barro endurecido está a impressão de um dedo. Considerando que esta bula pertencia a Baruque, ele é a pessoa que a teria tocado por último quando selou o rolo de papiro. Por isso é provável que esta seja a impressão digital real do próprio Baruque![19] Quem sabe o que estaria escrito no rolo selado por esta bula? Poderia ter sido uma cópia do auto de compra selado mencionado em Jeremias 32.14, ou talvez até uma cópia das profecias de Jeremias? O que quer que fosse, com esta impressão digital hoje temos uma imagem da própria mão que ajudou a escrever um livro da Bíblia!



52. O sítio arqueológico de uma casa de quatro cômodos na Cidade de Davi. A Casa das Bulas, com seus 51 selos, foi descoberto no nível inferior na frente desta estrutura.



53. Quatro selos de bulas de barro teriam esta aparência num documento de papiro. Retratados da esquerda para a direita estão os selos de Gemariahu ben Shaffan (Jr 36.9-12). Berachiahu ben Neriahu, o Escriba (Jr 36.4). Azariahu ben Hilkiahu (o antepassado de Esdras) e Shefatiahu ben Tzafan.

Uma antiga tumba com tesouro

Bulas inscritas são um tipo de tesouro do passado. Contudo, tesouro de verdade também foi achado proveniente do período da monarquia. Pelo fato de Jerusalém ter sido saqueada repetidamente (cerca de 30 vezes), e durante séculos ter sido vasculhada por violadores de túmulos e beduínos que procuravam antigüidades para compradores estrangeiros, ninguém esperava encontrar algum tesouro enterrado na cidade. Mas, em 1975, foram descobertas cavernas para sepultamento do período do Primeiro Templo sob a escarpa rochosa na qual a Igreja Escocesa de Santo André presentemente ocupa. Em 1979, escavações feitas neste sítio (chamado Ketef-Hinom e localizado no outro lado do vale de Hinom a partir dos muros ocidentais da Cidade Velha) revelaram um dos achados mais ricos jamais descobertos em Jerusalém. Entre os tesouros retirados de uma tumba neste sítio, conhecido como câmara repositória 25, estavam vasto sortimento de jóias e outros artigos. Gabriel Barkay, que dirigiu a escavação, relata:

> Dentro desta câmara do repositório descobrimos mais de 1.000 objetos, entre eles mais de 360 vasilhas de cerâmica intatas, cerca de 120 objetos de prata e várias peças bonitas de jóias, brincos, anéis, pendentes e perto de 150 contas de diferentes cores e materiais feitos principalmente de pedras semipreciosas. [...] Um selo inscrito usado por alguém da burocracia de Jerusalém, provavelmente um homem a serviço de algum dos reis de Judá. [...] [Também achamos] 40 pontas de flechas de ferro, algumas com a ponta dobrada — o que significa que devem ter sido atiradas contra moradores de Jerusalém extremamente duros![20]

Mudando os livros de História

Deixando de lado o humor de Barkay, a escavação guardava mais surpresas para a equipe e para os historiadores bíblicos de todo o mundo:

> Dentro desta caverna também tivemos algumas surpresas. Dentro do repositório deparamos com achados de cerâmica que provam que a caverna ainda foi usada depois da destruição do Templo de Salomão durante o governo babilônico em Jerusalém. Mais que isto, também achamos uma moeda de prata cunhada na ilha de Cós, mar Egeu, no século VI a.C. Isto foi logo após o começo da cunhagem e mostra que os habitantes de Jerusalém mantinham contatos comerciais com o mar Egeu e tinham o conhecimento desses novos meios de troca. Estas informações mudam o que está escrito sobre Jerusalém em todos os livros de história. Tais livros têm um espaço em branco imediatamente após a destruição. Em Jeremias 41.5, encontramos a alusão de que, depois da destruição do Templo, pessoas vinham de Samaria e das províncias do norte



54. Bula de Baruque, o escriba de Jeremias (a impressão digital está no canto superior esquerdo do selo).

> para Jerusalém a fim de oferecer incenso e ofertas no local do Templo destruído. Dessa forma, atividades de culto continuaram em Jerusalém depois da destruição do Templo, e o povo [judeu] provavelmente vivia lá. Aqui neste lugar temos o uso contínuo de uma caverna para sepultamento com cerâmica que data do século VI a.C., a época do período do exílio. Esta é indicação da existência contínua de Jerusalém num período em que não pensamos que Jerusalém existisse.[21]

Outra surpresa que trouxe significativa contribuição para a compreensão bíblica foi a descoberta feita em outra caverna para sepultamento (a Caverna 20). Barkay explica:

> A Caverna 20 é uma caverna para sepultamento provida de muitas câmaras com um corredor central em que há entradas em ambos os lados para câmaras de sepultamento. O ponto interessante sobre esta caverna é o fato de que temos parte do teto original preservado. Se formos às conexões bíblicas, descobriremos que esta é uma contribuição muito importante, porque no ponto de ligação

entre o teto e as paredes, há uma cornija angular. A cornija angular mede exatamente dois palmos de altura e projeta-se da parede um palmo menor, ou quatro dedos. Agora, 1 Reis 7.9-11 menciona que Salomão construiu seus edifícios em Jerusalém com blocos de pedras de cantaria, bem talhadas, que eram serradas à serra, e fez as paredes de suas estruturas com estas pedras "desde o fundamento até às beiras do teto". O original hebraico traz "dos fundamentos até as *larguras da mão*". A largura da mão é quatro dedos e [equivale a] 1/7 de um côvado. Assim eles mediram estas cornijas com a largura da mão e isto, matematicamente, enquadra-se com exatidão junto com muitos outros paralelos nas cavernas para sepultamento que preservam este elemento.[22]

Esta descoberta nos proporciona um exemplo mensurável das práticas de construção que eram empregadas nos projetos de construção salomônicos e provavelmente nos que se seguiram durante a monarquia. Também nos dá as dimensões precisas de um côvado bíblico (o qual neste caso seguia o côvado real de cerca de 52 centímetros). Mas a maior surpresa viria da Caverna 25, como Barkay revela:

A Caverna 25 foi subdividida em áreas menores sob a supervisão de Gordon Franz, de Nova Jersey. Dentro também estava uma das minhas alunas, Judith Headly, de Toledo, Ohio (hoje professora na Universidade de Villanova, na Pensilvânia). Ela me chamou e me mostrou um objeto que ainda estava no solo, o qual parecia um toco de cigarro. Era de cor cinzenta arroxeada. [...] Era feito de prata em folha, com pureza de 99% — algo que tem ligação bíblica, porque a Bíblia menciona que a Palavra é purificada sete vezes como a prata [Sl 12.6]. Era uma insígnia de prata enrolada a fim de formar um amuleto. [...] Durante a peneiração da sujeira do interior do repositório, depois das escavações feitas ali dentro, encontramos outro objeto da mesma natureza — enrolado para formar um cilindro pequeno. Quando estes dois objetos foram desenrolados com enorme dificuldade — tarefa que consumiu três anos —, descobrimos que estavam cobertos de letras delicadamente rabiscadas da antiga escrita hebraica. A surpresa foi que a primeira palavra a ser identificada e decifrada tratava-se do nome do Senhor, o tetragrama, o nome impronunciável, que às vezes é aportuguesado por "Jeová". Hoje descobrimos que em ambos os amuletos temos um texto que é quase semelhante à passagem de Números 6.24-26, conhecida como a bênção sacerdotal, a qual até aos nossos dias é usada em orações judaicas e na liturgia cristã. [...] Estes são os versículos bíblicos mais antigos que possuímos e remontam a vários séculos antes dos famosos Rolos do mar Morto. E estes são os únicos versículos bíblicos que recuperamos daquela data da dinastia de Davi, a fase da monarquia judaica, a época do período do Primeiro Templo. É uma sensação, porque nunca esperávamos encontrar algum texto escrito que tivesse correlação com o texto bíblico proveniente de período tão antigo.[23]



55. Lâmpadas e jarros in situ da Caverna 25 em Ketef Hinom, o mais rico tesouro já descoberto em Jerusalém.

Arqueologia por acidente

A descoberta desta extraordinária tumba não violada é bastante interessante. Barkay não esperara achar tal tesouro, porque quando começaram a escavar o sítio, este já estava quase destruído pela exploração de pedreiras. Pedras tinham sido extraídas da maior parte da câmara superior desta tumba, e o telhado e as paredes estavam faltando. Quando olharam para o chão de pedra nua, parecia que tudo o que outrora havia na câmara tinha sido removido há muito tempo. Entretanto, havia um menino da região que ficava por ali, em volta da escavação, sempre a aborrecer Barkay. Por isso, Barkay decidiu dar-lhe um trabalho que não levava a lugar nenhum, a fim de manter o menino ocupado por bastante tempo: varrer o chão de pedra nua da Caverna 25! O menino, ansioso por agradar, fez seu trabalho muito bem. Trabalhou com tanta força que varreu *o chão!* E ninguém notou nada até que ele começou a trazer artefatos! Foi então que o grupo percebeu que o "chão" não era chão coisa nenhuma, mas o teto desmoronado da caverna, que há muito enterrara tudo o que ali continha e, até aquele dia, escondera o fato de todo ladrão de tesouros! Deste modo, o menino que ficava aborrecendo tornou-se a maior bênção da história da escavação!

E a mensagem dos profetas?

A arqueologia revelou o palco no qual os reis e profetas de Israel representaram seus papéis no drama divino. Divulgou o rastro dos seus pés e até suas impressões digitais nas pedras como evidências físicas de mensagem espiritual que pregavam. Mas a mensagem deles — especialmente a mensagem dos profetas — é fidedigna? A arqueologia revelou que os profetas realmente falaram e que a mensagem que proferiram ajusta-se com precisão no contexto histórico. Entretanto, muitos estudiosos modernos questionam o conceito da profecia profética dentro das mensagens dos profetas, porque requer que se creia no sobrenatural. No próximo capítulo, examinaremos a questão da profecia e compararemos algumas das mensagens dos profetas com os registros arqueológicos para ver se há acordo ou contradição.

13

A arqueologia e a profecia

As pedras podem mostrar o sobrenatural?

Aquele que sai à procura da certeza na religião ficará grato pela multiplicidade, bem como pela exatidão e distinção da profecia bíblica.[1]

— *Thomas Urquhart*

A arqueologia muito revelou do contexto social e político no qual os profetas proferiram suas profecias arrebatadoras. Entender este contexto dá nova dimensão à realidade e significado do texto bíblico. Este sentimento foi expresso pelo arqueólogo William Dever que, numa entrevista, compartilhou estas palavras:

> Para mim, a grande emoção a respeito da arqueologia é que ela me permite ler a Bíblia de uma nova perspectiva. Quando leio uma descrição sobre a vida diária em um dos livros proféticos, não estou pensando naquele momento apenas no que o profeta está dizendo, mas estou pensando no século VIII a.C., como era realmente para o israelita comum. Quando leio o texto, eu o leio com uma sensibilidade e compreensão que só um conhecimento da arqueologia pode dar ao texto. O texto torna-se vivo para mim de uma maneira diferente.[2]

Contudo, nem todo o mundo partilha do entusiasmo de Dever. Ainda que Dever preocupa-se menos com a palavra dos profetas do que com o mundo

deles, não obstante, reconhece que a arqueologia revela que a palavra teve um contexto histórico demonstrável. Para o crente na Bíblia, tal percepção inclui evidências da revelação sobrenatural de Deus na história. Para o cético, porém, nosso mundo é um sistema fechado, no qual não existe a possibilidade de intervenções divinas contrárias à ordem natural observável. Para eles, parece inimaginável que alguém acredite que eventos possam ser preditos, muito menos cumpridos. Mas não se pode fugir do fato de que as páginas da Bíblia estão cheias de profecia. Do Gênesis ao Apocalipse, quase todos os livros registram alguma predição de eventos futuros, centenas já se cumpriram e muitas outras ainda aguardam a realização. Estas profecias não estão pintadas com largas pinceladas, mas com detalhes sutis. Isto posto, a disparidade de somente algumas terem-se cumpridas por casualidade é tão astronômica,[3] que têm de desafiar os céticos a considerar o retrato sobrenatural que elas apresentam. E como parte da história, os eventos profetizados, embora originários do sobrenatural, ainda podem se revelar nas pedras.

O período dos profetas

O período no qual os profetas bíblicos dizem ter ministrado à nação israelita está apoiado por numerosas evidências de inscrições e de importância histórica. Sem mostrar deferência a pessoas, os profetas chamaram igualmente reis e cidadãos para prestar contas, desviando-os da idolatria quando atendiam as advertências de Deus, mas sofrendo com eles no exílio quando resistiam ao gesto de Deus. A arqueologia pode apresentar as razões práticas que provocaram tais indiciações proféticas, revelar os lugares que eram o assunto das profecias e identificar as pessoas que fizeram ouvido de mercador para com as predições. Deste modo, a arqueologia oferece algumas evidências para a realidade da profecia em si.

O propósito da profecia

No antigo Oriente Próximo, onde todas as culturas circunjacentes a Israel tinham múltiplas deidades, o contexto da fé de Israel era muitas vezes uma competição entre deuses nacionais. Nesta batalha pela crença, o deus cujas colheitas fossem abundantes, ou de cujo exército saísse vitorioso, era considerado o mais poderoso. No aspecto teológico, esta era uma das maiores ameaças ao povo de Deus e, lamentavelmente, era uma guerra espiritual que os israelitas perdiam com freqüência (*vide* Jr 11.13). Os profetas de Israel tiveram de competir com nações que diziam aos israelitas que a inabilidade deles de resistir à

imposição de pagamentos de tributo ou mesmo o exílio por potências mais fortes, era prova de que o Deus de Israel era inferior (*vide* 2 Rs 18.32-35; Ez 36.20). Os profetas responderam explicando que o Deus de Israel não se submetia aos padrões pagãos de soberania. Disseram que as situações difíceis de Israel eram na verdade prova da força de Deus, porque era Ele que compelia os estrangeiros a invadir Israel para castigar o povo dos pecados que este cometia. As potências estrangeiras que exilaram Israel foram simplesmente as varas da ira de Deus (Is 10.5-11; *vide também* 2 Rs 24.2,3; Hc 1.6-11). Portanto, o Deus de Israel desafiou as nações a colocar seus deuses em teste. Seus profetas anunciaram o teste que de maneira inquestionável iria demonstrar quem era verdadeiramente soberano:

> Apresentai a vossa demanda, diz o SENHOR; trazei as vossas firmes razões, diz o Rei de Jacó. Tragam e anunciem-nos as coisas que hão de acontecer; [...] ou fazei-nos ouvir as coisas futuras. Anunciai-nos as coisas que ainda hão de vir, para que saibamos que sois deuses. [...] Este[s] que anuncie[m] as coisas futuras e as que ainda hão de vir (Is 41.21-23; 44.7).

De acordo com o profeta Isaías, este teste de profecia foi projetado para desfazer os sinais dos inventores de mentiras, fazer tornar atrás os sábios e transtornar a ciência deles, confirmar a palavra do seu servo e cumprir o conselho dos seus mensageiros (Is 44.25,26). Então Isaías ofereceu evidências de que Deus podia satisfazer seu próprio desafio, apresentando uma extraordinária profecia que poderia ser verificada na história posterior.

Uma prova da profecia

A prova que Isaías expôs foi o edito de Ciro, o rei persa que permitiu que os judeus voltassem a Judá e reconstruíssem o Templo de Jerusalém (2 Cr 36.22,23; Ed 1.1-11):

> Suscito a um do Norte, e ele há de vir; desde o nascimento do sol, invocará o meu nome; e virá sobre os magistrados, como sobre o lodo; e, como o oleiro pisa o barro, assim ele os pisará (Is 41.25).

Esta é referência a Ciro, que era de origem do leste ("o nascimento do sol") da Babilônia (de procedência da Pérsia), mas chegou como atacante do norte para exercer soberania sobre governantes que não ofereceram resistência (simbolizados pelo poder do oleiro sobre o "lodo" e o "barro"). Contudo, referência muito mais definida é dada ao término do capítulo 44 e início do capítulo 45.[4]

> Quem diz de Ciro: É meu pastor e cumprirá tudo o que me apraz; dizendo também a Jerusalém: Sê edificada; e ao templo: Funda-te. Assim diz o SENHOR

> ao seu ungido, a Ciro, a quem tomo pela mão direita, para abater as nações diante de sua face (Is 44.28—45.1).

De acordo com a cronologia interna do livro de Isaías, esta predição foi feita a mais de 150 anos *antes* de sua realização. É sem igual em sua precisão — não só descrevendo a invasão de Ciro na Babilônia, mas também fornecendo tamanhos detalhes como o nome da pessoa de Ciro (Is 44.28; 45.1), ações concernentes ao Templo (Is 44.28) e a libertação dos judeus exilados (Is 45.13). Este último evento ajusta-se perfeitamente com a profecia de Jeremias de que o cativeiro de Israel terminaria depois de 70 anos (Jr 25.12). Levando-se em conta esta notável prova do controle divino na história, Isaías conclui com a declaração divina: "Eu sou o SENHOR. [...] Eis que as primeiras coisas passaram, e novas coisas vos anuncio, e, antes que venham à luz, vo-las faço ouvir" (Is 42.8,9). Deus não apenas passou em seu próprio teste; mas entende-se que ninguém jamais o conseguirá: "Quem anunciou isso desde o princípio, para que o possamos saber; ou em outro tempo, para que digamos: Justo é? Mas *não há* quem anuncie, nem tampouco quem manifeste" (Is 41.26, ênfase minha).

Pró-fecia ou Pós-fecia?

Estudiosos não conservadores argumentam que Isaías não escreveu esta profecia antes de sua realização. Eles dividem o livro em "Primeiro Isaías" (Capítulos 1—39), o qual é datado da época de Isaías (740-680 a.C.), e "Segundo Isaías" (Capítulos 40—66), que é datado muito mais tarde em relação à sua época (depois de 536 a.C.). A razão desta divisão ter sido proposta foi por causa da suposição racionalista de que a menção do persa Ciro só poderia ter sido feita por um escritor que sabia deste evento como história passada. Assim, toda esta "profecia" na Bíblia foi julgada ser *vaticinium ex eventu* ("profecia depois da [realização do] evento").

Não há evidência literária ou arqueológica em apoio à divisão das mensagens de Isaías, defendi sua unidade com base em registros arqueológicos em meu livro *Secrets of the Dead Sea Scrolls* (*Segredos dos Rolos do mar Morto*). Contudo, pouco importando como se date os capítulos 40 a 66, os capítulos 1 a 39 também contêm predições proféticas (Is 7.16; 8.4,7; 9.1,2; 13.17-20; 37.33-35; 38.8). Ademais, a designação específica de nomes de indivíduos na predição profética não está restringida a este caso (*vide*, por exemplo, o rei Josias que foi chamado pelo nome 300 anos antes do seu nascimento: 1 Rs 13.2; *cf.* 2 Rs 23.15-17). Além disso, o propósito da predição de Ciro foi encorajar os israelitas

que entendiam a profecia de Isaías referente à destruição babilônica e ao cativeiro. Não haveria conforto, muito menos garantia, da libertação prometida, se a profecia tivesse sido ambígua ou proclamada depois do próprio acontecimento![5] Alguns têm proposto que este encorajamento estendia-se ao próprio Ciro. Embora não possamos validar a tradição, o historiador Josefo, do século I, escreveu que o que inspirou o decreto de Ciro de liberar os judeus foi o fato de ser-lhe mostrado esta mesma profecia de Isaías (*Antigüidades Judaicas*, xi. 1.2.5,6).

Mas a idéia de *vaticinium ex eventu* não pode ser harmonizada com a exigência bíblica de que toda profecia que *não* é cumprida não é profecia *verdadeira* (Dt 18.22).[6] Se todas as profecias israelitas estivessem "depois do fato", como a realização da profecia poderia ser sustentada como o teste decisivo de que o Deus de Israel era distinto dos deuses das outras nações? Os profetas das outras nações não podiam proclamar a profecia depois do fato? Pelo contrário, a habilidade de profetizar *antes* do fato é consistentemente colocada como a prova autorizada da intervenção divina de Deus e da inspiração divina das Escrituras. No Novo Testamento, continua como a marca de autenticidade do messiado de Jesus, visto que uma das funções do Messias era cumprir o papel de profeta (Dt 18.15-19; At 3.22,26; *cf.* Mt 21.11). Se as profecias não fossem dadas à frente dos eventos que dizem predizer, então qualquer pessoa poderia se qualificar como profeta. Não obstante, é a profecia profética que serviu como a qualificação distintiva daquele que falaria em nome de Deus.

A arqueologia e as profecias cumpridas

A profecia sobre Ciro

A pessoa e carreira de Ciro II são bem conhecidas pelos registros históricos de Heródoto, em *Guerras Persas*,[7] *Xenofonte*,[8] nas *Crônicas de Nabonido*[9] e na *Narrativa em Versos Persas*.[10] Sua primeira campanha militar contra Creso, rei da Lídia, em 546 a.C., também está implícita na predição de Isaías (Is 45.3). Então, em 12 de outubro de 539 a.C., Ciro lançou uma invasão contra Nabonido, rei da Babilônia. Tanto Heródoto quanto Xenofonte descrevem como Ciro sitiara a cidade, mas sua ação fora escarnecida pelos babilônios, que tinham acumulado anos de reservas, pois há muito esperavam uma invasão persa. A arrogância dos bem abastecidos babilônios está retratada no livro de Daniel. Este profeta registrou que mais de mil nobres atenderam um grande banquete, enquanto Ciro e seu exército estavam acampados fora dos muros da cidade (Dn 5.1), fato também notado por Heródoto e

Xenofonte. Aqui Daniel não menciona Nabonido, mas o filho dele, Belsazar, cuja função foi confirmada pela descoberta arqueológica de uma inscrição cilíndrica num dos quatro cantos do zigurate em Ur. Nesta inscrição de Nabonido, pertencente ao século VI a.C., Belsazar é chamado de filho primogênito de Nabonido e acha-se incluso na oração do rei, ato reservado somente à realeza.[11] No banquete de Belsazar foram usados alguns dos utensílios sagrados do Templo de Jerusalém, talvez para mostrar que os deuses da Babilônia eram superiores no propósito de fomentar a moral cívica (Dn 5.2-4). Esta ação era em si profética dos eventos futuros, visto que Ciro foi profetizado como aquele que derrotaria a Babilônia e restituiria esses utensílios (Ed 1.7-11; Is 52.11,12). Depois de Daniel ter interpretado a misteriosa escrita que apareceu na parede durante o banquete, ele profetizou que a Babilônia cairia diante de Ciro (Dn 5.28). Daniel observou que esta profecia foi cumprida "naquela mesma noite", quando o exército persa invadiu a cidade num ataque surpresa. Na descrição que Heródoto e Xenofonte fizeram sobre como tudo aconteceu, eles confirmam a declaração de Daniel de uma invasão rápida e inesperada. Esses historiadores registram que o ataque veio depois que o exército persa desviou o curso das águas do rio Eufrates, o que fez com que o nível do rio sob os muros da cidade baixasse, tornando o leito do rio acessível às tropas. Desta forma, Ciro subiu ao trono e cumpriu a profecia a longo prazo de Isaías e a profecia a curto prazo de Daniel.

O decreto de Ciro

No primeiro ano do seu reinado (538 a.C.), Ciro emitiu o decreto que permitiu aos judeus cativos voltarem a Jerusalém e reconstruírem o Templo:

> O SENHOR, Deus dos céus, me deu todos os reinos da terra; e ele me encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém, que é em Judá. Quem há entre vós, de todo o seu povo, seja seu Deus com ele, e suba a Jerusalém, que é em Judá, e edifique a Casa do SENHOR, Deus de Israel; ele é o Deus que habita em Jerusalém. E todo aquele que ficar em alguns lugares em que andar peregrinando, os homens do seu lugar o ajudarão com prata, e com ouro, e com fazenda, e com gados, afora as dádivas voluntárias para a Casa de Deus, que habita em Jerusalém (Ed 1.2-4).

Documentos antigos nos revelam que as leis dos medos e dos persas eram inalteráveis e difusas. Como Alan Millard observou: "Onde quer que o rei Persa estivesse, lá estava o governo, pois tudo dependia da sua lei. Assim, quando ele fazia uma proclamação tinha de ser levada a toda parte do império a que dizia respeito".[12] Esdras dá um exemplo disto ao citar a lei do rei Dario, que amaldi-



56. O Cilindro de Ciro que registra os editos do rei persa em linguagem similar aos dos livros bíblicos de Esdras e 2 Crônicas.

çoa aqueles que procurarem alterar a lei de Ciro, que protege os judeus que voltaram para reconstruir o Templo (Esdras 6.1-12). Em 1973, os arqueólogos franceses acharam uma grande estela persa num templo grego em Xantos, Turquia, escrita em aramaico, grego e lício, que em termos estruturais é bem parecida com o decreto registrado em Esdras.

Os arqueólogos ainda têm de encontrar uma cópia do decreto de Ciro como está preservado no Antigo Testamento. Contudo, já descobriram um cilindro de pedra inscrito em caracteres cuneiformes que fornece significativos paralelos persas a certos aspectos da narrativa bíblica.

O cilindro de Ciro

Este registro em caracteres cuneiformes é conhecido como o Cilindro de Ciro. Seu texto começa quase igual ao registro bíblico, com Ciro dando crédito ao seu deus Merodaque por tê-lo escolhido para uma tarefa especial e exaltado a uma posição a fim de poder executá-la. Também semelhante à profecia de Isaías, o texto do cilindro diz que Ciro afirma que o seu deus "pronunciou o nome de Ciro, rei de Ansã, [e] pronunciou o seu nome para ser o governante de todo o mundo".[13] De maneira muito semelhante, Deus chamou Ciro pelo nome e o pronunciou governante (Is 45.1,2). Isaías tinha

dito que Ciro, como ungido (literalmente, "messias") de Deus, cumpriria "tudo o que me [a Deus] apraz" (Is 44.28). No cilindro, Ciro proclama que os deuses "Bel e Nebo amam" seu governante e o querem como rei para "agradar seus corações".[14]

De maior interesse ainda são as declarações do cilindro pertinentes à política persa em relação aos povos cativos, como os israelitas, e aos seus objetos rituais sagrados que lhes foram saqueados:

> [...] Voltei às cidades sagradas do outro lado do rio Tigre, os santuários [dessas cidades] que por muito tempo estiveram em ruínas, as imagens que [costumavam] estar nesses lugares, e estabeleci para elas santuários permanentes. [Também] reuni todos os seus [antigos] habitantes e [os] fiz voltar às suas habitações. Além disso, repus, sob o comando de Merodaque, o grande senhor, todos os deuses da Suméria e da Acádia que Nabonido trouxera para a Babilônia sob a ira do senhor dos deuses, incólumes, em suas [antigas] capelas, os lugares que os fizeram felizes. Que todos os deuses que recoloquei nas suas cidades sagradas roguem diariamente a Bel e a Nebo por vida longa para mim e que eles me recomendem [...] a Merodaque, meu senhor, que eles digam assim: Ciro, o rei que o cultua, e Cambises, seu filho, [...] todos eles coloquei num lugar de paz.[15]

Os babilônios capturaram os utensílios sagrados do Templo de Jerusalém e os levaram a Sinar, onde localizava-se o templo dos babilônios (Dn 1.2). Este procedimento estava de acordo com o costume dos conquistadores que levavam embora os ídolos dos deuses das cidades conquistadas, a fim de mostrar o poder superior dos seus próprios deuses. Os babilônios também profanaram esses utensílios em zombaria ao Deus de Israel (Dn 5.1-4). Ciro, consoante à política persa refletida no Cilindro de Ciro, respeitou os deuses dos cativos estrangeiros e devolveu todos os utensílios do Templo quando permitiu que os judeus voltassem à sua pátria e reconstruíssem o Templo (Ed 1.7-11). Esta passagem revela que os persas tinham mantido inventário preciso destes artigos (5.400, ou 5.469 segundo a Septuaginta) quando os restituíram aos israelitas. Isaías e Jeremias haviam profetizado que estes utensílios seriam devolvidos pela Babilônia com segurança (Is 52.11,12; Jr 27.16—28.6). Quando Ciro transferiu os utensílios para o sacerdote Sesbazar de Judá (Ed 1.7-11), ele cumpriu estas profecias.

Este não é o único exemplo no qual a arqueologia confirmou o cumprimento da profecia bíblica. Os profetas do Antigo Testamento e Jesus no Novo Testamento pronunciaram julgamentos que a pá do arqueólogo revelou terem-se cumpridos muito literalmente.

A profecia sobre Nínive

Na Bíblia, lemos esta profecia contra a cidade de Nínive: "Eis que eu estou contra ti, diz o SENHOR dos Exércitos, e queimarei na fumaça os teus carros, e a espada devorará os teus leõezinhos, e arrancarei da terra a tua presa, e não se ouvirá mais a voz de teus embaixadores" (Na 2.13). Da mesma forma, Sofonias predisse que Nínive ficaria completamente devastada, apropriada apenas para a habitação das bestas do campo e das aves dos céus (Sf 2.13-15).[16]

A profecia de Naum foi dada em 663 a.C. e a de Sofonias, em 625 a.C., época em que o império assírio estava no ápice do poder. Tão impossível quanto pareceu o cumprimento dessas profecias para as audiências originais e tão inexplicável quanto o foi desde então para os historiadores, a glória da Assíria desapareceu no esquecimento no ano 612 a.C. para nunca mais ser mencionada outra vez — exatamente como predito! Escavações nas ruínas do palácio de Senaqueribe em Nínive feitas por sir Henry Layard, na década de 1850, confirmaram que tudo o que havia no local foi queimado, ou saqueado ou destruído. Ele encontrou Nínive totalmente abandonada, com exceção de gazelas, chacais e hienas, que — observou ele — fizeram tocas nas beiras de montículos estéreis que outrora eram a antiga cidade.

A descrição histórica do súbito desaparecimento de Nínive nos foi deixada nas *Crônicas Babilônicas*. Uma tabuinha, o registro de Nabopolassar, rei da Babilônia, conta como ele formou um exército de coalizão de babilônios, medos e citas, e derrubou a cidade depois de um cerco curto de apenas três meses. Naum tinha até predito esta coalizão, detalhando especificamente os habituais escudos e túnicas pintados de vermelho dos medos e babilônios, como também as lanças presas nos eixos dos carros (Na 2.3). Depois que estes exércitos tomaram Nínive, alguns funcionários e o rei fugiram para outra cidade, mas logo foram capturados. Hoje ainda temos remanescentes de algumas das antigas nações — como Egito, Grécia e Roma. Mas não existe a nação da Assíria. Até a era da arqueologia foi perdida para a história, perda esta agora recuperada como evidência do cumprimento de predições feitas pelos profetas.

A profecia sobre Tiro

Uma das profecias mais incomuns tem a ver com a antiga cidade-estado fenícia chamada Tiro, que estava localizada na costa mediterrânea próxima da sua homônima dos dias modernos no Líbano. Sob o governo do rei Hirão (980-947 a.C.), Tiro tinha prosperado a tal ponto que Salomão importara trabalha-

dores e materiais para a construção do palácio de Davi e do Templo (2 Sm 5.11,12; 2 Cr 2.3,7-16).

O profeta Ezequiel profetizou contra Tiro entre 592 e 570 a.C. Assim como com as proclamações contra Ciro e a Assíria, as profecias de Ezequiel relativas a Tiro são igualmente detalhadas e específicas:

> Portanto, assim diz o Senhor JEOVÁ: Eis que eu estou contra ti, ó Tiro, e farei subir contra ti muitas nações. [...] Elas destruirão os muros de Tiro e derribarão as suas torres; e eu varrerei o seu pó e dela farei uma penha descalvada. [...] Eis que eu trarei contra Tiro a Nabucodonosor, rei de Babilônia. [...] As tuas filhas, no campo ele as matará à espada, e fará um baluarte contra ti, e fundará uma tranqueira contra ti, e levantará rodelas contra ti. [...] E derribarão os teus muros, e arrasarão as tuas casas preciosas; e as tuas pedras, e as tuas madeiras, e o teu pó lançarão no meio das águas. E farei de ti uma penha descalvada; virás a ser um enxugadouro das redes, nunca mais serás edificada; porque eu, o SENHOR, o falei, diz o Senhor JEOVÁ (Ez 26.3,4,7,8,12,14).

Muitas nações foram envolvidas na realização desta profecia. A destruição de Tiro começou, como Ezequiel predissera, com Nabucodonosor, rei da Babilônia (Ez 26.7). Ele sitiou a cidade continental durante 13 anos (585-572 a.C.) e a destruiu. Então, em 332 a.C., Alexandre, o Grande, cercou a cidade da ilha por um período de seis meses. No fim, ele a capturou fazendo um aterro de 60 metros de largura entre o continente e a ilha, usando o pó e os escombros da cidade destruída no continente. Como Ezequiel havia predito, Alexandre lançou nas águas as pedras, madeiras e o pó dos escombros da cidade (Ez 26.12). Embora Tiro tivesse se recuperado um pouco destas destruições, nunca recobrou seu *status* anterior.[17] Foi atacada outra vez e quase completamente destruída pelos muçulmanos em 1291 d.C., cumprindo afinal a profecia de que nunca mais seria edificada (Ez 26.14).

A Tiro dos dias de hoje é uma cidade pesqueira com porto, construída na costa abaixo da cidade antiga. A Tiro dos tempos remotos é hoje uma pedra nua que os pescadores locais usam para estender as redes para secar, exatamente como Ezequiel dissera (Ez 26.4,14). Seus muros e portas outrora imponentes não existem mais (Ez 26.14), embora o aterro feito pelo exército grego ainda permaneça, junto com esses outros detalhes, como testemunho do cumprimento específico da profecia de Ezequiel.

O mesmo é verdade em relação a profecias proferidas contra muitos outros locais antigos como Babilônia, Mênfis, Tebas, Moabe-Amom e Petra (Edom). Os arqueólogos descobriram e ainda estão descobrindo impressionantes ruínas em muitos destes sítios (como os templos e tumbas em Tebas e o altar e o lugar

alto em Petra). Em alguns casos, cidades modernas foram construídas perto destes lugares antigos, mas sua presença só serve para confirmar as profecias do passado. Por exemplo, foram usadas pedras das ruínas de Mênfis para construir a atual cidade de Cairo. Atualmente o sítio da Babilônia está sendo reconstruído,[18] mas, como os outros, ainda permanece sem habitação e em grande parte está em ruínas — em consonância com as profecias antigas.

A profecia sobre o monte do Templo

Nos Evangelhos lemos que os discípulos de Jesus ficaram admirados com a beleza do Templo, que ainda estava em obras (Mateus 24.1,2; Marcos 13.1,2; Lucas 21.5,6). A reconstrução foi iniciada por Herodes, o Grande, e seus sucessores dinásticos sentiram-se obrigados a também fazerem sua contribuição a este projeto que, na parte que lhes tocava, era mais política do que devocional. Quando os discípulos estavam mostrando as pedras recentemente postas no Templo, Jesus fez um inesperado pronunciamento profético: "Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada". As palavras de Jesus foram cumpridas quando o exército romano, sob as ordens de Tito, filho do imperador Vespasiano, tomou de assalto os recintos do Templo e queimou o Templo em 70 d.C. As escavações arqueológicas ao pé do monte do templo, sobretudo no canto ocidental e no meridional, têm revelado de modo vívido a extensa destruição causada pelos romanos. Num trecho da antiga rua herodiana que acompanhava o lado externo do Muro Ocidental do monte do Templo, foram descobertos em escavações dirigidas por Ronny Reich em 1995 e 1996, montões de pedregulhos empurrados da área do Templo acima. Apesar desta evidência, algumas pessoas ainda se perguntam como a profecia de "não ficará aqui pedra sobre pedra" pode ser considerada cumprida, quando muitas ruínas do antigo complexo do Templo ainda subsistem (por exemplo, o Muro Ocidental e seu túnel, a grandiosa escadaria no Muro Meridional e suas Portas Duplas e Triplas). Leen Ritmeyer, que administrou décadas de pesquisas no monte do Templo, responde esta objeção:

> Se você ler o texto em Mateus com atenção, notará que o lugar que [os discípulos] mostraram foi a estrutura do Templo. Leia o texto com exatidão: "a estrutura do Templo". As únicas estruturas que sei que pertenciam ao Templo foram construídas em volta dele e os pórticos. E de todas essas estruturas que havia no monte do Templo realmente não ficaram pedra sobre pedra.

Obviamente Jesus estava se referindo aos edifícios (inclusive o próprio Templo) que estavam na enorme plataforma de apoio. Ele não teria em mente ne-



57. Escavações ao sul do Muro Ocidental, mostrando pedregulhos deixados na rua herodiana provenientes da destruição de 70 d.C., quebrados pelo impacto das pedras empurradas da área do Templo acima.

nhuma outra estrutura, como os muros de sustentação com suas pedras fundamentais no nível da rua da plataforma, nem mesmo a própria plataforma (que também permaneceu intacta). A arqueologia confirmou que hoje não existe nenhum traço destas estruturas do Templo, embora algumas de suas pedras possam ter sido postas em uso secundário nos muros e casas da Cidade Velha de Jerusalém. Não obstante, nada permanece em seu lugar original. De fato, depois da destruição do Segundo Templo, os romanos cobriram arando o monte do Templo e ergueram estruturas pagãs (as quais mais tarde foram destruídas). Durante o período bizantino (séculos IV a VII d.C.) todo o local permaneceu deliberadamente improdutivo, devido à crença de que a profecia de Jesus era uma maldição contra o local, proibindo qualquer reconstrução futura.

Interessante observar que os historiadores ainda não chegaram a uma conclusão a respeito da razão exata de o Templo ter sido destruído pelos romanos. Narrativas contraditórias dizem que Tito deu ordens específicas para não o destruir, enquanto que outros defendem que o fogo começou acidentalmente. Este fogo, acredita-se, derreteu o ouro que revestia as paredes internas dos edifícios, fazendo-o escoar pelas fissuras entre as pedras. Isto teria tornado necessário que os soldados derrubassem as pedras para recuperar o ouro. Contudo, lembro-me da resposta de Isaiah Gafni — meu professor ortodoxo da história do período do Segundo Templo na Universidade Hebraica de Jerusalém —, quando nossa classe chegara a um impasse em relação a estas teorias. Ele disse: "Bem, talvez Jesus tivesse razão!" Sem dúvida que estava, pois a explicação final disso e de todas as profecias é que Deus é quem planeja e faz tudo.

Arqueologia da perspectiva profética

Em geral os autores da história não percebem que fazem parte de um drama profético. Ciro não discernira que seu nascimento e função haviam sido preditos pelo profeta Isaías, quando o monarca decretou, como parte de sua política externa, a libertação e volta dos judeus a Judá. Nem havia consciência da profecia de Jesus relativa ao Segundo Templo, quando o imperador romano Vespasiano e seu filho Tito jogaram as pedras do Templo, uma após a outra, ao chão. Contudo, cada um fazia parte de um cumprimento hoje comprovado pelos restos arqueológicos que documentaram seus atos. A arqueologia em si não pode mostrar o sobrenatural. Esta é a proveniência exclusiva das Escrituras. Porém, quando as declarações proféticas são aceitas e as pedras são vistas desta perspectiva, sua interpretação pode oferecer exemplo adicional e *insight* no drama profético.



58. Muro Ocidental (Muro das Lamentações), remanescente antigo de um muro de sustentação da plataforma do Templo Herodiano.

Certa feita o teólogo cristão e reformista B. B. Warfield falou aos seus alunos que o estudo teológico pode ser visto como se vê uma janela.[19] Podemos ver apenas a vidraça, ou olhar por ela para o mundo que está revelado mais adiante. Muitos que estudam as pedras só vêem o lado vítreo da história. Para vermos mais que um mundo determinado pelo Deus dos profetas, temos de ver cada artefato pela lente das Escrituras. Aqueles que assim o fazem descobrem um mundo totalmente novo — um mundo que proporciona a emoção da expectativa diante de cada nova descoberta arqueológica. Estes artefatos já não são mais peças de uma história impessoal, mas fragmentos do cumprimento de uma história sobrenatural, na qual a conclusão proporciona uma promessa pessoal àquele que tem fé.

14

A arqueologia e um milagre

Lendo entre as rachaduras



O ceticismo excessivo de muitos teólogos liberais não se origina de uma avaliação cuidadosa dos dados disponíveis, mas de uma predisposição desmedida contra o sobrenatural.[1]

— *Millar Burrows*

Obtive nova perspicácia na interpretação bíblica quando aprendi a ler os "espaços em branco" na Bíblia. Normalmente, é claro, lemos as palavras escritas na página, mas há ali mais do que os olhos dardejam! Os espaços em branco são o que não está escrito, contudo muitas vezes há a possibilidade de que algo aconteceu entre essas palavras do texto da página. É o que se chama de "ler nas entrelinhas".

Um exemplo deste tipo de leitura acha-se em Gênesis 4.17. Ali lemos que "conheceu Caim a sua mulher". De onde *ela* veio? Se confiarmos apenas nas palavras escritas na página deste texto, concluiremos que havia apenas quatro pessoas vivas na terra e as outras três eram os pais de Caim (Adão e Eva) e o seu irmão Abel. Contudo, mais adiante lemos em Gênesis 5.4 que os pais de Caim tiveram outros filhos e filhas ao longo de um período de 800 anos. Assim, lendo nas entrelinhas, entendemos que Caim casou com uma de suas irmãs ou sobri-

nhas. A Escritura é seletiva sobre o que diz, então às vezes temos de preencher os espaços vazios baseado nos textos comparativos ou em nosso conhecimento dos eventos históricos. Estes são os que preenchem os espaços em branco de nossa Bíblia.

Quando nos voltamos para a arqueologia e lidamos com pedras, temos de mudar a metáfora. Em vez de ler nas entrelinhas, temos de ler entre as rachaduras! Um dos valores da arqueologia é o poder de fornecer detalhes históricos que estão faltando no texto bíblico. Ao nos permitirmos "ler entre as rachaduras", a arqueologia nos ajuda a coordenar fatos bíblicos e históricos sobre pessoas, lugares e eventos que, caso contrário, seriam desconhecidos e, assim, certificar passagens problemáticas.

Os milagres na Bíblia

Talvez não haja textos bíblicos julgados mais "problemáticos" em nossa era de ceticismo do que aqueles que se ocupam com o miraculoso. Em relação à arqueologia e ao miraculoso, W. F. Albright observou:

> Ainda que a arqueologia possa esclarecer a história e a geografia da Palestina antiga, não pode explicar o milagre básico da fé de Israel, que permanece como fator inigualável na história mundial. Mas a arqueologia pode ajudar enormemente no tornar o milagre racionalmente plausível para a pessoa inteligente cuja visão não está encurtada por uma perspectiva mundial materialista.[2]

A Bíblia não é apenas um registro da história, mas também do miraculoso na história. Entretanto, a maioria dos arqueólogos encara os milagres como expressão da crença religiosa e não como algo que pode ser validado na história real. Mas será que é possível que no campo dos milagres, a arqueologia também nos possa ajudar a ler nas entrelinhas e confirmar o que foi reputado impossível certificar no campo da história? Para responder esta pergunta, primeiro vamos considerar a natureza dos milagres na Bíblia.

A natureza dos milagres na Bíblia

Quando as pessoas pensam nos milagres relacionados com a Bíblia, normalmente pensam na sarça ardente vista por Moisés e na divisão do mar Vermelho. Estes seriam classificados como milagres de "primeira classe", ou seja, eventos extraordinários que manifestam a intervenção divina nos assuntos humanos ou naturais. Estes deveriam ser mantidos separados dos milagres de "segunda classe", que representam a graça comum de Deus dada para a vida cotidiana que vivemos.

A freqüência dos milagres na Bíblia

A freqüência com que os milagres de primeira classe aparecem na Bíblia também precisa ser entendida. Muitas pessoas têm a noção de que a Bíblia é uma coleção de contos de fadas, porque presumem que o miraculoso aparece em cada página. Mas quando procuramos os milagres na Bíblia, descobrimos que são muito infreqüentes e que ocorrem somente em certos períodos propositados da história. De fato, há apenas quatro breves períodos durante os quais tal atividade aconteceu: 1) Durante a época de Moisés e Josué (1441-1370 a.C.), quando Deus estava estabelecendo sua nação; 2) durante os dias de Elias e Eliseu (870-785 a.C.), quando Deus estava estabelecendo seus profetas; 3) durante o tempo de Daniel (605-538 a.C.), quando Deus estava estabelecendo seu povo no exílio; e 4) durante o ministério de Jesus e os apóstolos (28-90 d.C.), quando Deus estava estabelecendo sua Igreja.[3]

Em cada uma dessas fases, os milagres ocorreram durante importantes períodos de transição histórica e estabelecimento nacional. Os milagres foram dados como sinal indispensável para inaugurar cada nova era, autenticar a mensagem e os mensageiros de Deus e instruir aqueles que observavam os eventos. Dado os milhares de anos que Deus tem lidado com o homem, é surpreendente que Ele tenha sido tão comedido no seu uso de milagres. Contudo, a escassez de milagres não tem a intenção de diminuir o miraculoso, mas enfatizar que os milagres têm propósitos específicos. Muitos, senão a maioria, dos milagres vistos em três dos quatro períodos transitórios estavam associados com julgamentos sobre os inimigos de Israel (Egito, idolatria, Babilônia). Apenas durante o quarto período, o tempo de Jesus e dos apóstolos, os milagres eram primariamente confirmatórios.

Agora tomemos como exemplo um milagre sucedido durante o reinado do rei Ezequias, realizado durante o segundo de nossos períodos propositados de milagres (os profetas). A arqueologia oferece algum apoio histórico para a declaração teológica da Bíblia sobre o miraculoso?

Examinando um evento miraculoso

Personagens-chave

Ezequias — Homem da reforma

O reinado do rei Ezequias não foi nada menos que miraculoso. Ele subiu ao trono de Judá em 715 a.C. como o filho piedoso do pai mais ímpio da

história, Acaz. O legado de religiosidade que Ezequias deixou foi o maior dos reis reformistas da monarquia dividida. Sua carreira de reforma começou fazendo voltar o culto de Israel a um lugar central como Deus tinha ordenado — o Templo em Jerusalém (2 Cr 29—31). Para assegurar o avivamento religioso que Ezequias quis ocasionar, ele aniquilou as práticas idólatras em todas as partes do reino e até destruiu os últimos vestígios do sincretismo de Judá que tinha se centralizado na veneração da antiga serpente de bronze que Moisés fizera, a qual tornara-se relíquia religiosa com o nome de "Neustã" (2 Rs 18.3-6). Cultos a serpente eram comuns nas religiões ritualistas que influenciaram Israel,[4] como se descobriu em Tel Miqne (Ecrom), onde foi encontrado uma miniatura de serpente de ouro do tempo de Ezequias. Ezequias sabia que a despeito deste objeto sagrado ter sido símbolo da salvação (Nm 21.4-9; Jo 3.14), agora era sinal do pecado.

O fortalecimento do Reino de Judá governado por Ezequias levou à necessidade espiritual e política de fazer mais construções, sobretudo na cidade de Jerusalém. Durante seu reinado ele ampliou a cidade até ao Monte Ocidental, principalmente para incorporar os refugiados do Reino do Norte, que havia sido destruído por Sargão II, rei assírio (2 Cr 30.25). Este exército se encheria ainda mais de orgulho quando o sucessor de Sargão, Senaqueribe, atacou o Reino do Sul e desapossou o seu povo. No princípio, porém, o pacífico reinado de Ezequias não conheceu oposição. Ele obtivera vitória militar sobre os filisteus, confinando-os às suas antigas habitações ao longo da planície litorânea do mediterrâneo. Como demonstração de força ainda maior, Ezequias forjou uma aliança com o Egito e acabou com o pagamento de tributos à Assíria, prática iniciada por seus pais. Por um tempo, a resistência de Ezequias parecia estar dando certo, mas então o suserano assírio Senaqueribe veio reivindicar sua honra e o tributo devido por sua província vassala.

Senaqueribe — Homem de conquista

Neste período da história, o antigo Oriente Próximo tinha se tornado um bairro regido pela força, e o mais poderoso e malvado dos garotos do bairro foram os assírios. Olhar nas representações gráficas em relevos arqueológicos — que retratam os corpos do exército inimigo sem cabeça e sem mãos; os cativos sendo cegos, empalados ou esfolados vivos; ou os afortunados sendo levados para o exílio com ganchos pelas mandíbulas — é convincente o bastante para concluir que os assírios não eram o tipo de inimigo que alguém quereria incomodar. E Senaqueribe, como rei desse povo, reforçou essa espécie de brutalidade.[5] Os relevos assírios que descrevem o cerco de Laquis mostram Senaqueribe

no trono e inspecionando com orgulho esta cena de carnificina, crucificação e captura. Além disso, a inscrição num touro alado assírio do palácio de Senaqueribe em Nínive ostenta: "Eu assolei o grande distrito de Judá...", enquanto que no relevo de Laquis ele proclamou: "Senaqueribe, rei do mundo..." Portanto, da perspectiva assíria, a rebelião de Ezequias tinha o lançado contra o mundo e sua situação difícil ameaçava acabar com a terra!

A situação difícil

Em 701 a.C., subiu Senaqueribe "contra todas as cidades fortes de Judá e as tomou" (2 Rs 18.13). Confirmação arqueológica sobre esta informação existe na forma de um relevo assírio de importância histórica confeccionado para comemorar a vitória dos assírios sobre uma dessas cidades — Laquis. Como mencionado previamente, este relevo foi achado preservado nas paredes do palácio de Senaqueribe em Nínive (*vide* Capítulo 4). Depois de Senaqueribe ter conquistado Laquis, nada o impedia de empreender marcha contra a capital de Judá, Jerusalém. Ezequias não estava ignorante do inevitável. A princípio, Ezequias tentou aplacar Senaqueribe pagando-lhe "tributos atrasados" (2 Rs 18.14-16). Entretanto, não conseguindo satisfazer Senaqueribe, Ezequias adotou um plano mais prudente para adiar a situação difícil do seu povo — os resultados do qual foram revelados pela arqueologia.

Quando o assédio assírio começou, Ezequias passou a executar um programa industrioso para garantir as defesas de Jerusalém. Dois problemas óbvios afrontavam Ezequias: a necessidade de melhores fortificações e a necessidade de evitar ser privado dos recursos naturais que abasteciam a cidade. O assírio Rabsaqué (alto funcionário do reino)[6] abordou este último receio quando disse aos habitantes de Jerusalém: "Porventura não vos incita Ezequias para morrerdes à fome e à sede?" (2 Cr 32.11). Ezequias tratou da segunda necessidade de maneira excepcional.

O túnel de Ezequias

Ezequias estava certo de que Jerusalém seria privada de sua principal provisão de água, a Fonte de Giom, a qual jazia desprotegida bem na extremidade sul do Vale de Hinom, fora da antiga Cidade de Davi. Ezequias conseguiu desviar suas águas retendo a saída superior e redirecionando seu fluxo para o lado ocidental da cidade (*vide* 2 Cr 32.2-4,30). Esta empresa foi realizada por incrível obra de engenharia que até hoje maravilha os engenheiros. Cavando secretamente pelo calcário sólido, Ezequias fez um túnel de 533 metros por baixo da cidade de Jerusalém. O túnel conectou a Fonte de Giom com o atual



59. Eleisha, filha do autor, dentro do Túnel de Ezequias.

Tanque de Siloé, localizado dentro dos muros da esquina sudoeste da cidade. A Bíblia nos fala sobre esta façanha (2 Reis 20.20), mas não como foi realizada. Contudo, quando em 1880 foi feita uma exploração local no túnel (por meninos que nadavam ali), descobriu-se uma inscrição a cerca de 6 metros da saída, onde o túnel tem quase 4,5 metros de altura. Hoje chamada de "Inscrição de Siloé", esta narrativa do século VIII a.C. fala sobre a construção do túnel e, assim, preenche os "espaços em branco" da história bíblica.[7] Narra como dois grupos de trabalhadores munidos com picaretas completaram a tarefa designada:

> [...] E este foi o relato do encontro [dos dois grupos de operários, um que começou a cavar numa extremidade do túnel e o outro, na outra]. Enquanto os operários ainda estavam trabalhando com suas picaretas, cada turma em direção à outra, e quando ainda faltavam três côvados para ser cavado, a voz de cada turma era ouvida pela outra, porque havia uma rachadura (ou divisão ou sobreposição) na rocha no sentido sul-norte. E no momento em que as duas turmas se encontraram, os operários abriram caminho, uma turma em direção à outra, golpe contra golpe de picareta. Então a água fluiu da fonte para o tanque por 1.200 côvados. E a altura da pedra sobre as cabeças dos operários era de 100 côvados.

Por mais de 30 vezes já entrei neste túnel sinuoso e irregularmente cortado e ainda fico pasmado. Os trabalhadores não foram em linha reta, mas trançaram um caminho na forma de "s", o que aumentou a extensão de sua rota em mais de 65%. Várias tentativas foram feitas para explicar como os dois grupos de trabalhadores, sem ajuda de bússola ou ferramentas especializadas, puderam se encontrar perfeitamente.[8] Até hoje ainda é considerado um mistério — e um milagre. Independente de como os trabalhadores fizeram, o túnel de Ezequias foi um salva-vidas para Jerusalém. Agora restava o trabalho de garantir as fortificações da cidade.

O "muro largo" de Ezequias

Enquanto os assírios se aproximavam de Jerusalém, Ezequias fez preparativos de última hora para resistir ao cerco iminente de Senaqueribe fortalecendo o monte ocidental recentemente expandido, porém mais fraco, da cidade. A Bíblia registra estes esforços de Ezequias e nota que "ele se fortificou, e edificou todo o muro quebrado até às torres, e levantou o outro muro para fora" (2 Cr 32.5). Algumas das estruturas da fortificação mencionadas neste versículo foram achadas em escavações no Bairro Judaico.[9] Uma das torres e porção do muro reconstruído foram descobertas ainda em bom estado a uma altura de aproximadamente 1,82 metros. O novo "muro para fora" que Ezequias construiu foi descoberto por Nahman Avigad, arqueólogo israelita, durante escavações feitas no Bairro Judaico (1969-1982). Hoje este muro é chamado de "Muro Largo" por causa de sua imensa largura (7 metros). Esta espessura extrema era necessária para resistir os aríetes do terrível exército assírio. Originalmente este muro chegava a cerca de 8 metros de altura e estendia-se da área norte do Monte Ocidental ao sul, depois em direção oeste para a atual Porta de Jope. Então continuava para o sul ao longo da borda da ladeira acima do Vale de Hinom até que volteava a leste para encontrar o topo sul da Cidade de Davi, no lugar onde os três principais vales de Jerusalém se encontravam.[10] A construção deste muro volumoso revela o desespero das pessoas de evitar a todo custo o ataque furioso dos assírios. E o custo era um fator, pois o Muro Largo foi construído apressadamente usando pedras que vieram das casas das pessoas. Este fato também está registrado nas Escrituras: "E vereis as brechas da cidade de Davi, porquanto são muitas; [...] também contareis as casas de Jerusalém e *derribareis as casas para fortalecer os muros*" (Is 22.9,10, ênfase minha). Eis aqui, então, a dramática evidência arqueológica do grande medo que o rei Ezequias e toda a sua gente sentiam quando encararam o avanço assírio. Quando andei em cima deste muro refleti sobre quanta dor essas pessoas assustadas devem ter sentido quando de-



60. Em pé sobre o Muro Largo, construído pelo rei Ezequias e descrito pelo profeta Isaías.

moliram suas próprias casas num empreendimento desesperado para resistir a um poder aparentemente onipotente. Que esperança poderiam ter contra um inimigo que até então já havia capturado ou destruído todas as cidades que atacou? Não obstante, a história bíblica nos recorda que quando nossas forças acabam, há Deus. Percebendo não haver outro refúgio, senão Deus, em cujo concerto havia jurado proteger o penitente, o rei abandonou sua procura de mais proteção e foi (com o profeta Isaías) orar (2 Cr 32.20).

A oração milagrosa de Ezequias

Quando Ezequias orou, ele se arrependeu pelo povo de Deus e recorreu à promessa de Deus (na Aliança de Davi). Deus já tinha poupado Jerusalém uma vez, quando o pecado trouxera destruição à cidade (2 Sm 24.16; 1 Cr 21.15), e Ezequias cria que podia suplicar a Deus para que este a poupasse de novo (*vide* Is 37.6,7,21-38). No outro lado estava Rabsaqué que tinha falado ao povo de Jerusalém que não adiantava buscar a Deus, porque Ele não pudera salvar de Senaqueribe qualquer uma das outras cidades do Reino do Norte ou do Sul (2 Cr 32.15; Is 36.18-20). Em conseqüência disso, o profeta Isaías trouxe esta palavra de Deus: "Eu ampararei a esta cidade para a livrar, por amor de mim mesmo e por amor do meu servo Davi" (2 Rs 19.34; Is 37.35). Deus promete que porá em Senaquerib e "um espírito e ele ouvirá um ruído e voltará para a sua terra; à espada o farei cair na sua terra" (2 Rs 19.7). A conhecida narrativa do que aconteceu em seguida para cumprir o milagre prometido está registrado nos textos paralelos de 2 Reis e Isaías:[11]

> Sucedeu, pois, que naquela mesma noite, saiu o anjo do SENHOR e feriu no arraial dos assírios a cento e oitenta e cinco mil deles; e, levantando-se pela manhã cedo, eis que todos eram corpos mortos. Então, Senaquerib e, rei da Assíria, partiu, e foi; e voltou e ficou em Nínive. E sucedeu que, estando ele prostrado na casa de Nisroque, seu deus, Adrameleque e Sarezer, seus filhos, o feriram à espada.

Heródoto (484—425 a.C.), antigo historiador grego, narrou história semelhante acerca do egípcio Setos, cujo deus se diz ter enviado à noite ratos silvestres para comer as aljavas, as cordas dos arcos e as empunhaduras dos escudos do exército assírio, enquanto este encontrava-se acampado em Pelúsio. O resultado foi que na manhã seguinte o exército estava desarmado e a maioria dos soldados foi morto ou bateu em retirada.[12] Esta narrativa levou alguns estudiosos a sugerir uma mistura de tradições e que o relato bíblico pode estar retratando uma súbita erupção de virulenta praga desencadeada por animais daninhos que matou os assírios. Outros estudiosos acreditam que Senaquerib e rei-



61. O Prisma de Taylor, que preserva o relato de Senaqueribe sobre o cerco empreendido por ele contra Jerusalém na época de Ezequias.

nou outros 20 anos depois de fracassar em sua primeira tentativa de conquistar Jerusalém e engajou-se em outras façanhas militares.[13] Seja como for que se interprete o evento, uma coisa é certa: Depois que Ezequias orou, Senaqueribe nunca mais voltou a Judá! Aconteceu algo que chocou tão profundamente este monarca poderoso, que até o dia em que morreu o fez manter distância de Judá. Os detalhes históricos de sua morte por assassinato, em 681 a.C., estão registrados em outra descoberta arqueológica, as *Crônicas Babilônicas*, que declaram: "No vigésimo dia do mês de Tebete, seu filho matou Senaqueribe, rei de Assíria, durante uma rebelião".[14] Embora esta tabuinha babilônica confirme de modo geral a narrativa bíblica, a salvação de Jerusalém das mãos de Senaqueribe é fato confirmado pelos próprios assírios.

Examinando as evidências do miraculoso

Hoje existem cinco cópias inteiras ou fragmentárias dos anais de Senaqueribe, nos quais lemos sua própria narrativa do ataque assírio contra o rei Ezequias. Estes anais foram registrados num prisma hexagonal de argila inscrito em cuneiforme assírio. Pelo fato de ter sido descoberto (no palácio de Senaqueribe, em Nínive, no ano de 1830) pelo coronel britânico R. Taylor, é conhecido como "Prisma de Taylor" (ou "Prisma de Senaqueribe"), e as outras cópias que estão em outras propriedades são conhecidas como o "Prisma de

Ninrode" e o "Prisma do Instituto Oriental".[15] Ainda que os historiadores e estudiosos possam repudiar a explicação milagrosa dada pela Bíblia, não podem negar a prova do depoimento de um inimigo esculpido em pedra. Ao deixar o registro para aqueles que seguiriam e preservariam sua memória, Senaquerib e apresentou sua história sob a luz mais favorável e inscreveu os fatos para todos os tempos:

> Quanto a Ezequias, rei de Judá, que não se submeteu ao meu jugo, cerquei e conquistei quarenta e seis das suas cidades fortificadas e inumeráveis povoações pequenas mediante o uso de rampas de terra, máquinas de cerco e ataques de homens de infantaria. [...] Capturei dessas cidades e contei 200.150 pessoas de todos os níveis sociais. [...] Prendi o próprio Ezequias em Jerusalém, a capital do seu reino, como pássaro numa gaiola. [...] O medo do meu esplendor senhoril subjugou esse Ezequias. Os guerreiros e tropas seletas que ele tinha apresentado para fortalecer sua cidade real de Jerusalém, não lutaram. [...] Ele enviou seus mensageiros para pagar tributo e me prestar homenagem.

Um argumento arqueológico do silêncio

Que observações podemos retirar da narrativa de Senaqueribe sobre o cerco que fez contra Jerusalém? Primeiro, encontramos sua afirmação de que Jerusalém foi cercada sem esperança alguma de salvamento ou escape. Senaqueribe tinha extorquido tributo do rei Ezequias e militarmente o fizera calar "como pássaro numa gaiola". Segundo, achamos sua confirmação de que, ainda que tivesse capturado Jerusalém, não conseguiu conquistar a cidade. O melhor que pôde dizer foi que a sitiou — *nada mais!* E podemos estar certos de que se houvesse algo mais a ser dito, ele o teria feito, por causa da lista de suas conquistas anteriores e posteriores ao ataque contra Jerusalém. Não se tratava da maneira assíria de registrar um desastre, pois no costume típico de um monarca do Oriente Próximo, que só se gabaria para a posteridade mas nunca admitiria um fracasso, o silêncio de Senaqueribe é de alta significação.

O problema histórico da única derrota de Senaqueribe em todo o Israel não passou despercebido pelos estudiosos. Certo escritor, na tentativa de entender o escape bem-sucedido de Jerusalém do assédio assírio, pôde fazer somente esta observação: "[...] Embora não estejamos certos do que pôs fim ao cerco, sabemos com certeza que os israelitas sitiados conseguiram resistir".[16] Entretanto, lendo nas entrelinhas — ou entre as rachaduras — podemos colocar as pedras lado a lado com as Escrituras e obter uma resposta. Neste caso, o registro arqueológico complementa a Bíblia e a Bíblia suplementa o registro arqueológico. Os anais de Senaqueribe revelam que o cerco aconteceu da mesma forma

em que a Bíblia narra. Seguiu-se à devastação de Judá e colocou Ezequias além dos recursos de toda esperança humana. Neste ponto a Bíblia fornece a razão para o silêncio de Senaqueribe: Deus fez um milagre. Nenhuma explicação melhor foi oferecida, ou pelos assírios ou pelos estudiosos!

Um tributo ao rei dos milagres

Ezequias, rei de Judá, aprendeu uma das lições mais importantes que todo filho de Deus pode aprender: "Aos que me honram honrarei" (1 Sm 2.30). Ezequias temera a verdade de Deus e não os insultos de Rabsaqué. Ao correr para Deus em vez de fugir de Senaqueribe, Ezequias deu honra ao Deus de Israel em quem confiava. E Deus honrou a aliança com o seu povo (a quem Ezequias representava), e poupou a nação. E parece que Deus permitiu que Ezequias também fosse honrado. Em vida ele recebeu honras especiais (2 Cr 32.23), como também na morte. Num epíteto bíblico ao rei, lemos: "E dormiu Ezequias com seus pais, e o sepultaram no mais alto dos sepulcros dos filhos de Davi; e todo o Judá e os habitantes de Jerusalém *lhe fizeram honras na sua morte*" (2 Cr 32.33, ênfase minha).

Como Ezequias foi honrado na morte? Hoje podem haver evidências arqueológicas que respondem esta pergunta. Na região oeste de Jerusalém existem estranhos montículos de terra que recebem o nome técnico de *túmulos*. Túmulos são montículos artificiais de pó e pedra (amoldados na forma de vulcões pequenos), que evidentemente foram erigidos em memória de reis ou nobres falecidos.[17] Eram construídos em seguida à cerimônia especial que ocorria em algum dia entre a morte e enterro final da pessoa honrada. O serviço memorial consistia em reunir pessoas em volta de uma fogueira no que era chamado de "queima" (*vide* 2 Cr 16.14; 21.19). Os participantes da cerimônia traziam vasilhas com especiarias e comidas oferecidas em honra do defunto (*vide* Jr 34.5; 51.25).[18] O mais recente escavador de túmulos, o arqueólogo Gabriel Barkay, nos apresenta uma ilustração de como teria sido tal cerimônia:

> Posso imaginar as pessoas do Reino de Judá reunindo-se aos milhares um mês depois do enterro do rei — homens, mulheres, crianças, guerreiros, a administração, todos. Eles espalhavam-se pelas colinas da redondeza e, no meio, alguns dos sacerdotes organizavam a cerimônia na qual faziam uma enorme fogueira em memória do monarca falecido, cantavam algumas elegias e davam uma última palavra, como está mencionado na Bíblia. Ao término da cerimônia, cada um dos participantes levava uma cesta com pedras e cascalho e esvaziavam o conteúdo no lugar onde ocorreu a cerimônia, fazendo um montão inteiro em memória do monarca falecido.[19]

Na conclusão do evento, a área era coberta para formar o túmulo. Fora de Jerusalém ainda subsistem uns 20 túmulos[20] e os maiores contêm restos arqueológicos que, de acordo com Barkay, provavelmente têm conexão com a época do reinado de Ezequias:

> Escavei este durante um inverno extremamente rigoroso em Jerusalém, trabalhando em dias nevosos com os dedos congelados. Escavamos apenas nas beiras e, para nosso espanto, tiramos do solo várias peças de cerâmica com impressões de selo que traziam a inscrição *lamelek* ("pertencente ao rei"). Estes artefatos estão bem comprovados e sua data é de conhecimento geral — pertencem ao tempo do rei Ezequias, fim do século VIII a.C. Agora, claro que a data de cada um destes túmulos é diferente, nem todos são da mesma data.[21]

Barkay propôs que estes túmulos são memoriais dos vinte e um reis de Judá. Neste caso, o maior destes túmulos individualmente datado (o Túmulo 4) deve pertencer com exatidão a Ezequias, o maior dos reis de Judá. Então, isto explica a referência até agora incerta sobre dar a honra a Ezequias como está declarado em 2 Crônicas 32.33. Nesta eventualidade, o Túmulo 4 era um tributo à liderança de Ezequias à frente do povo de Judá. Esta é a conclusão de Gordon Franz, que ajudou na escavação do sítio: "Este montículo seria deixado como memorial a um rei que fez grandes coisas para o seu Deus e o seu povo — um rei que verdadeiramente merece ser honrado".[22] Sem dúvida, parte desta honra estava na grata lembrança da libertação milagrosa que Deus elaborara pelas orações do piedoso rei — um milagre que as pedras (lendo entre as rachaduras) ainda clamam.

15

Os Rolos do mar Morto

Matéria arqueológica digna de primeira página



[Os Rolos do mar Morto] tornaram-se reconhecidos entre os mais importantes achados arqueológicos do século XX. Envolta em mistério, cercada por controvérsias e impregnada com contos românticos exorbitantes da enigmática pesquisa erudita, esta coleção [...] ilumina uma das eras mais significativas da história do judaísmo, do cristianismo e do mundo ocidental. [...][1]

— *Yadin Roman*

O decano americano de arqueologia bíblica, William Foxwell Albright, aclamou os Rolos do mar Morto como "a maior descoberta em termos de manuscrito dos tempos modernos". E de fato é. Depois que a história da descoberta foi divulgada em 1948, os rolos tornaram-se notícia de primeira página em todo o mundo. Mesmo hoje, sua menção é suficiente para animar qualquer conversa. Embora os autores dos rolos ainda nos sejam desconhecidos, os rolos em si, escondidos por uma comunidade de judeus piedosos nas orlas do mar Morto, continuam a reter o fascínio do mundo de hoje. Um dos estudiosos pioneiros dos Rolos do mar Morto em Israel, Yigael Yadin, escreveu:

> [Os Rolos do mar Morto] constituem vínculo vital — há muito perdido, mas hoje recuperado — entre aqueles tempos antigos, tão ricos no pensamento civilizado, e a época atual. E da mesma maneira que o leitor cristão deve ficar

emocionado pelo conhecimento de que aqui ele tem um manuscrito de uma seita, sobre a qual os cristãos primitivos podem ter sabido e pela qual foram influenciados, assim o israelita e o judeu não podem achar nada mais profundamente comovente do que o estudo de manuscritos feitos pelo povo da Bíblia, na terra da Bíblia, há mais de dois mil anos.[2]

O que são os Rolos do mar Morto?

Estes Rolos do mar Morto representam algo em torno de 1.100 documentos antigos que hoje consistem em vários rolos intactos, além de mais de 100.000 fragmentos. Os textos dos rolos foram escritos em colunas, principalmente em hebraico e aramaico, mas também encontramos alguma coisa em grego. A maioria foi escrito em pergaminho de couro (feito de pele de cabra ou de ovelha) e em papiro (forma primitiva de papel), mas um, o *Rolo de Cobre*, foi escrito em cobre puro. Entre 223 e 233 do total dos manuscritos são cópias dos livros da Bíblia. Até hoje foi encontrado um representante para cada livro do Antigo Testamento, com a exceção de Ester.[3] Esta coleção de textos bíblicos constitui nossas mais antigas cópias das Escrituras que conhecemos (embora, como já comentado, a arqueologia tenha subseqüentemente apresentado porções mais antigas de passagens bíblicas). Os rolos também contêm comentários dos livros da Bíblia, obras apócrifas e pseudepigráficas, e documentos sectários (alguns foram escritos pelo líder desconhecido da seita, chamado nos rolos de "Mestre da Retidão"). Outros tipos de textos, como targuns, tefilin e mezuzot também estão presentes. Um *targum* é a tradução da Bíblia hebraica para o aramaico. Seu propósito era dar entendimento do texto original aos leitores contemporâneos que já não estavam mais familiarizados com o hebraico bíblico mais antigo. *Tefilin* (também chamados *filactérios*) são rolos pequenos, firmemente enrolados, que contêm passagens dos livros bíblicos de Êxodo e de Deuteronômio.[4] Eram guarnecidos em caixinhas amarradas no braço esquerdo ou na cabeça. Os *mezuzot* eram colocados em estojos ornamentais presos nas ombreiras das portas da casa. Os tefilin e os mezuzot cumpriam (de maneira mística) a ordem bíblica de Deuteronômio: "Também as atarás [as ordenanças de Deus, de acordo com o contexto precedente] por sinal na tua mão, e te serão por testeiras [emblemas] entre os teus olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas" (Dt 6.8,9).

Por causa deste sortimento de textos nativos e importados, muitos referem-se aos Rolos do mar Morto como uma "biblioteca", com estes vários textos provavelmente trazidos por novos membros da comunidade e arquivados para

estudo coletivo. Como um todo, representam a herança comum do judaísmo do Segundo Templo,[5] fornecendo-nos nossa única janela (fora do Novo Testamento e dos escritos de Josefo) das seitas e crenças diversas daquele período.

Os Rolos do mar Morto e a Bíblia

Estes documentos são imensamente úteis aos estudantes desta era, inclusive aos estudantes de Jesus e do Novo Testamento, cuja história atravessou o mais recente período da comunidade do mar Morto. Eles nos fornecem informação previamente desconhecida sobre práticas legais e costumes sociais apenas vagamente repercutidos em escritos rabínicos muito mais recentes (Talmude, Mishná). Dão nova confirmação e *insights* nas línguas faladas por Jesus e os discípulos e revelam de modo vívido as condições culturais e conflitos que, respectivamente, produziram o método parabólico de ensino de Jesus e os seus debates com o pretenso judaísmo estabelecido. Também são particularmente proveitosos para a nossa compreensão das convicções escatológicas dos judeus que viveram durante aquele período. Mostram-nos que as interpretações proféticas desenvolvidas que encontramos no Novo Testamento não eram de procedência única do primitivo cristianismo judaico, mas a interpretação compartilhada de judeus cujas expectativas estavam centradas no programa messiânico



62. O Códice Alepo, a versão mais antiga do texto das Escrituras hebraicas até a descoberta dos Rolos do mar Morto.

do Antigo Testamento. Além disso, para aqueles que procuram reconstruir um texto bíblico preciso, as versões do Antigo Testamento encontradas nos Rolos do mar Morto permitem-nos ver tradições textuais diferentes que antedatam o texto massorético medieval, que serviu como base para as modernas bíblias hebraicas e para a maioria das traduções do hebraico para outros idiomas.

Os Rolos do mar Morto também nos permitem constatar até que ponto os escribas, que preservaram esses textos bíblicos para nós, foram fiéis em seu trabalho. Até a descoberta dos Rolos do mar Morto nossa mais antiga versão do texto hebraico da Bíblia era o Códice Alepo (935 d.C.), o qual tinha apenas 1.000 anos. Pode parecer muito velho, mas ainda estava mais de 1.000 anos distante dos originais dos quais a Bíblia foi copiada e passada adiante. Como poderíamos ter certeza de que no ato de transmitir o texto ao longo daquele período de mil anos, os escribas não tinham cometido erros que hoje fazem parte de nossas traduções da Bíblia? Mas os textos bíblicos dos Rolos do mar Morto taparam esse buraco de mil anos e nos permitiram comparar o texto hebraico por trás de nossas versões com aqueles textos, em alguns casos, somente uma geração depois dos originais. Esta comparação revelou — incrivelmente — conteúdo quase idêntico! Assim, segundo nossa nova compreensão do texto baseado nos Rolos do mar Morto, podemos aproximar com maior confiança nossas traduções da Bíblia aos textos originais.

O cenário dos Rolos do mar Morto

A trinta e dois quilômetros a sudoeste de Jerusalém localiza-se o mar Morto num nível recorde de 396 metros abaixo do nível do mar. Descendo de áridos e escarpados penhascos de calcário, encontramos o causticante sol do deserto. Quando chegamos ao próprio mar Morto deparamos com uma massa de água de 72,4 quilômetros de comprimento por 14,4 quilômetros de largura, constituindo um guisado químico de 26% de matéria sólida na forma de sais dissolvidos. Neste ambiente austero os patriarcas e os profetas de Deus viveram em tempos passados, e pode ter sido esta associação que levou uma comunidade ortodoxa, mas desprendida, de judeus a se estabelecer no lugar hoje conhecido pelo nome árabe de Khirbet Qumran. Estas famílias sacerdotais tinham um estilo de vida ritualmente puro no alto de um planalto calcário ao lado do mar Morto. Sobrevivendo apenas por causa de uma fonte de água existente ali perto, a qual foi canalizada até o retiro, essa comunidade esperava o cumprimento das profecias bíblicas acerca da vinda do Messias e da restauração da nação judaica ao ideal divino.

A geografia desta área não apenas atraiu a seita do mar Morto a Qumran, mas seu ambiente também ajudou a preservar os rolos. Isto devia-se ao fato de uma combinação de fatores, inclusive o clima quente e árido (freqüentemente atingindo 51,6 graus centígrados), o fluxo de ar negativo dentro das cavernas nas quais os rolos foram escondidos e os jarros especiais hermeticamente fechados nos quais foram armazenados. Similar estado de conservação foi observado em objetos retirados de túmulos selados de faraós nas areias secas do Vale dos Reis, em Luxor, Egito.

Arqueologicamente, a localização tinha uma história judaica anterior, mas no momento não estamos certos a que época remontava. A recente descoberta de materiais (fragmentos de cerâmica e um frasco de perfume quase cheio) do período persa (séculos VI-V a.C.) durante a limpeza completa ao término da estação das escavações da primavera de 1996, feitas no planalto de Qumran, pode sugerir que um grupo que voltava do exílio fez do local sua habitação em vez de ir morar em Jerusalém. Identificando-o com uma das primitivas cidades bíblicas na região, possivelmente Secaca ou uma das "torres no deserto" edificadas pelo rei Uzias (*vide* 2 Cr 26.10), eles podem ter decidido que seria o lugar adequado para entender o quebra-cabeça profético deixado para eles pelos profetas do período pré-exílico e exílico.

O povo dos Rolos do mar Morto

A seita judaica que se retirou para o deserto ainda não foi conclusivamente identificada pelos estudiosos. As teorias variam dos essênios aos saduceus, daí aos zelotes para uma mistura destes com os fariseus, até chegar a um grupo completamente distinto. Lendo seus documentos ficamos sabendo que eles se identificaram com o Israel bíblico em seu pecado no deserto (*Documento de Damasco* 5.17-20).[6] Ao fazerem assim, esperavam cumprir a profecia do profeta Isaías de haver uma voz que clama no deserto para o arrependimento de Israel, o que traria o Messias, o fim do período da dominação gentia e finalmente restauraria Israel a um lugar de glória (*vide* Sal 3.1; 1 Sm 8.12-16; 9.19,20). Eles viam-se a si mesmos como o cumprimento escatológico do êxodo histórico, cuja conquista final foi de Jerusalém e da terra de Israel (*cf.* Js 11.16—12.24). O período de transição no qual viveram aguardava os dias das guerras escatológicas e o clímax da retomada de toda a terra prometida como parte da redenção final.[7] Pelo fato de ter o profeta Ezequiel predito que as bênçãos escatológicas fluiriam do último Templo para o deserto e o mar Morto ("o mar Ocidental"), tornando-o potável (*vide* Ez 47.1,2,12; Zc 14.8), eles sentiam que



63. O autor está acima do cenário de Qumran, sentado num rochedo alto, de onde pode contemplar a Caverna 4 (centro da foto), lugar em que os Rolos do mar Morto foram descobertos.

viviam na área onde a redenção seria realizada em primeiro lugar. Portanto, os moradores de Qumran viam-se a si mesmos como a vanguarda para uma nova era, escolhidos por Deus para anunciar a era messiânica.

Na década de 1950, as escavações feitas pelo escavador original Roland de Vaux (o relatório oficial ainda é inédito) revelaram muros ao redor do povoamento, pátios, uma torre de vigia, um salão de jantar, uma sala de reunião, uma estrutura para rolos (onde os rolos eram preparados), um aqueduto, muitas cisternas e tanques de imersão para rituais (*miqvaot*), olarias, fornos, estábulos e vários cemitérios. As mais recentes escavações aconteceram em fins de 1993 como parte da Operação Rolo. A área de Qumran foi reexaminada pela terceira vez e dúzias de cavernas nos penhascos de calcário escarpados e no terraço de marga foram conferidos. Emil Goldie e Yitzhak Magen dirigiram a escavação no centro da comunidade e encontraram novos silos, uma fábrica de prensas de tâmaras e outras construções previamente não registradas. Assim o que temos neste local é uma comunidade que remonta até 300 anos antes de Cristo e se estende a 68 d.C., quando os romanos atacaram o povoamento e o transformaram numa guarnição do exército.

A descoberta dos Rolos do mar Morto

Os rolos foram descobertos primeiramente por pastores seminômades da tribo beduína Taamiré; estes pastores haviam se fixado entre Belém e o mar Morto. Durante gerações tinham pastoreado seus rebanhos e manadas no deserto da Judéia, que era esburacado por cavernas antigas. Um destes pastores, o adolescente de nome Maomé ed-Dib, que significa "Maomé, o Lobo" (por haver matado lobos que atacavam as ovelhas), afirma ser o responsável pela descoberta original.[8] Segundo sua história, ele e seus amigos estavam cuidando dos seus rebanhos de cabras, quando ele sentiu falta de uma das cabras. Depois de perambular longe dos companheiros à procura da cabra perdida, achou uma caverna com uma abertura pequena no topo (hoje designada Caverna 1). Pensando que a cabra tivesse caído ali dentro, jogou pela abertura uma pedra na caverna para enxotar a cabra. Em vez do som de uma cabra assustada, ouviu o barulho de artigos de cerâmica sendo quebrados. A curiosidade o impeliu a descer dentro da caverna e, ao ver os jarros antigos, a esperança de haver tesouro escondido o fez ficar. Mas, para sua decepção, tudo o que havia dentro dos jarros eram rolos de couro, julgados inúteis para o beduíno exceto para fazer correias de sandália. Depois de reunir o melhor dos rolos (sete ao todo) e deixá-los pendurados em sua barraca por quase dois anos, eles foram vendidos a Kalil

Iskander Sain (Kando), negociante de antigüidades de Belém, que por sua vez vendeu alguns deles ao arcebispo ortodoxo sírio, Mar Atanásio Samuel, que tornou a existência dos rolos conhecida ao mundo. Subseqüentemente os rolos tornaram-se possessão do Estado de Israel, quando o professor da Universidade Hebraica de Jerusalém, Eleazar Sukenik, comprou três deles pela intermediação do armênio Anton Kiraz. Alguns anos mais tarde o filho de Sukenik, Yigael Yadin, comprou os restantes quatro rolos do próprio arcebispo. Esta última compra acarretou um pouco de drama. O arcebispo não queria se envolver na política do Oriente Médio. Ele não queria vender os rolos diretamente para Israel, porque tal ação seria contestada pela Jordânia. Então o arcebispo tentou vender os rolos para os Estados Unidos, colocando um anúncio no *Wall Street Journal*. Sabendo do anúncio, Yadin fez o professor Harry Orlinsky da Hebrew Union College (em Cincinnati, Ohio), uma das poucas pessoas que podiam autenticar os rolos, a clandestinamente fazer-se passar por "Mr. Green" e comprar os rolos para Israel por 250 mil dólares, soma irrisória, visto que só o *Rolo de Isaías* hoje vale mais de 20 milhões de dólares.

Mais cavernas, mais rolos

Depois da descoberta inicial, tanto o beduíno quanto os arqueólogos começaram a procurar outras cavernas e, entre 1952 e 1956, acharam mais dez



64. O beduíno que se identifica como o próprio Maomé ed-Dib que, quando era jovem pastor de ovelhas, encontrou os Rolos do mar Morto em uma das primeiras cavernas descobertas.

com manuscritos. Os sítios da descoberta abrangem as colinas ao longo da orla ocidental do mar Morto ('Ain Feshkha, Qumran, Jericó, En-Gedi, Massada, Murabba'at, Nahal Hever, Nahal Se'elim, Nahal Mishmar e Khirbet Mird). A mais rica destas cavernas foi a Caverna 4, descoberta em 1952. Esta única caverna rendeu mais de 40.000 fragmentos de rolo que redundaram em cerca de 400 documentos (100 deles bíblicos). Fazia somente um ano que o trabalho de escavação tinha começado no sítio arqueológico do vizinho povoamento de Qumran. Quando a Caverna 4 foi descoberta justamente do outro lado do *vadi* vindo do planalto, o povoamento foi pela primeira vez ligado aos rolos.

Os rolos secretos da caverna 4

Incidentemente, foram estes textos bastante fragmentados da Caverna 4 que, alguns anos atrás, constituíram a fonte de uma controvérsia que alegava ocultação deliberada, escândalo e encobrimento. Desde 1990, quando finalmente todas as fotografias destes fragmentos foram liberadas para os estudiosos, estes rumores foram desfeitos. Mais recentemente, o rebuliço concentrou-se na publicação de alguns destes textos da Caverna 4 relativos à perspectiva da seita do mar Morto sobre o Messias. Documentos há pouco lançados: *4Q246* (o "Filho de Deus" aramaico), que se refere a uma figura messiânica (ou antimessiânica) como o "Filho de Deus e Filho do Altíssimo"; *4Q541* (*4QAron A*), que descreve um Messias sacerdotal que reconcilia Israel; *4Q285* (*Serekh Milhamah*), que fala sobre o Messias como o Príncipe da Comunidade, o Renovo de Davi e o retrata matando os inimigos numa batalha no fim dos tempos; e *4Q521* (o *Apocalipse Messiânico*), que afirma que o Messias curará os doentes e ressuscitará os mortos. Tais textos levantam novas questões sobre a harmonia deste conceito judaico pré-cristão do Messias com o visto no primitivo cristianismo judaico do Novo Testamento.

Outros achados famosos

Entre alguns de outros documentos famosos encontrados em cavernas ao norte de Qumran acham-se o *1QIsaA* (o *Grande Rolo de Isaías*, cópia completa de Isaías) na Caverna 1; o *1QM* (o *Rolo da Guerra*), um tipo de manual de preparação apocalíptica, também da Caverna 1; o *11Q19* (o *Rolo do Templo*), da Caverna 11, que na maior parte apresenta planos para a construção de um novo Templo na Jerusalém restaurada. Este documento também ajuda a resolver uma questão legal concernente ao propósito dos saduceus entregarem Jesus para crucificação, revelando que o Sinédrio justificou a ação deles com um texto em



65. Porção do Rolo de Cobre que relaciona 64 locais de tesouros escondidos.

Deuteronômio que determinava a penalidade de morte àquele que traísse a nação. De acordo com João 11.49, o sumo sacerdote Caifás, líder do Sinédrio, considerou Jesus culpado de traição. Além destes, há o misterioso *3Q15* (o *Rolo de Cobre*), da Caverna 3, que alista 64 lugares secretos por todo o deserto da Judéia, Jerusalém e alguns outros lugares onde imensas quantidades do tesouro do Templo, na forma de ouro, prata e objetos preciosos, foram supostamente enterrados há 2.000 anos! Para pesquisa e estudo completo sobre muitos outros desses achados famosos, consulte meu livro *Secrets of the Dead Sea Scrolls* (*Segredos dos Rolos do mar Morto*).[9]

Novas descobertas em Qumran

Conceito errôneo comum é pensar que todos os Rolos do mar Morto foram achados. Muitas pessoas não estão cientes de que centenas de rolos podem estar escondidos nas cavernas do deserto da Judéia e que a procura por eles continua hoje, embora num ritmo muito mais lento do que no passado. Para destacar este fato, escolhi diversos exemplos ainda inéditos de novas descobertas em Qumran. O primeiro destes descreve mais nove cavernas descobertas perto do sítio de Qumran. Estas cavernas têm trilhas ligando-as com as cavernas ao norte onde os primeiros sete rolos, o *Rolo do Templo* e o *Rolo de Cobre* foram

encontrados. O segundo exemplo relata a primeira "inscrição" já descoberta em Qumran. E o terceiro mostra um objeto misterioso descoberto em 1954, mas só ultimamente identificado como um antigo relógio de sol. Para fazer com que estes achados contemporâneos sintam-se tão recém-chegados quanto são, permitirei que aqueles mais estreitamente ligados a eles se manifestem.

A descoberta de mais nove cavernas

No outono de 1995, jornais de circulação nacional e noticiários de televisão em horário nobre encantaram suas audiências com a história da descoberta de mais quatro cavernas em Qumran, cujas localizações exatas tinham de permanecer em segredo. Ao mesmo tempo (antes da escavação) e em 1996 (depois da escavação), visitei com Hanan Eshel e Magen Broshi, que descobriram e escavaram estas cavernas, e perguntei-lhes acerca dos seus achados. As cavernas não eram quatro como havia sido informado, mas nove, e ainda que nenhum rolo com dizeres tenha sido descoberto nas cavernas, foram, todavia, instrumentos para ajudar a estabelecer uma teoria aceita sobre as cavernas e o povoamento de Qumran. Hanan Eshel, professora em Bar-Ilan, Universidade em Tel Aviv, relata-nos com detalhes esta escavação:

> De setembro de 1995 a fevereiro de 1996, seis semanas de escavações foram dirigidas por Magen Broshi e por mim no norte de Qumran. Em princípios de 1993, achei uma rede de caminhos ao norte de Qumran. [...] [São] trilhas que dão em cavernas nunca antes registradas em quaisquer das publicações sobre Qumran. [...] [Nestas trilhas] achamos três moedas [duas eram hasmoneanas] e 60 pregos [de botas romanas]. Então, depois de achar um prego e depois de localizar esta trilha, resolvemos conferir se a trilha foi realmente usada no período do Segundo Templo. Então, com um detector de metais percorremos 64 metros. Nesta trilha achamos aqueles pregos que eram de sandálias do período romano. [...] Assim, acredito que esta área era freqüentada por muitas pessoas. Esses caminhos levavam a uma série de cavernas artificiais desmoronadas as quais nunca foram mencionadas em publicações de estudo. [...] Há uma grande diferença entre as cavernas nos penhascos de calcário escarpados, como as Cavernas 3, 11, 1, 2 e 6, onde as condições de vida são inconvenientes, e as cavernas de marga, que podem ser usadas para habitação confortável. As cavernas na marga são fáceis de esculpir e moldar. [...] Em nossa escavação foram escavadas nove cavernas ao norte dos aquedutos. [...] Em somente duas cavernas, rotuladas de Cavernas C e F, encontramos prova efetiva de habitação humana datada do fim do período do Segundo Templo. [...] No chão da Caverna C achamos 280 fragmentos provenientes de panelas, tigelas, quatro jarros; e julgo que estas são evidência o bastante para afirmar que esta caverna foi usada como habitação.[10]

Esta evidência parece confirmar de uma vez por todas que a comunidade de Qumran realmente foi responsável pelo armazenamento dos rolos nas cavernas a pouca distância do seu povoamento. Ademais, hoje está claro que uma população maior viveu adjacente ao local e que a população de Qumran já não deve mais ser limitada àqueles 200 homens que poderiam caber na sala de reunião do lugar.

A primeira "inscrição" de Qumran

Em fevereiro de 1996, dois óstracos sem inscrição (fragmentos de cerâmica escritos com tinta) foram descobertos no sítio de Qumran, enquanto se fazia a limpeza de uma escavação no planalto de Qumran, que tinha sido dirigido por James Strange, da Universidade da Flórida. Estes representam as primeiras inscrições já encontradas neste sítio. Um continha evidência de prática escribal, enquanto que o outro tinha 16 linhas de texto. Este último óstraco foi designado a dois estudiosos para estudo e tradução — a esposa de Hanan Eshel, Esther Eshel, e Frank M. Cross, de Harvard. Esther Eshel apresenta sua análise do teor da inscrição:

> As linhas escritas em hebraico começam com as palavras: "No ano dois", provavelmente referindo-se à liberdade de Israel. Este texto descreve uma



66. A Caverna C recentemente escavada, entre as nove novas cavernas encontradas em Qumran no ano de 1996.



67. O óstraco de Qumran recentemente descoberto com 16 linhas em hebraico achado em Qumran — aparentemente uma lista de compras da comunidade.

transação comercial feita em Jericó na qual mercadorias eram dadas a um homem chamado Elazar. Parece que o óstraco nos oferece uma lista de suprimentos trazidos de Jericó para Qumran.[11]

Um significado para esta descoberta, juntamente com os outros achados de trilhas e habitações em caverna, é que tudo isso nos ajuda a estabelecer uma teoria aceita sobre a comunidade de Qumran. Alguns tinham argumentado anteriormente que nenhuma seita religiosa judaica vivera em Qumran, mas sim que os zelotes judeus tinham equipado ali um posto militar avançado. Este arrazoamento foi concebido, em parte, por causa da ausência de documentos "mundanos" que indicassem uma comunidade estabelecida. Mas o óstraco com a inscrição mostra a existência de documentos mundanos em Qumran e, assim, confirma que ali existira uma comunidade.

Um mistério de Qumran resolvido

Em 1954, o diretor da escavação realizada no sítio de Qumran, Roland de Vaux, e sua equipe, desenterraram um objeto de aparência estranha, cuja única descrição aceitável seria "disco de pedra". Ele o consignou às despensas do subsolo do Museu Rockefeller como um enigma numerado. O estudioso cristão Stephen

Pfann mora em Jerusalém e atualmente trabalha nos relatórios originais de escavação feitos por Vaux com a finalidade de publicá-los. Ele identifica o objeto misterioso como um relógio de sol do mar Morto e descreve o seu propósito para a comunidade de Qumran:

> [Hoje] viemos a entender que este era de fato um relógio de sol usado não apenas com a finalidade de marcar as horas do dia. O mostrador [também] tem várias linhas que eram usadas para os diferentes segmentos do ano. [...] [A comunidade de Qumran] tinha um calendário de 364 dias, o qual é um calendário solar em oposição ao calendário lunar usado no Templo. [...] [Para usar este relógio de sol,] há um pino (que realmente foi encontrado junto) que faz sombra no mostrador. [...] O calendário em si parece ter sido feito na Babilônia, porque as marcas no mostrador combinam com os tipos de marcas para o dia que estaria naquela latitude e longitude, e portanto originalmente marcava o ano assírio. [...] Este relógio de sol também era usado para marcar o despontar da lua e das estrelas em seu plano à medida que passava. Os assírios consideravam o sol e a lua em seu nascimento algo como uma bênção de Deus, que era uma criação sua diária. [Os habitantes da comunidade de Qumran] percebiam que faziam parte muito integrante disso quando ficavam aqui, de manhã, não trocando uma palavra sequer com o vizinho. Permaneciam em pé diante do sol em seu surgimento e faziam orações, como os Salmos que falam sobre o despertar do amanhecer. Esta era parte importante de suas vidas. Criam que da mesma forma que o sol e a lua foram estabelecidos em suas órbitas e tinham limites, assim também Deus tinha estabelecido limites para eles viverem até onde ia o papel que desempenhavam dentro da comunidade e também no modo como viviam a vida segundo a Torá.[12]

Relógios de sol como este eram usados no Segundo Templo para regular as horas do culto diário. Sua prática em Qumran pode ter sido semelhante, visto que a comunidade sacerdotal dali considerava-se um templo simbólico alinhado ao Templo divino e acreditava que o horário dos rituais designados (como o batismo por imersão, a oração, o culto, as refeições) era na verdade ordenado por Deus. Como Pfann explica:

> Para eles, estar na hora certa era extremamente importante, porque em cima no céu já estava estabelecido o horário das reuniões e do culto do ano litúrgico que Deus tinha com seus anjos. A menos que o povo de Deus permanecesse na hora certa e fiel ao calendário e ao horário que Ele havia estabelecido nos céus, o povo ficaria fora de sincronia com o que estava acontecendo no céu.[13]

Pfann vai mais longe ao acreditar que o relógio de sol também poderia ter exercido uma função nas expectativas messiânicas da comunidade, considerando que seus integrantes esperavam dar as boas-vindas ao Messias com um banquete messiânico em Qumran, evento este a ser calculado pelo relógio de sol.



68. O "Relógio de Sol" achado por escavadores na comunidade de Qumran, perto do mar Morto.

Tais artefatos arqueológicos, quando forem plenamente entendidos, ajudarão a abrir novas portas de descoberta não só relacionadas com a seita de Qumran, mas também com as outras seitas judaicas dos seus dias, com as quais ela se comparava ou se contrastava. De fato, com os recentes achados e ainda mais outros que jazem no horizonte arqueológico, a maior de todas as descobertas arqueológicas — os Rolos do mar Morto — pode em questão de dias tornar-se ainda maior.

Novas escavações prometem mais revelações

Acredita-se que o planalto de Qumran, que se estende das atuais ruínas do antigo povoamento, ainda reserva mais descobertas. As estações de escavação de 1996, realizadas sob a direção de James Strange, não puderam verificar uma anomalia subterrânea indicada pelo uso do radar sísmico e penetrante no solo. A estimativa é que exista uma paleocâmara artificial embaixo do planalto com uma entrada escondida também enterrada ali perto. Dentro desta câmara podem estar armazenados os tesouros da comunidade, inclusive um depósito secreto com rolos até agora desconhecidos. Nova instrumentação eletromagnética administrada pelo Instituto Geofísico de Israel revelou que faltavam apenas pouco mais de 2,5 metros para atingir a paleocâmera principal. Por isso, novas explorações foram marcadas para o outono de 1997. Como assistente de James

Strange estarei dirigindo a escavação preliminar neste local promissor. Por meio de perfurações na subsuperfície e do uso de uma máquina fotográfica remota procuraremos confirmar as novas leituras. Ainda não sabemos o que será descoberto, mas estamos certos de que muito mais está no horizonte arqueológico de Qumran. Quem sabe um dia destes você e eu, ao nos levantarmos pela manhã, logo depararemos com manchetes nos jornais falando sobre uma grande nova descoberta e anunciando ao mundo que os Rolos do mar Morto mais uma vez são matéria arqueológica digna de primeira página!

16

A arqueologia e Jesus

Ficção teológica ou fatos fidedignos?



As descobertas arqueológicas [relativas a Jesus] não são conhecidas fora dos círculos sofisticados. Não obstante, poucas áreas da pesquisa erudita alfinetam a imaginação e mexem com a emoção de estudiosos e estudantes tanto quanto as novas descobertas arqueológicas. Nas últimas três décadas, descobertas espetaculares estão comprovando ser significativas para a pesquisa do Jesus histórico.[1]

— James M. Charlesworth

Vamos começar nosso exame das evidências arqueológicas da presença do Jesus histórico, considerando a seguinte declaração de Marcus Borg:

> A verdade da Páscoa não depende se realmente houve uma tumba vazia. [...] É pelo fato de Jesus ser conhecido como uma realidade viva que levamos a sério as histórias da Páscoa, e não o inverso. E levá-las a sério não significa inevitavelmente tomá-las de modo literal.

Se a declaração acima lhe parece razoável, conte-se entre a classe da moderna erudição crítica, que julga que a fé em Jesus é de maior realidade do que os fatos sobre Ele. Esta posição não questiona necessariamente se existiu um Jesus histórico, mas se o Jesus do Novo Testamento realmente existiu. Promovendo este conceito em uma geração anterior encontra-se Rudolph Bultmann, cujas obras tornaram-se livros de ensino em muitos seminários cristãos. Ele procla-

mou: "Tudo o que resta de Jesus é uma chamada escatológica à decisão; o retrato de sua pessoa e obra desapareceu".[2]

Depois do atual advento do Seminário Jesus — foro de estudiosos do Novo Testamento cujo empenho em descobrir as verdadeiras palavras de Jesus nos Evangelhos está baseado em separar o "Cristo da fé" do "Cristo do fato"[3] —, muitos cristãos passaram a questionar se o que lhes fora ensinado sobre Jesus na Escola Dominical era fato fidedigno ou ficção teológica. No centro deste debate está se os evangelhos, que expõem as afirmações de Jesus através dos anais feitos pelos discípulos, são registros precisos. Se podem ser apresentados para comparação favorável com evidências arqueológicas na forma de inscrições e artefatos, não deveriam ser considerados como história meticulosamente contada em vez de criações teológicas de uma comunidade cristã mais recente, inventadas para tratar dos problemas dos dias em que ela existia?

Uma data do século I para os evangelhos (se não para todo o Novo Testamento) foi agora confirmada por meio de comparação feita com tão notáveis descobertas, como os Rolos do mar Morto e os códices gnósticos de Nag Hamádi. Isto abriu novo campo de pesquisas sobre Jesus, no qual a erudição procura



69. Um barco pesqueiro do tempo de Jesus, encontrado no mar da Galiléia e recentemente restaurado mediante o uso de técnica de preservação química.

voltar às raízes judaicas de Jesus através de adequada investigação arqueológica e histórica.[4] Esta abordagem foi recomendada pelo teólogo alemão Leonhard Goppelt, que, rejeitando a conclusão pessimista de Bultmann, sustentava que o "Cristo da fé" deve ser achado ao se procurar, e não ao se separar, o "Cristo da história". Ele declara:

> De importância primária para a tradição do evangelho é a integração do ministério terrestre de Jesus com o querigma, de forma que o primeiro torna-se a base de apoio para o último. Esta "reminiscência" sobre Jesus continua sendo, sobretudo nos grandes evangelhos, a intenção primária. [...] Se desejamos representar a teologia do Novo Testamento de acordo com sua estrutura intrínseca, então temos de começar com a questão do Jesus terrestre.[5]

Neste capítulo nossa meta é avaliar as várias peças primárias da evidência arqueológica do Jesus terrestre. Estas confirmam diversas pessoas e eventos nos evangelhos, revelando a precisão dos escritores dos evangelhos e a probidade da mensagem histórica que professavam. Afinal de contas, se Jesus é chamado por alguns de "Rocha dos Séculos", as pedras dos séculos também não deveriam falar acerca dEle?

Os primeiros Natais

Algumas evidências arqueológicas recentes forneceram novos *insights* sobre a época e o lugar do nascimento de Jesus. O Evangelho de Lucas nos dá a época do nascimento, fazendo referência específica a um censo decretado por Cirênio, governador da Síria (Lc 2.2). Enquanto que a evidência em inscrições revela que havia mais de um governante com esse nome, um Cirênio dentro da estrutura do tempo do nascimento de Jesus foi achado numa moeda que o coloca como procônsul da Síria e Cilícia de 11 a.C. até depois de 4 d.C.[6] O censo de Cirênio, também mencionado por Lucas em Atos 5.37, tem numerosos paralelos em formulários de censo de papiro que datam do século I a.C. ao século I d.C. Por exemplo, o papiro oxirrinco 255 (48 d.C.) e o papiro 904 do Museu Britânico (104 d.C.) ordenam o retorno compulsório das pessoas ao local em que nasceram para o levantamento do censo, da mesma maneira que Lucas registra (Lc 2.3-5).

Além disso, o lugar tradicional do nascimento de Jesus — numa caverna em Belém — tem tido longa história no local da Igreja da Natividade. Jerônimo, pai da Igreja, que se mudou para Belém em 385 d.C., já tinha se referido ao local como "o lugar mais venerável do mundo".[7] Paulino de Nola disse que o imperador romano Adriano (117-138 d.C.) tinha plantado no local um bosquete



70. No Heródium.

para a adoração de Adônis (figura mítica romana) com a finalidade de profanar a fé cristã.[8] Eusébio, no século IV, narrou como Helena, mãe de Constantino (que procurou preservar os lugares tradicionais da Terra Santa ligados a Jesus), cobriu a caverna e a manjedoura com uma igreja. As escavações revelaram as ruínas da caverna, que em tempos primitivos foi deformada por vários oponentes do cristianismo. Escavações similares feitas pelos franciscanos em Nazaré acharam, embaixo do chão da atual Igreja da Anunciação, ruínas de uma sinagoga judaico-cristã do século III (possivelmente a mencionada em Lc 4.16).[9]

O finado Herodes, o Grande

Herodes, o Grande, foi nomeado pelos romanos para ser o rei da Judéia em 37 a.C. e reinou até morrer em 4 a.C. Sob seu reinado, nasceu Jesus e a família santa foi ameaçada. A fama de Herodes estava em seus grandes empreendimentos de construção, e ruínas de alguns dos seus projetos ainda dominam posições proeminentes na paisagem de Israel e da Jordânia dos dias de hoje. Um destes projetos, conhecido como Heródium, levanta-se com imponência no horizonte pelas cercanias de Belém e está a cerca de três a quatro horas a pé de Jerusalém. O Heródium era um refúgio para Herodes, cuja vida era comum sofrer ataques inimigos e tentativas de assassinato. Originalmente havia dois morros gêmeos na área, mas Herodes fez seus construtores retirarem parte de um dos morros e elevarem o outro, de forma que sua retirada não oferecesse qualquer dificuldade. Construiu uma coroa ao redor do morro composta por dois muros circulares (um dentro do outro), depois cortou o morro em declive para unir estes muros e formou um buraco, uma estrutura no formato de vulcão, onde construiu sua vila-palácio-fortaleza. O historiador Flávio Josefo, do século I, registra que o rei foi enterrado no Heródium escoltado por uma parada de seus parentes, uma companhia da Trácia, germânicos e gauleses em ordem de batalha e 500 escravos e homens livres carregando centenas de quilos de essências aromáticas para enterro.[10]

O arqueólogo israelita Ehud Netzer, do Instituto de Arqueologia da Universidade Hebraica de Jerusalém, tem estado a escavar o sítio desde 1973, e acredita ter finalmente localizado esta câmara de sepultura há tanto tempo procurada:

> O Heródium não era apenas um palácio, mas um memorial ao rei. Era o único lugar que recebeu o nome do rei Herodes e o local onde ele planejou ser sepultado. Estamos tentando localizar este cemitério [no Heródium]. No andamento de nossas escavações encontramos um edifício muito impressionante, [o qual] pensamos se tratar do mausoléu. Gradualmente fomos achando alguns

> outros objetos pela rua, [por exemplo] um *miqve* (banho ritual), que têm a ver com tumbas para sepultamento do período do Segundo Templo, e também pedras maravilhosas que compunham a fachada da tumba. Este mesmo estilo arquitetônico [aparece] em tumbas monumentais em Jerusalém e em outros lugares. Esperamos encontrar a própria tumba na forma de caverna ou de compartimento subterrâneo para enterro. Infelizmente, a Intifada [palestina] que começou em 1987 paralisou nossos trabalhos, mas estou esperando tempos de paz para prosseguir com os trabalhos em um futuro próximo.[11]

Suspeita-se que a entrada do mausoléu não está dentro do montículo artificial, mas próximo de um dos tanques inferiores num local chamado a estrutura monumental. Assemelha-se à arquitetura da realeza com uma fachada colunada, e uma longa pista plana no morro acima pode ter servido de lugar para a parada dos que levavam o enterro de Herodes. Netzer presume que a tumba, quando encontrada, estará vazia, havendo sido roubada em tempos passados — mas quem sabe? Netzer obteve permissão para escavar o Heródium durante o verão de 1997, mas nova onda de terrorismo nesta área da Margem Ocidental mais uma vez ameaçou a escavação. Assim, por ora, teremos de esperar para ver! Mesmo assim, o local em si presta amplo testemunho à vaidade de um rei cujo morro feito à mão obscureceu um estábulo humilde no qual nasceu o Rei dos reis!



71. O autor no local onde se suspeita que o rei Herodes foi enterrado — construção imponente, mais abaixo do Heródium.



72. O arqueólogo Ehud Netzer com a inscrição na qual está escrito o título completo do rei Herodes.

No nome do rei

Enquanto isso, Netzer e Guy Stiebel (do Instituto de Arqueologia da Universidade Hebraica de Jerusalém) também retomaram as escavações em Massada, que foram dirigidas pelo finado Yigael Yadin na década de 1960. Massada era uma fortaleza montanhosa próxima ao mar Morto construída por Herodes, o Grande, como último refúgio durante tempos de adversidade. Projetada para as necessidades particulares de Herodes, tinha palácios do norte e do sul, uma piscina, um *hall* de recepção ricamente decorado, uma casa de banho no estilo romano, banhos rituais e uma sinagoga. Massada é melhor conhecida por seu uso durante o período da Grande Revolta (66-73 d.C.), como último posto da resistência judaica conhecida como os sicários. Invadida pelo exército romano, os habitantes judeus cometeram suicídio em vez de serem assolados e profanados pelos quase loucos romanos, que tinham despendido anos tentando escalar os muros da fortaleza.

Nessa última estação, Netzer e Stiebel desenterram em Massada a primeira inscrição já encontrada com o título completo do infame Herodes. Sua descoberta dá substância à realidade histórica deste rei e de sua dinastia, que proeminentemente figuram na carreira de Jesus. A descoberta aconteceu ano passado enquanto se limpavam fragmentos de pedra de uma caverna perto do sítio da sinagoga provenientes de um telhado que em tempos passados tinha desmo-

ronado, enterrando várias vasilhas grandes para armazenamento (conhecidas como ânforas) e numerosos artefatos.[12] Entre os cacos das ânforas foram achados diversos óstracos com inscrições em grego e em latim. Um dos óstracos em latim, procedente de uma ânfora que continha vinho, trazia a inscrição que hoje é famosa. Netzer a descreve a seguir:

> A inscrição [em latim] tem três linhas, forma padrão encontrada em tais inscrições. A primeira linha é uma data e indica o ano em que este [vinho] foi feito. A segunda linha dá o lugar e o tipo [específico] do vinho, e na última linha temos o nome: "Herodes, Rei da Judéia".[13]

Eis o nome e o título do tirano do Novo Testamento que de modo esbanjador fez aumentos no Templo de Jerusalém, conheceu os sábios que procuravam o infante Jesus, mas cuja procura própria de Jesus terminou com a ordem de sacrificar as crianças em Belém (Mt 2.1-18).

Onde Jesus gostava de pregar

De acordo com as narrativas dos evangelhos, o centro do ministério de Jesus foi Cafarnaum, antiga cidade natal do profeta Naum (*Cafar*: "aldeia" de Naum), localizada ao lado do mar da Galiléia. As paredes de basalto preto da sinagoga onde Jesus costumava pregar foram descobertas embaixo de todos os quatro cantos da sinagoga de calcário branco polido que datam do período bizantino.[14] Uma data do século I para estas paredes foi confirmada por achados de cerâmica debaixo do chão de um pavimento de paralelepípedos datado da mesma época das paredes de basalto debaixo da nave da sinagoga.[15] A Bíblia registra que Jesus realizou neste lugar um extraordinário milagre para o centurião romano prosélito que construiu a sinagoga (Mt 8.5-13; Lc 7.1-10). Recentemente a presença romana foi confirmada por escavações em Cafarnaum feitas em diversas construções no estilo romano, inclusive uma casa de banho romana.[16] Até a casa de Pedro onde Jesus freqüentemente ficava e onde curou a sogra de Pedro de uma febre (Mateus 8.14,15; Marcos 1.30,31; Lucas 4.38,39) parece ter sido descoberta há apenas 25,6 metros ao sul da sinagoga.[17] Feita de basalto, a mesma pedra nativa da região, encontra-se debaixo de uma construção octogonal do período bizantino, que era usada para venerar lugares santos. Sua presença confirma que desde cedo o local trazia a tradição de ser lugar ligado a Jesus. As estreitas paredes da casa não teriam agüentado um telhado de alvenaria, por isso tinha um telhado de ramos de madeira provavelmente recobertos com terra batida.[18] Este seria um telhado semelhante ao de outra casa em Cafarnaum, no qual um buraco foi cavado para fazer baixar um paralítico a fim de Jesus curar (Mc 2.4).

Onde Jesus fez milagres

Não longe de Cafarnaum foi descoberta Betsaida, cidade natal de Simão Pedro, Filipe e André (Jo 1.44; 12.21). Escavada desde 1989 sob a direção de Rami Arav, arqueólogo israelita,[19] ultimamente o sítio revelou impressionantes ruínas de fortificações de Gesur da Idade do Ferro mais recente, inclusive o palácio real onde Absalão teria residido por três anos (2 Sm 13.38), uma estela de um minotauro do período romano, um fragmento de cerâmica pré-cristã trazendo a imagem de uma cruz e um brinco de ouro.[20] Do período do Novo Testamento têm sido descobertas evidências da indústria pesqueira (âncoras, anzóis), que empregava esses discípulos de Jesus, como também uma rua e casas certamente usadas por eles na ocasião. Em uma destas casas foi encontrada uma pedra de moenda que nos faz lembrar do pão que era feito nesse lugar, não só pelas mulheres, mas também por Jesus quando fez o milagre da multiplicação dos pães e dos peixes neste local para alimentar os 5.000 (Mt 14.1-21; Mc 6.30-44; Lc 9.10-17). Desta cidade, Jesus saiu andando por cima das águas do mar da Galiléia para encontrar-se com os discípulos (Mt 14.22-33; Mc 6.45-51; Jo 6.15-21). Tendo testemunhado tais milagres e, não obstante, rejeitado o messiado de Jesus, Betsaida foi condenada junto com as cidades vizinhas de Corazim e Cafarnaum (Mt 11.21-23; Lc 10.13-15).

Chega Caifás

Passando do ministério de Jesus na Galiléia, entramos no seu ministério em Jerusalém. Uma das figuras mais proeminentes em todas as narrativas evangelísticas que descrevem a última semana tumultuada de Jesus na Cidade Santa, é o sumo sacerdote Caifás. Caifás, que serviu como líder do Sinédrio de 18 d.C. a 36 d.C., é conhecido nos relatos dos Evangelhos como aquele que profetizou que Jesus morreria pela nação, que pôs em andamento o plano de matá-lo (Jo 11.49-53; 18.14) e depois, a altas horas da noite, presidiu o julgamento no qual Jesus confessou ser o Messias e subseqüentemente foi condenado (Mt 26.57-68). Foi no pátio da casa de Caifás que Pedro esperava por uma palavra de Jesus, mas em vez disso traiu-o três vezes antes do cantar do galo (Mt 26.69-75).

Quer o lugar hoje identificado como a casa de Caifás em Jerusalém seja ou não o local verdadeiro, descobrimos os restos mortais do sumo sacerdote em seu ossuário dentro da tumba de sua família. O achado aconteceu por acidente em novembro de 1990, quando trabalhadores estavam construindo um parque aquático na Floresta da Paz em Jerusalém, que fica ao sul do monte do Templo.[21]



73. O ossuário ricamente ornamentado de José Caifás, o sumo sacerdote que presidiu o julgamento de Jesus (a inscrição com seu nome está no lado menor).



74. O autor com ossuários do século I descobertos numa caverna mortuária no monte das Oliveiras em Jerusalém.

A descoberta foi feita quando o teto da câmara mortuária desmoronou e revelou 12 ossuários de calcário. Um dos ossuários era requintadamente ornamentado e decorado com rosáceas talhadas. Obviamente pertencera a um patrono rico ou de alta posição social que poderia dar-se ao luxo de possuir tal caixa. Na caixa havia uma inscrição. Lê-se em dois lugares *Qafa* e *Yehosef bar Qayafa* ("Caifás", "José, filho de Caifás").[22] O Novo Testamento refere-se a ele apenas como Caifás, mas Josefo apresenta o nome completo: "José, que era chamado Caifás do sumo sacerdócio". Dentro havia os ossos de seis pessoas diferentes, inclusive de um homem de 60 anos (provavelmente Caifás).[23] Na época da descoberta, Steven Feldman, editor associado da *Biblical Archaeology Review* (*Revista da Arqueologia Bíblica*), observou que "o achado deve ser de particular sensação para alguns cristãos crentes, porque eles podem orgulhar-se da precisão da Bíblia..."[24] Sem dúvida que sim, especialmente quando acrescentamos o fato de que Caifás entregou Jesus a Pôncio Pilatos, cuja existência a arqueologia também pode atestar.

Surge Pôncio Pilatos

Por dez anos, de 26 a 36 d.C., Pôncio Pilatos foi o oficial romano responsável pela Judéia. Durante este período, ele teve uma das confrontações mais inesquecíveis de sua vida — com Jesus de Nazaré. Pilatos tem a distinção de ser a única pessoa a quem Jesus escolheu falar durante o julgamento. Ele se recusou a responder ao rei da Judéia, Herodes Antipas, e somente sob esconjuração falou com Caifás. Só Pilatos parece ter sido escolhido para uma explicação do propósito singular do ministério de Jesus (Jo 18.36,37). Foi este Pilatos que articulou as imortais palavras: "Que é a verdade?" e quem evidentemente teria libertado Jesus não fosse a pressão política do Sinédrio (Jo 19.12-15). Talvez tenha sido por esta razão que Pilatos colocou um *título* (inscrição penal) na cruz, acima da cabeça de Jesus, com os dizeres em hebraico, grego e latim: "JESUS NAZARENO, REI DOS JUDEUS" (Jo 19.19). Tudo o que sabemos é que o próprio Pilatos ordenou que fosse escrito e recusou mudá-lo quando o Sinédrio protestou sua exibição pública (Jo 19.21,22).

A residência oficial de Pilatos era Cesaréia Marítima, cidade litorânea do Mediterrâneo. Foi apropriado que, em 1961, durante escavações patrocinadas pela Itália no teatro romano de Cesaréia, tivesse sido descoberta uma placa de pedra trazendo o nome de Pilatos. A laje de 60 por 91 centímetros, hoje conhecida como Inscrição de Pilatos, foi achada reutilizada como bloco de construção num projeto de remodelamento do século IV, mas era um autêntico monumento do século I, manifestamente escrito para comemorar a ereção e dedica-

ção de Pilatos de um Tibérium, templo para adoração a Tibério César, o imperador romano durante o mandato de Pilatos na Judéia. A inscrição em latim de quatro linhas apresenta o seu título como "Pôncio Pilatos, Governador da Judéia", título idêntico ao usado nos Evangelhos (*vide* Lc 3.1). Este foi o primeiro achado arqueológico que menciona Pilatos e mais uma vez testemunha a precisão dos escritores dos Evangelhos. Esse entendimento de tais mandatos oficiais indica que os autores viveram durante a vigência do seu uso e não um século ou dois depois, quando tais mandatos teriam sido esquecidos.

Uma testemunha da crucificação

A arqueologia revela que a crucificação começou provavelmente com os fenícios (por volta do século X a.C.), foi adotada pelos assírios como forma de tortura conhecida como empalação (*vide* o relevo de Laquis), mas recebeu mais aperfeiçoamentos com os romanos, que a escolheram como método de execução para criminosos contra o Estado. Está registrado que o exército de Espártaco, como também uns 800 fariseus, foram mortos em Jerusalém por crucificação. Contudo, apesar das referências muito difundidas de sua prática na literatura antiga, como nos Rolos do mar Morto,[25] nos escritos de Josefo,[26] no Talmude,[27] em vários anais romanos[28] e no Novo Testamento, nenhuma evidência material de uma vítima crucificada jamais tinha sido achada na Terra Santa até 1968. Foi então que descobriram-se os restos mortais de um homem crucificado de Givat ha-Mivtar, subúrbio do norte de Jerusalém, num ossuário de época próxima da de Jesus.[29] O nome do indivíduo, baseado numa inscrição aramaica no ossuário, era Yohanan ben Ha'galgol,[30] e proveniente de análises feitas nos restos mortais do esqueleto, conseguimos determinar que ele morreu em seus trinta e poucos anos, mais ou menos com a mesma idade de Jesus quando foi crucificado.[31] A evidência significativa da crucificação foi um osso de tornozelo ainda perfurado por um cravo de crucificação, tendo 17,7 centímetros de comprimento e ligado a um pedaço de madeira de cruz. Quando o homem foi crucificado, o cravo tinha aparentemente dado num nó do *patíbulo* (estaca vertical) de madeira de oliveira e ficado tão bem alojado na madeira, que a vítima não pôde ser retirada senão junto com o cravo e um pedaço da cruz. Este achado raro provou ser uma das testemunhas arqueológicas mais importantes da crucificação de Jesus como está registrado nos Evangelhos.

Primeiro, revela mais uma vez os horrores do castigo romano. Um estudo feito nos restos mortais indica a posição que o corpo assumiu na cruz. De acordo com reconstruções propostas, estava ou com as pernas dobradas e viradas



75. Inscrição da Cesaréia que traz o nome de Pôncio Pilatos.

adjacentes ao corpo, ou pregadas em um dos lados da estaca vertical (esta última posição é comumente favorecida). Então, em vez do corpo estar na vertical, foi empurrado e torcido, causando espasmos musculares terrivelmente dolorosos e, por conseguinte, morte pelo excruciante processo de asfixia. Esta posição em particular pode ter sido usada juntamente com a quebra das pernas, conforme indicam os ossos de Yohanan, com a finalidade de apressar a morte. Quando Jesus e os dois criminosos foram crucificados, era a tarde da maior festa do judaísmo (a Páscoa) e o sábado. As leis judaicas exigiam uma crucificação rápida para não profanar o dia santo que se aproximava (Jo 19.31,32). Tais detalhes dos horrores da crucificação, como atestados pela arqueologia, revelam que os escritores dos Evangelhos realmente foram testemunhas oculares históricas da crucificação, exatamente como afirmaram (Jo 19.35).

Segundo, já foi afirmado que a descrição encontrada nos Evangelhos acerca do método da crucificação era historicamente inexata. Os estudiosos argumentaram que cravos não poderiam ter sido usados para firmar a vítima na cruz, porque mãos e pés pregados não teriam podido segurar o corpo na cruz. Mais exatamente, as vítimas eram presas por cordas.[32] Contudo, depois da ressurreição, Jesus mostrou seu corpo crucificado aos discípulos e disse: "Vede as minhas mãos e os meus pés" (Lc 24.39). As cicatrizes que mostrou não eram de marcas de corda, mas de "cravos". De certa forma, os estudiosos sustentam que o corpo de Jesus, como os corpos da maioria dos criminosos e insurretos, não teria recebido sepultamento adequado, mas teria sido lançado em vala comum

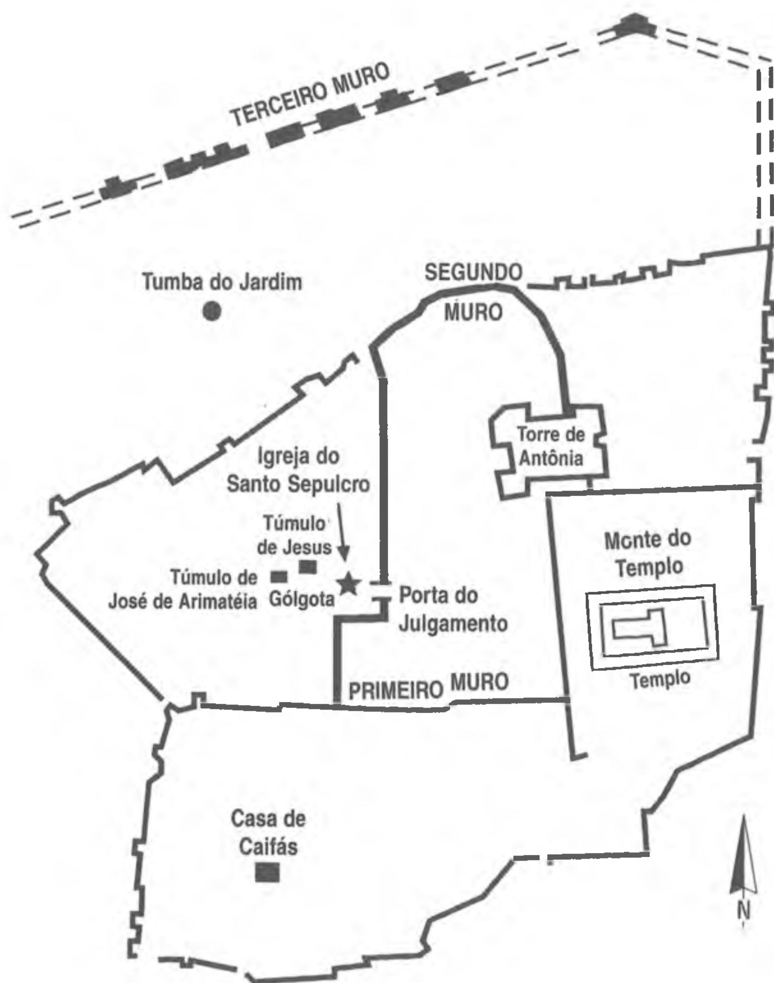
separada para os corpos daqueles maculados pela crucificação. De acordo com eles, a narrativa concernente ao sepultamento de Jesus no sepulcro de José de Arimatéia (Lc 23.51-56), de onde ressuscitou, é história fictícia.

A descoberta do osso de tornozelo perfurado por um cravo refuta aqueles que dizem que cravos não poderiam ter sido usados na crucificação. Exames mais recentes feitos por analistas antropológicos nos outros ossos de Yohanan não comprovaram que os pulsos foram pregados. Talvez tenha sido por questão de economia romana na crucificação, em que tanto a parte horizontal quanto a vertical da cruz eram reutilizadas. Fontes antigas declaram que a madeira era escassa em Jerusalém, pois Josefo (*Guerra dos Judeus* 5.522,523) observa que os soldados romanos eram forçados a percorrer 16 quilômetros fora da cidade para encontrar madeira para as máquinas de cerco. O fato de os ossos de Yohanan terem sido achados em sepultamento secundário dentro de um túmulo também contesta a segunda hipótese dos estudiosos. Esta vítima crucificada, como Jesus, tinha recebido adequado enterro judeu.[33]

Testemunho interessante à veneração mais tardia de Jesus como vítima crucificada surgiu mediante uma pichação grosseira encontrada em 1856 numa das salas da guarda do Palatino em Roma, o local do palácio imperial. Desenhado por um ímpio que ridicularizava o culto cristão, a pichação data da primeira metade do século III d.C. e retrata uma pessoa crucificada com cabeça de asno e um adorador ajoelhado ao lado. Na inscrição em latim lê-se: "Alexamenos



76. Osso do calcanhar direito de um homem do século I procedente de Givat ha-Mivtar (subúrbio de Jerusalém), mostrando evidências de crucificação. Vários fragmentos de madeira de oliveira foram encontrados entre a cabeça do cravo e o osso.



O local tradicional do Calvário está fora do Segundo Muro histórico. O Terceiro Muro foi construído em 41 d.C. depois da crucificação. O muro intermediário, que ainda está de pé, data da época dos turcos.

adorando o seu deus". Para esse ímpio, elevar um criminoso crucificado ao lugar da divindade era absurdo. Contudo, tal fé não faz sentido a menos que por trás haja uma realidade histórica. Um pouco desta realidade pode ser sentida quando podemos literalmente tocar, pela arqueologia, nos lugares dos eventos associados com a morte, sepultamento e ressurreição de Cristo.

Tocando no sepulcro de Jesus

A arqueologia revelou numerosos sepulcros em Jerusalém com pontos semelhantes à descrição do Novo Testamento do sepulcro de Jesus. Um deles é o "Sepulcro da Família de Herodes", hoje localizado nos gramados do famoso King David Hotel. Apresenta um sepulcro de classe rica do período herodiano com uma pedra rolante ainda no lugar ao lado da entrada. Contudo, quando os turistas em Jerusalém são levados para visitar o sepulcro de Jesus, em geral são lhes mostrados dois lugares que os guias dizem que competem pelo título do local do sepultamento de Jesus. Um deles é o local protestante conhecido como Calvário de Gordon, assim chamado por causa do nome daquele que o descobriu em 1883, Charles Gordon. O outro é o local tradicional da Igreja do Santo Sepulcro, cuja história remonta a pelo menos o século IV d.C. (baseado na existência de colunas ainda em uso hoje procedentes da igreja de Constantino[34] e sua descrição em fontes bizantinas). Enquanto que a maioria dos cristãos evangélicos prefere o local sereno e calmo da Tumba do Jardim situada próxima à colina que Gordon identificou como a Colina da Caveira ou Gólgota, não há nenhuma evidência arqueológica que apóie este local. Previamente seu principal apoio adveio do fato de que estava fora dos atuais muros da Cidade Velha, ao passo que a Igreja do Santo Sepulcro situava-se dentro. Considerando que o Novo Testamento deixa bem claro que Jesus foi crucificado "fora da porta" (Jo 19.20; Hb 13.11,12) e que foi presumido que os modernos muros seguiram o curso antigo, o apoio para a Igreja do Santo Sepulcro dependia principalmente da tradição. Porém, em fins da década de 1960, Kathleen Kenyon descobriu prova de que o muro que hoje inclui o local tradicional era um "Terceiro Muro" construído depois do tempo de Jesus (cerca de 41 d.C.).[35] Portanto, quando Jesus foi crucificado, teria estado fora do *antigo* "Segundo Muro". Além disso, em 1976, Magen Broshi desenterrou uma porção de muro herodiano na seção nordeste da igreja. Isto significa que quando Jesus foi crucificado a área na qual a igreja está construída achava-se imediatamente fora do Muro Ocidental da cidade na linha do Primeiro Muro. Outros descobriram que havia uma "Porta do Jardim" neste muro, o que concorda com as referências a um jardim nesse lugar (Jo 19.41; 20.15).[36]



77. Sepulcro do tipo arcosólium, como o sepulcro de Jesus (Vale de Cedrom, Jerusalém).

Outrossim, Gabriel Barkay e Amos Kloner, arqueólogos de Jerusalém, demonstraram que a Tumba do Jardim é inegavelmente parte de um sistema de sepulcros na área, o mais proeminente dos quais está próximo à porta da Tumba do Jardim na propriedade da Escola Francesa de Arqueologia, a École Biblique.[37] Todos os sepulcros neste complexo de sepulcros datam da época do Primeiro Templo ou da Idade do Ferro II (séculos VIII-VII a.C.).[38] Pela razão de o Novo Testamento dizer que Jesus foi enterrado num "sepulcro novo, em que ainda ninguém havia sido posto" (Jo 19.41), a Tumba do Jardim deve ser descartada para efeito de consideração. Ao contrário, os sepulcros nas redondezas da Igreja do Santo Sepulcro são sepulcros recentes do Segundo Templo (século I d.C.). Em fins da década de 1970, escavações no local revelaram o fundamento do foro romano de Adriano, sobre o qual o Templo de Afrodite fora construído (cerca de 135 d.C.). Adriano tinha construído templos e santuários pagãos aqui para sobrepujar as anteriores estruturas religiosas, da mesma maneira que fizera no local do Templo judaico. Se este fosse o local venerado pelos cristãos primitivos como o sepulcro de Jesus, teríamos explicação para esta localização do edifício. Eusébio (século IV), historiador da igreja, fala que Adriano construiu enorme plataforma retangular em cima desta pedreira, "escondendo a caverna santa debaixo deste montículo volumoso".

Importantes descobertas arqueológicas relacionadas com o Novo Testamento

NOME	IDIOMA	DESCOBRIDOR	LOCAL DA DESCOBERTA	DATA DA DESCOBERTA	ASSUNTO	DATA DE ORIGEM	SIGNIFICADO BÍBLICO
Rolos do mar Morto	Hebraico, aramaico e grego	Pastores beduínos	Cavernas No Deserto da Judéia (Qumran)	1947 a 1993	Manuscritos bíblicos (AT), comentários, documentos	225 a.C. a 68 d.C.	Fontes extrabíblicas de seitas judaicas do período do Novo Testamento, conceito messiânico, paralelos de doutrinas e práticas do Novo Testamento, profecia.
Papiro John Rylands	Grego	Grenfell	Faia, Egito	1920	João 18. 31-33,37,38	125 d.C.	O mais antigo fragmento do manuscrito do Novo Testamento.
Papiros Oxirrinco	Grego	Grenfell, A. S. Hunt	Oxirrinco, Egito	1897 a 1900 em papiro, censo	Documentos	6 d.C. a 104 d.C	Mostraram que o grego coiné do Novo Testamento era o idioma comum do povo, paralelos ao censo em Lucas e Atos.
Inscrição de Pôncio Pilatos	Latim	A. Frova	Teatro de Cesaréia	1961	Estela comemorativa a Tibério César	26 d.C. a 36 d.C.	Menciona nome e título do governador romano que sentenciou Jesus.
Arco de Tito	Latim	—	Entrada sul para o foro romano	—	Vitória de Tito sobre os judeus	81 d.C.	Descreve a destruição do Templo predita por Jesus, que ocorreu em 70 d.C.
Inscrição de Vespasiano -Tito	Latim	B. Mazar	Sul do monte do Templo	1970	Coluna da Décima Legião	79 d.C.	Nomes de Vespasiano, Tito, Silva, que cumpriram a profecia da destruição de Jerusalém.
Restos arqueológicos da crucificação	—	Tzaferis	Givat ha-Mivtar	1968	Osso do calcanhar perfurado por cravo, e madeira de cruz	Século II a.C. a 70 d.C.	Primeira evidência física da crucificação durante a época de Jesus.
Ossuário de Caifás	Hebraico	Z. Greenhut	Floresta da Paz, Jerusalém	1990	Caixa de ossos humanos da família sacerdotal	42 d.C. a 43 d.C.	Primeiro evidência do sumo sacerdote que presidiu o julgamento de Jesus.

Óstracos de Herodes, o Grande	Latim	E. Netzer	Masada	1996	Rótulo de vinho	73 d.C.	Nome e título do rei Herodes dos evangelhos.
Escavações na Igreja do Santo Sepulcro	—	Corbo, Kenyon, Broshi	Jerusalém Oriental	Século IV d.C.	Pedreira de calcário, jardim, sítio de escavação, sepulcros	Período do Segundo Templo	Lugar da crucificação e sepulcro de Jesus.
Tanque de Siloé	—	Bliss, Dickie	Vale de Cedrom, Jerusalém	1897	Tanque no extremo sul do Túnel de Ezequiel	Período do Segundo Templo	Lugar do milagre da cura narrada em João 9.1-41.
Tanque de Betesda	—	White, Fathers	Jerusalém Oriental	1903	Local de ritual de cura	Século III a.C.	Lugar do milagre da cura narrada em João 5.1-15.
Inscrição de Erasto	Latim	Escola Americana de Estudos Clássicos (Cadbury)	Teatro de Corinto	1929, 1947	Monumento comemorativo na calçada	50 d.C. a 100 d.C.	Nome e título do procurador da cidade de Corinto mencionado por Paulo em Romanos 16.23.
Plataforma para Julgamento (Tribunal-Bema)	Latim	Broneer	Corinto	1935, 1937	Plataforma do orador	Cerca de 50 d.C.	Lugar onde Paulo ficou diante de Gálio em Atos 18.12-17.
Códice Sinaítico	Grego	Constantino von Tischendorf	Mosteiro de Santa Catarina, Monte Sinai	1844	Quase todo o Antigo Testamento e todo o Novo Testamento	Século IV d.C.	O mais antigo Novo Testamento completo, importante para a crítica textual.
Papiros Nag Hamádi	Copta	Dois irmãos de al-Qasr	Norte de Luxor, Egito	1945	Biblioteca sectária com 13 códices	Séculos IV a V d.C.	Textos gnósticos, Evangelho de Tomé com declarações apócrifas de Jesus.
Inscrição de Soregue	Grego	Clermont-Ganneau	Jerusalém Oriental	1871, 1935	Placa de advertência aos gentios na área do Templo	19 a.C. a 70 d.C.	Limite de área proibida mencionada na acusação contra Paulo (Atos 21.27-31).
Barco de Quinerete	—	Membros do kibutz Ginesar	Mar da Galiléia (de Quinerete)	1986	Barco pesqueiro do século I d.C.	30 d.C. a 70 d.C.	Plano de fundo para as narrativas dos Evangelhos que descrevem embarcações e práticas pesqueiras.

A pedra sobre a qual a Igreja foi construída ainda hoje pode ser vista em parte por meio de uma secção preservada para inspeção. Esta pedra traz evidências de atividade sísmica, fato que concorda com a história dos Evangelhos (Mt 27.51). Escavações destinadas a expor mais esta pedra revelaram que se tratava de porção rejeitada de uma pedreira de pedra branca pré-exílica, como está evidenciado por artefatos de cerâmica da Idade do Ferro II encontrados no local. Tendo isso em mente, foi sugerido que a citação que Pedro fez do Salmo 118.22: "A pedra que os edificadores rejeitaram...", pode ter duplo sentido (*vide* At 4.11; 1 Pe 2.7).[39] No século I a.C. esta pedra rejeitada tinha passado de depósito de lixo para lugar de sepultamento. Este local também estava situado perto de uma estrada pública dos tempos de Jesus (*vide* Mt 27.39), o que ajuda a qualificá-la como o local autêntico, porque ajusta-se tanto com as exigências judaicas quanto romanas como local de execução (*vide* Levítico 24.14).[40] Por esta razão é que a pedra pode ter sido chamada de "Lugar da Caveira", porque era lugar de morte.

Ainda há outra consideração a favor da Igreja do Santo Sepulcro: o tipo de sepulcro no qual Jesus foi posto. No século I, estavam em uso dois tipos de sepulcros. Um era o *kokim*, forma mais comum, que são nichos estreitos muito longos talhados em ângulo reto na câmara das paredes da caverna mortuária. O outro tipo, chamado *arcosólia*, eram saliências pouco profundas talhadas paralelas à parede da câmara com um topo na forma de arco sobre o vão. Este tipo de sepulcro eram reservados para pessoas de posse e alto nível social. Parece ter sido este o tipo de sepulcro no qual Jesus foi colocado, porque está escrito que o sepulcro de Jesus era o sepulcro de um homem rico (Mt 27.57-60; *cf.* Is 53.9), o corpo pôde ser visto pelos discípulos quando foi colocado (possível somente num sepulcro talhado na forma de saliência, Jo 20.5,11) e os anjos foram vistos sentados onde haviam estado a cabeça e os pés de Jesus (Jo 20.12). O sepulcro gravemente erodido na Tumba do Jardim não tem nenhuma destas características,[41] ao passo que o pretenso sepulcro de Jesus no local tradicional, embora deformado por séculos de peregrinos dedicados, é nitidamente composto de uma antecâmara e um arcosólium talhado na pedra.[42]

Dando um veredicto

Quando os discípulos chegaram ao sepulcro de Jesus, lemos que eles "não acharam o corpo do Senhor Jesus" (Lc 24.3). Da mesma forma, no decorrer dos séculos os céticos e críticos também têm chegado ao sepulcro, quer literalmente ou figurativamente, e o veredicto da história tem permanecido o mesmo dos

tempos antigos: "Eles não acharam o corpo do Senhor Jesus". Em última análise, a arqueologia pode nos levar ao sepulcro, mas só a fé — informada pelo fato — pode nos levar a Cristo. Contudo, pela razão de a arqueologia ter mostrado que os fatos que apóiam a fé são precisos — um sepulcro identificável que atesta os eventos literais —, a fé no Cristo da história depende *realmente* de um sepulcro historicamente vazio para sua realidade. Enquanto que a arqueologia só pode descobrir o sepulcro, as pessoas e eventos que acompanham o seu propósito histórico (Herodes, Pilatos, Caifás, a crucificação, etc.), a ressurreição está entremeada nestes fatos para comandar a mesma consideração. Não há que duvidar que a primeira geração dos cristãos judeus que receberam os evangelhos, teve experiências de primeira mão com a história e lugares que descreve. A arqueologia tem nos restaurado muitas coisas que essa geração experimentou, e muitas das perguntas que os modernos estudiosos fazem em relação à autenticidade dos Evangelhos podem ser respondidas se essa arqueologia for considerada com mais minúcia. Como aconselhou Bargil Pixner, prior da Abadia Dormition, no monte Sião:

> Cinco evangelhos registram a vida de Jesus. Quatro estão nos livros e um na Terra que chamam Santa. Leia o quinto evangelho e o mundo dos quatro evangelhos se abrirá para você.[43]

Quando lemos os quatro evangelhos levando em conta o quinto, descobrimos que o Jesus da história e o Cristo dos evangelhos são a mesma e única pessoa. Quer tal afirmação possa ou não ser dada pela arqueologia é outra questão que se levanta sobre a natureza e os limites da prova arqueológica — assunto que trataremos a seguir.

PARTE 3

Ouvindo as pedras hoje

17

O que a arqueologia pode comprovar?

Perspectivas sobre a arqueologia e a Bíblia



A relação entre a arqueologia e a Bíblia freqüentemente é mal-entendida. O erro mais perigoso — embora inocentemente cometido pelo povo cristão — é supor que a tarefa da arqueologia é "provar a Bíblia..." Esta asseveração simplesmente não está aberta à investigação arqueológica. Pode ser que demonstremos a probabilidade da ocorrência de certos eventos descritos na Bíblia de maneira tal que tornemos a asseveração possível. Mas a aceitação da asseveração em si é questão de fé, visto que não pode ser provada — nem, no que diz respeito ao assunto, contestada — pela arqueologia.[1]

— *Shalom Paul e Bill Dever*

A arqueologia muitas vezes tem sido usada no afã de provar que a Bíblia é um documento divino, ou pelo menos confiável e merecedora de crédito. Não faz muito tempo que o povo comum acreditava que aquilo que é conhecido por arqueologia *bíblica*, era arqueologia que provava que as histórias da Bíblia eram verdadeiras. Esta impressão foi fomentada pela imprensa secular, que exagera a relação das novas descobertas com a Bíblia. As descobertas feitas nas terras bíblicas, por exemplo, ano passado, impeliram a arqueologia bíblica para as primeiras páginas dos jornais e revistas. Para exemplificar, cito a edição de abril de 1995 do *U.S. News & World Report* que traz a matéria de primeira página: "Resolvendo os Mistérios da Bíblia: Maravilhosos Achados da Arqueologia na Terra Santa".

Este artigo foi seguido em dezembro pela revista *Time* com a matéria de capa intitulada: "As Histórias da Bíblia são Verdadeiras? A arqueologia apresenta Novas Revelações sobre Moisés, o rei Davi, o Êxodo e se Josué realmente se encaixa com a Batalha de Jericó". Tais matérias da história implicam que a arqueologia pode ser usada para provar (ou contestar) a Bíblia. Mas o que a arqueologia *pode* provar?

A visão mudou

Antes de nos aventurarmos a responder o que a arqueologia pode provar, precisamos entender algo sobre a tendência atual da arqueologia bíblica. As manchetes noticiosas como as apresentadas acima, que tratam a arqueologia de maneira sensacionalista, fazem com que a maioria dos arqueólogos bíblicos de hoje aja servilmente. A razão disto, que em grande parte passa despercebida pelo indivíduo biblicamente instruído, é que o propósito da arqueologia mudou. A visão moderna de quase todos é expressada por Thomas W. Davis, quando declara: "*A arqueologia pode comprovar a verdade da Bíblia?* é pergunta que os arqueólogos do antigo Oriente Próximo nem mesmo fazem".[2]

Como nos explica o arqueólogo Kenneth Holum, da Universidade de Maryland: "O ponto central de nosso trabalho não é mais provar ou contestar a Bíblia. É ajudar os cientistas a entenderem as culturas antigas".[3] Hoje, os minimalistas bíblicos (os que limitam a historicidade das narrativas bíblicas) consideram os maximalistas bíblicos (os que não limitam a historicidade das narrativas bíblicas) faltos de objetividade e profissionalismo. Os minimalistas até preferem descartar o termo arqueologia *bíblica* e substitui-lo por um termo como arqueologia *siro-palestina*. A intenção desta mudança é retirar da arqueologia a identificação com a Bíblia e tratá-la tão-somente como um ramo regional da arqueologia em geral. A situação não era esta antes de 1970. Há apenas duas décadas era a Bíblia que determinava as perguntas que os arqueólogos faziam. A Bíblia era aceita como guia de confiança para a escavação arqueológica e a escavação arqueológica por sua vez servia para confirmar a confiabilidade histórica da Bíblia. Representantes desta escola da arqueologia eram regularmente citados por defensores da fé como "os peritos" que concordavam com a Bíblia.

Os peritos concordam

Um desses peritos mais freqüentemente citados foi o rabino Nélson Glueck. Famoso por suas escavações arqueológicas no Neguebe, ele ficou igualmente famoso por uma de suas declarações sobre a relação da Bíblia com a arqueologia:

> Na verdade, pode-se declarar categoricamente que nenhuma descoberta arqueológica jamais contradisse uma referência bíblica. As pontuações que os achados arqueológicos têm feito confirmam em linhas gerais óbvias ou em detalhes exatos as declarações históricas da Bíblia. E, em prova do que digo, a avaliação adequada das descrições bíblicas freqüentemente leva a descobertas surpreendentes. Formam as peças do vasto mosaico da memória histórica quase inacreditavelmente correta da Bíblia.[4]

Glueck pôs em prática sua convicção quando tentou localizar Eziom-Geber, porto de Salomão há muito perdido. A lembrança de sua localização havia sido, nas palavras de Glueck, "apagada como a chama de uma vela derretida". Então por onde o arqueólogo começou sua busca? Consultando o livro da Bíblia que documentou este lugar. Mais tarde, Glueck disse:

> Presumindo, como fizemos, que a declaração bíblica estava literalmente correta, não foi muito difícil redescobrir [o porto]. [...] A declaração bíblica [dizia] que estava localizado "junto a Elate, na praia do mar de Sufe [mar Vermelho], na terra de Edom" (1 Rs 9.26; 10.22). E foi exatamente onde o encontramos, na forma de montículo coberto de areia de Tell el-Keleife na praia norte do golfo de Ácaba, que é o braço oriental do mar Vermelho.[5]

Outro partidário bíblico de uma geração passada foi o decano da *American Biblical Archeology*, William Foxwell Albright. Albright usava a arqueologia para desafiar aspectos da visão então popular do alemão Julius Wellhausen, adepto da alta crítica, cuja Hipótese Documentária ensinava que a história real na Bíblia tinha iniciado somente depois do exílio, na época conhecida por período pós-exílico. Isto significava que pessoas como os patriarcas, Noé, Moisés, Josué, Davi, Salomão, Elias, Eliseu e Daniel e eventos como o dilúvio, o êxodo, a conquista da Terra Prometida, a monarquia, a destruição feita pela Babilônia e o exílio não tinham nenhuma base histórica, nem eram historicamente corretos. Albright se opunha, especialmente no caso das narrativas patriarcais do Pentateuco, afirmando que os fatos da arqueologia estavam do lado da Bíblia. Com esta finalidade, ele escreveu:

> Descoberta após descoberta tem estabelecido a acurácia de inumeráveis detalhes e dado cada vez mais reconhecimento à Bíblia como fonte da história.[6]

Um entendimento mais claro

Glueck e Albright eram representantes da mais antiga escola de pensamento conservador. Contudo, ainda que suas declarações fossem positivas da confirmação bíblica por meio da descoberta arqueológica, nem todo membro desta escola acreditava que a Bíblia não continha erros, ou que tudo o



78. William Foxwell Albright, decano da American Biblical Archeology (no sítio de Tel Hazor).

que está registrado ocorreu literalmente como história. Como exemplo, considere Albright. Embora estigmatizado por revisores como "fundamentalista teórico" por haver feito a declaração citada há pouco, é óbvio que ele não estava no campo fundamentalista (ou evangélico). Isto estava evidente em sua declaração (feita na mesmíssima página da citação mencionada acima!) de que "foi comprovado que a teoria da inspiração verbal [dogma básico do campo fundamentalista e do evangélico] — às vezes erroneamente chamada de doutrina — está errada".[7] Embora fosse conservador bíblico (comparado a seus colegas) e, como informou certo conhecido erudito, provavelmente um crente cristão,[8] Albright usava a arqueologia para interpretar a Bíblia e não vice-versa.

Muitos livros populares escritos para defender a exatidão histórica da Bíblia — ao citar conclusões de autores como Glueck e Albright —, infelizmente deixaram a impressão em seus leitores de que estes homens compartilhavam suas altas visões de inspiração bíblica. Pelo fato de muitos desses leitores não serem treinados em arqueologia, podem sem querer usar incorretamente as "evidências arqueológicas" para confirmar "fatos bíblicos", quando na realidade os achados não apóiam suas declarações (ou as dos seus assistentes de pesquisa). Claro que toda evidência arqueológica está sujeita à interpre-

tação, e quando oferecida como "prova" de algo teológico, sempre será rejeitada por alguns estudiosos. Não obstante, aqueles que tentam usar a arqueologia com propósito apologético precisam ter a adequada precaução, de maneira que não venham a "queimar" por inexatidão ou declarações descabidas aqueles a quem desejam persuadir.

O que aconteceu com os "arqueólogos *bíblicos*"?

A geração mais antiga de arqueólogos bíblicos foi treinada classicamente e em geral considerada douta no campo dos estudos bíblicos. Como exemplo de como esse treinamento faz diferença, compare dois arqueólogos da mesma família, F. G. Kenyon e sua filha Kathleen Kenyon. Ambos serviram o império britânico como arqueólogos. Mas o pai foi educado como estudioso clássico e perito na crítica textual do grego do Novo Testamento, enquanto que a filha foi treinada como historiadora moderna e obteve sua perícia na arqueologia de campo. Como resultado, eles abordam seus esforços arqueológicos e seus escritos sob enfoque diferente. No livro de F. G. Kenyon *The Bible and Archaeology* (*A Bíblia e a Arqueologia*, 1940), o relevo está na erudição bíblica e na reconstrução da história do antigo Oriente Próximo em confirmação a ela. No livro de Kathleen Kenyon *Archaeology in the Holy Land* (*A Arqueologia na Terra Santa*, 1960), é raro a evidência ser tirada de textos bíblicos e literários; antes, toda ênfase é colocada na evidência muda das escavações.

O pêndulo oscila

Uma razão para esta mudança é a avaliação dos adeptos da escola crítica que afirmam que a arqueologia bíblica ainda é percebida pelo público como tendo um "programa de trabalho fundamentalista". Com isso querem dizer que a arqueologia só é administrada para validar a historicidade do texto bíblico. Eles objetam as tentativas de demonstrar através da metodologia arqueológica a historicidade das narrativas patriarcais, do êxodo ou da conquista da Terra Prometida, porque, pela óptica com que vêem tais narrativas, são teológicas, e não históricas, em natureza. Assim, a maioria dos arqueólogos modernos abandonou as escolas de Albright e Glueck, que começavam com o texto bíblico e os dados arqueológicos a ele correlacionados, e adotou a máxima de T. L. Thompson (1974) de que "materiais arqueológicos não devem ser datados ou avaliados com base em textos escritos que sejam independentes destes materiais; assim também os documentos escritos não devem ser interpretados com base em hipóteses arqueológicas".

Esta abordagem produziu, como observou Kenyon, "uma avaliação pessimista do papel da informação arqueológica no estabelecimento do valor das partes antigas do Antigo Testamento como fontes históricas".[9] Ademais, os ideais desta arqueologia humanista do novo mundo evitam o pensamento de que os projetos arqueológicos possam negligenciar estratos de outros períodos (por exemplo, o período islâmico) em preferência aos estratos israelitas "mais importantes" que estão embaixo. O motivo é que, como explica certo autor:

> [...] A Bíblia, como todas as fontes literárias, é uma fonte secundária para os arqueólogos. Os dados primários são os artefatos que são descobertos no processo de escavação. [...] Ainda que a Bíblia possa ser usada para esclarecer alguns desses dados, tem pouca ou nenhuma relevância para alguns períodos que são estudados pela arqueologia siro-palestina. A meta desta disciplina não é o esclarecimento da Bíblia, mas a recuperação da cultura material da antigüidade. [...][10]

A cosmovisão do maximalista bíblico e a cosmovisão do minimalista bíblico são opostas e não podem ser conciliadas. Para o arqueólogo preocupado com a evidência material pertinente ao texto bíblico, é impossível não dar prioridade aos estratos israelitas.[11] Também há diferenças na interpretação dos mesmos dados arqueológicos. Suposições racionalistas evolucionárias e da alta crítica darão interpretação variada da evidência, mesmo quando é acompanhada por uma abordagem científica compartilhada. Tal interpretação na arqueologia popular segue a oscilação do pêndulo. Tome como exemplo a historicidade dos livros de 1 e 2 Crônicas. Pela razão de alguns dos detalhes geográficos e históricos aparecerem de vez em quando em discrepância com a informação apresentada nos livros de 1 e 2 Reis, perguntas foram levantadas acerca da historicidade das fontes do cronista. Porém, há apenas duas décadas até os estudiosos críticos percebiam que a precisão histórica de 1 e 2 Crônicas já tinha sido estabelecida. Em 1965, o professor Jacob Myers fez esta conclusão em seu comentário sobre 1 Crônicas na série *Anchor Bible*: "Hoje os estudos arqueológicos e históricos tornaram [Crônicas] mais respeitável e mostraram, às vezes, ser mais preciso do que algumas de suas fontes paralelas".[12] Contudo, mais uma vez os estudiosos modernos têm duvidado da confiabilidade histórica das fontes do cronista, argumentando que elas não foram confirmadas pela evidência arqueológica. Ao invés disso, propõem que a fonte mais provável para a informação do autor devem ter sido as próprias inferências teológicas do cronista.[13]

Outra época de ouro?

Da mesma maneira que nos últimos anos o pêndulo oscilou para longe da confirmação bíblica, novas descobertas com claras referências a lugares e

personagens bíblicos atraíram o pêndulo para o seu curso de volta à validação da integridade bíblica. Este otimismo renovado foi anunciado na imprensa popular:

> Hoje as areias do Oriente Médio estão revelando segredos escondidos por milhares de anos, que lançam nova e surpreendente luz sobre a veracidade histórica dessas Escritas Sagradas. [...] Alguns chegam a aclamar as descobertas como o início de uma nova "época de ouro" da arqueologia bíblica.[14]

Estas novas descobertas, muitas das quais foram examinadas neste livro, emocionaram o público, surpreenderam os céticos e ajudaram a arqueologia a começar seu regresso ao lugar onde ela pode ser usada para de novo apoiar o texto bíblico. Por isso, no restante deste capítulo e no próximo, consideremos o papel legítimo da arqueologia em sua relação com a Bíblia e a fé.

Provando a Bíblia

Aqueles que procuram usar a arqueologia para "provar a Bíblia" já assumiram premissa imprópria. A Bíblia descreve-se a si mesma como a "Palavra de Deus" e, portanto, sua palavra não pode ser provada ou contestada pela arqueologia mais do que o próprio Deus está sujeito à evidência limitada deste mundo. Roland de Vaux que escavou as ruínas de Qumran, a comunidade dos Rolos do mar Morto, declarou com veemência:

> Tem de ficar entendido que a arqueologia não pode "provar" a Bíblia. A verdade da Bíblia é de ordem religiosa; fala de Deus e o homem e de suas relações mútuas. Esta verdade espiritual não pode ser provada ou contradita, nem pode ser confirmada ou invalidada pelas descobertas materiais da arqueologia.[15]

O palco da Bíblia é histórico e geográfico, mas seu drama é divino. As declarações teológicas incluem dados históricos ou científicos, mas é errado usar a história ou a ciência para estabelecer a teologia, visto que Deus não pode ser limitado ao âmbito da história e da ciência. Entretanto, Deus trabalha dentro da história e, na proporção que interpretamos a história corretamente levando em conta a Providência, às vezes podemos testemunhar seu trabalho. Portanto, não se trata de nenhum raciocínio circular usar a Bíblia para interpretar a evidência da arqueologia, como se a Bíblia estivesse apenas provando-se a si mesma, pois nenhuma interpretação absoluta dos dados arqueológicos é possível à parte de um padrão absoluto. Por outro lado, se a arqueologia é usada para interpretar a Bíblia, então a arqueologia assumiu uma imposição sobre as Escrituras fora do seu âmbito de avaliação. Neste caso, esperar-se-ia que tal comparação produzisse inconsistências cronológicas e inexatidões históricas, porque um

padrão falível e incompleto (a arqueologia) está sendo aplicado a um padrão infalível e completo (a Bíblia).

Portanto, ainda que não seja melhor falar de "provar" a Bíblia pela arqueologia, a arqueologia, não obstante, tem grande valor no que tange a validar a história da Bíblia.

A Bíblia e a História

Do que acabamos de dizer sobre a natureza teológica da Bíblia, alguém poderia concluir que tudo na Bíblia deve estar fora da esfera da confirmação objetiva. Hoje, muitos teólogos e arqueólogos chegaram a essa mesma conclusão. Recentemente discuti este assunto com vários dos principais arqueólogos de Israel. Eles não conseguiam entender por que era problemático admitir muito da história da Bíblia como errado, enquanto ainda se acreditava que a própria Bíblia estava certa! Ficaram insistindo que a Bíblia ainda podia ser a verdade mesmo que muito do seu conteúdo fosse falso.

Essas pessoas aprenderam que a verdade na religião é independente dos fatos. Na maneira pós-modernista de pensar, as histórias que comunicam a "verdade" não precisam ser verdadeiras. De acordo com esta perspectiva os ideais religiosos da história transcendem a história e a ciência, e embora os autores bíblicos estivessem bastante errados a respeito de tais disciplinas, seus princípios ainda estavam certos — e é isso que realmente importa. Em outras palavras, quem liga se a Bíblia apresenta suas verdades teológicas num contexto que é cronologicamente contraditório, historicamente adulterado e culturalmente confuso? É a mensagem, não o meio, que é importante!

Em resposta a esta visão, temos de reconhecer que as declarações históricas e científicas daqueles que escreveram a Bíblia estão em inseparável contexto com suas declarações teológicas. Por exemplo, o milagre da divisão do mar Vermelho (Êx 14.13-31) aconteceu historicamente na época de certo faraó (Êx 14.10), geograficamente num lugar especificado (Pi-Hairote, diante de Baal-Zefom, Êx 14.9) e está descrito em termos científicos apropriados aos seus dias: "Fez retirar o mar por um forte vento oriental toda aquela noite; e o mar transformou-se em seco [...] e as águas lhes foram como muro..." (Êx 14.21,22). Se os autores bíblicos erraram na história e na ciência sobre as quais suas verdades teológicas foram formadas, como puderam escapar de erro em sua teologia? Alguns, não querendo ser "absolutistas", argumentam que a Bíblia é "inspirada" e até "infalível", mas isso estende-se somente às "palavras de Deus" contidas na Bíblia. Para eles, em-

bora a Bíblia possa estar incorreta na matéria histórica e científica, é fidedigna na matéria teológica. Mas como saber quais porções da Bíblia são realmente as "palavras de Deus?" Nas narrativas bíblicas da criação, dilúvio, êxodo e conquista da Terra Prometida, como distinguimos as infalíveis "palavras de Deus" das falíveis palavras da ciência e da história, sobretudo quando no contexto ambas são atribuídas a Deus? Por que devemos confiar na teologia que provém de uma fonte que não pode obter seus fatos diretamente? Se pode ser comprovado que o texto bíblico errou no conhecimento factual e é produto do condicionamento cultural, seu conteúdo religioso não deveria ser considerado igualmente suspeito?

Ficção ou fatos?

Quando examinamos a relação da Bíblia com a história, somos confrontados com duas opções: 1) Todas as declarações da Bíblia têm de ser consideradas de acordo com a perspectiva teológica e não a factual, ou 2) todas as declarações da Bíblia têm de ser consideradas factuais, ainda que se adote uma perspectiva teológica. A primeira opção falha, como a arqueologia mostrou, porque *já foi comprovado* que muitos aspectos da história da Bíblia são factuais. As descobertas de lugares, pessoas, guerras, contatos culturais, formas de tratados, etc. — até nos mínimos detalhes — certificaram a precisão do texto. Tais detalhes, usados no contexto em apoio às declarações teológicas, argumentam em favor da segunda opção. Os autores da Bíblia nunca implicam que os eventos históricos ou científicos que informaram são menos que fatos. Se for objetado que eles apenas *pensavam* que eram factuais, temos ainda de contender com museus cheios de evidências arqueológicas que afirmam que muitos acontecimentos *foram mesmo* factuais. Com respeito à escassez de evidências arqueológicas em suporte à história bíblica primitiva, o julgamento deve no mínimo ser amenizado pelo fato de que a arqueologia comprovou, em períodos mais recentes, que as declarações históricas são dignas de crédito.

Entre os arqueólogos israelitas, um sinal animador em direção à aceitação da Bíblia como história utilizável em período que muitos declararam não histórico, foi dado recentemente por Eilat Mazar, neta do famoso escavador do monte do Templo, Benjamim Mazar. Sua sugestão para a localização do palácio enterrado do rei Davi está baseada primariamente numa passagem das Escrituras:

> O exame cuidadoso do texto bíblico combinado com resultados às vezes despercebidos das modernas escavações arqueológicas em Jerusalém, capacitam-nos, creio, a determinar o local do palácio do rei Davi.[16]

O seu "exame cuidadoso do texto bíblico" envolvia simplesmente considerar as declarações direcionais de 2 Samuel como históricas e fidedignas. Baseado nessas diretrizes, ela concluiu que uma área parcamente escavada por Kathleen Kenyon na década de 1960, onde havia alguns escassos restos arqueológicos, indicava a possível presença do palácio.

Quem tem a palavra final?

Em conclusão, eu argumentaria que não podemos separar as Escrituras. O Deus que deu sua Lei no monte Sinai (uma declaração teológica) deu-a na forma de código legal (declaração histórica) que a arqueologia mostrou que era comum no antigo Oriente Próximo dos dias de Moisés. Se a arqueologia parece não apoiar a história bíblica em cada caso, a limitação não é da Bíblia, mas da arqueologia. Deve ser lembrado que na arqueologia a ausência de evidência não é evidência de ausência. Como a história da arqueologia demonstrou, dando-se tempo, no fim a evidência dará apoio ao texto bíblico. Por causa do estado aleatório da ausência e presença de evidências, o pêndulo na arqueologia continua oscilando entre os minimalistas e os maximalistas. Como disse um amigo meu, que trabalha como curador no Museu Rockefeller, em Jerusalém: "A verdade absoluta na arqueologia dura aproximadamente 20 anos!" Mesmo assim, se até certo ponto quisermos aumentar nosso conhecimento do texto bíblico, a fonte desta compreensão tem de vir da arqueologia. Como nos lembra o professor Keith Schoville, da Universidade de Wisconsin:

> Todos nós que amamos a Bíblia [...] às vezes não percebemos que a despeito de todo o trabalho que os estudiosos fazem interpretando a Bíblia, a única luz verdadeiramente nova que está incidindo em nosso estudo da Bíblia é a que vem da arqueologia. Assim, a arqueologia e a interface entre a arqueologia e o texto bíblico é consideração importante a todo aquele que é estudioso bíblico, quer seja professor de seminário ou leigo que freqüenta uma classe de Escola Dominical.[17]

Portanto, mesmo que a *interpretação* dos fatos mudem, a evidência estabeleceu que não é ficção o que estamos lidando na Bíblia. No próximo capítulo iremos mais adiante, além destas inconstantes oscilações de pêndulo, para considerar a relação entre a arqueologia e a fé, a fim de determinarmos se ainda há um ponto imóvel no meio das interpretações variáveis que podem nos ajudar a ouvir melhor o que as pedras estão dizendo.

18

Para onde as pedras o conduzem?

Fé e arqueologia



Para aquele que acredita na missão histórica da Palestina, sua arqueologia possui um valor que a eleva acima do nível dos artefatos com os quais constantemente tem de lidar, numa região onde a história e a teologia compartilham de uma fé comum nas realidades eternas da existência.[1]

— *W. F. Albright*

Há fatos que aumentam a fé, e há "fatos" que dependem da fé. Como exemplo deste último, considere a manchete de tablóide que anunciava: "Encontrado em Israel o Sepulcro de Adão e Eva".[2] O artigo passa a contar a descoberta de um par de esqueletos de 300.000 anos encontrado perto de Jerusalém. Um rolo achado ao lado dos corpos identificava-os como o primeiro casal. De acordo com o artigo, os arqueólogos franceses que fizeram o surpreendente achado confirmaram que faltava uma costela no esqueleto masculino, enquanto que no feminino havia uma costela a mais! Claro que isto é jornalismo ridículo, projetado para entreter em vez de educar. Sempre que tomamos conhecimento de algum relatório arqueológico, devemos exercer alguma restrição até que examinemos os fatos.

Enfrentando os fatos

Por exemplo, em 1980 foi escavado um túmulo de família em Talpiot Oriental, subúrbio de Jerusalém. Foram descobertos ossuários com inscrições que trazem os nomes de José, Maria e Jesus. Muitos cristãos apressaram-se em concluir que esta era a "família santa", inclusive uma equipe de filmagem da BBC em 1992. Mas esta não pode ser a família de Jesus, e claro que não é o próprio Jesus. Por um lado, o Jesus desta tumba tinha um filho! (A propósito, este não foi o primeiro ossuário encontrado com o nome de Jesus nele estampado.) Por outro lado, o túmulo de José tem sido tradicionalmente situado em Nazaré, onde a família viveu durante a vida de Jesus. José, Maria e Jesus eram nomes bastante comuns em sua época (como de fato o são ainda hoje). Assim, não devemos tirar conclusões precipitadas acerca do túmulo de família encontrado em Talpiot Oriental, só porque os nomes nos ossuários eram os mesmos da famosa família da Bíblia.

Depois há a questão da fé e interpretação. O Santo Sudário é primoroso exemplo. Apesar de todas as declarações extraordinárias e testes, ainda não há uma avaliação definitiva sobre a mortalha. Alguns estudiosos asseveram que é genuína e evidência da ressurreição. Outros de igual calibre e compromisso de fé afirmam que é falsificação ou, na melhor das hipóteses, uma antiga mortalha verdadeira que foi identificada com Jesus e venerada como relíquia religiosa. Em que lado decidimos ficar? Nunca podemos fazer uma determinação baseada em análises científicas, e toda a fé do mundo não tornará o sudário mortalha de Jesus se de fato não é. Neste caso é melhor guardar nosso julgamento. Afinal de contas, a ressurreição de Jesus não depende da autenticidade do Santo Sudário!

Os fatos da fé

Contudo, é freqüente pessoas bem instruídas acreditarem *realmente* em informações infundadas. Pode ser porque querem, ou por lhes faltar conhecimento específico ou a capacidade de confirmar a declaração, ou porque uma pessoa de autoridade a relacionou para elas. Mesmo assim, tal fé não é fé de verdade; a fé bíblica sempre tem base acreditável, pois somente somos capazes de aceitar como verdadeiro algo que pode ser verdadeiro. Isto, obviamente, presume que nossa visão da verdade é objetiva (padrão absoluto da verdade) e não subjetiva (você tem sua verdade, eu tenho a minha). Os teólogos que dizem que fatos não importam estão levando as pessoas a terem fé na fé. Mas não é a fé em si que faz a diferença; antes, é o objeto da fé. Se aquilo em que cremos é confiável,

se faz o que promete, então nossa fé repousa em algo que vale a pena. Não obstante, existem dois problemas na mentalidade moderna que evitam a possibilidade da fé: uma é a pressuposição de uma perspectiva desprovida de fé, e a outra é a pressuposição de erros na única fonte de fé — a Bíblia.

A pressuposição de uma perspectiva desprovida de fé

Um dos problemas que a geração de hoje enfrenta — como também as gerações futuras enfrentarão —, é não ter herdado uma cosmovisão bíblica de sua sociedade ou cultura. Em seu lugar foi ensinado, ou presumido, em todo campo de pensamento, um processo evolutivo. Sem a menor dúvida, esta cosmovisão evolucionária é completamente incompatível com a cosmovisão bíblica. Mas também é incompatível com o mundo vivenciado pelos antigos e revelado pela pá moderna. Como foi que a sociedade primitiva evoluiu tão depressa dos rabiscos neolíticos de Neandertal nas paredes das cavernas para civilizações da Idade do Bronze com estruturas arquitetônicas e composições literárias que rivalizam com as de nossa era moderna? Dos registros arqueológicos mais antigos, a civilização explode na história plenamente capaz de conquistar e comunicar de maneira avançada. A cosmovisão evolucionária como esposada por Darwin fez duas coisas: 1) Mostrou que a evolução era um fato que contradizia as interpretações literais das lendas bíblicas da criação, e 2) mostrou que sua causa, a seleção natural, era automática — sem dar lugar à direção ou desígnio divino.[3] Os próprios evolucionistas entendem este fato, como observado recentemente por um repórter de jornal:

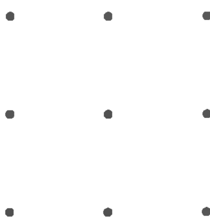
> Os conservadores religiosos vêem a evolução como símbolo, a base de uma sociedade cada vez mais indiferente à vida humana e ao certo e errado. [...] Tem a ver com Jesus, não com Gênesis. A evolução tende a tornar irrelevante a história de Adão e Eva. Se não há Adão e Eva, nem queda da graça e nem pecado original, então não há nenhuma razão para Jesus Cristo corrigir as coisas ao morrer na cruz.[4]

Se devemos achar fatos que realmente estejam em harmonia com a fé, temos de tratar a Bíblia em seus próprios termos, sem a imposição de uma pressuposição evolutiva. Temos de abordar a Bíblia como inerrante, não sujeita a nosso julgamento "superior" sobre qual verdade ela contém.

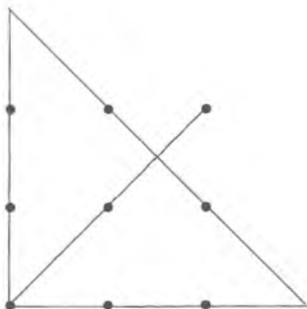
A pressuposição dos erros da Bíblia

O conceito de uma Escritura inerrante é alienígena ao cenário teológico contemporâneo. Muitos arqueólogos tendem a se concentrar nos problemas ainda não solucionados entre a arqueologia e o texto bíblico: Até aqui a história

primitiva de um período patriarcal parece, em grande parte, estar faltando no registro arqueológico. Nem José nem Moisés aparecem nos textos hieroglíficos egípcios, nem os achados da antiga terra de Canaã revelam qualquer coisa sobre o êxodo. O silêncio de todas as fontes, exceto a Bíblia, tem levado muitos arqueólogos e estudiosos bíblicos a concluir que nunca existiram. O modelo de uma conquista militar foi desafiado à luz de padrões de povoamento revelados nas escavações arqueológicas, e as evidências da glória do império salomônico desapareceram mais depressa do que foram encontrados. Contudo, o problema aqui não é o que *não* é visto, mas o que *ainda* não é visto. Para ilustrar, consideremos a experiência que um jovem chamado William Dembski teve com seu pai. Este o desafiou a resolver o problema de ligar, de maneira contínua, nove pontos organizados em três fileiras paralelas na forma de um quadrado. Foi lhe dito que só poderia fazer quatro segmentos de reta contínuos:



Embora William tentasse toda combinação possível, segundo o seu ponto de vista, ele sempre precisava de cinco retas para resolver inteiramente o problema. Depois de algum tempo, começou a duvidar que pudesse ser resolvido. Finalmente, concluiu que a única resposta possível era cinco retas e que quatro era uma resposta errada. Chegou a imaginar que seu pai estava tentando enganá-lo, ou que seu pai tivesse se enganado pensando que o problema poderia ser resolvido com somente quatro linhas. Então seu pai lhe mostrou a solução correta:



O problema para o jovem Dembski era que ele tinha presumido que os segmentos de reta contínuos não poderiam sair fora dos pontos que formavam o quadrado. Esta perspectiva limitada o impediu de obter a solução adequada. Mais tarde, ao meditar sobre esta atitude ao problema, ele fez esta conclusão:

> Dado minha pressuposição, eu estava perfeitamente correto em atribuir o erro a meu pai. Mas a minha pressuposição em si era mal concebida. Errei ao sustentar uma pressuposição que não foi exigida, e isso me impediu de resolver o problema do modo como meu pai havia estabelecido. [...] Foi somente quando me dispus a renunciar esta pressuposição defeituosa, que pude entender a solução que meu pai desejava. Assim, o erro é uma espada afiada de dois gumes. Atribuindo-o, nós mesmos podemos estar cometendo-o.[5]

Aplicando esta conclusão à questão do erro nas Escrituras, se nós igualmente fizermos a pressuposição de erro só porque no momento não entendemos a solução de um problema desconcertante da Escritura, ou porque não conseguimos solucioná-lo de acordo com nosso método, podemos descobrir que nós ou nossos métodos estão errados, e que nossa falta de confiança no Pai, que trabalha "fora das linhas" de nosso entendimento limitado, sempre nos impedirá de resolvê-lo. A resposta, como o jovem Dembski aprendeu, foi perguntar ao pai. Esta é a essência da fé — confiança naquele que é digno de confiança, quer entendamos tudo ou não, e a aceitação de que há uma solução além de nossa perspectiva limitada. Com isso podemos viver a vida com confiança, procurando a solução aos nossos problemas, sem contudo ficarmos confundidos por eles.

Fé *versus* fatos

Mesmo quando descartamos nossas velhas pressuposições e consideramos a Bíblia em seus próprios termos, devemos ter cuidado quando a virmos dentro de um contexto arqueológico para não deixarmos que os "fatos" se tornem o oponente da fé. Fazemos isso quando esperamos muito da arqueologia e muito pouco da Bíblia. Ver a arqueologia como história e a Bíblia como teologia permitiu algumas pessoas manterem-se a distância segura daqueles trechos condenatórios da Escritura, dizendo para si mesmas: "Ora, é só uma história!" Em certo sentido, é verdade. Embora a Bíblia seja histórica, sua história foi selecionada para ajustar-se a uma agenda teológica. Por outro lado, a arqueologia é até mais seletiva, revelando somente a história de uma parte particular, de lugar específico, escolhido por um único arqueólogo. A direção geral da informação da Bíblia e da arqueologia é paralela, não perpendicular. É mais complementar em vez de confirmatória. Entretanto, a interseção da Bíblia com a ar-

queologia não deveria ser esperada com muita freqüência. Algumas raras interseções acontecem (como este livro ilustra), e quando acontecem, os céticos "seguros" em suas afirmações podem se achar apanhados contra a luz no tráfico das convicções. Se alguns querem crer que a Bíblia sustém a verdade, ainda que seja um barco furado, eles podem fazê-lo. Mas adotando tal visão, eles nunca podem estar certos se houve ou não algum vazamento da medida da verdade ou se alguma contaminação infiltrou-se. Ao invés disso, devemos reconhecer que a arqueologia é uma criada da Bíblia e deve ser mantida em seu lugar apropriado, como aconselha Keith Schoville:

> Penso, a menos para mim, que minha abordagem é tratar a Bíblia como historicamente precisa e dar-lhe o que é devido. Quando parece haver algum conflito entre a informação arqueológica e a informação bíblica, temos de nos manter abertos à possibilidade de que nem toda informação entrou. Ainda não podemos fazer uma declaração definitiva sobre tais problemas e, com o tempo, mais informação pode surgir que nos ajudará a solucioná-los. Assim, acho que temos de perceber que nem sempre a arqueologia tem respostas conclusivas e específicas às perguntas que gostaríamos de responder.[6]

Com este tipo de entendimento, podemos aceitar as mudanças que freqüentam a interpretação arqueológica e usá-la favoravelmente na exposição das imutáveis verdades da Bíblia.

As areias movediças da arqueologia

As areias movediças da erudição concernente à Bíblia em relação à arqueologia dizem respeito à interpretação dos dados arqueológicos e não aos dados em si. Por isso, uma geração julga que os dados arqueológicos pesam conclusivamente a favor da Bíblia, enquanto que a próxima acha que os mesmos dados são, na melhor das hipóteses, inconclusivos ou, na pior das hipóteses, contraditórios. Podemos esperar que o que presentemente estamos vendo no horizonte é uma mudança para uma integração positiva da arqueologia e a Bíblia. Há um renovado interesse popular sobre como a arqueologia revela a Bíblia, e alguns estudiosos estão novamente captando a visão do que a arqueologia pode oferecer aos estudos bíblicos. Por exemplo, considere as recentes palavras entusiásticas ditas por James Charlesworth, um dos principais estudiosos do Novo Testamento dos dias de hoje:

> Hoje, graças à arqueologia, podemos pegar uma moeda semelhante a que Jesus usou quando disse: "Dai a César o que é de César e a Deus, o que é de Deus". E a face na moeda em nossas mãos é a de César, homem hoje morto. Também podemos segurar em nossas mãos uma lâmpada herodiana e compreender com

> mais profundidade a história de Jesus das virgens loucas que não tinham levado óleo o bastante para encher as minúsculas lâmpadas. Além destes, por meio de vários outros achados arqueológicos judaicos-palestinos do século I, podemos começar a imaginar como deve ter sido o homem Jesus. Assim, estamos livres da tentação perene de fazer dEle um homem modelo à nossa própria imagem. Mais emocionantemente, ficamos livres do câncer do docetismo e da falsa crença de que Jesus só tinha aparência de ser humano. Se este é o único serviço que a arqueologia pode prestar para aumentar a fé, terá sido um serviço que preserva o corpo da fé. Em resumo, a arqueologia não pode formar a fé, mas pode ajudar a informar a fé.[7]

Fé antes dos fatos

Tertuliano, pai da Igreja Primitiva, observou com precisão a ordem adequada entre fé e fatos, quando declarou: "Eu não entendo para crer, eu creio para entender". Como vimos no capítulo anterior, a arqueologia pode nos levar somente até certo ponto na obtenção dos fatos de um assunto, e muito menos em nos ajudar em relação à fé. Bryant Wood, diretor executivo da Associates for Biblical Research, expressa bem a prioridade da fé quando diz:

> Muitas pessoas têm a idéia de que arqueologia pode comprovar a Bíblia. Até certo ponto isso é verdade. A arqueologia pode ajudar a verificar certos eventos históricos que aconteceram no passado, mas a arqueologia só pode ir até onde aquela arqueologia talvez possa demonstrar a verdade de algum evento histórico, mas certamente não pode verificar a verdade do miraculoso. Assim, chegamos a um ponto onde temos de aceitar a mensagem da Bíblia pela fé e não podemos depender da arqueologia para isso. Desta forma, a arqueologia é uma ferramenta maravilhosa para nos ajudar a entender a Bíblia, o mundo da Bíblia, a antigüidade e assim por diante, mas quando concerne à mensagem espiritual da Bíblia, trata-se de questão de fé pessoal.[8]

Portanto, tal uso da arqueologia apresenta uma ameaça para a pessoa que manteve-se a distância segura de Deus ou sentiu-se à vontade em sua negação da integridade da Bíblia. Ao mesmo tempo que a arqueologia pode minorar a dúvida do incrédulo na historicidade e probidade da Bíblia, pode de modo oposto aumentar a dúvida em sua capacidade de satisfazer as exigências da retidão revelada. Para isto, a pessoa tem de ir pela fé somente — não uma fé desacompanhada, mas uma fé informada pelos fatos.

Os fatos alcançam a fé

Quando morei em Jerusalém como estudante de arqueologia, foi-me dito com veemência que não havia nenhuma evidência arqueológica para apoiar a

existência de Jesus. Mas nas duas décadas seguintes foram tantas as evidências incidentais descobertas em toda a terra de Israel — e especialmente em Jerusalém —, que tais declarações já não são mais expressadas por ninguém na comunidade arqueológica. Gordon Franz, arqueólogo e professor de geografia histórica na Terra Santa, declara a perspectiva apropriada a se adotar apesar da notabilidade das evidências:

> Quando *todas* as evidências aparecerem e forem *corretamente* entendidas, a arqueologia confirmará o que a Bíblia já declarou ser a verdade.[9]

As palavras importantes nesta declaração são "*todas* as evidências" e "*corretamente* entendidas". Como é de nosso conhecimento, nem todas as evidências apareceram. Conforme disse Edwin Yamauchi: "Pode levar mais 8.000 anos de escavação, mas no fim a arqueologia provará que a Bíblia é a verdade". Esta é uma posição de fé baseada nos fatos que já foram confirmados como indicadores daqueles fatos ainda a serem confirmados. Entretanto, para muitas pessoas, os fatos não foram confirmados, porque não foram *corretamente* entendidos. Por isto, quem deseja entender tem de fazer o esforço de estudar os recursos disponíveis para saber o que pode ser conhecido. Há muitas avenidas para esta auto-educação (*vide* Apêndice), e a melhor coisa a saber agora é saber onde procurar. Um bom lugar para começar é a biblioteca de sua cidade!

Em última análise, se sua fé está na arqueologia, está no lugar errado. Se você espera obter prova arqueológica da Bíblia antes de estar disposto a começar a considerar a Bíblia como fidedigna, você esperará a vida inteira. É verdade que há vários assuntos bíblicos não solucionados entre a arqueologia e a teologia, mas no fim, os fatos alcançarão a fé.

Para onde leva a procura

Embora a arqueologia exista há mais de um século, comparado com a história que resta a ser desenterrada, ainda está bem em seu começo. Mas que começo propício já teve, pois a isto aplica-se o lema do sinete dos Estados Unidos (impresso atrás da nota de um dólar): *annuit coeptis* — "Ele [Deus] favorece nossos começos". A arqueologia teve um bom começo e promete um grande futuro. Mas esse futuro depende muito se nós, que hoje vivemos, verdadeiramente valorizamos o passado. Em 22 de outubro de 1996, o mundo ficou chocado quando as manchetes do *London Times* anunciaram: "Perdida para sempre: A Herança de uma Nação saqueada por seu Próprio Povo". Naquele dia, no Afeganistão devastado pela guerra, o Museu Nacional do país em Kabul foi reduzido a escombros por rebeldes mujahidin, enquanto abriam caminho à for-

ça no que outrora fora uma das melhores coleções do mundo das antigüidades multiculturais. Como disse um comentarista sobre o incidente:

> Os rebeldes dinamitaram os cofres e estraçalharam as vitrinas de exibição, saquearam as relíquias e venderam-nas aqui e ali ao redor do mundo para levantar dinheiro vivo rápido. Mísseis atingiram estrondosamente o telhado do museu, enterrando antigos objetos de bronze debaixo de toneladas de escombros. Artefatos de cerâmica da pré-história foram jogados em sacos como porcelana barata. A coleção Bagram, um dos maiores achados arqueológicos do século XX, desapareceu. Quase 40.000 moedas, algumas das mais antigas do mundo, desapareceram. O museu, outrora repositório da história afegã, foi transformado em posto militar e o passado historiado hoje encontra-se arruinado pelo desenfreado presente.[10]

Em conseqüência de tal ocorrência funesta, a nação afegã perdeu sua história, porém, mais que isso, perdeu seu direito hereditário para as gerações futuras, pois sem herança do passado não há legado para o futuro. Esta tragédia de nossos dias atuais pode se repetir em menor escala, se desvalorizarmos nosso passado. Porquanto não seja fisicamente destrutivo, a negligência destes tesouros deixados em herança no decorrer do tempo, separa-nos do conhecimento vital de quem somos e de onde viemos. Tal abandono é socialmente destrutivo, consignando-nos a gerações cujos únicos sistemas de coordenadas serão elas mesmas.

A arqueologia é para todos nós. É nosso meio de nos ligarmos ao passado esquecido, de forma a podermos fundamentar seus triunfos e tragédias e melhorar a memória para o futuro. Contudo, o passado da arqueologia bíblica não é esquecido, mas entesourado no interior de uma história maior que sugere o futuro mais promissor de todos dentro do propósito de Deus.

Assim, nossa jornada com a arqueologia bíblica pelos antigos caminhos das ruínas e relíquias trazem-nos, em última instância, de volta para onde tudo começou, fechando o círculo — a Bíblia, cuja verdade as pedras sempre clamarão. Nestas páginas você ouviu as pedras; para onde elas o conduzem? Neste livro tentei lhe passar parte da herança do passado. Tal confirmação material de eventos há muito registrados, mas não vistos, convoca-nos a confirmar sua antiga mensagem em nossas vidas modernas. A realidade destas pedras, que tratam ligeiramente do drama divino, desafia-nos a acrescentar uma realidade nova à nossa fé atual. Em conseqüência disso, descobriremos aquele legado infinito que é a fundação do nosso futuro (*vide* 1 Tm 6.17-19). É minha oração que em sua procura você siga a trilha pontilhada de pedras que sempre conduzem a Ele, cuja Palavra é a verdade.

Andamos pelo mundo à procura da verdade.
Selecionamos o bem, o verdadeiro, o bonito
Da pedra esculpida e do rolo escrito,
E todos os velhos canteiros de flores da alma;
E, como inquiridores cansados do melhor,
Voltamos sobrecarregados de nossa busca,
Para descobrir o que todos os sábios disseram
Que está na Bíblia que nossas mães liam.[11]

Andamos pelo mundo à procura da verdade.
Selecionamos o bem, o verdadeiro, o bonito
Da pedra esculpida e do rolo escrito,
E todos os velhos canteiros de flores da alma;
E, como inquiridores cansados do melhor,
Voltamos sobrecarregados de nossa busca,
Para descobrir o que todos os sábios disseram
Que está na Bíblia que nossas mães liam.[11]

Auxílios para estudo, notas e créditos

Sítios arqueológicos em Israel



Períodos arqueológicos

PERÍODOS ARQUEOLÓGICOS NA PALESTINA	DATAS APROXIMADAS (a.C.)	DINASTIAS EGÍPCIAS	DATAS APROXIMADAS (a.C.)	CORRELAÇÕES BÍBLICAS	DATAS APROXIMADAS (a.C.) Cronologia Antiga
Neolítico Pré-Cerâmica Neolítico Cerâmica	8000-5000 5000-4300				
Calcolítico	4300-3300	Badariana, Nagada	3900-3300		
Bronze Antigo I Bronze Antigo II Bronze Antigo III Bronze Antigo IV	3300-2900 2900-2600 2600-2300 2300-2100	I e II III a V (Época das Pirâmides) Primeiro Período Intermediário (VII-X)	3100-2686 2686-2340 2175-2040	Depois do Dilúvio	
Bronze Médio I Bronze Médio IIA Bronze Médio IIB Bronze Médio IIC	2100-1900 1900-1700 1700-1600 1600-1550	XII Segundo Período Intermediário Hicsos	1991-1786 1786-1580 1730-1580	Patriarcas Estada no Egito	2150-1850 1876-1446
Bronze Antigo I Bronze Antigo IIA Bronze Antigo IIB	1550-1400 1400-1300 1300-1200	Novo Império XVIII Época do Império XIX	1580-1314 1314-1194	Conquista Juízes	1406-1400 1400-1050
Ferro IA Ferro IB Ferro IC	1200-1150 1150-1000 1000-918	XXI	1085-950	Monarquia Unida	1050-930
Ferro IIA Ferro IIB Ferro III	918-800 800-586 586-332	XXII XXVI	950-730 656-525	Monarquia Dividida Cativeiro	930-586 586-539

Museus

Com exposições arqueológicas bíblicas

A lista apresentada a seguir representa apenas alguns dos principais museus com coleções arqueológicas referentes ao mundo da Bíblia. Estes museus foram relacionados para que mais pessoas tenham contato direto com os frutos da arqueologia em suas viagens no exterior. Muitos destes museus também podem ser incluídos como parte de excursões organizadas e deveriam ser sugeridos pelos organizadores de excursão. Museus universitários, bem como faculdades bíblicas e seminários, também podem ter significantes artigos de interesse e devem ser contatados para obtenção de informação sobre itens de sua propriedade. Entre em contato diretamente com os museus de sua escolha para informar-se sobre o horário em que são abertos ao público. Nos endereços abaixo, quando dois números de telefone aparecem, o segundo normalmente refere-se ao número de fax.

MUSEUS NO ORIENTE MÉDIO

ISRAEL

Citadel Museum of the History of Israel
(*Museu da Cidadela da História de Israel*)
Near Jaffa Gate, Old City (*Próximo à Porta de Jope, Cidade Velha*)
P.O. Box 14005
91140 Jerusalém
00-972 (2) 283273/283394
Quatro mil anos da história de Jerusalém são apresentados por meio de diagramas, hologramas e maquetes feitos com base em pesquisas e escavações arqueológicas.

The Samuel Bronfman Biblical and Archaeological Museum
(*Museu Bíblico e Arqueológico Samuel Bronfman*)
Israel Museum (*Museu de Israel*)
Ruppin Boulevard
P.O. Box 1299
91012 Jerusalém
00-972 (2) 698211
Ala arqueológica dentro do Museu Nacional de Israel apresentando alguns dos mais famosos artefatos do período bíblico (israelita) e do período cristão.

Shrine of the Book (*Relicário do Livro*)
Israel Museum (*Museu de Israel*)
Ruppin Boulevard
P.O. Box 71117
91710 Jerusalém
00-972 (2) 666754/631833
O museu dos Rolos do mar Morto localizado na entrada do complexo do Museu de Israel, mas com horário de abertura e fechamento diferente.

The Bible Lands Museum (*O Museu das Terras Bíblicas*)
Granot Street
P.O. Box 4670
91046 Jerusalém
00-972 (2) 611066/638228
Expõe centenas de artefatos da mundialmente famosa coleção particular Browosky, que descreve as nações fora de Israel que influenciaram a história bíblica. Situa-se adjacente ao Museu de Israel.

Rockefeller Museum (*Museu Rockefeller*)
Suleiman Street
P.O. Box 586
91004 Jerusalém
00-972 (2) 282251
Coleções importantes de artefatos bíblicos escavados durante o período do mandato britânico. Também é repositório de jarros dos Rolos do mar Morto e centenas de fragmentos, muitos ainda inéditos.

Skirball Museum (*Museu Skirball*)
Hebrew Union College-Jewish Institute of Religion
(*Universidade Hebraica da União — Instituto Judaico de Religião*)
13 King David Street

94101 Jerusalém
00-972 (2) 203333
Coleção de artefatos provenientes de escavações das cidades bíblicas de Laís (Dã), Gezer e Aroer.

The Burnt House (*A Casa Queimada*)
13 Tifereth Israel Street
Jewish Quarter, Old City (*Bairro Judaico, Cidade Velha*)
Jerusalém
00-972 (2) 287211
Recriação da destruição do Segundo Templo de Jerusalém no sítio da escavação de uma casa judaica destruída em 70 d.C.

Wohl Archaeological Museum (*Museu Arqueológico Wohl*)
Hurvah Square, corner of HaKaraim Street
(*Praça Hurvah, esquina da Rua HaKaraim*)
Jewish Quarter, Old City (*Bairro Judaico, Cidade Velha*)
Jerusalém
00-972 (2) 283448
Exposição de artefatos do período do Segundo Templo dentro das ruínas de uma mansão herodiana escavada de propriedade de família sacerdotal.

Ariel Museum (*Museu Ariel*)
The Center for the Study of Jerusalem in the First Temple Period
(*Centro para o Estudo de Jerusalém no Período do Primeiro Templo*)
Jewish Quarter (*Bairro Judaico*)
Shoeni Halachot Street
97500 Jerusalém
00-972 (2) 286288/274352
Contém réplicas de artefatos do período do Primeiro Templo, maquete dos sítios arqueológicos do Primeiro Templo. Localizados próximos daqui e inclusos na excursão do centro estão os sítios arqueológicos do Muro Largo e da Torre Israelita.

Franciscan Biblical Museum (*Museu Bíblico Franciscano*)
Church of the Flagellation (*Igreja da Flagelação*)
Second Station, Via Dolorosa (*Segunda Estação, Via Dolorosa*)
Christian Quarter (*Bairro Cristão*)
Jerusalém
00-972 (2) 280271
Coleção de artefatos do período particularmente herodiano escavado por arqueólogos franciscanos em Jerusalém, Nazaré, Cafarnaum e Belém, com referência especial ao cristianismo primitivo.

Reuben and Edith Hecht Museum (***Museu Reuben e Edith Hecht***)
University of Haifa (*Universidade de Haifa*)
Mount Carmel (*Monte Carmelo*)
31999 Haifa
00-972 (4) 240577/25773
Ênfase especial sobre práticas religiosas no Israel do período bíblico, inclusive com artefatos relacionados com práticas de culto.

Eretz Israel Museum (***Museu da Terra de Israel***)
2 University Street
Ramat Aviv
Tel Aviv
00-972 (3) 414244
Recriações dos costumes e tecnologias do antigo mundo bíblico, como também reconstruções de cidade dos filisteus e edifícios religiosos. A escavação de Tel Qasile, importante sítio arqueológico filisteu, também pode ser visitada em seus pátios.

Hazor Museum (***Museu Hazor***)
Kibbutz Ayelet Hashahar
Galiléia
00-972 (6) 934855
Coleção de artefatos procedentes das escavações de Tel Hazor. Localizado próximo ao antigo *tel.*

Golan Archaeological Museum (***Museu Arqueológico Golã***)
P.O. Box 30
129000 Qatzrin
00-972 (6) 961350
Exposições de artefatos descrevendo a vida nas Alturas de Golã durante o período bíblico. Situado próximo ao antigo Qatzrin, onde as reconstituições da vida diária judaica durante o período bizantino são retratadas dentro do sítio arqueológico.

JORDÂNIA

Jordan Archaeological Museum (Citadel Museum) [***Museu Arqueológico da Jordânia*** (***Museu da Cidadela***)]
Department of Antiquities (*Departamento de Antigüidades*)
P.O. Box 88
Citadel Hill
Amman
6-38795

Museu Nacional da Jordânia, inclusive com artefatos de Israel (Margem Ocidental). Os mais notáveis são o famoso *Rolo de Cobre* das cavernas do mar Morto e artigos da tumba de Jericó da Idade do Bronze Médio. Situado no sítio de Jebel Qal'a (a cidade bíblica de Rabá).

TURQUIA

Anadolu Medenyitleri Muzesi (*Museu das Civilizações Anatolianas*)
Ankara Kalesi
Ankara
(4) 324-3160
Entre as coleções incluem-se artigos de culto, artefatos hititas, tabuinhas de barro dos arquivos do estado e selos reais.

Eski Sark Eserler Muzesi (*Museu do Oriente Antigo*)
Archaeological Museum (*Museu Arqueológico*)
Osman Hamdi Yokusa
Sultanahmet
Istanbul
(1) 520-7740
Localizado no complexo do Museu Arqueológico, perto da Igreja Hagia Sophia, encontra-se esta coleção de artefatos egípcios, assírios e hititas, incluindo a Inscrição de Siloé do Túnel de Ezequias em Jerusalém.

Arkeolojii Muzesi (*Museu Arqueológico*)
Turgutreis Park
Izmir
Situado no sítio arqueológico da Esmirna do Novo Testamento, esta coleção tem artigos provenientes do mar Egeu, incluindo várias estátuas e estatuetas.

MUSEUS EUROPEUS

ÁUSTRIA

Kunsthistorisches Museum (*Museu da História Cultural*)
Ägyptische-Orientalische Sammlung (*Coleção Egípcio-Oriental*)
Burgring 5
A-1010 Vienna
00-43 (1) 222-934-541
Expõe artefatos relacionados com a vida diária dos antigos egípcios e antigo Oriente Próximo (Iêmen, Arábia do Sul).

ALEMANHA

Ägyptisches Museum (*Museu Egípcio*)
Kari-Marx-Universität (Universidade Karl Marx)
Schillerstrasse 6
701 Leipzig
(00-49) 28 21 66
Coleção egípcia incluindo artefatos e múmias do Médio e Novo Impérios, como também ruínas do período greco-romano e cristão.

Ägyptisches Museum (*Museu Egípcio*)
Schloss-Strasse 70
D-1000 Berlin 19
00-49 (30) 32091-261
Artefatos egípcios do período bíblico incluindo o período de Amarna e o famoso busto da rainha Nefertíti.

Staatslische Museen zu Berlin/Pergamon Museum
(*Museu Estatal de Berlim/Museu Pérgamo*)
Bodestrasse 1-3
Berlin, 1020
00-49 (30) 2 20 03 81
Uma das coleções mais importantes do mundo do antigo Oriente Próximo, incluindo a Porta Istar da Babilônia e o altar restaurado de Pérgamo, como também artefatos sumérios e assírios.

FRANÇA

Musée du Louvre (*Museu do Louvre*)
34-36 Quai du Louvre
75058 Paris Cedex 01
00-33 (1) 40 20 50 50
Uma das maiores coleções do mundo formada por antigüidades do antigo Oriente Próximo, incluindo o famoso Código de Hamurábi, o Escriba Agachado (egípcio) e as inscrições ugaríticas de Ras Shamra.

GRÃ BRETANHA

British Museum (*Museu Britânico*)
Great Russell Street
London WC1B 3DG
00-44 (01) 636 1555

Uma das maiores coleções do mundo constituída por antigüidades do antigo Oriente Próximo, Grécia e Roma, incluindo a Pedra Roseta, o Relevo do Cerco de Laquis, o Obelisco Negro de Salmaneser III, esculturas em relevo de importância histórica de Nínive e Ninrode, as Cartas de Amarna, a Enuma Elish, a Epopéia de Gilgamés e as esculturas do friso do Partenon grego.

National Museums and Galleries on Merseyside (*Museu de Liverpool*)
[*Museus e Galerias Nacionais em Merseyside* (*Museu de Liverpool*)]
William Brown Street
Liverpool L3 8EN
00-44 (151) 207-0001
Uma das maiores coleções da Inglaterra composta por antigüidades do antigo Oriente Próximo, Egito e Mediterrâneo. Exposições excepcionais de Ur, Jericó e o período do Médio Império de Beni Hasan.

Fitzwilliam Museum (*Museu Fitzwilliam*)
University of Cambridge (*Universidade de Cambridge*)
Trumpington Street
Cambridge CB2 1RB
00-44 (223) 33-2900
Coleções de artefatos egípcios e do antigo Oriente Próximo, incluindo a enorme tampa do sarcófago de Ramsés III, relevos e marfins do palácio assírio em Ninrode e uma inscrição samaritana.

Ashmolean Museum (*Museu Asmoleano*)
University of Oxford (*Universidade de Oxford*)
Beaumont Street
Oxford OX1 2PH
00-44 (865) 27-8000
O mais antigo museu da Grã-Bretanha com primorosas coleções mesopotâmicas, antigüidades egípcias e palestinas, inclusive com o único santuário egípcio completamente restaurado no país.

GRÉCIA

National Archaeological Museum (*Museu Arqueológico Nacional*)
1, Tositsa Street
Athens (*Atenas*)
00-30 (301) 6513744
Entre as coleções incluem-se esculturas e artefatos com referência à vida diária e cultura durante a Grécia do período bíblico e romano.

Museum of Ancient Corinth (***Museu da Antiga Corinto***)
Ancient Corinth (*Antiga Corinto*)
Artefatos das escavações da antiga Corinto que ilustram a vida religiosa e diária durante o primeiro período judaico-cristão, incluindo as inscrições da sinagoga, uma estátua de Augusto e um busto de Nero. Especialmente proveitosa para estudantes do Novo Testamento.

HOLANDA

Bijbels Museum (***Museu Bíblico***)
Herengracht 366
1016 CH Amsterdam
00-31 (20) 6242436/6247949
Artefatos do antigo Egito e Oriente Médio, incluindo tabuinhas inscritas, casa reconstruída do período bíblico e réplicas da Arca da Aliança e dos Rolos do mar Morto.

MUSEUS DA AMÉRICA DO NORTE

CANADÁ

Royal Ontario Museum (***Museu Real de Ontário***)
100 Queenís Park
Toronto, Ontario, M5S2C6
00-1 (416) 586-5549
Ricas exposições cobrindo o surgimento das civilizações na Mesopotâmia e Egito, e avaliações históricas com artefatos de Israel, Jordânia e Síria.

ESTADOS UNIDOS

LESTE

Harvard Semitic Museum (***Museu Semítico de Harvard***)
6 Divinity Avenue
Cambridge, MA 02138
00-1 (617) 495-4631
Entre as exposições incluem-se artigos de escavações em Nuzi, Samaria, Asquelom e Cartago.

University Museum of Archaeology/Anthropology (***Museu Universitário de Arqueologia/Antropologia***)
University Pennsylvania (*Universidade da Pensilvânia*)
33rd and Spruce Streets
Philadelphia, PA 19104
00-1 (215) 898-4000

Coleções das escavações patrocinadas pela Universidade da Pensilvânia feitas no antigo Oriente Próximo e em Israel; também hospeda exposições temporárias relacionadas com a Bíblia.

Yale University Art Gallery (***Galeria de Arte da Universidade Yale***)
1111 Chapel Street
New Haven, CT 06520
00-1 (203) 432-0600
Entre suas propriedades incluem-se a grande coleção de artefatos provenientes da sinagoga Dura-Europos, na Síria, e Jerash, na Jordânia, relevos assírios e mais de 900 vasilhas de cerâmica do Levante.

Dumbarton Oaks (***Carvalhos Dumbarton***)
1703 32nd Street, NW
Washington, DC 20007
00-1 (202) 338-8278
Aloja as Galerias da Coleção Bizantina com inumeráveis manuscritos e objetos de arte do período dos primitivos cristãos e do período bizantino.

National Museum of Natural History (***Museu Nacional de História Natural***)
Smithsonian Institution (*Instituição Smithsonian*)
10th and Constitution Streets, NW
Washington, DC 20007
00-1 (202) 357-1300
Hospeda uma exposição chamada "Civilização Ocidental: Origens e Tradições", que inclui artefatos do antigo Oriente Próximo e Médio, inclusive de Bab ed-Dra (Sodoma?) e um selo proveniente de Tell el-Keleife inscrito com o nome de Jotão, rei de Judá (750-731 a.C.).

Walters Art Galley (***Galeria de Arte Walters***)
600 North Charles Street
Baltimore, MD 21201
00-1 (301) 547-9000
Coleção de arte e artefatos do antigo Oriente Próximo, Egito, Etrúria, Grécia e Roma, incluindo múmias egípcias e grandes esculturas de relevo romano.

Museum of Fine Arts (***Museu de Belas-Artes***)
465 Huntington Avenue
Boston, MA 02115
00-1 (617) 267-9300
Excelente coleção do antigo Oriente Próximo, incluindo relevos dos palácios assírios em Nínive e Ninrode, tijolo vidrado da Babilônia de Nabucodonosor e mais de 500 selos e peças de jóias.

Brooklyn Museum (***Museu do Brooklyn***)
200 Eastern Parkway
Brooklyn, NY 11238
00-1 (718) 638-5000
Coleção do antigo Oriente Próximo com 12 relevos gigantescos do monarca assírio Asurnasirpal II (883-859 a.C.), e extenso conjunto de arte egípcia de 4000 a.C. a 638 d.C.

Metropolitan Museum of Art (***Museu Metropolitano de Arte***)
Fifth Avenue at 82nd Street
Nova York, NY 10028
00-1 (212) 879-5500
Um dos principais museus do mundo. Entre seus itens de interesse incluem-se relevos, cerâmicas e marfins da Assíria e Suméria, um templo egípcio de Ísis (27 a.C. a 14 d.C.) e artefatos gregos e romanos.

SUL

Emory University Museum of Art and Archaeology (***Museu Universitário Emory de Arte e Arqueologia***)
Michael C. Carlos Hall
Emory University (*Universidade Emory*)
Atlanta, GA 30322
00-1 (404) 727-7522
Coleção importante, incluindo artefatos de Jericó, Cesaréia, tabuinhas cuneiformes da Mesopotâmia e selos de cilindro, múmias egípcias, fragmento de papiro do Livro dos Mortos e vasta exposição de arte grega antiga.

Eisenberg and Nicol Museums (***Museus Eisenberg e Nicol***)
Southern Baptist Theological Seminary (*Seminário Teológico Batista do Sul*)
Boyce Library, Third Floor (*Biblioteca Boyce, Terceiro Andar*)
2825 Lexington Road
Louisville, KY 40280
00-1 (502) 897-4011
Exposições especiais de artigos de Jericó e Ai (et-Tel), tabuinhas cuneiformes, manuscritos do período romano e bizantino (300-1000 d.C.) e réplicas de famosos objetos inscritos, como a Pedra Roseta e o Obelisco Negro de Salmaneser III.

MEIO-OESTE

Field Museum of Natural History (***Museu de Campo da História Natural***)
Roosevelt Road at Lake Chore Drive
(*Estrada Roosevelt na Entrada a Lake Shore*)

Chicago, IL 60605
00-1 (312) 922-9410
O destaque deste museu é a fabulosa exposição "Dentro do Egito Antigo", que proporciona a oportunidade de explorar um complexo de túmulos de tamanho natural importado de Saqqara, 23 múmias e um barco mortuário.

Oriental Institute (*Instituto Oriental*)
University of Chicago (*Universidade de Chicago*)
1155 East 58th Street
Chicago, IL 60637
00-1 (312) 702-9520
Uma das melhores coleções do período bíblico existentes na América do Norte alojada em cinco galerias distintas para a Palestina, Mesopotâmia, Assíria, Egito e Pérsia.

Spertus Museum of Judaica (*Museu Spertus da Judaica*)
618 S. Michigan Avenue
Chicago, IL 60605
00-1 (312) 922-9012
Projetado para educar e entreter crianças pequenas em arqueologia bíblica, dispõe de *tel* arqueológico de tamanho natural que pode ser escavado para descobrir réplicas de artefatos, uma feira livre com demonstrações de artes antigas e uma antiga casa israelita.

Kelsey Museum of Archaeology (*Museu Kelsey de Arqueologia*)
University of Michigan (*Universidade de Michigan*)
434 South State Street
Ann Arbor, MI 48109
00-1 (313) 764-9304
Grande coleção de arte e artefatos do antigo Oriente Próximo e Egito (incluindo uma sala de múmia com exibições interativas), Grécia e Roma.

Horn Archaeological Museum (*Museu Arqueológico Horn*)
Andrews University (*Universidade Andrews*)
Berrien Springs, MI 49104
00-1 (616) 471-3273
Uma coleção de 8.000 artefatos da Idade do Bronze Antigo ao Período Bizantino realça as escavações feitas pela universidade em Tel Hesban e Tel el Umieri. Também possui extensa coleção de tabuinhas cuneiformes.

Detroit Institute of Arts (*Instituto de Artes de Detroit*)
5200 Woodward Avenue
Detroit, MI 48202
00-1 (313) 833-7900

Antigüidades egípcias importantes, relevos assírios de Tiglate-Pileser III (744-727 a.C.) e relevo de azulejo da Porta de Istar na Babilônia (o único exemplar na América do Norte).

Museum of Art and Archeology (***Museu de Arte e Arqueologia***)
University of Missouri-Columbia (*Universidade de Missouri-Colúmbia*)
1 Pickard Hall
Columbia, MO 65211
00-1 (314) 882-3591
Numerosos artefatos de Israel do período de 3100 a 586 a.C., incluindo ossuários do período bíblico, artefatos de cerâmica, lâmpadas, estatuetas e jóias, como também artefatos mesopotâmicos, egípcios, romanos e gregos.

Cleveland Museum of Art (***Museu de Arte de Cleveland***)
11150 East Boulevard at University Circle (*Bulevar Leste, no Círculo Universitário, 11150*)
Cleveland, OH 44106
00-1 (216) 421-7340
Mais de 1.100 peças de antiga arte egípcia, grega, etrusca e romana, inclusive esculturas, vasos, jóias e moedas.

Toledo Museum of Arts (***Museu de Arte de Toledo***)
2445 Monroe Street at Scottwood Avenue (*Rua Monroe, na Avenida Scottwood, 2445*)
Toledo, OH 43697
00-1 (419) 255-8000
A coleção contém artigos da Suméria, Síria, do palácio assírio em Ninrode (883-859 a.C.), numerosos relevos e esculturas egípcios, e extenso conjunto de vidro antigo.

Cincinnati Art Museum (***Museu de Arte de Cincinnati***)
Eden Park
Cincinnati, OH 45202
00-1 (513) 721-5204
Coleção boa que reúne antigüidades egípcias, clássicas e do antigo Oriente Próximo, inclusive esculturas dos nabateus da Jordânia.

Skirball Museum, Cincinnati Branch (***Museu Skirball, Filial de Cincinnati***)
Hebrew Union College (*Faculdade Hebraica da União*)
3101 Clifton Avenue
Cincinnati, OH 45220
00-1 (513) 221-1875

Mais de 100 objetos, inclusive selos, tabuinhas, jóias, artefatos de cerâmica, estatuetas, lâmpadas e moedas. Item de especial interesse é um jarro e tampa de uma das cavernas do mar Morto.

OESTE

Bade Institute of Biblical Archaeology (*Instituto Bade de Arqueologia Bíblica*)
Pacific School of Religion (*Escola de Religião do Pacífico*)
1798 Scenic Avenue
Berkeley, CA 94709
00-1 (415) 848-0528, ext. 242
Coleção de artefatos da cidade bíblica de Mispá (Tel en-Nasbé) e exposição especial que mostra como os arqueólogos trabalham.

Skirball Museum, Hebrew Union College (*Museu Skirball, Faculdade Hebraica da União*)
3077 University Avenue
Los Angeles, CA 90007
00-1 (213) 749-3424
Mais de 1.300 artefatos de Israel, Egito, Mesopotâmia e Fenícia (doados principalmente pelo arqueólogo Nelson Glueck), inclusive tabuinhas cuneiformes, lâmpadas, vasilhas de cerâmica, amuletos, estatuetas, armas e jóias.

Los Angeles County Museum of Art (*Museu de Arte do Condado de Los Angeles*)
5905 Wilshire Boulevard
Los Angeles, CA 90036
00-1 (213) 857-6111
Excelente galeria do Oriente Próximo, incluindo artefatos assírios e egípcios e notável coleção de artigos iranianos antigos (3000 a.C.).

Stanford University Museum of Art (*Museu de Arte da Universidade de Stanford*)
Lomita Drive e Museum Way
Stanford, CA 94305
00-1 (415) 723-4177
Coleção menor de artefatos egípcios antigos, incluindo relevos, estatuetas, retrato de múmia e bustos.

Glossário

Esta lista relaciona termos que aparecem neste livro, como também outros termos que têm analogia com a arqueologia. (Nota: Os vocábulos entre parênteses indicam a forma plural da palavra.)

ABSIDE: Recinto semicircular que se projeta do lado de uma igreja ou edifício grandioso, freqüentemente na forma de abóbada.

ACADIANO: Idioma semítico que foi falado na Babilônia e na Assíria, e escrito em caracteres cuneiformes.

ACRÓPOLE: Fortaleza ou elevação mais alta de uma cidade. Freqüentemente o local da maioria dos templos notáveis e de outros edifícios públicos da cidade.

AFRESCO: Pintura decorativa feita com pigmentos aplicados em camada recente de gesso de cal, ainda úmido.

ÁGORA: Nas cidades gregas, um mercado aberto ou praça para assuntos públicos, correspondendo ao foro romano.

ALTA CRÍTICA: Termo introduzido nos estudos bíblicos em fins do século XVIII. Não descreve forma exagerada da crítica comum, mas antes um tipo particular, distinto da baixa crítica (*vide* Baixa Crítica). Seu propósito é determinar a data, a estrutura literária (se for composta) e a origem dos livros do Antigo Testamento com a ajuda de toda evidência pertinente. No sentido exato, embora de fato muito obscurecida, os problemas históricos caem fora de sua abrangência tradicional.

ANFITEATRO: Estrutura ovalada que cerca uma arena para espetáculos gladiatórios.

ÂNFORA: Palavra proveniente do grego para aludir a um jarro, provido com duas asas simétricas, próprio para armazenamento.

APÓCRIFOS: Livros incluídos na Septuaginta (em grego) e na Vulgata (em latim), versões da Bíblia hebraica, mas excluídos do cânon dos judeus e dos protestantes.

ARABÁ: Região desértica no vale da Brecha, entre o mar Morto e o golfo de Elate/Ácaba; no período bíblico, também referia-se ao vale norte do mar Morto (Jericó).

ARCA DA ALIANÇA: Caixa de madeira contendo as tábuas da Lei, guardada no Santo dos Santos do Templo em Jerusalém. Como a destruição do Templo pelos romanos, a Arca da Aliança das sinagogas continha rolos dos primeiros cinco livros do Antigo Testamento. É freqüente a arca ser usada como símbolo da arte judaica.

ARCO: Dispositivo arquitetônico distintamente romano no qual blocos na forma de cunha eram organizados em uma cobertura semicircular sobre a abertura, de modo que a pressão sofrida pelo peso da construção fosse exercido lateralmente em vez de cima para baixo.

ARCOSÓLIUM (ARCOSÓLIA): Nicho de sepultamento do período helenístico ao bizantino, projetado para abrigar um sarcófago. Era talhado na parede rochosa de uma caverna, com uma saliência em baixo e um arco em cima. Supõe-se ser o tipo de sepulcro no qual o corpo de Jesus foi posto.

ARTEFATO: Qualquer objeto material alterado pela intervenção humana para algum propósito; uma pedra ou faca de metal, barro moldado e cozido em forma de estatueta, moeda, etc.

ARTIGOS EM BICROMIA (Idade do Bronze Médio IIC e Idade do Bronze Recente I): Grupo de artefatos de cerâmica da Idade do Bronze Médio IIC e da Idade do Bronze Recente I, caracterizado por *design* geométrico e fauniano em preto e vermelho, com traços e procedência cipriotas e siros-cananeus.

ARTIGOS EM BICROMIA (Idade do Ferro): Grupo de artefatos de cerâmica fenícios em voga principalmente do século XI ao IX a.C.; a maioria dos frascos globulares, jarros e tigelas decorados com círculos concêntricos em preto, vermelho e, às vezes, branco.

ASERÁ: Deusa cananéia, cônjuge de El e mãe dos deuses. Em Ugarite, chamada "Senhora Aserá do Mar".

ASSIRIOLOGISTA: Aquele que estuda restos literários e não literários do império assírio.

ASTAROTE: Forma hebraica do nome da deusa semítica do amor e da fertilidade (*vide* Astarte).

ASTARTE: Deusa cananéia/fenícia da fertilidade e do amor; identificada com a deusa grega Afrodite (equivalente da Astarote bíblica).

ATERRO: Lixo, cascalho, areia ou terra trazida para nivelar solo irregular ou elevar o nível do chão ou outra estrutura; acumulação natural.

AUTÓGRAFOS: As cópias originais (mas hoje perdidas) dos livros da Bíblia. Geralmente afirma-se que a doutrina da inspiração plenária verbal só se estende aos autógrafos e não às cópias variantes que deles advieram. A ciência da crítica textual é a tentativa de, a partir de nossas cópias atuais das Escrituras, trabalhar para trás, a fim de determinar a leitura correta dos autógrafos.

BAAL: Termo genérico que significa "senhor" ou "mestre"; qualquer uma das principais e numerosas deidades masculinas cananéias/fenícias locais (por exemplo, Baal-Hamon, Baal-

Zebube); deus semítico da chuva e da fertilidade, conhecido em Ugarite como o "Cavaleiro das Nuvens".

BAIXA CRÍTICA: O estudo de manuscritos e leituras variantes (*vide também* Alta Crítica).

BALCÃO: O lado vertical da parede de terra deixada em volta de uma vala ou quadra; a calçada de 9 metros de largura deixada ao redor dos lados de uma praça; faixa de terra não escavada deixada num sítio de escavação (normalmente de 0,5 a 1 metro de largura) para fornecer evidência visual para a sucessão dos fragmentos de rocha (estratificação) quando áreas circunvizinhas foram removidas pela escavação. A face de um balcão é conhecida por "seção", e seus diagramas por "diagramas de seção".

BAMÁ (BAMOTE): Palavra hebraica usada por arqueólogos para descrever um lugar de culto num local natural fora das cidades, ou o montículo artificial ou plataforma dentro de uma cidade feita com o intuito de simulá-la, enganosamente traduzida por "lugar alto" em português.

BAR KOKHBA: Líder da Segunda Revolta Judaica contra Roma (132-135 d.C.).

BARRAGEM: Montículo de terra elevado usado como fortificação ou muro de fortificação.

BASALTO: Tipo de rocha vulcânica, ígnea, densa, esverdeada, cinza escura ou negro acastanhado. Abundante basalto é encontrado nas montanhas da Galiléia.

BASÍLICA: Edifício retangular comprido com nave central e corredores laterais. As basílicas romanas serviam como edifícios públicos onde funcionavam tribunais e se reuniam mercadores, banqueiros, etc., para tratar de negócios.

BEDUÍNO: Árabes nômades tribais que habitam as regiões desérticas do Oriente Próximo e Médio. Os membros da tribo Taamiré foram responsáveis pela descoberta de muitos dos Rolos do mar Morto, como também outros artefatos arqueológicos de tumbas na Margem Ocidental e Jordão.

BES: Antigo deus anão egípcio da música e da dança, e o protetor das mulheres em trabalho de parto.

BEZERRA RUIVA: Vaca vermelha sem defeito que, de acordo com o ritual de purificação registrado em Números 19, era queimada até virar cinzas, as quais eram misturadas com água para ser aspergida em tudo o que tinha ligação com o santuário e seus serviços. A cerimônia da bezerra ruiva era administrada no monte das Oliveiras e continuou até a destruição do Templo em 70 d.C. Os judeus ortodoxos acreditam que o restabelecimento da cerimônia é essencial para o reavivamento do sacerdócio e a reconstrução do Templo.

BULA: Impressão do selo estampado numa massa informe de barro ou outro material plástico, usado na antigüidade para lacrar documentos.

CABEÇA: O lado não enfeitado que se projeta de uma pedra depois de suas bordas ou extremidades terem sido aparadas em quadrado segundo o corte do diagrama.

CACOS DE LOUÇA DE BARRO: Pedaços quebrados de artefatos de cerâmica encontrados em escavações. Tipicamente é a evidência mais abundantemente preservada em restos arqueológicos.

CALDÁRIO: Compartimento quente de um banho romano.

CAMADA: Nível de formação de montículo (*vide também* Estratigrafia).

CAMINHO DO MAR: Uma das duas mais importantes estradas que ligava o Egito e a

Mesopotâmia e atravessava Canaã/Israel ao longo do litoral mediterrâneo e depois virava para o norte e nordeste; a *Via Máris* de períodos mais recentes (*vide também* Estrada Real).

CANDELABRO: Castiçal ornamental.

CÂNON: A lista autêntica de livros considerados Escritura; neste texto, refere-se principalmente ao cânon do Novo Testamento.

CAPELA MORTUÁRIA: Cemitério acima do solo composta de casa pequena construída de pedras silvestres, como as usadas no sítio de Bab ed-Dra (Idade do Bronze Antigo).

CAPITEL: A seção ou componente mais alto de uma coluna clássica ou pilastra.

CAPITEL PROTO-EÓLIO: Capitel de pedra decorada com volutas (palmetas estilizadas) típico principalmente da monumental arquitetura israelita/judaica.

CARDO (CARDINES): Uma das duas ruas principais numa planta de cidade romana, correndo na sentido norte-sul e cruzando em ângulos retos com as ruas de leste-oeste.

CARTAS DE ARADE: Óstracos hebraicos dos séculos VII a VI a.C. descobertos em Arade, a maioria pertencente principalmente ao arquivo de Eliasibe, comandante da fortaleza de Arade, tratando em grande parte da distribuição de comida e assuntos militares.

CARTAS DE EL-AMARNA: Tabuinhas de argila em cuneiforme acadiano descobertas principalmente em el-Amarna, Egito; correspondência entre Amenotepe III e Amenotepe IV e reis em Canaã e outros reinos da região (século XIV a.C.).

CARTAS DE LAQUIS: Óstracos com inscrições em hebraico, encontrados em Laquis e datados dos últimos dias de Judá. Os óstracos contêm informação importante sobre aquele período.

CASA DE QUATRO COMPARTIMENTOS: Estrutura característica da Idade do Ferro às vezes atribuída aos israelitas, consistindo em três compartimentos ou espaços sustentados por colunas ao redor de um quarto espaço retangular, possivelmente um pátio a céu aberto.

CASAMATA: Abrigo construído dentro de um muro de defesa. A parede de uma casamata é uma parede dupla com uma fileira de casamatas entre seus lados exteriores e interiores; parede dupla com compartimentos divididos, às vezes usados para armazenamento ou habitação.

CATACUMBA: Lugar subterrâneo para enterrar mortos, consistindo em galerias ou corredores com intervalos para as tumbas.

CENOTÁFIO: Sepulcro vazio (comemorativo) ou monumento fúnebre erigido em honra de alguém enterrado em outro lugar.

CERÂMICA FILISTÉIA: Artefatos de cerâmica característicos de lugares filisteus do começo do século XII a.C.; decorados principalmente com padrões geométricos, peixes e motivos de pássaro em preto e vermelho, freqüentemente numa tira em branco, apresentando mistura de traços micênicos, cipriotas, cananeus e egípcios.

CÓDICE: Manuscrito antigo feito na forma de livro (especialmente uma Bíblia) em vez de rolo de papel; livro de leis no período bizantino.

COINÉ: O dialeto grego em que foram escritos a Septuaginta, o Novo Testamento e outros contratos comerciais e correspondência em papiro.

COLEÇÃO: A soma total de objetos achados num contexto arqueológico específico (por exemplo, artefatos de cerâmica, utensílios de pedra), talvez numa construção ou estrato (*vide* Estratigrafia).

COSMOGONIA: Estudo que trata da origem e operação do universo.

CRATERA: Vaso grande; vaso antigo, em forma de taça, com duas alças, onde os gregos e romanos misturavam vinho e água.

CRÍTICA DA FORMA: Tipo de crítica bíblica apresentada primeiramente pelo estudioso alemão Hermann Gunkel (1862-1932), que investigou a história das diferentes formas de literatura e suas relações com sua posição social (*Sitz im Leben*).

CURSIVO: Forma de escrita manuscrita, traçada de maneira rápida e corrente.

DAGOM: Deus semítico dos grãos: em Ugarite, o pai de Baal; na Filistéia, o deus de Asdode.

DATAÇÃO PELO VESTÍGIO DA FISSÃO: Método de determinar eras medindo os vestígios dos átomos fissionados de urânio 238 presentes na obsidiana e em outros minerais vulcânicos vítreos.

DATAÇÃO POR CARBONO 14: Técnica na qual o grau de desintegração do teor do carbono 14 (um dos elementos essenciais de toda matéria orgânica) é medido para determinar a data de um artefato.

DATAÇÃO POR POTÁSSIO-ARGÔNIO: Determinação da idade de um objeto com base na meia-vida do isótopo radioativo de potássio à medida que se desintegra para formar o argônio.

DATAÇÃO POR RADIOCARBONO: Método de datação radiométrica para determinar a idade de objetos orgânicos com base na medida da taxa previsível da desintegração espontânea do isótopo radioativo de carbono 14 (C-14) em comparação com a taxa de um isótopo comum de carbono (C-12).

DECÁPOLIS: Confederação livre de dez cidades helenizadas orientadas ao comércio, situadas no norte da Transjordânia, norte da Palestina e sul da Síria, século II a.C.

DEIR: Palavra árabe que significa “mosteiro”.

DENDROCRONOLOGIA: Estudo dos padrões do crescimento anual dos círculos dos troncos das árvores para determinar as variações climatológicas e associá-las com eventos históricos.

DEPENDÊNCIA LITERÁRIA: Uso de um texto como documento fonte primário para declarações históricas ou factuais.

DETECTOR DE RESISTIBILIDADE: Instrumento usado na detecção de subsolo. Mede ligeiras variações de como os objetos abaixo do nível do solo conduzem a corrente elétrica.

DINASTIA UMAYYAD: Califas que governaram o império muçulmano de 661 a 750.

DOCUMENTOS DE MÁRI: Cartas cuneiformes e registros administrativos acadianos escavados em Mári, no Eufrates, que datam do século do XVIII a.C. Alguns desses documentos mencionam cidades de Canaã.

EL: Chefe do panteão cananeu, chamado em Ugarite de “Deus Pai Suném” e “Touro El”.

ENLIL: Deus babilônico do vento e da tempestade, responsável pelo dilúvio.

ENTERRO SECUNDÁRIO: O novo enterro dos ossos depois da decomposição da carne (*vide também* Ossuário).

EPIGRAFIA: Estudo da escrita antiga ou inscrições.

EPIGRAFISTA: Aquele que, por profissão ou treinamento, emprega-se na decifração, datação e análise de antigas formas de escrita.

ESCARAVELHO: Sinete de selo na forma de besouro, principalmente egípcio.

ESCRITA CUNEIFORME: Escrita em forma de cunha desenvolvida originalmente em cerca de 3000 a.C., pelos sumérios do sul do Iraque, para escrever em tabuinhas de argila. Mais tarde foi adaptada para escrever vários outros idiomas (sumério, hurriano, urartiano, hitita, elamita, ugarítico e notavelmente o acadiano), falado pelos primitivos habitantes semíticos do Iraque e, depois, usado como idioma diplomático internacional até ser substituído pelo aramaico sob o Império Persa. Em Ras Shamra (Ugarite) foi especialmente modificado para escrever o idioma local num alfabeto em forma de cunha. Os caracteres cuneiformes eram escritos pressionando a ponta de um estilete plano, ou ponteiro, em tabuinhas de argila úmidas. Isto produzia impressões em forma de cunha, visto que o escritor tendia a pressionar o estilete mais de um lado.

ESCRITA DEMÓTICA: Forma primitiva de escrita cursiva egípcia usada para propósitos comuns.

ESCRITA HIERÁTICA: Escrita egípcia cursiva mais recente usada principalmente para propósitos cotidianos e muito empregada nos escritos em papiros ou óstracos.

ESCRITA HIEROGLÍFICA (egípcia): Escrita inventada em cerca de 3000 a.C., composta de fonogramas e semogramas usados principalmente em inscrições e decorações de importância histórica.

ESCRITÓRIO DE CONVENTO (SCRIPTÓRIUM): Lugar onde eram escritos livros ou onde eram copiados.

ESSÊNIOS: Seita judaica mencionada pelo judeu Flávio Josefo, historiador do século I, e por Plínio, escritor romano. Acredita-se que as comunidades dos essênios estivessem localizadas perto de En-Gedi no mar Morto e Jerusalém. Os essênios são os principais candidatos para a identidade da comunidade que descobriu os Rolos do mar Morto.

ESTELA: Laje vertical ou pilar de pedra usado para inscrições, relevos e lápides. As estelas serviam para uma variedade de propósitos no mundo antigo: como monumentos funerários, monumentos em comemoração às vitórias dos reis e para dedicações a deuses.

ESTRADA REAL: Uma das duas mais importantes estradas que ligava o Egito e a Mesopotâmia e atravessava a Transjordânia de norte a sul, perto da extremidade do deserto (*vide também* Caminho do Mar).

ESTRATIFICAÇÃO: As camadas de um montículo criadas por destruições sucessivas; camadas de ocupação sobrepostas à medida que são desenterradas na escavação.

ESTRATIGRAFIA: O processo de observar, interpretar e registrar as camadas de um montículo criado por destruições sucessivas. Este é um dos princípios de interpretação da arqueologia de campo tomado emprestado da geologia. Depende do fato de que onde um depósito de fragmentos de rocha cobre o outro, o superior deve ter-se acumulado depois do inferior, visto que o mais recente não poderia ter sido inserido sob o mais antigo. Na prática há numerosas modificações a esta regra geral, pois muitos atos da natureza, de terremotos a animais que fazem toca, perturbam a sucessão ordenada de depósitos como perturba a interferência do homem (covas, sepulcros, aterros, valas de fundação, etc.). O principal propósito do arqueólogo moderno é distinguir um depósito do outro pela sua textura, cor ou conteúdo (que, é claro, pode incluir os intrusos dos outros níveis) e fazer diagramas (seções) da estratigrafia de um sítio, de forma que os outros arqueólogos possam conferir a

interpretação. As várias camadas de fragmentos de rocha assim reconhecidas são convencionalmente chamadas de *níveis* ou *estratos*.

ESTRATO: Camada de terra que contém artefatos e fragmentos de rocha que representam determinada época e cultura num sítio. A combinação de todos os lóci pertencentes a uma construção, habitação e ciclo de destruição, que representam um período histórico e cultural de habitação num sítio. Em geral, distinguem-se um do outro por diferenças na composição da terra, arquitetura, artefatos e assim por diante.

EVEN HA-SHETIYAH (em hebraico, "A Pedra Fundamental"): *Vide* Pedra Fundamental.

EXEMPLAR: Arquétipo do qual outro manuscrito é copiado.

EXÍLIO BABILÔNICO: Expatriação dos habitantes de Judá para a Babilônia, na Mesopotâmia, em seguida à conquista pelo rei Nabucodonosor e à destruição do Primeiro Templo em Jerusalém no ano de 586 a.C.

FACHADA: A face vertical de um edifício, de modo geral, sua frente.

FAIANÇA: Material artificial que consiste basicamente em quartzo pulverizado ou corpo arenoso com visco e natrão ou cinza, coberto por camada alcalina vítrea que varia de cor. Era amplamente usado para o fabrico de contas, amuletos e vasilhas pequenas, especialmente no Egito.

FARISEU: Membro do tradicional partido dos judeus do período do Segundo Templo célebre por sua rígida observância da Lei (*cf.* Saduceu).

FASE: Estágio num nível de ocupação definido pela escavação; reutilização ou reconstrução de uma estrutura ou característica menor, como o conserto de uma parede ou chão.

FIADA: Cada fila horizontal de tijolos ou pedras.

FORO: Nas cidades romanas, praça pública para debates de assuntos gerais. Nas cidades gregas era conhecido por *ágora*.

FOTOGRAMETRIA: A ciência de medir os sítios arqueológicos para confeccionar mapas ou diagramas pelo uso de fotografia aérea e de superfície.

FRIGIDÁRIO: O compartimento frio de um banho romano.

FRISO: O componente médio de um entablamento, entre a cornija e a arquitrave. Freqüentemente enriquecido com escultura de relevo.

GENIZÁ: Repositório numa sinagoga para livros e objetos sagrados fora de uso.

GESSO DE CAL: Gesso feito de conchas ou calcário.

GLACIS: Declive, em geral rebocado, ao pé externo de um muro de fortificação para ajudar na construção e tornar o ataque mais difícil; construído de pedra, terra compactada, tijolos, etc.

GRANDE REVOLTA: A guerra judaica contra Roma, que começou em 66 d.C. e terminou com a queda de Massada em 73 d.C.

GUERRA DOS SEIS DIAS: Guerra entre os israelitas e os países árabes circunvizinhos que aconteceu de 5 a 10 de junho de 1967, durante os quais a Jerusalém Oriental e o monte do Templo foram tomados por Israel como parte do território conquistado.

HABIRU: Povo errante da Canaã da Idade do Bronze Recente que não tem posse de propriedade; mencionado nas cartas de el-Amarna. Alguns estudiosos identificam-no com os antigos hebreus, mas textos cuneiformes dizem ser bandos mercenários.

HAGGADAH (em hebraico: "narração"): Termo usado para referir-se a um texto que contém a história do êxodo do Egito, bem como a uma ordem de serviço (*Seder*) para a Páscoa.

HAR: Palavra hebraica que significa "montanha", como em *Har Ha-Bayit*, "O Monte do Templo" (*vide* a palavra árabe *Jebel*).

HARAM: Palavra árabe que significa recinto sagrado ou santuário; por exemplo, *Haram es-Sharif* ("Santuário Nobre") para referir-se ao monte do Templo.

HELENÍSTICO: O período que segue a conquista de Alexandre, o Grande.

HENOTEÍSMO (do grego *heno*, "um", e *theos*, "deuses"): Culto a um deus entre muitos. Um deus recebia adoração primária, em geral o chefe dos deuses.

HERODIANO: Termo que descreve qualquer período ou estrutura arquitetônica ligada a Herodes, o Grande, ou à dinastia herodiana.

HERÓDOTO: Escritor grego nascido em 484 a.C., que ficou conhecido como o "Pai da História". Seus escritos históricos concernentes aos lugares bíblicos, como a Babilônia, e às personalidades, como Dario, foram postos em dúvida no que tange à precisão. Hoje, porém, com base em escavações arqueológicas, foram comprovados serem mais fidedignos.

HIERON: Termo grego que significa templo ou recinto sagrado.

HIPÓTESE DOCUMENTÁRIA: Em sua forma clássica, particularmente associada com o estudioso bíblico alemão Julius Wellhausen (1844-1918), esta hipótese propunha quatro fontes literárias como elementos primários para o Pentateuco ou Hexateuco, que, em ordem cronológica, são fonte *J* (jeovista), fonte *E* (eloísta), fonte *D* (deuteronômica) e fonte *S* (sacerdotal). *J*, o mais antigo, foi atribuído ao século X ou IX a.C.

HORVAH (*HORVAT*): Palavra hebraica que significa antiga ruína; usada intercambiavelmente com a palavra árabe *Khirbeh* (*Khirbet*).

ICONOGRAFIA: Imagem ou simbolismo em arte.

IMPÉRIO BIZANTINO: Império romano oriental, séculos IV a VII d.C.

IN SITU (literalmente, "no lugar"): Expressão usada para designar o local preciso em que originalmente foram encontrados os artefatos e fragmentos arquitetônicos.

JARRO DE BEIRA DE COLARINHO/PITOS: Jarro grande da Idade do Bronze Antigo, principalmente da Idade do Ferro I (em alguns sítios também da Idade do Ferro Antigo II), com parte mais saliente abaixo do pescoço, outrora julgado ser indicativo de povoamentos apenas israelitas.

JARRO DE BOCA LARGA: Tipo de jarro com boca larga e sem pescoço, usado para armazenamento e preparação de comida.

JEBEL: Palavra árabe que significa "montanha" como em *Jebel Musa*, "Monte Moisés" (ou seja, o monte Sinai).

KHIRBEH (KHIRBET): Palavra árabe que descreve um lugar antigo com ruínas à mostra. Quando usada como parte do nome de lugar, o *h* final muda para *t*, como em Khirbet Qumran.

KOKH (KOKIM): Nichos chanfrados para abrigar sarcófagos ou ossos em sepulcro antigo do período romano.

LACUNA: Espaço no texto de um manuscrito.

LAJE: Pedra achatada, uniformemente moldada, usada para pavimentação.

LEVANTE: Países do Mediterrâneo oriental: Israel, Jordânia, Líbano e Síria.

LÓCUS (LÓCI): Lugar geométrico. Qualquer característica tridimensional num quadrado, como uma camada de terra, um muro, vala, depósito, etc., primariamente usada para descrever a menor unidade coerente em uma escavação; mas de maneira livre tem o significado de compartimento ou outra unidade arquitetônica maior. Esta definição varia de escavação a escavação.

LUGARES ALTOS: *Vide* Bamá.

MAPA MADABA: Pavimento em mosaico de igreja bizantina em Madaba, Jordânia, representando um mapa da Terra Santa e datado da segunda metade do século VI.

MASSEBAH (MASSEBOTH): Palavra hebraica usada pelos arqueólogos para descrever pedras verticais, em geral monólitos, que acredita-se terem sido estabelecidos como memoriais ou objetos de adoração.

MASTABA: A forma mais antiga de construção egípcia de pirâmide, na qual cada seção da estrutura era construída como se fosse uma plataforma distinta de acordo com um padrão de degrau.

MAXIMALISTA (BÍBLICO): Estudioso bíblico que dá máxima autoridade ao texto bíblico como fonte para informação histórica e factual sobre o passado.

MENORÁ: Candelabro (castiçal) de sete braços usado em rituais judaicos.

MERODAQUE: Deus da Babilônia e chefe do panteão durante a época do império babilônico.

MINARETE: Torre de mesquita, de três ou quatro andares e balcões salientes, de onde se anuncia aos muçulmanos a hora da oração.

MINIMALISTA (BÍBLICO): Estudioso bíblico que minimiza o texto bíblico como fonte autorizada para informação histórica e factual fidedigna sobre o passado.

MIQVEH (MIQVAOT): Palavra hebraica que significa "banho ritual". Instalações para o banho ritual judaico, quer público ou em casa particular.

MISHNÁ: Coleção de leis e tradições orais judaicas, compilada em cerca de 200 d.C.; a parte básica do Talmude.

MOLDE: Reprodução de inscrição ou outra escultura tirada com substância plástica mediante compressão.

MONARQUIA UNIDA: Unificação política das doze tribos israelitas sob o reinado de Davi no século X a.C. até a divisão entre o Reino do Norte (Israel) e o Reino do Sul (Judá) depois do reinado de Salomão, em cerca de 928 a.C.

MONÓLITO (do grego *mono*, "um", e *lithos*, "pedra"): Bloco único de pedra, especialmente grande, moldado na forma de pilar ou monumento.

MONOTEÍSMO (do grego *mono*, "um", e *theos*, "deus"): Crença ou culto a um só Deus.

MOSAICO: Quadro ou inscrição feita pela composição de pequenas pedras cortadas de diferentes formas e cores.

MOTIVO: Objeto (ou grupo de objetos) que forma parte distinta de um desenho.

MUMIFICAÇÃO: Processo de preservar os restos mortais de um cadáver pelo complexo procedimento que envolve a remoção de todos os órgãos e fluidos corporais e a aplicação de várias especiarias e envoltórios. Pensa-se que este processo teve origem com os egípcios.

NAOS: Palavra grega que quer dizer santuário. No oriente grego, cela ou santuário interior de um templo.

NAVE: O corredor central de um edifício ou os corredores centrais e laterais de uma igreja cruciforme. A área designada ao corpo laico da igreja na adoração.

NECRÓPOLE: Palavra grega que significa *cemitério* (literalmente, "cidade dos mortos"). Denota principalmente os cemitérios grandes e importantes.

NICHO: Cavidade em parede para abrigar, por exemplo, uma urna da Torá (numa sinagoga), uma estátua, um sepultamento (numa tumba) ou para propósitos decorativos.

NÍVEIS: As várias camadas de fragmentos de rocha reconhecidas numa escavação são convencionalmente chamadas de *níveis* ou *estratos* (*vide também* Estratigrafia).

NUMISMÁTICA: A coleção, estudo e datação de moedas.

OBELISCO: Pilar vertical de quatro lados (em geral monolítico), agulhado, que se afila para o topo a fim de dar a forma de pirâmide.

ONOMÁSTICO: Lista alfabética de nomes de lugares mencionados na Bíblia e identificados pelo autor como lugares contemporâneos. O onomástico mais comumente usado é o escrito (em grego) por Eusébio, bispo de Cesaréia, em princípios do século IV e traduzido e anotado (em latim) por Jerônimo em fins do século IV.

ORTOSTATO: Laje de pedra vertical, usada principalmente para alinhar muros e pilastras, às vezes moldada na forma de animais ou de outras coisas.

OSSUÁRIO: Caixa, urna ou outro receptáculo para os ossos do morto depois da decomposição da carne (*vide* Enterro Secundário).

ÓSTRACO: Palavra de procedência grega que significa "caco de louça de barro". Usada por arqueólogos para descrever qualquer fragmento de cerâmica, osso ou madeira que tenha algo escrito. Pelo alto custo do papiro, os óstracos eram comumente empregados no Egito e Palestina para propósitos de textos diários curtos e de natureza efêmera nas escritas cursivas locais, mas não na escrita cuneiforme.

ÓSTRACOS DE SAMARIA: Sessenta e três óstracos do século IX ao VIII a.C. desenterrados em Samaria, que registram remessas de vinho e óleo e contêm importantes dados lingüísticos, topográficos e econômicos relativos ao Reino de Israel.

PALEOETNOBOTÂNICA: Estudo da vida das plantas em culturas antigas.

PALEOGRAFIA: Estudo de alfabetos, estilos de escrita e inscrições antigos (*vide também* Epigrafia).

PAPIRO: Material ou papel para escrever feito de hastes de papiro que crescem no rio Nilo. Extensamente usado no mundo antigo.

PÁSCOA: O nome da celebração comemorada em memória do êxodo judeu do Egito durante o qual a ira de Deus "passou por cima" dos israelitas, mas caiu sobre os seus opressores (Êx 12).

PEDRA DE CANTARIA: Pedras de corte quadrado ou retangular, uniformes em tamanho e forma, e assentadas em fileiras horizontais; colocadas regularmente ou como a própria parede ou como revestimento de uma parede em alvenaria.

PEDRA FUNDAMENTAL: O ponto mais alto do monte Moriá, o qual se diz ter-se protraído da plataforma que apóia o Templo dentro do Santo dos Santos. Deste modo, acredita-se, servia como base para a Arca da Aliança.

PENTATEUCO: Os primeiros cinco livros do Antigo Testamento: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio considerados juntos.

PERGAMINHO: Refere-se a papel para escrever que, antigamente, era feito de peles de animais ou velino.

PERÍODO DO PRIMEIRO TEMPLO: Período que vai da construção do Templo em Jerusalém, pelo rei Salomão no século X a.C., até a sua destruição pelo rei Nabucodonosor da Babilônia em 586 a.C.

PERÍODO DO SEGUNDO TEMPLO: Período em Israel que começa com o retorno dos exilados babilônicos em 536 a.C. e termina com a destruição de Jerusalém e o Templo em 70 d.C.

PILASTRA: Pilar vertical ou viga de apoio, em geral de seção quadrada ou retangular, que é construído na parede com apenas um pouco de sua espessura projetada para fora. Em termos arquiteturais é tratado como coluna.

PITOS (PITÓI): Grande jarro para armazenamento.

POLITEÍSMO (do grego *poly*, "muitos", e *theos*, "deuses"): A crença ou culto a mais de um deus.

PÓRTICO: Galeria ou corredor largo, extenso e coberto, com colunas na frente; colunata; construção grega ampla, em geral de um andar, consistindo numa parede traseira longa e uma fila de colunas que sustentam o teto que se inclina para a frente.

PRIMEIRA REVOLTA JUDAICA: Grande revolta dos judeus da Palestina (67-70 d.C.) contra Roma, culminando com a destruição do Templo em Jerusalém no ano de 70 d.C.

PRIMEIRO PERÍODO INTERMEDIÁRIO: Período no Egito de cerca de 2180 a 2133 a.C., entre o fim do Antigo Império e início do Médio Império.

QUEMOS: Deus do povo de Moabe na Transjordânia.

RADAR DE INTERFACE DE SUBSOLO: Instrumento usado para encontrar tumbas e construções pela medição das massas da densidade sob a superfície da terra.

ROSETA: Ornamento cuja forma lembra a da rosa.

SADUCEU: Adepto da aristocracia judaica sacerdotal (século II a.C. ao século I d.C.); oposto à interpretação literal que os fariseus davam à Lei.

SAKHRA: Termo árabe para referir-se à rocha dentro do Domo da Rocha muçulmano, onde, de acordo com o Alcorão, Abraão ofereceu Ismael (*vide* Pedra Fundamental).

SANTO DOS SANTOS: Câmara interna do santuário de culto; a câmara mais interna de um templo.

SARCÓFAGO: Caixão de pedra.

SCRIPTÓRIUM: *Vide* Escritório de Convento.

SEÇÃO: Corte vertical — em geral, o lado de uma vala de escavação —, que revela a estrutura (ou estratigrafia) de um montículo. É registrado em diagramas apropriadamente feitos no sítio.

SEDER: Palavra hebraica que significa "ordem, seqüência". Termo usado para a "ordem" da celebração da Páscoa, durante a qual a narrativa do êxodo de Israel do Egito é recontada (*magid*) e a comida ritual é ingerida.

SELO CILÍNDRICO: Cilindro (normalmente de pedra) esculpido com figuras, desenhos ou escrita; quando o selo é rolado sobre uma substância macia, uma faixa contínua de revelo é impressa; típico objeto mesopotâmico, normalmente perfurado para suspensão.

SELOS *LAMELEK* (hebraico) impressões de selos: Literalmente, "[pertencente] ao rei", impressões de selo na alça de jarro de Judá do fim do século VIII a.C., retratando um besouro de quatro asas ou objeto de duas asas e um de quatro nomes de lugar: Hebrom, Socó, Zife ou Mmst; sua exata função administrativa ainda está sob discussão.

SEMINÁRIO JESUS: Grupo internacional de estudiosos da alta crítica que se reúnem com a finalidade de aplicar aos Evangelhos vários métodos da crítica da forma, a fim de distinguir as palavras originais de Jesus das declarações teológicas sobre Ele.

SEPTUAGINTA: Tradução grega, pré-cristã, da Bíblia hebraica (século III a.C.), feita, segundo a lenda, por 70 estudiosos em 70 dias; a primeira tradução para o vernáculo.

SHEFELÁ: Literalmente, "baixada"; a região montanhosa entre a planície litorânea do sul de Israel e os contrafortes da Judéia.

SICLO: Antiga unidade de peso usada pelos babilônicos, fenícios, judeus e outros povos do antigo Oriente Próximo. Também é uma moeda deste peso, especificamente a principal moeda de prata dos judeus; teve uso entre o século II a.C. e o século II d.C. na Síria-Palestina.

SINCRETISMO: Tentativa de adotar harmoniosamente e incorporar elementos de mais de um sistema religioso.

SINÉDRIO: O mais alto tribunal de justiça e supremo concílio do povo judeu (século I a.C. ao século VI d.C.).

SISTEMA MASSORÉTICO: Sistema de vogais e aparato crítico em nosso atual texto hebraico da Bíblia. Ainda que tenha sido escrito no século VII d.C., o sistema segue tradição de pronunciação estabelecida por escribas judeus do século I d.C.

TALENTO: Antiga unidade de peso e moeda; a unidade mais pesada do sistema de peso e o valor mais alto do sistema monetário.

TALMUDE: Interpretação da Mishná e da Gemara (c. 200-500 d.C.).

TARGUM: Quaisquer das várias traduções aramaicas ou paráfrases da Bíblia hebraica.

TECNOLOGIA DE LUZ INFRAVERMELHA: Técnica fotográfica pela qual até a escrita mais borrada fica clara e legível.

TECNOLOGIA DE SATÉLITE: Tecnologia de sensibilidade remota por meio da qual os satélites em órbita, providos de radares que penetram o solo, podem recuperar imagens de objetos enterrados a profundidades tão extensas quanto 60 metros.

TELL (*TEL*): Palavra árabe (em hebraico, com um *l*) usada para referir-se aos montículos artificiais criados pelas repetidas destruições e reconstruções das cidades e aldeias antigas no mesmo local. Hoje a palavra é usada na maioria dos idiomas para aludir a tais montículos existentes por todo o Oriente Próximo. Esta palavra aparece no texto hebraico de Josué 11.13: "As cidades que estavam sobre os seus outeiros".

TEMENOS: Recinto sagrado (santuário) contendo um ou mais templos, cercado por um muro.

TEOCRACIA (do grego *theos*, "Deus", e *cratos*, "governo"): Período na história de Israel durante o qual a administração divina era mediada pelos sacerdotes e profetas com base na aliança mosaica.

TEÓTOCO: "Mãe de Deus", epíteto de Maria, mãe de Jesus.

TERRACOTA: Material tipicamente vermelho acastanhado para artefatos de cerâmica (louça de barro) sem lustro.

TETRARCA: Governador da quarta parte de um país ou província dentro do império romano (instituído por Diocleciano em 292 d.C.).

TEXTO HEXAPLA: Edição da Bíblia hebraica compilada por Orígenes no século III d.C.; consiste no texto hebraico, uma tradução grega e quatro versões gregas, inclusive a Septuaginta.

TEXTO MASSORÉTICO: Texto aceito da Bíblia hebraica.

TEXTOS DE EXECRAÇÃO: Textos egípcios (séculos XX e XIX a.C.) inscritos com os nomes dos governantes de cidades e grupos étnicos da Palestina e Síria, acompanhadas por execrações e maldições; constituem fonte importante concernente àquelas regiões na Idade do Bronze Médio II.

TIJOLOS A PAR: Pedras de cantaria retangulares assentadas na construção da parede, de forma que o lado do tijolo fique à vista. Tijolos travados e tijolos a par alternam-se em cada fiada.

TIJOLOS TRAVADOS: Pedras de cantaria retangulares assentadas na construção da parede, de forma que as pontas, em vez dos lados, fiquem à vista. Tijolos travados e tijolos a par alternam-se em cada fiada.

TIPOLOGIA DA CERÂMICA: Observação de padrões ou formas variáveis em antigos artefatos de cerâmica, usado para estabelecer seqüência cronológica na datação.

TIPOLOGIA: Estudo e agrupamento/taxionomia/classificação de objetos artificiais (que podem incluir textos) mediante características compartilhadas (forma, decoração, técnica de superfície, técnica da manufaturação, etc.), para alcançar várias metas de pesquisa como datação e localização de centros de produção.

TRIBUNAL-BEMA: Plataforma elevada para o orador, freqüentemente usada como lugar de julgamento. É usada desta maneira no Novo Testamento para aludir ao lugar do julgamento final dos crentes (em grego, "o Tribunal-Bema de Cristo" — 2 Co 5.10).

TRICLÍNIO: Sala de jantar; refeitório. O nome adveio da prática romana de dispor três leitos inclinados em forma de "U" ao redor de uma mesa.

TÚMULO: Montículo ou montão de pedra, que freqüentemente cobria uma sepultura; monumento fúnebre erigido em memória de alguém no lugar onde se acha sepultado.

UGARÍTICO: Idioma cananeu da antiga Ugarite na Síria.

VADI: Denominação árabe para referir-se a um curso d'água rochoso ou vale que tem água somente durante a estação chuvosa; o curso d'água fica seco na maior parte do ano.

VALA DE FUNDAÇÃO: Trincheira longa e estreita cavada para as fiadas de um muro de fundação.

VAQF: Fundo dotal muçulmano e concílio fiscalizador.

VATICINIUM EX EVENTU: Termo em latim que designa o conceito de que a profecia (bíblica) foi escrita depois dos eventos que descreve, em contraste com a profecia profética, que sustenta o elemento sobrenatural da determinação divina.

VELINO: Pele de cordeiro de granulação fina, sem costura, ou pele de bezerro preparada para a cópia de manuscritos (bíblicos).

VOTIVO: Objeto oferecido ou dedicado com propósito especificamente religioso; com freqüência era cuidadosamente enterrado para evitar o uso para propósitos profanos.

VULGATA: Versão em latim da Bíblia autorizada e usada pela Igreja Católica Apostólica Romana.

ZIGURATE: Templo piramidal mesopotâmico com degraus.

ZOOMÓRFICO (do grego: "Na forma de animais"): Refere-se a descrições literárias, gravadas ou imagens esculpidas de deidades ou de criaturas associadas com deidades, cuja forma ou aspectos dessa forma são representados como animais.

Sugestões de recursos

na arqueologia bíblica

Quer esteja apenas pesquisando ou formando uma biblioteca básica sobre arqueologia ou estudos bíblicos, estes títulos em inglês devem estar entre os primeiros a serem consultados ou adquiridos. Quase todos são obras recentes que neste campo de estudo levam vantagem sobre obras mais antigas, por causa do sempre crescente montante de dados que a cada dia surgem das escavações permanentes.

Arqueologia bíblica geral

Há muitos livros sobre arqueologia bíblica. Muitos são reimpressão de trabalhos antigos que ficaram ultrapassados pelos trabalhos mais recentes; outros são bastante acadêmicos ou de enfoque limitado. Os livros alistados a seguir são em inglês e representam uma combinação de trabalhos de leigos e eruditos (a maioria de ponto de vista conservador), que fornecem informação útil e confiável de natureza geral.

Gary K. Brantley, *Digging for Answers: Has Archaeology Disproved the Bible?* (Alabama: Apologetics Press, Incorporated, 1995). Resposta maximalista cristã aos argumentos minimalistas.

Gaalyah Cornfeld, *Archaeology of the Bible: Book by Book* (Nova York: Harper & Row, 1976). Como o título afirma, para cada livro do Antigo e Novo Testamentos este livro oferece informações combinadas com fotografias. Escrito por popular pesquisador judeu.

Kenneth A. Kitchen, *The Bible in Its World: The Bible and Archaeology Today* (Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 1977). Argumentos maximalistas cristãos de famoso egiptólogo britânico.

Amahai Mazar, *Archaeology of the Land of the Bible: 10,000-586 B.C.E.* (Nova York: Doubleday, 1990). Este volume da *Anchor Bible Reference Library* é um dos mais atuais tratados didáticos sobre arqueologia bíblica. O autor israelita é diretor do Instituto de Arqueologia da Universidade Hebraica de Jerusalém.

Alan Millard, *Treasures from Bible Times* (Michigan: Lion Publishing Corporation, 1985). Principal maximalista evangélico britânico apresenta seletas descobertas arqueológicas relacionadas com a Bíblia em formato multicolorido.

Keith Schoville, *Biblical Archaeology in Focus* (Grand Rapids: Baker Book House, 1978). Tratado didático sobre arqueologia bíblica elaborado por importante estudioso maximalista evangélico americano.

J. A. Thompson, *The Bible and Archaeology*, edição revista (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1972). Pesquisa maximalista padrão da arqueologia e história bíblicas feita por estudioso australiano (um pouco ultrapassado, mas proveitoso).

Clifford A. Wilson, *Rocks, Relics and Biblical Reliability* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1977). Estudo breve e útil da contribuição da arqueologia para a Bíblia feito por influente estudioso maximalista australiano. Ótimo para estudantes.

Donald J. Wiseman e Edwin Yamauchi, *Archaeology and the Bible: An Introductory Study* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1979). Maximalista britânico e americano apresentam breve (e não pictórica) pesquisa do assunto. Bom para estudantes.

Edwin Yamauchi, *The Stones and the Scriptures: An Introduction to Biblical Archaeology* (Nova York: J. B. Lippincott Company, 1972). Apresentação maximalista cristã feita por importante estudioso bíblico evangélico.

Arqueologia bíblica de Jerusalém

Por causa da proeminência de Jerusalém na Bíblia e o extenso trabalho arqueológico realizado na cidade, vários livros foram especificamente dedicados à sua escavação.

Ancient Jerusalem Revealed, editor Hillel Geva (Jerusalém: Israel Exploration Society, 1994). Contribuições de arqueólogos israelitas relativas às escavações feitas em Jerusalém de 1968 a 1993.

Dan Bahat, com Chaim Rubinstein, *The Illustrated Atlas of Jerusalem* (Jerusalém: Carta, 1990). Importante trabalho que ilustra a Jerusalém bíblica, como também a Jerusalém de outros períodos, baseado nas mais recentes descobertas arqueológicas.

W. Harold Mare, *The Archaeology of the Jerusalem Area* (Grand Rapids: Baker Book House, 1987). Excelente pesquisa popular levantada pelo professor de seminário evangélico e ex-presidente da *Near East Archaeological Society*.

Hershel Shanks, *Jerusalem: An Archaeological Biography* (Nova York: Random House, 1995). Volume ricamente ilustrado pelo editor da popular revista *Biblical Archaeology Review.*

A arqueologia e o Antigo Testamento

Estes livros são designados a áreas específicas de estudos bíblicos, principalmente para a área do Antigo Testamento, e fornecem detalhes muitas vezes negligenciados por volumes com múltiplos assuntos.

Charles F. Aling, *Egypt and Bible History: From Earliest Times to 1,000 B.C.* (Grand Rapids: Baker Book House, 1981). Tratado maximalista evangélico da história egípcia relacionada com a Bíblia (defende data antiga).

Trude Dothan e Moshe Dothan, *People of the Sea: The Search for the Philistines* (Nova York: Macmillan Publishing Company, 1992). Estudo arqueológico sobre os filisteus antigos, escrito para leigos e abundantemente ilustrado, elaborado por importantes autoridades israelitas no assunto.

Exodus: The Egyptian Evidence, editores Ernest S. Frerichs e Leonard H. Lasko (Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 1997). Apresenta o mais recente debate levantado por arqueólogos sobre quais evidências podem ser deduzidas das descobertas feitas no Egito a favor da historicidade do Êxodo.

Alfred J. Hoerth, *Archaeology and the Old Testament* (Grand Rapids: Baker Book House, 1997). Tratado atualizado das descobertas arqueológicas sobre como elas se relacionam com o Antigo Testamento. Proveitoso.

Jack P. Lewis, *Archaeological Backgrounds to Bible People* (Grand Rapids: Baker Book House, 1971). Fornece evidências arqueológicas que apóiam e informam sobre importantes personagens da Bíblia. Escrito por influente estudioso maximalista evangélico americano.

P. Kyle McCarter Jr., *Ancient Inscriptions: Voices from the Biblical World* (Washington, D.C.: Biblical Archaeology Society). Proporciona lista completa de inscrições importantes relacionadas com a Bíblia. Projetado para ser usado junto com um jogo de slides que a publicadora oferece.

T. C. Mitchell, *The Bible in the British Museum: Interpreting the Evidence* (Londres: British Museum Publications, 1990). Pesquisa útil das descobertas mais significantes relacionadas com a Bíblia, examinando especificamente artefatos alojados no Museu Britânico.

A arqueologia do Novo Testamento

A informação arqueológica do período do Novo Testamento aumentou dramaticamente nas últimas décadas, contudo poucos estudantes da Bíblia têm acesso a esta pesquisa vital. As obras a seguir apresentam as mais recentes descobertas de campo e sua contribuição para os estudos do Novo Testamento.

E. M. Blaiklock, *The Archaeology of the New Testament* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1974). Breve pesquisa maximalista evangélica escrita em estilo popular.

Jack Finegan, *The Archaeology of the New Testament: The Life of Jesus and the Beginning of the Early Church*, edição revista (Nova Jersey: Princeton University Press, 1978). Estudo, sítio por sítio, das descobertas arqueológicas pertinentes ao Novo Testamento feito por importante estudioso não evangélico.

John McRay, *Archaeology and the New Testament* (Grand Rapids: Baker Book House, 1991). Apresentação atualizada e completa das descobertas arqueológicas relacionadas com o Novo Testamento elaborada por um dos principais estudiosos maximalistas evangélicos dos Estados Unidos.

William Stephens, *The New Testament World in Pictures* (Nashville: Broadman Press, 1987). Grande coleção de fotografias arqueológicas e de sítios em preto e branco compilada pelo ex-editor do *Biblical Illustrator.*

A arqueologia e o Jesus histórico

Estes livros representam alguns dos últimos trabalhos que apresentam as descobertas arqueológicas no sentido de compor um retrato mais preciso de Jesus dentro do contexto do judaísmo do século I.

James H. Charlesworth, *Jesus Within Judaism: New Light from Exciting Archaeological Discoveries*, The Anchor Bible Reference Library (Nova York: Doubleday, 1988).

Eschatology, Messianism and the Dead Sea Scrolls, editores. Craig Evans e Peter Flint (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1997). Este primeiro volume da nova série *Studies in the Dead Sea Scrolls and Related Literature* (*Estudos sobre os Rolos do Mar Morto e Literatura Relacionada*) apresenta um conjunto de artigos eruditos para leitores leigos.

Jesus and the Dead Sea Scrolls, editor James H. Charlesworth (Nova York: Doubleday, 1992). Este volume da *Anchor Bible Reference Library* apresenta evidências do Jesus histórico, ajuda na interpretação das parábolas e discute o plano de fundo das controvérsias sociais e religiosas relacionadas com a pesquisa da literatura do mar Morto.

J. Randall Price, *Secrets of the Dead Sea Scrolls* (Eugene, Oregon: Harvest House, 1996). Pesquisa atualizada da história, suposto escândalo e da maioria das recentes escavações relacionadas com os Rolos do mar Morto. Há seções que tratam do Novo Testamento, Jesus, percepções sobre o Messias e outros conceitos teológicos relacionados, e o Templo.

John J. Rosseau e Rami Arav, *Jesus and His World: An Archaeological and Cultural Dictionary* (Mineápolis: Fortress Press, 1995). Tratado mais atualizado sobre o mundo do Novo Testamento elaborado por arqueólogos americanos e israelitas do ponto de vista minimalista.

John Wilkinson, *The Jerusalem Jesus Knew: An Archaeological Guide to the Gospels* (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1978). Apresentação muito útil da arqueologia bíblica de Jerusalém no período do Novo Testamento feita pelo diretor da *British School of Archaeology* em Jerusalém.

Referências arqueológicas bíblicas

Estes recursos representam a fonte mais completa de informações sobre escavações arqueológicas e o auxílio para os estudantes da Bíblia interpretarem os fatos importantes como eles se relacionam com assuntos bíblicos.

Gonzalo Baez-Camargo, *Archaeological Commentary on the Bible* (Nova York: Doubleday & Company, 1984). Descobertas arqueológicas em relação à Bíblia são dadas seletivamente livro por livro e versículo por versículo.

Craig S. Keener, *The IVP Bible Background Commentary* (Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 1993, 1999). Os resultados da pesquisa arqueológica são aplicados de modo a fornecer plano de fundo cultural a todo versículo da Bíblia. O Novo Testamento completo (1993); o Antigo Testamento completo (1999).

The New Encyclopedia of Archaeological Discoveries in the Holy Land, editor Ephraim Stem, 4 volumes (Jerusalém: Carta/The Israel Exploration Society, 1993). A narrativa mais completa e atualizada das escavações em Israel e na Jordânia feita, em sua maioria, pelos próprios escavadores do sítio.

The New International Dictionary of Biblical Archaeology, editores E. M. Blaiklock, R. K. Harrison (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1983). Artigos escritos por importantes estudiosos que apóiam o ponto de vista maximalista.

The Oxford Encyclopedia of Archaeology in the Near East, editor Eric M. Meyers (Oxford: University Press, 1996). Preparada sob os auspícios da *American Schools of Oriental Research*, esta obra de cinco volumes inclui 1.125 artigos escritos por 550 estudiosos internacionais. A vantagem desta coleção é que abrange locais e regiões fora da Terra Santa e, portanto, não abordados na enciclopédia alistada acima.

Revistas sobre arqueologia bíblica

Receba diretamente em casa as mais recentes novidades sobre as pesquisas arqueológicas e escavações assinando uma destas revistas em inglês.

Archaeology in the Biblical World (anual). Publicada pela *Near East Archaeological Society.* Orientação maximalista evangélico-cristã à arqueologia bíblica pelos arqueólogos de campo e professores de estudos bíblicos. Para assinatura, escreva em inglês para: NEAS, 29528 Madera Ave., Shatter, CA 93263, Estados Unidos.

Bible and Spade (trimestral). Orientação maximalista evangélico-cristã à arqueologia bíblica publicada pela *Associates for Biblical Research.* Para assinatura, escreva em inglês para: P.O. Box 125, Ephrata, PA 17522, Estados Unidos.

Bible Review (bimensal). Publicação irmã da *Biblical Archaeology Review*, popular — enfoca estudos bíblicos à medida que são informados pela arqueologia. Solicite sua assinatura pelo mesmo endereço da *Biblical Archaeology Review*, que consta mais adiante.

Biblical Archaeologist (trimestral). Publicação popular publicada pela *American Schools of Oriental Research* para estudantes mais sérios de arqueologia. Para assinatura, escreva em inglês para: ASOR, 126 Inman St., Cambridge, MA 02139, Estados Unidos.

Biblical Archaeology Review (bimensal). A mais popular revista colorida de arqueologia bíblica. Escreva em inglês para: P.O. Box 7026, Red Oak, IA 51591-2026, Estados Unidos. Para obter mais informações sobre a assinatura, telefone para: 00-1-1-880-678-5555.

Biblical Illustrator (Convenção Batista do Sul). Artigos úteis e ilustrados a cores sobre personagens da Bíblia, acontecimentos e costumes baseados em descobertas arqueológicas. Para assinatura, escreva em inglês para: Customer Service, 127 Ninth Ave. North, Nashville, TN 37234-0113, Estados Unidos; ou telefone para: 00-1-1-880-458-2772.

Sites da Internet

A arqueologia bíblica está florescendo na web. Visite estes sites, bem como os links dos sites arqueológicos ali apresentados. Algumas escavações em andamento mantêm páginas na Internet (por exemplo, visite: Hazor) e muitos dos museus que alistamos têm endereço na Internet que oferece excursão virtual de suas exposições. Você também encontrará um site para as revistas arqueológicas que relacionamos acima, como também para as publicadoras dos recursos arqueológicos bíblicos, como a Eisenbrauns.

http://averbury.arch.soton.ac.uk/Journal/journal.html — Jornal eletrônico de arqueologia que apresenta seção sobre arqueologia bíblica.

kps1@cornell.edu — Fonte de informação para oportunidades de trabalho arqueológico de campo.

http://www.bridgesforpeace.com/bfpfood.htm — Site da *Bridges for Peace* (*Pontes para a Paz*) localizada em Jerusalém, apresentando os mais recentes relatórios arqueológicos em Israel.

http://www.christiananswers.net/abr/abrhome.html — Site da *Associates for Biblical Research*, apresentando a arqueologia bíblica e o relatório da organização sobre suas próprias escavações arqueológicas.

http://www.eden.rutgers.edu/~stiegld/links.html — Biblioteca virtual de arqueologia na Internet; excelente recurso.

http://www.indiana.edu/~librcsd/resource/humanities/religion/bible.html — Jack Abercrombie, professor da Universidade da Indiana, apresenta um banco de dados das escavações que descrevem a cultura material dos antigos cananeus e israelitas e povos relacionados.

http://www.lpl.arizona.edu/kmeyers/archaeol/bibarch.html — Coleção de recursos pertinentes à arqueologia bíblica.

http://www.plu.edu/~oakmande/context/ptj.html — Kenneth Hanson e Douglas Oakman apresentam dados arqueológicos informando sobre o tema *Palestine in the Time of Jesus: Social Institutions and Social Conflicts* (*Palestina no Tempo de Jesus: Instituições Sociais e Conflitos Sociais*).

Vídeos

The Archaeology of Jerusalem: From David to Jesus (*A Arqueologia de Jerusalém: de Davi a Jesus*), Biblical Archaeology Society.

Biblical Archaeology from the Ground Down (*Arqueologia Bíblica proveniente do Subsolo*), Biblical Archaeology Society.

Secrets of the Dead Sea Scrolls (*Segredos dos Rolos do mar Morto*), Harvest House Publishers.

The Stones Cry Out (*As Pedras Clamam*), Harvest House Publishers.

Notas

Prefácio

1. Benjamim Disraeli, *Letters* (1832).
2. Entrevista com William Dever feita por Hershel Shanks, "Is the Bible Right After All?" Entrevista com William Dever (Parte 2), *Biblical Archeology Review*, volume 22, n.º 5 (Setembro/Outubro de 1996), p. 74.
3. Claro que nem sempre é assim. Entidades bem conhecidas que continuam tendo departamentos ou oferecendo cursos regulares de "arqueologia bíblica" são, como exemplo de escola cristã, a Wheaton College. Algumas universidades seculares históricas, como a Universidade de Chicago, Harvard, Princeton e a Universidade de Wisconsin (Madison), também continuam mantendo departamentos que ensinam arqueologia bíblica. Escolas judaicas, como a Hebrew Union College e a Universidade Hebraica, obviamente mantêm Institutos de Arqueologia e são instalações de treinamento primário para tal.
4. Esta experiência inclui breve envolvimento estudantil com as escavações da Cidade de Davi dirigidas por Yigael Shiloh (1979); trabalho no Relicário do Livro e no Museu dos

Rolos do mar Morto (1979-1980); trabalho de campo e análise dos artefatos de cerâmica com a Universidade do Texas nas escavações de Austin em Tel-Yin'am, dirigidas por Harold Liebowitz (1990-1991); e como assistente de James Strange, sendo diretor de escavação no planalto de Qumran (1997). Contudo, a maior parte do meu envolvimento foi com os próprios arqueólogos por via de minha pesquisa e trabalhos literários, embora também tenha dado cursos de arqueologia bíblica em várias faculdades bíblicas.

Um convite para ouvir as pedras

1. Como citado em *Bible and Spade* (1972), © 1959 pela Rodeheaver Company.

PARTE I

O que a arqueologia pode comprovar?

Capítulo 1 — A aventura da arqueologia

1. Como citado por E. M. Blaiklock em *Out of the Earth: The Witness of Archaeology to the New Testament* (Londres: Paternoster Press, 1957), p. 10.
2. John Daniszewski, "Undersea world of Cleopatra revealed: Submerged ancient Alexandria gradually is uncovered by archaeologists", *Austin American Statesman,* 16 de março de 1997, p. A25.
3. "Archaeologists find Ruins of Cleopatra's Palace", Associated Press report, *San Antonio Express & News,* 3 de novembro de 1996.
4. Para mais detalhes sobre estas descobertas, *vide* "Alexander's Lighthouse Found, But Will Its Library Disappear?: Ancient Wonders of the World Rediscovered", *Biblical Archaeology Review,* volume 23, n.º 3 (Maio/Junho de 1997), p. 14.
5. "Tunip-Tessup of Tikunai: A 3,500 Year-Old Cuneiform Inscription from a Syrian Kingdom May Tell Us Who the Habiru Were", *Biblical Archaeology Review,* volume 22, n.º 6 (Novembro/Dezembro de 1996), p. 22.
6. Correspondência pessoal, março de 1997.
7. "Snakes didn't always slither", *U.S. News & World Report,* 28 de abril de 1997, p. 14.
8. Bonnie Rochman, "The Missing Link?: Rare Tombs Could Provide Evidence of Jerusalem Essenes", *Biblical Archaeological Review,* volume 23, n.º 4 (Julho/Agosto de 1997), pp. 20, 21.
9. Citado por M. Larsen em "Orientalism and the Ancient Near East", *Culture and History,* volume 2 (1987), p. 96.
10. W. F. Albright, *The Archaeology of Palestine,* edição revista (Harmondsworth, Middlesex: Pelican Books, 1960), p. 128.
11. Donald J. Wiseman, *Illustrations from Biblical Archaeology* (Londres: The Tyndale Press, 1958), p. 5.
12. Escritores como Zuallart, Footwyck e Rauwolf, do século XVI, deixaram notas da topografia e monumentos da Terra Santa. No século XVII, Pietro della Valle preservou algu-

mas valiosas informações arqueológicas. Em 1714, o estudioso holandês, Adrian Roland, publicou a mais importante obra arqueológica do seu tempo: *Palestine Illustrated by Ancient Monuments* (*A Palestina Ilustrada por Monumentos Antigos*); e, em 1743, o bispo Pococke foi o primeiro a publicar plantas sistemáticas dos sítios e inscrições.

13. Entrevista com Bryant Wood, Nova Orleans, Louisiana (em 25 de novembro de 1996).

Capítulo 2 — Cavando as respostas

1. *Benchmarks in Time and Culture: An Introduction to Palestinian Archaeology, Essays in Honor of Joseph A. Callaway* (Atlanta, Geórgia: 1988), p. 3.
2. Este conceito foi preservado no judaísmo místico e continua no movimento hassídico de hoje. Na época em que escrevo (1997), uma frase mística cunhada por um grupo dissidente do hassidim de Bratslav apareceu em adesivos de pára-choque, pichações, sinais à beira de estrada — quase em todos os lugares. A frase onipresente é *Na-Nah-Nahma-Nahman me Uman*, que não tem tradução, mas os membros deste grupo acreditam ser um "mantra de origem divina [...] dotado de grande poder espiritual". Jeremy Shere, "A Rebbe Nahman Story", edição internacional do *Jerusalem Post* (22 de fevereiro de 1997), p. 18.
3. Entrevista com Amihai Mazar, Instituto de Arqueologia, Jerusalém (em outubro de 1996).
4. Entrevista com Amihai Mazar (em outubro de 1996).
5. Entrevista com Bryant Wood, Nova Orleans (em novembro de 1996).
6. Entrevista com Bryant Wood (em novembro de 1996).
7. Gonzalo Báez-Camargo, *Archeological Commentary on the Bible* (Nova York: Doubleday & Company, Incorporated, 1984). p. xxii.
8. Entrevista com Amihai Mazar, Instituto de Arqueologia, Jerusalém (em outubro de 1996).
9. Para uma discussão completa sobre esta prática e as passagens dos evangelhos, *vide* Bryon McCane, "Let the Dead Bury Their Own Dead: Secondary Burial and Matthew 8:21-22", *Harvard Theological Review*, volume 83 (1990), pp. 31-43.
10. Para uma explicação completa deste conceito e prática, *vide* Eric Meyers, *Jewish Ossuaries: Reburial and Rebirth* (Roma: Pontifical Biblical Institute, 1971), e "The Theological Implications of Ancient Jewish Burial Custom", *Jewish Quarterly Review*, volume 62 (1971-1972), pp. 95-119.
11. Esta é versão modificada da apresentada por Gordon Franz, "Let the Dead Bury Their Own Dead (Matthew 8:22; Luke 9:60)", *Archaeology and Biblical Research*, volume 5, n.º 2 (Primavera de 1992), p. 57.
12. A. Momigliano, "Biblical Studies and Classical Studies: Simple Reflections about Historical Methods", *Biblical Archaeologist*, volume 45 (1982), p. 224.
13. Entrevista com Amihai Mazar, Instituto de Arqueologia, Jerusalém (em outubro de 1996).
14. Edwin Yamauchi, *The Stones and the Scriptures* (Grand Rapids: Baker Books, 1981).

Capítulo 3 — Escavações que fizeram a diferença

1. Nélson Glueck, *Rivers in the Desert: A History of the Negev* (Nova York: Farrar, Straus & Cudahy, 1959), p. ix.

2. Como citado por E. M. Blaiklock em *The Archaeology of the New Testament* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1970), p. vi.
3. Duas excelentes fontes para estudo adicional sobre os hieróglifos são: W. Vivian Davies, *Egyptian Hieroglyphics*, Reading the Past Series, volume 6 (Berkeley: University of California Press, 1987), e Karl-Theodor Zauzich, *Hieroglyphs Without Mystery*, traduzido para o inglês e adaptado por Ann Macy Roth (Austin: University of Texas Press, 1992).
4. Para mais informações sobre a Pedra Roseta, *vide* a brochura *The Rosetta Stone* (Londres: Department of Assyrian and Egyptian Antiquities of the British Museum) e P. Kyle McCarter Jr., *Ancient Inscriptions* (Washington: Biblical Archaeology Society, 1997), pp. 35-39.
5. Para mais informações sobre o monumento de Behistun, *vide* George G. Cameron, "Darius Carved History on Ageless Rock", *National Geographic*, volume 98, n.º 6 (Dezembro de 1950), pp. 825-844.
6. Para inteirar-se de detalhes sobre esta descoberta e seu conteúdo, *vide* W. G. Lambert e A. R. Millard, *Altra-Hasis: The Babylonian Story of the Flood* (Oxford University Press, 1969); e A. R. Millard, "A New Babylonian 'Genesis' Story", *Tyndale Bulletin*, volume 18 (1967), p. 3-18. Para tradução comentada da Enuma Elish (feita para o inglês), *vide* Alexander Heidel, *The Babylonian Genesis: The Story of Creation* (Chicago: The University of Chicago Press, 1951).
7. Para estudo completo dos paralelos do antigo Oriente Próximo do ponto de vista evangélico, *vide* John H. Walton, *Ancient Israelite Literature in Its Cultural Setting: A Survey of Parallels Between Biblical and Ancient Near Eastern Texts* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1989).
8. *Vide* Tikva Frymer-Kensky, "What the Babylonian Flood Stories Can and Cannot Teach Us About the Genesis Flood", *Biblical Archaeology Review* (Novembro/Dezembro de 1978).
9. Mesmo que a estrutura destas narrativas mesopotâmicas sejam semelhantes à apresentadas em Gênesis 1 a 11, isto pode ser apenas conseqüência do uso de convenção literária vigente na época.
10. A. R. Millard, "A New Babylonian 'Genesis' Story", *Tyndale Bulletin*, volume 18 (1967), pp. 17, 18.
11. *Vide* P. J. Wiseman, *Clues to Creation in Genesis*, D. J. Wiseman, editor (Londres: Marshall, Morgan & Scott, 1977), pp. 143-152.

Capítulo 4 — Mais escavações que fizeram a diferença

1. *Archaeology and Old Testament Study*, editado por Winton Thomas (Oxford: Clarendon Press, 1967), p. xxiii.
2. Por exemplo, há um mural de certa delegação que leva tributo para uma tumba tebana que data do reinado de Amenotepe III (século XV a.C.). Na pintura, cananeus ricos, da alta sociedade, são retratados trajando batas variegadas com mangas desusadamente longas (*vide também* 2 Sm 13.18). Ao dar a José tal artigo de vestuário, é possível que Jacó estivesse identificando-o com os grandes reis da terra, sobre os quais o sonho de José disse-lhe que um dia seu filho reinaria.

3. Aqui Jeú é chamado de "filho de Onri". Onde está o erro: na narrativa assíria ou na Bíblia? Há duas soluções possíveis: 1) Por causa da proeminência de Onri, os assírios usaram o epônimo dinástico dele para Israel e seus reis. Alguns textos assírios indicam que o termo "filho de Onri" só era uma maneira curta de escrever "filho da casa de Onri" ou "israelita". 2) Jeú realmente era descendente da "casa de Onri" de linha familiar diferente de Acabe. A Bíblia tem o cuidado de notar que Jeú foi chamado para destruir a "casa de Acabe", em vez da "casa de Onri", da qual ele era membro. *Vide* Tammy Schneider, "Did King Jehu Kill His Own Family?: New Interpretation Reconciles Biblical Text with Famous Assyrian Inscription", *Biblical Archaeology Review*, volume 21, n.º 1 (Janeiro/Fevereiro de 1995), pp. 26-33, 80, 82.
4. Deve ser observado que alguns estudiosos sustentam que a figura é um emissário de Jeú, visto que o texto assírio só fala do tributo de Jeú e que a presença do rei não teria sido necessária, a menos que houvesse razão imprescindível.
5. *Vide* David Ussishkin, "Answers at Lachish", *Biblical Archaeology Review*, volume 5, n.º 6 (Novembro/Dezembro de 1979), pp. 16-39.
6. Para mais informações sobre esta descoberta, *vide* Johannes Lehman, *The Hittites: People of a Thousand Gods* (Nova York: The Viking Press, 1975); e A. Kempinski, "Hittites in the Bible: What Does Archaeology Say?", *Biblical Review*, volume 5 (1979), pp. 21-45.
7. Para estudo adicional sobre a história e importância de Ebla, *vide* Chaim Bermant e Michael Weitzman, *Ebla: A Revelation in Archaeology* (Nova York: Times Books, 1979); e Giovanni Pettinato, *The Archives of Ebla: An Empire Inscribed in Clay* (Nova York: Doubleday & Company, 1981).

PARTE II

Novas descobertas em arqueologia

Capítulo 5 — Os patriarcas

1. G. Ernest Wright, *Biblical Archaeology*, edição abreviada (Filadélfia: Westminster Press, 1960), p. 21.
2. Enquanto Albright buscara defender a historicidade dos patriarcas, dois estudiosos americanos — Thomas L. Thompson e J. Van Seters —, seguidores da teoria de Wellhausen, comandaram as críticas aos métodos de Albright e à historicidade. Nem todos os estudiosos críticos teóricos rejeitaram toda a historicidade, mas alguns, como os arqueólogos britânicos Kathleen Kenyon e Ronald Hendel, aceitam a preservação das memórias históricas em certos aspectos das histórias patriarcais, ao mesmo tempo que negam jamais ter havido um "período patriarcal". A maioria dos estudiosos críticos concordaria que o texto bíblico inclui detalhes autênticos do segundo milênio (1200-1000 a.C.), que foram transmitidos oralmente e registrados muito depois. *Vide* Kathleen Kenyon, *The Bible and Recent Archaeology*, p. 20; Ronald S. Hendel, "Finding Historical Memories in the Patriarchal Narratives", *Biblical Archaeology Review* (Julho/Agosto de 1995), pp. 52-59, 70, 71. Estudiosos conservadores, da mesma forma que alguns estudiosos críticos, como Noel Davi

Freedman e James Sauer, acreditam que uma data do terceiro milênio para os patriarcas seja válida.

3. Ronald F. Youngblood, *The Book of Genesis: An Introductory Commentary,* 2.ª edição (Grand Rapids: Baker Book House, 1991), pp. 285, 286.
4. Nahum N. Sama, "The Patriarchs", *Genesis: World of Myths and Patriarchs,* Ada Feyerick, editora (Nova York: University Press. 1996).
5. Duas reavaliações da historicidade patriarcal, que melhoraram a posição minimalista, foram Thomas L. Thompson, *Historicity of the Patriarchal Narratives: The Quest for the Historical Abraham* (Berlin: de Gruyter, 1974), e John Van Seters, *Abraham in History and Tradition* (Nova Haven, Connecticut: Yale University Press, 1975).
6. Para análise da crítica dos minimalistas dos materiais de Nuzi que apóiam esta conclusão, *vide* Duane Garrett, *Rethinking Genesis: The Sources and Authorship of the First Book of the Pentateuch* (Grand Rapids: Baker Book House, 1991), pp. 70-79.
7. Por exemplo, Kenneth Barker, ao examinar os paralelos de Nuzi a ele disponíveis, encontrou apenas um completamente em desacordo com Thompson. *Vide* Kenneth Barker, "The Antiquity of the Patriarchal Narratives", *A Tribute to Gleason Archer: Essays on the Old Testament,* W. C. Kaiser e R. F. Youngblood, editores (Chicago: Moody Press, 1986), p. 135.
8. Para uma defesa desta posição, *vide* Duane Garrett, *Rethinking Genesis: The Sources and Authorship of the First Book of the Pentateuch* (Grand Rapids: Baker Book House, 1991), pp. 83-86.
9. Kenneth A. Kitchen, "The Patriarchal Age: Myth or History?", *Biblical Archaeology Review,* volume 21, n.º 2 (Março/Abril de 1995), pp. 48-57, 88-95.
10. *Vide* James A. Sauer, "Holocene Climate Change and the Domestication of Beasts of Burden", *Fifth International Conference on the History and Archaeology of Jordan,* Irbid, Jordânia (Primavera de 1992); John J. Davis, "The Camel in Biblical Narratives", *A Tribute to Gleason Archer: Essays on the Old Testament* (Chicago: Moody Press, 1986), pp. 141-145; A. R. Millard, "Methods of Studying the Patriarchal Narratives as Ancient Texts", *Essays on the Patriarchal Narratives,* A. R. Millard e D. J. Wiseman, editores (Leichester: InterVarsity Press, 1980), pp. 49, 50.
11. *Vide* James B. Pritchard, editor, *Ancient Near Eastern Texts,* 3.ª edição (Chicago: University Press, 1976), p. 543; para discussão, *vide* M. J. Selman, "Comparative Customs and the Patriarchal Age", *Essays on the Patriarchal Narratives,* A. R. Millard e D. J. Wiseman, editores (Leichester: InterVarsity Press, 1980), p. 107.
12. *Vide* James B. Pritchard, editor, *Ancient Near Eastern Texts,* 3.ª edição (Chicago: University Press, 1976), p. 545; para discussão, *vide* Kenneth A. Kitchen, *The Bible in Its World* (Downers Grove, Illinóis: InterVarsity Press, 1977), p. 70.
13. *Vide* M. J. Selman, "The Social Environment of the Patriarchs", *Tyndale Bulletin,* volume 27 (1976), pp. 114-136; "Comparative Customs and the Patriarchal Narratives", *Themelios,* volume 3 (1962), pp. 239-248.
14. *Vide* Kenneth A. Kitchen, "The Patriarchal Age: Myth or History?", *Biblical Archaeology Review,* volume 21, n.º 2 (Março/Abril de 1995), pp. 90, 92. Ronald Hendel questiona Kitchen, argumentando que este tipo de nome é perfeitamente normal em todos os perí-

odos semíticos do noroeste — *vide* "Finding Historical Memories in the Patriarchal Narratives", *Biblical Archaeology Review,* volume 21, n.º 4 (Julho/Agosto de 1995), p. 57.

15. De acordo com Josué 9.47, também era conhecida por Lesém.
16. Segundo Avraham Biran, escavador do sítio, a razão de a porta de tijolos ter sido preservada "não foi por causa de alguma coisa que fizemos. Parece que o povo na antigüidade, por algum motivo ou outro, o povo de Laís, os cananeus que viveram em Laís, decidiram que a porta não tinha mais utilidade. Por isso a bloquearam, encheram de terra e depois cobriram tudo. Assim, com a terra natural da área, foram enterradas todas as escadarias que davam acesso à cidade, de forma que tudo o que fizemos foi remover a terra e descobrir a construção de ambas as escadarias e eis aqui outra construção de pedra que provavelmente era um empreendimento que sustentava, que protegia a porta. Talvez houvesse algo de errado na estrutura. Encontramos uma rachadura na torre e talvez fosse essa a razão que levou aquele povo a deixar de usar a porta e abrir outra porta em outro lugar" (Entrevista no Museu Skirball, da Hebrew Union College, Jerusalém, em 12 de outubro de 1996).
17. Entrevista com Avraham Biran, Museu Skirball, Jerusalém (em 12 de outubro de 1996).
18. Roland Hendel, "Finding Historical Memories in the Patriarchal Narratives", *Biblical Archaeology Review,* volume 21, n.º 4 (Julho/Agosto de 1995), p. 58.
19. James A. Sauer, "A Climatic and Archaeological View of the Early Biblical Traditions", *Scripture and Other Artifacts: Essays on the Bible and Archaeology in Honor of Philip J. King,* M. D. Coogan, J. C. Exum e L. Stage, editores (Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press, 1994), pp. 366-398.
20. Ibid., p. 391.
21. *Vide* H. B. Huffmon, *Amorite Personal Names in the Man Texts* (Chicago: University of Chicago Press, 1965), pp. 128, 129.
22. Gerhard von Rad, *Genesis: A Commentary,* tradução para o inglês feita por John H. Marks (Filadélfia: Westminster Press, 1961), p. 171.
23. *Vide* Kenneth A. Kitchen, "The Patriarchal Age: Myth or History?", *Biblical Archaeology Review,* volume 21, n.º 2 (Março/Abril de 1995), p. 56.
24. *Vide The International Standard Bible Encyclopedia,* subverbete "Arioch", de R. K. Harrison (Grand Rapids, William B. Eerdmans Publishing Company, 1982), p. 290. Gerhard von Rad, em seu livro *Genesis: A Commentary,* tradução para o inglês feita por John H. Marks (Filadélfia: Westminster Press, 1961), p. 171, acredita que esta é a mesma pessoa!
25. Kenneth A. Kitchen, *Ancient Orient and the Old Testament* (Chicago: InterVarsity Press, 1966), p. 44.
26. Para estes exemplos, *vide Cambridge Ancient History,* J. Boardman, I. E. S. Edwards *et al.,* editores, 3.ª edição (Cambridge University Press, 1973), pp. 272, 820, 821; II/2 (1975), p. 1041; e III/2 (1991), p. 748.
27. Gerhard von Rad, *Genesis: A Commentary,* tradução para o inglês feita por John H. Marks (Filadélfia: Westminster Press, 1961), p. 171.
28. *Vide* John C. Studenroth, "Archaeology and the Higher Criticism of Genesis 14", *Evidence for Faith: Deciding the God Question,* John Warwick Montgomery, editor (Dallas: Probe Books, 1991), pp. 159, 162.

29. *Vide* Kitchen, *Ancient Orient and the Old Testament*, pp. 46, 73; "The Patriarchal Age: Myth or History?", *Biblical Archaeology Review*, volume 21, n.º 2 (Março/Abril de 1995), p. 57.
30. *Vide* Bruce Vawter, *On Genesis: A New Reading* (Garden City, Nova York: Doubleday, 1997), p. 188. A. E. Speiser, *Genesis, Anchor Bible* (Garden City, Nova York: Doubleday, 1983), pp. 107, 108.
31. Para inteirar-se dos detalhes que apóiam estas conclusões, *vide* Gordon J. Wenham, *Genesis 1—15, Word Biblical Commentary* (Waco, Texas: Word Books, 1987), pp. 318-320.
32. O nome antigo indica que a cidade foi originalmente dividida em quatro (*arba*) bairros ou distritos, embora Josué 14.15 declare que o nome Arba foi dado à cidade por causa de um membro de renome dos anaquins. Também era chamada de Manre. Algumas das várias localizações identificadas com a cidade eram conhecidas como Elonei ("carvalhais de") Manre, o Escol, e a (cova de) Macpela (em frente de Manre).
33. Do período da Idade Média, há vários relatos de entradas da caverna: Ali de Herat, em 1192, Ishak al Khalil, em 1351, e Mujir ad-Din, em 1496, embora a informação que prestaram é um tanto diferente do que a exploração moderna revelou.
34. *Vide* Nancy Miller, "Patriarchal Burial Site Explored for the First Time in 700 Years", *Biblical Archaeology Review*, volume 11, n.º 3 (Maio/Junho de 1985), pp. 26-43.
35. Outra teoria sobre a origem das estruturas foi-me apresentada por Hillel Geva, que as dataria tão tarde quanto o período bizantino.
36. *Vide* Cleremont-Ganneau, *Archaeological Researches in Palestine*, volume 2 (1873-1874), p. 278.
37. Nogah Hareuveni, *Desert and Shepherd in Our Biblical Heritage*, tradução para o inglês feita por Helen Frenkley (Tel Aviv: Neot Kedumim — The Biblical Landscape Reserve in Israel, 1991), pp. 64-73.

Capítulo 6 — Sodoma e Gomorra

1. G. Ernest Wright, *Biblical Archaeology*, edição abreviada (Filadélfia: Westminster Press, 1960), p. ix.
2. David Neev e K. O. Emery, *The Destruction of Sodom, Gomorrah, and Jericho: Geological, Climatological, and Archaeological Background* (Nova York: Oxford University Press, 1995).
3. Ronald S. Hendel, "Reviews", *Biblical Archaeology Review*, volume 23, n.º 1 (Janeiro/Fevereiro de 1997), p. 70.
4. Flávio Josefo, historiador do século I, escreveu extensivamente sobre Sodoma e Gomorra (*Antigüidades Judaicas* 1.170-206), como o fez Filon (*Somn.* 2.192; *Abr.* 227, 228; *Congr.* 92; 109). A literatura judaica extrabíblica também contém referências freqüentes a cidades, como os Rolos do Mar Morto (*1QapGen* 21.5ss; 21.23—22.25), *3 Macabeus* 2.5; *Sabedoria de Siraque* 16.7; *Ab.* 6.13; *Apocalipse de Esdras* 2.19; 7.12; *T. Levi* 14.6; *T. Naph.* 3.4; 4.1; *T. Ash.* 7.1; *T. Benj.* 9.1; *Targum Pseudo-Jonatas* de Gênesis 18.20,21; *TB Sanh.* 109a,b).
5. *Vide também* as referências geográficas: Estrabo, *Geografia* 16.2.44; *Onomástico de Eusébio* 42.1-5; Josefo, *Antigüidades Judaicas* 1.174; 4.85; 9.7; Diódoro, *História Bíblica* 19.98; Tácito, *História* 5.7; Plínio *HN* 5.71ss.

6. E. Meyer, *Die Israliten und ihre Nachbarstämme* (Halle: Max Niemeyer, 1906).
7. Charles Pellegrino, *Return to Sodom and Gomorrah: Bible Stories from Archaeologists* (Nova York: Random House, 1994), p. 180.
8. *Vide* W. F. Albright, "The Jordan Valley in the Bronze Age", *Annual of the American Schools of Oriental Research*, volume 6, pp. 13-74.
9. *Vide* R. E. Baney, *The Search for Sodom and Gomorrah* (Kansas City, Missouri: CAM, 1962).
10. W. F. Albright, *The Archaeology of Palestine and the Bible,* 3.ª edição (Nova York: Fleming H. Revell, 1935), pp. 135, 136; D. Neev e K. O. Emery, "The Dead Sea: Depositional Processes and Environments of Evaporites", *Ministry of Development-Geological Survey,* Boletim 41 (Jerusalém: Geological Survey of Israel, 1967), p. 30.
11. Para os relatórios publicados destas escavações, *vide* W. E. Rast e R. T. Schaub, "Survey of the Southeastern Plain of the Dead Sea", *Annual of the Department of Antiquities of Jordan* (Hashemite Kingdom of Jordan, Department of Antiquities, 1973), n.º 19, pp. 5-54, 175-185. Para uma revisão mais popular, *vide* os artigos baseados nestes relatórios em *Bible and Spade* (Verão de 1974, Inverno de 1977, Verão/Outono de 1980, Inverno/Primavera de 1983 e Outono de 1988).
12. Entrevista com Bryant Wood, Nova Orleans (em novembro de 1996).
13. F. G. Clapp, "The Site of Sodom and Gomorrah", *American Journal of Archaeology*, volume 40 (1936), pp. 323-344.
14. *Vide* J. Donahue, "Geological Investigations at Early Bronze Sites", *Annual of the American Schools of Oriental Research*, volume 46 (1981), pp. 140, 141; e J. R. Harlan, "Natural Resources of the Southern Ghor", *Annual of the American Schools of Oriental Research*, volume 46 (1981), pp. 155-159.
15. Como anotado por Wulem C. van Hattem em seu artigo, "Once Again: Sodom and Gomorrah", *Biblical Archaeologist*, volume 44, n.º 2 (Primavera de 1981), p. 89.
16. Thomas L. Thompson, *The Historicity of the Patriarchal Narratives*, Beihefte zur Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft 133 (Berlim: De Gruyter, 1974), p. 328.
17. *Vide* Alfonso Archi, "The Epigraphic Evidence from Ebla and the Old Testament", *Biblica*, volume 60 (1979), pp. 555-566, "Further concerning Ebla and the Bible", *Biblical Archaeologist*, volume 44, n.º 3 (Verão de 1981), pp. 151, 152; Mitchell Dahood, "Ebla, Ugarit and the Bible", *The Archives of Ebla: An Empire Inscribed in Clay*, G. Pettinato, editor (Nova York: Doubleday, 1981), pp. 271-303.
18. *Vide* Walter E. Rast, "Bab edh-Dhra and the Origin of the Sodom Saga", *Archaeology and Biblical Interpretation: Essays in Memory of D. Glenn Rose*, L. G. Perdue, L. E. Toombs e G. L. Johnson, editores (Atlanta, Geórgia: John Knox Press, 1987), pp. 194-197.
19. Em hebraico bíblico (escrito só com consoantes), a palavra Gomorra é escrita assim: *‘mr* (a marca ‘ representando a consoante hebraica conhecida por *áyin*). As consoantes árabes são *nmr*. No processo de passar do hebraico para o árabe, a consoante laríngea *áyin* foi nasalada em "n". Este é um fenômeno comum observado para iniciais laríngeas no desenvolvimento de uma palavra ou quando é trazida para outro idioma ou dialeto. Portanto, é possível que a palavra hebraica *‘mr* tornou-se a palavra árabe *nmr*.

20. Walter E. Rast e Thomas R. Schaub, "Expedition to the Dead Sea", *American Schools of Oriental Research Newsletter*, volume 3, n.º 4 (Outubro/Novembro de 1975), pp. 2, 3.
21. Entrevista com Bryant Wood, Nova Orleans (em novembro de 1996).

Capítulo 7 — O êxodo

1. A. R. Millard, *The Bible B.C.: What Can Archaeology Prove?* (Phillipsburg, Nova Jersey: Presbyterian & Reformed, 1977), p. 21.
2. Como citado por Charles E. Sellier e Brian Russell em *Ancient Secrets of the Bible* (Nova York: Dell Publishing, 1994), pp. 179, 180.
3. N. P. Lemche, *Early Israel* (Leiden: E. J. Brill, 1985), p. 409.
4. G. W. Ahlström, *Who Were the Israelites?* (Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 1986), p. 46.
5. Tentativas em combinar os deuses do panteão egípcio com as pragas do Egito resultaram em algumas das seguintes associações: 1) Deuses do Nilo: Hapi (Ápis), Knum, Ísis; 2) rãs: Heqet; 3) piolhos: Set, deus do deserto; 4) moscas: Re, Uatchit; 5) peste nos animais: Hator, Ápis; 6) úlceras: Sekmet, Sunu, Ísis; 7) saraiva: Noz, Osíris, Set; 8) gafanhotos: Noz, Osíris; 9) trevas: Re, Hórus, Noz, Hator; 10) morte dos primogênitos: Mim, Heqet, Ísis. *Vide* mais em Pierre Montet, *Egypt and the Bible* (Filadélfia: Fortress Press, 1968).
6. Esta relação estava especialmente ligada com os faraós Tutmés III e seu filho Amenotepe II (os faraós primeiramente datados). A teologia egípcia e suas realizações militares deram-lhes o *status* de "o(s) deus(es) soberano(s) do céu e da terra".
7. *Vide* H. Frankfort, *Kingship and the Gods* (Chicago: University of Chicago Press, 1948), p. 5; *Ancient Egyptian Religion* (Nova York: Columbia University Press, 1948), p. 30; I. Engnell, *Studies in Divine Kingship in the Ancient Near East* (Oxford: Basil Blackwell, 1967), pp. 4-15.
8. *Vide* F. W. Read, *Egyptian Religion and Ethics* (Londres: Watts & Company, 1925), pp. 110, 111.
9. Para a completa documentação deste ritual, *vide* A. Hermann, "Das Steinhartes Herz", *Jahrbuch für Antike und Christentum*, volume 4 (Munster: Aschendorffsche Verlagsbuchandlung, 1961), pp. 102, 103.
10. *Vide* James E. Harris e Kent R. Weeks, *X-Raying the Pharaohs* (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1973), p. 49 (foto).
11. Para outros encantamentos, *vide* J. Zandee, *Death As an Enemy* (Leiden: E. J. Brill, 1960), pp. 259-262.
12. *Vide* ainda, E. A. W. Budge, *Egyptian Magic* (Londres: K. Paul, Trench, Tribner & Company, 1899), pp. 35-37.
13. Para completa análise e defesa desta posição sobre as narrativas das pragas do Êxodo, *vide* Gregory K. Beale, "The Exodus Hardening Motif of YHWH as a Polemic", tese de Mestrado em Teologia, Dallas Theological Seminary (Dallas, Texas, 1976), especialmente as pp. 46-52.
14. Leon T. Wood, "Date of the Exodus", *New Perspectives on the Old Testament* (Waco, Texas: Word Books, 1970), pp. 66-87; Walter Kaiser, "Exodus", *Expositor's Bible Commentary*, volume 2 (Grand Rapids: Zondervan Publishing Company, 1983), pp. 288-291.

15. Edwin R. Thiele, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1983).
16. Recentemente esta data foi revisada por E .W. Faulstich (com base na pesquisa de Oliver R. Blosser), fixando uma data anterior a 1461 a.C., tendo como base o uso de novo programa de computador para conversão de calendário e de astronomia. *Vide* E. W. Faulstich, *History, Harmony and the Hebrew Kings* (Spencer, Iowa: Chronology Books, 1986), pp. 196-200.
17. *Vide* R. A. Parker, "Once Again, the Coregency of Thutmose III and Amenhotep II", *Studies in Honor of John A. Wilson* (1969).
18. *Vide* William H. Shea, "A New Reading for Gerster's Protosinaitic Inscription No. 1 and the Identification of the Pharaohs of the Exodus", e "Findings from the Wadi Nasb in Sinai Which Illuminate Events of the Exodus", documentos inéditos (Silver Spring, Maryland: The Biblical Research Institute, 1997).
19. *Vide* Cornelis Houtman, *Exodus*, Historical Commentary on the Old Testament (Kampen: Kok Publishing House, 1993), volume 1, pp. 175-179.
20. *Vide* Donovan Courville, *The Exodus Problem and Its Ramifications*, 1 volume (Loma Linda, Califórnia: Challenge Books, 1971).
21. J. J. Bimson, "Redating the Exodus and Conquest", *Journal for the Study of the Old Testament Supplement Series*, volume 5 (Sheffield: JSOT Press, 1978).
22. *Vide* E. W. Faulstich, *Bible Chronology and the Scientific Method: The Old Testament with Secular Synchronisms* (Spencer, Iowa: Chronology Books, 1990), pp. 118-137. Ele acha que Moisés viu a sarça ardente em 27 de setembro de 1462 a.C., chamou a primeira praga em 24 de janeiro de 1461 a.C., cruzou o mar Vermelho em 3 de abril de 1461 a.C. e recebeu os Dez Mandamentos em 28 de maio de 1461 a.C.
23. E. H. Merrill, *Kingdom of Priests* (Grand Rapids: Baker Book House, 1987), p. 57.
24. John I. Durham, *Exodus*, Word Biblical Commentary (Waco, Texas: Word Books, 1987), p. xxiii.
25. Há também inscrições proto-sinaíticas que datam aproximadamente de 1500 a.C., o que, de acordo com W. F. Albright, demonstra que os semitas não perderam o idioma ou a cultura que lhes eram próprios, nem sequer quando serviram como escravos no Egito. *Vide Proto-Sinaitic Inscriptions and Their Decipherment* (Cambridge: Harvard University Press, 1969).
26. Charles F. Aling, *Egypt and Bible History from Earliest Times to 1000 B.C.* (Grand Rapids: Baker Book House, 1981), p. 103.
27. Para pesquisas mais recentes, *vide Exodus: The Egyptian Evidence*, Ernest S. Frerichs e Leonard H. Lesko, editores (Eisenbrauns, 1997).
28. A esse respeito, lembro-me de declaração feita por um professor de egiptologia na Universidade Hebraica de Jerusalém, que disse que "quem quer que tenha escrito a Torá deve ter tido conhecimentos do idioma egípcio", porque muitas formas e expressões incomuns no texto hebraico fazem mais sentido quando se adota uma palavra original egípcia. Por exemplo, o relato que diz que a filha de faraó foi "lavar-se" no rio Nilo. A palavra hebraica traduzida por "lavar-se" é estranha e combina melhor com a palavra egípcia para "lava-

gem". À luz deste esclarecimento, a filha de faraó entrou no rio Nilo para lavar suas roupas e não para tomar banho (Êx 2.5).

29. Por exemplo, a pintura em Beni-Hassan que retrata asiáticos entrando no Egito no túmulo de Knumotepe (início do século XIX a.C.) e o relato de um guarda de fronteira no oitavo ano de Meremptá, que dizia que foi permitido que Shasu entrasse para salvar os asiáticos e seus rebanhos, *vide* James Prichard, editor, *Ancient Near Eastern Texts*, 3.ª edição (Nova Jersey: Princeton University Press, 1977), pp. 259, 416ss.
30. Hershel Shanks, "An Israelite House in Egypt?", *Biblical Archaeology Review*, volume 19, n.º 4 (Julho/Agosto de 1993), pp. 44, 45.
31. *Vide* "The Instruction of Merikare", "The Admonitions of Ipuwer" e "The Prophecy of Neferti", in: James Pritchard, editor, *Ancient Near Eastern Texts*, 3.ª edição (Nova Jersey: Princeton University Press, 1977), pp. 416ss, 441ss, 444ss.
32. Por exemplo no muro ocidental exterior do Cour de la Cachette, no templo de Carnaque, em Luxor, Egito, o egiptólogo Frank Yurco descobriu um registro de inscrições hieroglíficas que descrevem um povo cativo chamado Shasu que se assemelha aos israelitas. *Vide* Frank Yurco, "3,200-Year Old Pictures of Israelites Found in Egypt", *Biblical Archaeology Review*, volume 16, n.º 5 (Setembro/Outubro de 1990), pp. 20-38. Para outros exemplos, *vide* Kenneth A. Kitchen, "From the Brick-Fields of Egypt", *Bible and Spade*, volume 10, n.º 2 (Primavera de 1981), pp. 43-50 [Reimpresso de *Tyndale Bulletin*, volume 27 (1976)]; K. A. Kitchen, *The Bible in Its World: The Bible & Archaeology Today* (Downers Grove, Illinóis: InterVarsity Press, 1977), pp. 75-78.
33. Excetuando o conto clássico de Sinué, há vários textos que detalham a fuga de escravos e publicam descrições para aqueles que poderiam vê-las e ajudar a reavê-los.
34. *Vide*, por exemplo, os textos de Tell el-Amarna e o papiro de Ipuwer que fornecem narrativa de pragas de sangue, peste em animais, fenômeno de fogo, escuridão estranha semelhantes à pragas descritas na narrativa do Êxodo.
35. *Vide* o relatório de Doron Nof e Nathan Paldor, no *Bulletin of the American Meteorological Society* (Março de 1992).
36. Isto pode ser substanciado por fontes arqueológicas e fotografias de satélite tiradas por raios infravermelhos, que revelam os antigos movimentos dos povos do Egito para Canaã (*vide* referência abaixo).
37. *Vide* John Walton, *Ancient Israelite Literature in Its Cultural Context: A Survey of Parallels Between Biblical and Ancient Near Eastern Texts* (Grand Rapids: Zondervan Publishing Company, 1989), pp. 95-107; K. A. Kitchen, *The Bible in Its World: The Bible & Archaeology Today* (Downers Grove, Illinóis: InterVarsity Press, 1977), pp. 79-85.
38. *Vide* referência bibliográfica de Kenyon, Wood e Waltke, nas notas do próximo capítulo.
39. Para um relato desta descoberta escrito para leigos, *vide* Trude Dothan, "Lost Outpost of the Egyptian Empire", *National Geographic*, volume 162, n.º 6 (Dezembro de 1982), pp. 739-769.
40. Larry Williams, *The Mountain of Moses* (Nova York: Wynwood Press, 1990), "Epilogue".
41. *Vide* Stephen A. Ascough, proposta "Santorini — Êxodo — Projeto el-Dab'a" (1994). O autor da proposta pode ser contatado pelo seguinte endereço: 26 Tiffany Street West,

Guelph, Canadá N1H 1Y1. Na verdade, a proposta inclui a promessa de todo o período desde o tempo de José até o período dos juízes.

42. A teoria de uma ligação entre a erupção vulcânica de Santorini e o Êxodo foi detalhadamente discutida pelo egiptólogo Hans Goedicke, presidente do departamento dos Estudos Orientais do Oriente Próximo, na John Hopkins University. *Vide* Charles R. Krahmallov, "A Critique of Professor Goedicke's Exodus Theories", *Biblical Archaeology Review*, volume 7, n.º 5 (Setembro/Outubro de 1981), pp. 51ss; Hershel Shanks, "The Exodus and the Crossing of the Red Sea According to Hans Goedicke", *Biblical Archaeology Review*, volume 7, n.º 5 (Setembro/Outubro de 1981), pp. 42ss; Eliezar Oren, "How Not to Create a History of the Exodus — A Critique of Professor Goedicke's Theories", *Biblical Archaeology Review*, volume 7, n.º 6 (Novembro/Dezembro de 1981), pp. 46ss; Hershel Shanks, "In Defense of Hans Goedicke", *Biblical Archaeology Review*, volume 8, n.º 3 (Maio/Junho de 1982), pp. 48ss. Goedicke acredita que três erupções do vulcão Santorini podem ser documentadas entre os séculos XVII e XII a.C.
43. Foi proposta a porção a da décima oitava dinastia egípcia com base na correlação com o recente período 1A minoano.
44. Vide *Nature*, n.º 382 (18 de julho de 1996), pp. 213, 214; *vide também* o artigo da *Associated Press* escrito por Matt Crenson, "Evidence Backs Exodus Story, Maverick Scholars Contend", *San Antonio Express & News* (Sábado, 27 de julho de 1996), p. B-9.
45. Bryant Wood, "Carbon 14 Testing and the Date of the Destruction of Jericho", *Associates for Biblical Research Newsletter*, volume 28, n.º 3 (Maio/Junho de 1997), p. 1.

Capítulo 8 — A conquista

1. Paul W. Lapp, *Biblical Archaeology and History* (Nova York: World Publishing, 1969), p. 107.
2. John Garstang e J. B. E. Garstang, *The Story of Jericho* (Londres: Hodder & Stoughton Limited, 1940), p. 172.
3. Nadav Na'aman, "The 'Conquest of Canaan' in the Book of Joshua and History", *From Nomadism to Monarchy: Archaeological and Historical Aspects of Early Israel*, Israel Finkel-Stein e Nadav Na'aman, editores (Jerusalém: Israel Exploration Society, 1994), pp. 222, 223.
4. Entrevista com Amihai Mazar, Instituto de Arqueologia da Universidade Hebraica de Jerusalém, Jerusalém (em 21 de outubro de 1996).
5. *Vide* J. Maxwell Miller e John H. Hayes, *A History of Ancient Israel and Judah* (Filadélfia: Westminster Press, 1986), p. 83, e Bruce Halpern, *The Emergence of Israel in Canaan* (Chico, Califórnia, 1983), pp. 98, 99.
6. Entrevista com Bob Mullins, Jerusalém (em 20 de outubro de 1996).
7. Albrect Alt, *Essays on Old Testament History and Religion*, tradução para o inglês feita por R. A. Wilson (Sheffield: JSOT Press, 1989), e D. M. Noth, *The History of Israel*, tradução para o inglês feita por P. R. Ackroyd (Nova York: Harper & Row, 1960).
8. *Vide* G. E. Mendenhall, "Ancient Israel's Hyphenated History", *Palestine in Transition*, D. N. Freeman e D. F. Graf, editores (Sheffield: Almond Press, 1983), e N. K. Gottwald,

"The Israelite Settlement as a Social Revolutionary Movement", *Biblical Archaeology Today: Proceedings of the International Congress on Biblical Archaeology, Jerusalem 1984* (Jerusalém: Israel Exploration Society, 1985).

9. *Vide* I. Finkelstein, "The Emergence of Israel: A Phase in the Cyclic History of Canaan in the Third and Second Millennia BCE", *From Nomadism to Monarchy: Archaeology and Historical Aspects of Early Israel*, I. Finkelstein e Nadav Na'aman, editores (Jerusalém: Israel Exploration Society, 1994), pp. 150-178.

10. *Vide* William Dever, "Will the Real Israel Please Stand Up?: Archaeology and Israelite Historiography: Part I", *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, volume 297 (1995), pp. 61-80 (especialmente a p. 65).

11. Entrevista com Amnon Ben-Tor feita por Tom McCall, Instituto de Arqueologia da Universidade Hebraica de Jerusalém, Jerusalém (em novembro de 1996). Há alguma incerteza sobre a qual destruição Ben-Tor se refere. A última grande destruição por fogo ocorrida no local foi provocada por Tiglate-Pileser III, em 732 a.C. O estrato IV revela a evidência da destruição assíria. Sua última estação de escavação, durante a qual ele achou o palácio, foi o período cananeu do Bronze Recente. Visto que ele descreve que aqui houve destruição por fogo, também podemos pressupor que ele tem esse período em consideração.

12. Bryant G. Wood, "Did the Israelites Conquer Jericho? A New Look at the Archaeological Evidence", *Biblical Archaeological Review*, volume 16, n.º 2 (Março/Abril de 1990), pp. 44-59, e a refutação às críticas em "Dating Jericho's Destruction: Bienkowski Is Wrong on All Counts", *Biblical Archaeology Review* (Setembro/Outubro de 1990), pp. 45-69.

13. Conforme declaração em sua entrevista no vídeo "Jericó", da série *Ancient Secrets of the Bible* (Group Publications, 1996).

14. Por exemplo, Tel el-Ful (Gibeá), Tel el-Jib (Gibeão) e Tel en-Nasbé (Mispá).

15. Antes de construírem, era prática extremamente comum os ocupantes romanos e bizantinos limparem os lugares conquistados até o fundamento rochoso, dessa forma destruindo completamente todos os vestígios das estruturas arquitetônicas anteriores. Para mais detalhes, *vide* David Livingston, "Khirbet Nisya Had Walls and Gates", documento inédito (10 de outubro de 1996), pp. 1-5.

16. Entrevista com Bryant Wood, Nova Orleans (em novembro de 1996).

17. Adam Zertal, "Has Joshua's Altar Been Found on Mt. Ebal?", *Biblical Archaeology Review*, volume 11, n.º 1 (Janeiro/Fevereiro de 1985), pp. 26-43.

18. Zertal segue a teoria de Albrect Alt da "Infiltração Pacífica".

19. Aharon Kempinski, "Joshua's Altar — An Iron Age Watchtower", *Biblical Archaeology Review*, volume 12, n.º 1 (Janeiro/Fevereiro de 1986), pp. 42-53.

20. O debate centraliza-se na comparação com uma estrutura quadrada similar existente no sítio de Gilo.

21. Tel es-Sultão (Jericó), et-Tell (Ai?), Tel es-Safi/Khirbet el-Qom (Maquedá), Tel es-Safi/Tel Bornat/Tel Judeidé (Libna), Tel ed-Duveir (Laquis), Yel el-Hesi/Tel 'Aitun (Eglom), Tel

Hebrom (Hebrom), Tel Beit Mirsim/Shirbet Rabud (Debir), Tel el-Qedá (Hazor), Tel Quamei Hitim (Madom), Tel Sinrom (Sinrom), Tel Keisan (Acsafe).

22. Hazor e Tel Beit Mirsim.
23. Jericó, Tel ed-Duveir, Tel Beit Mirsim, Hazor, Tel Quamei Hitim e Tel Keisan.
24. David Merling, Sênior, "The Book of Joshua: Its Theme and Use in Discussions of the Israelite Conquest and Settlement and the Relationship of Archaeology and the Bible" (tese de Doutorado em Filosofia, Andrews University Seventh-Day Adventist Theological Seminary, fevereiro de 1996), p. 270.
25. Entrevista com Keith Schoville, Jackson, Mississippi (em novembro de 1996).
26. Eugene Merrill, "The Late Bronze/Early Iron Age Transition and the Emergence of Israel", *Bibliotheca Sacra*, volume 152, n.º 806 (Abril/Junho de 1995), p. 153.
27. *Vide* William G. Dever, "How to Tell an Israelite from a Canaanite", *The Rise of Ancient Israel* (Washington, D.C.: Biblical Archaeology Society, 1992), pp. 26-56; Trude Dothan, "In the Days When the Judges Ruled — Research on the Period of the Settlement and the Judges", *Recent Archaeology in the Land of Israel*, Hershel Shanks, editor (Washington, D.C.: Biblical Archaeology Society, 1985), pp. 35-41.
28. Para uma discussão sobre a evidência que pode ser obtida do registro dos artefatos de cerâmica nestes locais, *vide* Brace K. Waltke, "Palestinian Artifactual Evidence Supporting the Early Date for the Exodus", *Bibliotheca Sacra*, volume 129 (Janeiro de 1972).
29. Ibid., p. 47.

Capítulo 9 — O rei Davi

1. Jerry M. Landay, *The House of David* (Nova York: E. P. Dutton, 1973), p. 11.
2. Kathleen Kenyon, *The Bible and Recent Archaeology*, edição revista por P. R. S. Moorey (Atlanta: John Knox Press, 1987), p. 85.
3. *Vide Biblical Archaeology Review*, volume 11, n.º 5 (Setembro/Outubro de 1985), pp. 26-39.
4. Terence Kleven, "Up the Waterspout", *Biblical Archaeology Review*, volume 20, n.º 4 (Julho/Agosto de 1994), pp. 34, 35.
5. Eilat Mazar, "Excavate King David's Palace", *Biblical Archaeology Review*, volume 23, n.º 1 (Janeiro/Fevereiro de 1997), pp. 52-57, 74.
6. Entrevista com Avraham Biran, Hebrew Union College — Instituto Judaico de Religião, Jerusalém (em 17 de outubro de 1996).
7. Thomas L. Thompson, " 'House of David': An Eponymic Referent to Yahweh as Godfather", *Scandinavian Journal of the Old Testament*, volume 9, n.º 1 (1995), p. 74.
8. Para outros estudiosos que lidam com a falta de um divisor de palavras, *vide* Baruch Halpem, "The Stele from Dan: Epigraphic and Historical Considerations", *Bulletin of the Schools of Oriental Research*, volume 296 (1995), pp. 67, 68; E. Ben-Zvi, "On the Reading *'bytdvd* in the Aramaic Stele from Tel Dan", *Journal for the Study of the Old Testament*, volume 64 (1994), p. 28.

9. Um exemplo disso está no óstraco de Tel Qasile, onde as letras *bythrn* sem divisor têm de significar "Bete-Horom". *Vide* Anson Rainey, "The 'House of David' and the House of the Deconstructionists", *Biblical Archaeology Review*, volume 20, n.º 6 (1994), pp. 47, 68, 69.
10. James K. Hoffmeier, "Current Issues in Archaeology: The Recently Discovered Tell Dan Inscription: Controversy and Confirmation", *Archaeology in the Biblical World*, volume 3, n.º 1 (Verão de 1995), p. 14.
11. E. Ben-Zvi, "On the Reading *'bytdvd in* the Aramaic Stele from Tel Dan", *Journal for the Study of the Old Testament*, volume 64 (1994), pp. 29-32, que aconselha prudência em aceitar a conclusão de LeMaire sem maiores investigações.
12. *Vide* N. Na'aman, "Beth-David in the Aramaic Stele from Tel Dan", *Biblische Notizen*, volume 79 (1995), pp. 19, 20.
13. Para outras argumentações deste tipo, *vide* Gary N. Knoppers, "The Vanishing Solomon: The Disappearance of the United Monarchy from Recent Histories of Ancient Israel", *Journal of Biblical Literature*, volume 116, n.º 1 (Primavera de 1997), pp. 36-41.
14. Citado em "News Briefs", in: *Prophecy in the News* (Setembro de 1993), p. 12.
15. Entrevista com Bryant Wood, Nova Orleans (em 25 de novembro de 1996).

Capítulo 10 — O Templo

1. Benjamin Mazar, *The Mountain of the Lord* (Nova York: Doubleday, 1975), pp. 5, 6.
2. Mary Curtis, " 'Bones and Stones' War Puts a City in Trenches", *New York Times*, Março de 1996 (Seção Cultural).
3. Randall Price, "New Tunnel Opening", *Messianic Times* (Dezembro de 1996/Janeiro de 1997).
4. Para uma descrição mais completa da glória do Templo Herodiano e seu efeito sobre os judeus que erroneamente deduziram que era inviolável e não podia ser destruído, *vide* Jacob Neusner, *First Century Judaism in Crisis* (Nashville/Nova York: Abingdon Press, 1975), p. 21.
5. Para mais informações sobre a história destes Templos, *vide* meu livro escrito junto com Thomas Ice, *Ready to Rebuild* (Harvest House Publishers, 1992), pp. 39-84, e minha tese publicada *The Desecration and Restoration of the Temple as an Eschatological Motif in the Tanakh, Jewish Apocalyptic Literature and the New Testament* (Michigan: UMI, 1993). Para uma avaliação da história e teologia do Templo, *vide* meus artigos sob os mesmos nomes no *Premillennial Dictionary of Theology*, Mal Couch, editor (Grand Rapids: Kregel Publications, 1997).
6. *Vide* Benjamin Mazar, "Archaeological Excavations Near the Temple Mount", *Jerusalem Revealed*, Yigael Yadin, editor (Jerusalém: Israel Exploration Society, 1975), p. 33.
7. Entrevista com Amihai Mazar, Instituto de Arqueologia da Universidade Hebraica de Jerusalém, Jerusalém (em 19 de outubro de 1996).
8. Para um estudo compreensivo da arquitetura com apoio arqueológico, *vide* Jean Quellette, "The Temple of Solomon: A Philological and Archaeological Study", tese de Doutorado em Filosofia, Hebrew Union College, Fevereiro de 1966, pp. 94-211.

9. *Vide* Volkmar Fritz, "Temple Architecture: What Can Archaeology Tell Us About Solomon's Temple?", *Biblical Archaeology Review*, volume 13, n.º 4 (Julho/Agosto de 1987), pp. 38-49.
10. Contudo, alguns argumentam a favor de um Templo bipartido ou sem nenhuma repartição, dependendo se a entrada e o Santo dos Santos devem ou não ser contados como divisões distintas.
11. Yohanan Aharoni, "The Solomonic Temple, the Tabernacle and the Arad Sanctuary", H. A. Hoffner, editor. *Orient and Occident: The C. H. Gordon Festschrift* (Berlim: Neukirchen-Vluyn, 1973), pp. 1-8.
12. Para uma narrativa dirigida a leigos sobre a influência fenícia, *vide* Clifford Wilson, "Solomon and Israel's Golden Age: Part I — Solomon's Temple", *Bible and Spade*, volume 1, n.º 2 (Primavera de 1972), pp. 43-47.
13. Para detalhes deste Templo, *vide* o excelente artigo de Sara Japhet, "The Temple in the Restoration Period: Reality and Ideology", *Union Seminary Quarterly Review*, volume 44, n.º 3-4 (1991), pp. 195-252, que fornece a mais completa pesquisa do material feita até hoje.
14. Isto também pode ser presumido pelos modelos dos artefatos de cerâmica para uso em santuários que servem de Templo, que têm uma varanda sustentada por dois pilares e um ídolo dentro. Um bom exemplo é o modelo da Idade do Ferro IIB da cidade de Idalion, Chipre.
15. *Vide* G. Ernest Wright, "The Archaeology of Solomon's Temple", *Biblical Archaeology* (Westminster/John Knox Press, 1962), p. 137.
16. *Vide* Victor Hurowitz, "Inside Solomon's Temple", *Bible Review*, volume 10, n.º 2 (Abril de 1994), pp. 24-37.
17. Meu cálculo está baseado no côvado real que era de aproximadamente 52 centímetros.
18. *Vide* Alan Millard, *Treasures from Bible Times* (Londres: Lion Publishing, 1985), pp. 105, 106.
19. Informado no *Dispatch from Jerusalem* (Março/Abril de 1995), p. 3.
20. Como está citado no artigo "Second Temple Replica Discovered", *Jerusalem Post*, 8 de Abril de 1995.
21. Para mais detalhes, *vide* Bejamin Mazar, *The Mountain of the Lord* (Garden City, Nova York: Doubleday & Company, 1975). O diretor de campo para a escavação foi Meir Ben-Dov, que também publicou livros para leigos, com figuras, sobre os achados; *vide In the Shadow of the Temple: The Discovery of Ancient Jerusalem* (Nova York: Harper & Row Publishers, 1985).
22. Para o relatório popular destas escavações feitas por Dan Bahat, *vide* "Jerusalem Down Under: Tunneling Along Herod's Temple Mount Wall", *Biblical Archaeology Review*, volume 21, n.º 6 (Novembro/Dezembro de 1995), pp. 30-47.
23. *Vide* meu livro *In Search of Temple Treasures* (Eugene, Oregon: Harvest House Publishers, 1994), pp. 157-185, e meu vídeo com o mesmo título.
24. Em conversa com Leen Ritmeyer, ele sugeriu uma data do período do Primeiro Templo para o túnel.

25. Entrevista com Ronny Reich, escavações no monte do Templo, Jerusalém (em 27 de outubro de 1996).

26. Entrevista com Ronny Reich, Jerusalém (em 27 de outubro de 1996).

27. *Vide* Benjamin Mazar, "The Temple Mount", *Biblical Archaeology Today: Proceedings of the International Congress on Biblical Archaeology, Jerusalem, April 1984* (Jerusalém: Israel Exploration Society, 1985), pp. 463-468.

28. Ritmeyer acredita que esta plataforma quadrada não poderia ter existido na ocasião em que Salomão construiu o Primeiro Templo, visto que não teria acomodado seu palácio construído ao lado. Ele conjetura que foi mudado de retângulo para quadrado pelo rei Ezequias, considerando que o primeiro uso do termo hebraico para a plataforma quadrada em Isaías e nos livros de Reis está na época de Manassés, filho de Ezequias. Manassés, que foi um mau rei, profanou o Templo e não teria remodelado o monte; por conseguinte, deve ter sido Ezequias. Também temos a predição nas fontes antigas de que quando o monte do Templo ficasse quadrado, o Templo seria destruído. Tal predição também acompanhou o reinado de Ezequias (*vide* Isaías 39.6).

29. Entrevista com Leen Ritmeyer, Jackson, Mississippi (em 11 de novembro de 1996).

30. Para uma descrição mais precisa do Segundo Templo, *vide* Leen e Kathleen Ritmeyer, *Reconstructing Herod's Temple Mount in Jerusalem* (Washington, D.C.: Biblical Archaeology Society, 1991), e *A Model of Herod's Temple* (Londres: Ritmeyer Archaeological Design, 1993).

Capítulo 11 — A arqueologia e a Arca

1. E. M. Blaiklock, subverbete "Ark of the Covenant", *New International Dictionary of Biblical Archaeology*, E. M. Blaiklock e R. K. Harrison, editores (Grand Rapids: Zondervan, 1983), p. 68.

2. Para aqueles que querem medidas mais precisas, baseado no côvado padrão (46 cm), as dimensões seriam 115 x 69 x 69 cm. Ou, se o côvado era de somente cinco larguras da mão (38 cm): 95 x 57 x 57 cm. De acordo com o rabino Getz, que tirou as medidas das portas internas dentro da Porta de Warren, o côvado era de 57,8 centímetros. Se este côvado, usado para o Segundo Templo, era igual ao côvado usado para a arca, então as medidas seriam 144,5 x 86,7 x 86,7 cm.

3. Trata-se de um cognato com a palavra acadiana *aranu*, que também significa "caixa", "cofre". A palavra hebraica advém da "arca ou caixa [de dinheiro]" do Templo (2 Reis 12.9; 2 Crônicas 24.8-11).

4. Talmude de Jerusalém, tratado *Shekalim* 6.1. Outras fontes dizem que esta "camada" era apenas tão espessa quanto uma moeda de ouro de *dinar* (*Eruvin* 19a; *Mikdash Aharon*; *Kreiti u'Fleiti, Yoreh De'ah* 43), embora outras dizem que era da largura da mão (7,6 cm), *Yoma* 72b; Rabi Chananel; Abarbanel (*Maaseh Choshev* 8.2), da metade da largura da mão (3,8 cm) ou da espessura de um dedo (1,9 cm), *Baba Bathra* 14a; *Bareitha Melekheth HaMishkan* 6. Considerando que 7,6 cm exigiria muito ouro para a quantidade realmente empregada, de qualquer maneira a quantidade deveria ter sido o suficiente para assegurar a conservação da arca com a passagem de tempo.

5. Cf. *Yoma* 72b; Rashi; Ralbag.
6. *Vide* Alan Millard, "Tutankhamen, the Tabernacle and the Ark of the Covenant", *Bible and Spade*, volume 7, n.º 2 (Primavera de 1994), pp. 49-51.
7. *Vide* Elie Borowski, "Cherubim: God's Throne?", *Biblical Archaeology Review*, volume 21, n.º 4 (Julho/Agosto de 1995), pp. 36-41.
8. Flávio Josefo, escritor judeu do século I, registrou descrição de testemunha ocular do Segundo Templo, que, referindo-se ao querubim, afirmou: "Ninguém pode dizer como eles são", Flávio Josefo, *Antigüidades Judaicas* 8.3,3.
9. Para uma discussão destas evidências, *vide* Roland de Vaux, "Les chérubins et l'arche d'alliance, les sphinx gardiens et les trones divins dans l'Ancien Orient", *Melanges de l'Universite Saint-Joseph*, volume 37 (1960-1961), pp. 91-124, e sua versão em inglês, *Ancient Israel*, volume 1, pp. 298-301.
10. Para um exemplo deste tipo, confira a ilustração do rei Hirão de Biblos sentado em seu trono de querubins (século X a.C.) em W. F. Albright, "What were the Cherubim?", in: *The Biblical Archaeologist Reader*, volume 1 (Scholars Press, 1975), pp. 95-97.
11. O Antigo Testamento, Josefo e Filon são todos unânimes em seu veredicto de que os únicos artigos dentro da arca eram as tábuas dos Dez Mandamentos. Sobre os outros dois objetos padrão — o vaso contendo maná e a vara de Arão —, é dito que eram mantidos na frente da Arca (Êx 16.33,34; Nm 17.10; 1 Rs 8.9; 2 Cr 5.10; *cf.* Filon, *De Vita Mosis* 2.97; Josefo, *Antigüidades Judaicas* 3.6.5, n.º 138; 8.4.1, n.º 104).
12. *Cf.* Alan R. Millard, "Re-Creating the Tablets of the Law", *Bible Review*, volume 10, n.º 1 (Fevereiro de 1994), pp. 49-53.
13. *Cf. Baba Batra* 14a, para este debate.
14. O fato de Israel ter adotado práticas idênticas a outras culturas pagãs não constitui problema à singularidade da revelação especial de Deus aos israelitas como povo escolhido. Alguns explicam, mostrando a racionalidade de Deus em conciliar seu povo aos costumes locais, mas com significado teológico distinto que magnificava o Deus de Israel pelo contraste. Sou da opinião de que o sistema "de culto" (o ritual) foi revelado ao homem desde o jardim do Éden e, assim, fazia parte da prática de todas as culturas distintas que se desenvolveram depois da divisão das nações em Babel. Desta forma, até as culturas pagãs retiveram um pouco da estrutura divina original, ainda que a tivessem pervertido e alterado com a intrusão de falsas deidades. O propósito de Deus para Israel é retornar à pura adoração original introduzida no Éden e, portanto, seus mandamentos relativos ao estabelecimento do santuário e recinto e objetos sagrados estão em conformidade com esse desígnio original.
15. Henton Davies, "The Ark of the Covenant", *Annual of the Swedish Theological Institute*, volume 5 (1966-1967), p. 39.
16. Excerto dos registros da apresentação dada por Leen Ritmeyer na reunião anual da *Near Eastern Archaeological Society* (*Sociedade Arqueológica do Oriente Próximo*), em 20 de novembro de 1996, na cidade de Jacksonville, Mississippi.
17. Leen Ritmeyer, *The Temple and the Rock* (Harrogate, England: Ritmeyer Archaeological Design, 1996), pp. 24, 25, 41.

18. *Vide* mais detalhes e informações relativos às observações de Ritmeyer em "The Ark of the Covenant, Where It Stood in Solomon's Temple", *Biblical Archaeology Review* (Janeiro/Fevereiro de 1996) e "Locating the Original Temple Mount", *Biblical Archaeology Review* (Março/Abril de 1992).

Capítulo 12 — Reis e profetas

1. Amihai Mazar, *Archaeology of the Land of the Bible, The Anchor Bible: 10,000-586 B.C.E.* (Nova York: Doubleday, 1990), p. 416.
2. Philip J. King, *Jeremiah: An Archaeological Companion* (Kentucky: Westminster/John Knox Press, 1993), p. xxi.
3. Entrevista com Seymour Gittin, Instituto Albright, Jerusalém (em 25 de outubro de 1996).
4. Ibid.
5. Ibid.
6. *Vide Biblical Archaeology Review*, volume 20, n.º 1 (Janeiro/Fevereiro de 1994); e para a campanha de Sisaque, *vide* Kenneth A. Kitchen, "Shishak's Military Campaign in Israel Confirmed", *Biblical Archaeology Review*, volume 15, n.º 3 (Maio/Junho de 1989), pp. 32ss.
7. Entrevista com Amihai Mazar, Instituto de Arqueologia da Universidade Hebraica de Jerusalém, Jerusalém (em 26 de outubro de 1996).
8. Entrevista com Avraham Biran, Hebrew Union College, Jerusalém (em 21 de outubro de 1996).
9. Para mais detalhes sobre estes restos arqueológicos, *vide* Avraham Biran, *Temples and High Places in Biblical Times* (Jerusalém: Israel Exploration Society, 1977), e para outros achados das escavações, *vide* Avraham Biran, *Biblical Dan* (Jerusalém: Israel Exploration Society, 1994), pp. 159-234.
10. Entrevista com Avraham Biran, Hebrew Union College, Jerusalém (em 21 de outubro de 1996).
11. Entrevista com Amihai Mazar, Instituto de Arqueologia da Universidade Hebraica de Jerusalém, Jerusalém (em 26 de outubro de 1996).
12. Este selo do século VIII a.C. foi vendido num leilão da Sotheby por 80.000 dólares e hoje faz parte da Coleção Shiomo Moussaief em Londres. Para mais detalhes, *vide* Andre Lemaire, "Royal Signature: Name of Israel's Last King Surfaces in a Private Collection", *Biblical Archaeology Review* (Setembro/Outubro de 1996), pp. 48-52.
13. Segundo relatado em "Archaeology in Review", *Dispatch from Jerusalem*, volume 20, n.º 6 (Novembro/Dezembro de 1995), p. 3.
14. *Vide* Jane M. Cahill e David Tarler, "Excavations Directed by Yigael Shiloh at the City of David, 1978-1985", *Ancient Jerusalem Revealed*, Hillel Geva, editor (Jerusalém: Israel Exploration Society, 1994), pp. 39, 40.
15. Para detalhes mais completos sobre esta bula, *Vide* Nahman Avigad, *Hebrew Bullae from the Time of Jeremiah* (Washington, D.C.: Biblical Archaeology Society, 1987).
16. *Vide* Gabriel Barkay, "A Bulla of Ishmael, the King's Son", *Bulletin of the American School of Oriental Research*, volumes 290-291 (1993), pp. 109-114.

17. *Vide* Hershel Shanks, "Jeremiah's Scribe and Confidant Speaks from a Hoard of Clay Bullae", *Biblical Archaeology Review*, volume 13, n.º 5 (Setembro/Outubro de 1987), pp. 58-65.
18. Relatado primeiramente num livro de impressão particular, que cataloga as inscrições do colecionador, intitulado *Forty New West Semitic Inscriptions*, Robert Deutsch, editor (Tel Aviv: The Archaeological Center, 1996).
19. Para mais detalhes sobre esta descoberta e outras alistadas no catálogo acima, *vide* Hershel Shanks, "Fingerprint of Jeremiah's Scribe", *Biblical Archaeology Review*, volume 22, n.º 2 (Março/Abril de 1996), pp. 36-38.
20. Entrevista com Gabriel Barkay feita por Ketef Hinnom, Jerusalém (em 26 de outubro de 1996).
21. Ibid.
22. Ibid.
23. Ibid.

Capítulo 13 — A arqueologia e a profecia

1. Thomas Urquhart, *The Wonders of Prophecy* (Nova York: C. C. Cook, s.d.), p. 93.
2. Como declarado no artigo escrito por Hershel Shanks, "Is the Bible Right After All?: BAR Interviews William Dever" (Part 2), *Biblical Archaeology Review*, volume 22, n.º 5 (Setembro/Outubro de 1996), p. 35.
3. A estatística da probabilidade profética calculou que as chances do cumprimento de 11 profecias eram de 1 em $5{,}76 \times 10^{59}$. Este resultado astronômico foi colocado em condições práticas por Peter W. Stoner, *Science Speaks: An Evaluation of Certain Christian Evidences* (Chicago: Moody Press, 1963), pp. 95-98. Para as probabilidades proféticas de algumas das profecias alistadas neste capítulo, *vide* Josh McDowell, *Evidence That Demands a Verdict: Historical Evidences for the Christian Faith*, edição revista (San Bernardino, Califórnia: Here's Life Publishers, Incorporated, 1986), volume 1, pp. 318-320.
4. Aparecendo desta maneira, a referência serve como dispositivo estrutural que liga o tema dos dois capítulos. Portanto, não pode ser considerada como inserção tardia.
5. Claro que todo o conteúdo do livro de Isaías é de profecia profética. Estaria completamente fora de contexto e de caráter considerar esta profecia de outra forma — *vide* J. Alee Motyer, *The Prophecy of Isaiah: An Introduction and Commentary* (Downers Grove, Illinóis: InterVarsity Press, 1993), pp. 355, 356.
6. Entretanto, profecia cumprida não é o único teste. As profecias de falsos profetas também podem servir de teste da fidelidade de Israel à revelação previamente revelada. Porquanto se a profecia não estivesse em harmonia com a mensagem dos verdadeiros profetas ou em linha com a Torá, então, apesar de sua aparente autenticação, seria rejeitada (*vide* Dt 13.1-5; Jr 23.16-27).
7. *The History of Herodotus Book* 1.95-216; *vide* a edição Manuel Komroff, tradução para o inglês feita por George Rawlinson (Nova York: Tudor Publishing Company, 1956), pp. 16-80.

8. *Cyropaedia* 8.5.1-36; *et al.* no *Loeb Classical Library* (Oxford: University Press, 1957).
9. *Ancient Near Eastern Texts*, James Pritchard, editor (Chicago: University of Chicago Press, 1978), pp. 305, 306.
10. Ibid., pp. 313-315.
11. Este fato não foi mencionado nas fontes gregas, quer por falta de conhecimento do nome de Belsazar, ou simplesmente porque houve preferência em alistar somente o primeiro governante, seu pai Nabonido. Não obstante, Daniel estava ciente desta co-regência, pois ele nota que Belsazar só poderia conceder a Daniel o cargo de "terceiro dominador do reino" (Dn 5.29), depois de Nabonido e de Belsazar.
12. Alan Millard, *Treasures from Bible Times* (Hertz, Inglaterra: Lion Publishing Corporation, 1985), p. 146.
13. *Ancient Near Eastern Texts,* p. 315.
14. Ibid., p. 316.
15. Ibid.
16. Contudo, não há predição de que nunca mais pessoas iriam viver lá outra vez, como foi especificamente declarado na profecia da destruição de Babilônia. Hoje há habitação no local de Nínive, mas, como predito, os assírios desapareceram e a cidade nunca mais foi reconstruída.
17. Que Tiro "nunca voltou como poder real" é a conclusão que se chegou pelo mais moderno estudo histórico feito da cidade. *Vide* H. J. Katzenstein, *The History of Tyre: From the Beginning of the Second Millenium B.C.E. Until the Fall of the Neo-Babylonian Empire in 539 B.C.E.*, edição revista (Berseba: Ben-Gurion University of the Negev Press, 1997), p. 347.
18. No caso da Babilônia, sua destruição final ainda está para acontecer se considerarmos como literal a referência da cidade da Babilônia em Apocalipse 17 e 18. Para uma defesa desta posição, *vide* Charles Dyer, *The Identity of Babylon in Revelation 17 and 18* (tese de Doutorado em Teologia, Dallas Theological Seminary, 1979), como também seu livro popular *The Rise of Babylon* (Tyndale Publishing Company, 1990).
19. B. B. Warfield, *The Spiritual Life of Theological Students* (Phillipsburg, Nova Jersey: Presbyterian & Reformed, 1983).

Capítulo 14 — A arqueologia e um milagre

1. Como citado por Howard Vos em *Can I Trust My Bible?* (Chicago: Moody Press, 1963), p. 176.
2. W. F. Albright, *The Archaeology of Palestine* (Londres: Pelican Books, edição de 1954), p. 255.
3. *Vide* John Phillips, "Miracles: Not for Today", *Moody Monthly* (Julho/Agosto de 1982), pp. 72-74.
4. Aparentemente, esta relíquia havia sido admitida em práticas ritualistas pagãs que tinham o hábito de usar serpentes. Vários exemplos arqueológicos de serpentes em objetos de rituais midianitas foram descobertos em Timna do século XIII ou XII a.C.

5. Para mais detalhes, *vide* Jack P. Lewis, *Historical Backgrounds of Bible History* (Grand Rapids: Baker Book House, 1971), pp. 44-48.
6. Esta palavra aparece num dístico de barro bilíngüe (assírio e aramaico) datado aproximadamente de 645 a.C. Para mais detalhes, *vide* o documento 30 em T. C. Mitchell, *The Bible in the British Museum: Interpreting the Evidence* (Londres: British Museum Publications, 1990), p. 67.
7. Recentemente a data da inscrição foi questionada por Rogerson e Davies, que disseram que era da época hasmoneana (período do Segundo Templo). *Vide* "Was the Siloam Tunnel Built by Hezekiah?", *Biblical Archaeologist*, volume 59, n.º 3 (1996), pp. 138-149. A contestação deles foi respondida com sucesso por Ronald S. Hendel, "The Date of the Siloam Inscription: A Rejoinder to Rogerson and Davies", *Biblical Archaeologist*, volume 59, n.º 4 (1996), pp. 233-237.
8. Uma das propostas de melhor argumento foi que os trabalhadores seguiram uma fenda natural ou falha geológica na colina de calcário. *Vide* Zvi Abels e Asher Arbit, "The Digging of Hezekiah's Tunnel", in: "Some New Thoughts on Jerusalem's Ancient Water Systems", *Palestine Exploration Quarterly*, volume 127 (1995), pp. 4-6. Porém, evidência de tal rachadura o suficiente para explicar o feito ainda tem de ser descoberta. Para uma teoria diferente, embora não conclusiva, *vide* Dan Gill, "How They Met — Geology Solves Long-Standing Mystery of Hezekiah's Tunnelers", *Biblical Archaeology Review*, volume 20 (Julho/Agosto de 1994).
9. Para uma narrativa detalhada, *vide* Yigael Shiloh, "Jerusalem: Eighth to Sixth Centuries B.C.E.", in: *The New Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land* (Jerusalém: Israel Exploration Society, 1993), volume 2, pp. 704-712.
10. As declarações de Flávio Josefo, historiador do século I, sobre os muros de Jerusalém, especialmente o Primeiro Muro, ajudaram a constituir esta determinação. (*Vide Guerras dos Judeus* 5.143.)
11. Segundo Reis 19.35-37; Isaías 37.36-38.
12. *The History of Herodotus*, George Rawlinson, editor, tradução para o inglês feita por Manuel Komroff (Nova York: Tudor Publishing Company, 1956), Livro II, p. 131.
13. Para discussão, *vide* Siegfried H. Horn, "Did Sennacherib Campaign Once or Twice Against Hezekiah?", *Andrews University Seminary Studies*, volume 4 (1966), pp. 1-28.
14. Para a tradução completa (em inglês), *vide* De Witt Thomas, *Documents from Old Testament Times* (Londres: Nelson, 1958), pp. 66, 67.
15. Estas cópias estão alojadas, respectivamente, no Museu Britânico em Londres, no Museu de Grollenburg e no Museu do Instituto Oriental da Universidade de Chicago.
16. Hershel Shanks, *Jerusalem: An Archaeological Biography* (Nova York: Random House, 1995), p. 84 (em cima).
17. Gabriel Barkay compara estes túmulos com os notórios túmulos existentes na área do mar Egeu, especialmente em Salamina, Chipre. Para uma discussão destes locais, *vide* V. Karageorghis, *Salamis in Cyprus* (Londres: Thames & Hudson, 1969), pp. 151-164, e *Excavations in the Necropolis of Salamis*, III [texto] (Nicósia: Department of Antiquities, Cyprus, 1973), pp. 128-202.

18. As escavações foram iniciadas por W. F. Albright, segundo explicações em "Interesting Finds in Tumuli Near Jerusalem", *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, volume 10 (1923), pp. 2-4, e prosseguidas por Ruth Amiran, "The Tumuli West of Jerusalem: Survey and Excavations", *Israel Exploration Journal*, volume 8 (1958), pp. 205-227.
19. Entrevista com Gabriel Barkay, Jerusalém (em 29 de outubro de 1996).
20. Antes deveríamos dizer que *havia* 20 túmulos. Infelizmente, a construção de povoamento nesta área destruiu muitos desses túmulos.
21. Entrevista com Gabriel Barkay (em 29 de outubro de 1996).
22. Gordon Franz, "News from the Pits", Institute for Holy Land Studies, Jerusalém (22 de fevereiro de 1983), p. 2.

Capítulo 15 — Os Rolos do mar Morto

1. Yadin Roman, "Scroll Work", *Eretz* (Julho/Agosto de 1997), p. 16.
2. Yigael Yadin, *The Message of the Scrolls* (Nova York: Simon & Schuster, Incorporated, 1957), p. 14.
3. *Vide* Shemaryahu Talmon, "Was the Book of Esther Known at Qumran?", *Dead Sea Discoveries*, volume 2, n.º 3 (Novembro de 1995), pp. 1-11. Talmon comenta 18 frases nos textos de Qumran, as quais são semelhantes, ou até idênticas, a expressões paralelas no livro de Ester. Oito destas estão baseadas em *hapax legomena* (expressões únicas que ocorrem apenas uma vez) em Ester. Isto indica que os autores destes textos, no mínimo, conheciam a história de Ester, e que também alguns estavam bem familiarizados com o livro bíblico. Também há apoio adicional em muitos fragmentos aramaicos da Caverna 4 chamados *Proto-Ester* (*4Q550*). Talmon propõe que a razão de Ester não está incluído era por ainda não ter obtido *status* canônico na comunidade de Qumran. Ele encontra certo apoio a essa idéia no relato do Talmude de um debate do século III d.C. sobre o *status* do livro de Ester (b. Meg. 7a) e a ausência de qualquer menção à festa de Purim entre os Rolos.
4. *Vide* Yigael Yadin, *Tefillin from Qumran (XQPhyl 1-4)* (Jerusalém: The Israel Exploration Society & the Shrine of the Book, 1969).
5. *Vide* Lawrence Schiffman, "The Significance of the Scrolls", *Bible Review*, volume 6, n.º 5 (Outubro de 1990), p. 23.
6. Para esta discussão, *vide* Shemaryahu Talmon, "The 'Desert Motif' in the Bible and in Qumran Literature", *Biblical Motifs: Origins and Transformations, Studies and Texts 3*, Alexander Altmann, editor (Cambridge: Harvard University Press, 1966), pp. 56, 57. Pode ser justamente por esta razão negativa que o motivo deserto teve uso pouco freqüente na literatura de Qumran, embora fosse de significado estratégico.
7. Ibid., pp. 57, 58.
8. Alguns relatos tornam Jum'a Maomé (o primo mais velho de Maomé ed-Dib) responsável pelo achado inicial; *vide* Harry Thomas Frank, "How the Dead Sea Scrolls Were Found", *Biblical Archaeology Review*, volume 1, n.º 4 (Dezembro de 1975), p. 1.
9. Também está disponível uma fita de vídeocassete de 60 minutos que apresenta a escavação no sítio e entrevistas com arqueólogos e tradutores dos Rolos do mar Morto.

10. Extraído de transcrição do relatório verbal apresentado por Hanan Eshel na Seção Qumran, na Assembléia Ordinária da *American Academy of Religion/Society Biblical Literature*, em novembro de 1996, Nova Orleans, Louisiana.
11. Do abstrato do relatório de Esther Eshel intitulado "New Ostracon Found at Qumran" ("Encontrados outros Óstracos em Qumran"), entregue na *American Academy of Religion/ Society Biblical Literature*, em novembro de 1996, Nova Orleans, Louisiana.
12. Excerto de cópia feita de entrevista gravada com Stephen Pfann, por Thomas McCall, em Qumran (em novembro de 1996). Usado com permissão.
13. Entrevista com Stephen Pfann, Jerusalém (em 18 de junho de 1997).

Capítulo 16 — A arqueologia e Jesus

1. James M. Charlesworth, *Jesus Within Judaism: New Light from Exciting Archaeological Discoveries*, The Anchor Bible Reference Library (Nova York: Doubleday, 1988), p. 104.
2. Rudolph Bultmann, *Theology of the New Testament*, tradução para o inglês feita por K. Grobel (Nova York, 1951), volume 1, p. 12.
3. Para inteirar-se das opiniões deste grupo e das respostas evangélicas a isto, *vide* Michael Wilkins e J. P. Moreland, editores, *Jesus Under Fire: Modem Scholarship Reinvents the Historical Jesus* (Grand Rapids: Zondervan Publishing Company, 1995). *Vide também* Dale Allison, "The Contemporary Quest for the Historical Jesus", *Irish Biblical Studies*, volume 18 (Outubro de 1996), pp. 174-193.
4. *Vide*, por exemplo, os trabalhos de James H. Charlesworth, professor de Línguas e Literatura do Novo Testamento e presidente do Departamento de Estudos Bíblicos no Princeton Theological Seminary, que é líder no diálogo interfé na busca contemporânea de estabelecer o contexto histórico-judaico de Jesus — *vide* seus livros *Jesus Within Judaism: New Light from Exciting Archaeological Discoveries* (Nova York: Doubleday & Company, 1988) e *Jesus' Jewishness* (Nova York: Crossroad Publishing Company, 1991).
5. L. Goppelt, *Theology of the New Testament*, tradução para o inglês feita por J. Alsup, editado por J. Roloff (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1981), volume 1, pp. 6, 7.
6. *Vide* Jerry Varadaman, "The Year of the Nativity: Was Jesus Born in 12 B.C.? A New Examination of Quirinius (Luke 2:2) and Related Problems of New Testament Chronology", como referenciado no livro de John McRay, *Archaeology and the New Testament* (Grand Rapids: Baker Book House, 1991), pp. 154, 385 (nota de rodapé n.º 9).
7. *Vide* Jerônimo, Carta 58: *A Paulino.*
8. *Vide* Paulino de Nola, *Epístola* 31.3.
9. *Vide* Bellarmino Bagatti, *The Church from the Circumcision* (Jerusalém: Franciscan Printing Press, 1971), p. 126.
10. Josefo, *Antigüidades Judaicas.*
11. Entrevista com Ehud Netzer, Instituto de Arqueologia da Universidade Hebraica de Jerusalém, Jerusalém (em 21 de outubro de 1996).

12. *Vide* "In the Name of the King", *Eretz*, volume 48 (Setembro/Outubro de 1996), p. 66.
13. Ibid.
14. *Vide* James F. Strange e Hershel Shanks, "Synagogue Where Jesus Preached Found at Capernaum", *Biblical Archaeology Review*, volume 9, n.º 6 (Novembro/Dezembro de 1983), pp. 24-32.
15. *Vide* Stanisalo Loffreda, "Ceramica ellenistico-romana nel sottosuolo della sinagoga di Cafamao", *Studia Hierosolymitana*, volume 3 (1982), pp. 313-357.
16. *Vide* Vasillios Tzaferis, "New Archaeological Evidence on Ancient Capernaum", *Biblical Archaeologist*, volume 46 (Dezembro de 1983), p. 201.
17. *Vide* James F. Strange e Hershel Shanks, "Has the House Where Jesus Stayed in Capernaum Been Found?", *Biblical Archaeology Review*, volume 8, n.º 6 (Novembro/Dezembro de 1982), p. 26-37.
18. *Vide* John C. H. Lauglin, "Capernaum: From Jesus' Time and After", *Biblical Archaeology Review*, volume 19, n.º 5 (Setembro/Outubro de 1993), pp. 54-63, 90.
19. Para mais detalhes, *vide* o primeiro volume do relatório de escavação intitulado *Bethsaida: A City by the North Shore of the Sea of Galilee*, Rami Arav e Richard A. Freund, editores (Missouri: Thomas Jefferson University Press, 1995). O segundo volume deste relatório de escavação foi lançado em novembro de 1997.
20. Estas descobertas foram feitas alguns dias antes e durante a minha visita no sítio arqueológico em junho de 1997.
21. Para detalhes da descoberta, *vide* Zvi Greenhut, "Burial Cave of the Caiaphas Family", *Biblical Archaeology Review*, volume 18, n.º 5 (Setembro/Outubro de 1992), pp. 28-44, 76.
22. *Vide* Zvi Greenhut, "Caiaphas' Final Resting Place", *Israel Hilton Magazine* (Primavera de 1993), p. 16.
23. *Vide* "Ossuary of Caiaphas", in: P. Kyle McCarter Jr., *Ancient Inscriptions: Voices from the Biblical World* (Washington D.C.: Biblical Archaeology Society, 1996), p. 133.
24. Como citado por David Briggs em "The High Priest: Archaeologists Find Evidence of Caiaphas", relatório da *Associated Press*, de 22 de agosto de 1992.
25. *Vide 4QpNah* 3-4 i 7; *11Q19* 64.6-13.
26. *Vide Antigüidades Judaicas* 12.256; 13.379-383; *Guerras* 1.4.6.96-98; 2.306-308.
27. Por exemplo, o tratado *Sanhedrin* 43a requer a pena de morte para rebeldes, castigo que se entende ser executado depois do apedrejamento na qualidade de "dependurado numa árvore".
28. *Vide Life* 420-421.
29. *Vide* Vasillios Tzaferis, "Jewish Tombs at and Near Givat ha-Mivtar, Jerusalem", *Israel Exploration Journal*, volume 20, n.º 1-2 (1970), pp. 18-32.
30. Conforme decifração feita pelo epigrafista Joseph Naveh, "The Ossuary Inscriptions from Givat ha-Mivtar", *Israel Exploration Journal*, volume 20, n.º 1 (1970), pp. 33-37.
31. Para detalhes completos, *vide* Vasillios Tzaferis, "Crucifixion — The Archaeological Evidence", *Biblical Archaeology Review*, volume 11, n.º 1 (Janeiro/Fevereiro de 1985), pp.

44-53; Joe Zias e E. Sekeles, "The Crucified Man from Givat ha-Mivtar: A Reappraisal", *Israel Exploration Journal*, volume 35, n.º 1 (1985), pp. 22-27.

32. *Vide* J. W. Hewitt, "The Use of Nails in the Crucifixion", *Harvard Theological Review*, volume 25 (1932), pp. 29-45.
33. James H. Charlesworth, *Jesus Within Judaism: New Light from Exciting Archaeological Discoveries* (Nova York: Doubleday & Company, 1988), p. 123.
34. *Vide* C. Cohasnon, *The Church of the Holy Sepulchre in Jerusalem*, tradução para o inglês feita por J. P. B. Ross e C. Ross (Londres, 1974), p. 29.
35. *Vide* Kathleen Kenyon, *Jerusalem, Excavating 3000 Years of History* (Londres: Thames & Hudson, 1967), pp. 153, 154, e Bruce Schein, "The Second Wall of Jerusalem", *Biblical Archaeologist*, volume 44, n.º 1 (Inverno de 1981), pp. 21-26.
36. *Vide* Gordon Franz, "An Archaeologist Looks at the Life of Christ" (notas preparadas para viagens de campo com o American Institute of Holy Land Studies, hoje Jerusalem University College, monte Sião, Jerusalém, edição revista, 3 de maio de 1996), p. 21.
37. Gabriel Barkay e Amos Kloner, "Burial Caves North of Damascus Gate, Jerusalem", *Israel Exploration Journal*, volume 26 (1976), pp. 55-57, e L. Y. Rahmani, "Ancient Jerusalem's Funerary Customs and Tombs", *Biblical Archaeologist*, volume 44 (1981), pp. 229-235.
38. Gabriel Barkay e Amos Kloner, "Jerusalem Tombs from the Days of the First Temple", *Biblical Archaeology Review*, volume 12, n.º 2 (Março/Abril de 1986), pp. 22-39.
39. *Vide* James H. Charlesworth, *Jesus Within Judaism: New Light from Exciting Archaeological Discoveries* (Nova York: Doubleday & Company, 1988), p. 124.
40. Para estas exigências, *vide* M. Hengel, *Crucifixion: In the Ancient World and the Folly of the Message of the Cross*, tradução para o inglês feita por J. Bowden (Filadélfia: Fortress Press, 1977).
41. *Vide* John McRay, "Tomb Typology and the Tomb of Jesus", *Archaeology and the Biblical World*, volume 2, n.º 2 (Primavera de 1994), p. 39.
42. *Vide* Dan Bahat, "Does the Holy Sepulchre Church Mark the Burial of Jesus?", *Biblical Archaeology Review*, volume 12, n.º 3 (Maio/Junho de 1986), p. 30.
43. Bargil Pixner, *With Jesus Through Galilee According to the Fifth Gospel*, tradução para o inglês feita por Christo Botha e Dom David Foster (Rosh Pina, Galiléia: Corazin Publishing, 1992), página externa.

PARTE III

Ouvindo as pedras hoje

Capítulo 17 — O que a arqueologia pode comprovar?

1. De "Editor's Introduction", *Biblical Archaeology*, Shalom M. Paul e William G. Dever, editores (Jerusalém: Keter Publishing House, 1973), pp. ix, x.
2. Thomas W. Davis, "Faith and Archaeology: A Brief History to the Present", *Biblical Archaeology Review*, volume 19, n.º 2 (Março/Abril de 1993), p. 54.

3. Como citado por Jeffery L. Sheler em "Mysteries of the Bible", *U.S. News & World Report* (17 de abril de 1995), p. 61.
4. Nélson Glueck, *Rivers in the Desert: A History of the Negev* (Nova York: Farrar, Straus & Cudahy, 1959), p.31.
5. Ibid., pp. 31, 32.
6. W. F. Albright, *The Archaeology of Palestine* (Londres: Penguin Books, edição de 1954), p. 128.
7. Ibid.
8. Durante visita na casa de Albright, o arqueólogo australiano, Clifford Wilson, recebeu de Albright o que pode ter o significado de uma confissão pessoal de fé. Ele informou que Albright declarou, em resposta ao seu relacionamento pessoal com Cristo e a Bíblia: "Eu não queria morrer... sem crer em nada". Mais ainda, ele disse que Albright lhe confirmou "seu compromisso com o Cristo dos evangelhos". Clifford Wilson, *Visual Highlights of the Bible* (Austrália: Pacific Christian Ministries, 1993), volume 1, p. 126.
9. Kathleen Kenyon, *The Bible and Recent Archaeology,* revisado por P. R. S. Moorey (Atlanta: John Knox Press, 1987), p. 20.
10. Leslie J. Hoppe. *What Are They Saying About Biblical Archaeology?* (Nova York: Paulist Press, 1984), pp. 96, 97.
11. Há ainda as questões práticas do tempo, potencial humano e dinheiro, como também o desejo de prontamente publicar os resultados — todos estes são fatores que ditam um limite a toda escavação.
12. Jacob M. Myers, *1 Chronicles, Anchor Bible,* volume 12 (Garden City: Doubleday, 1965), p. xv.
13. *Cf.* Robert North, "Does Archaeology Prove Chronicles Sources?", *A Light Unto My Path: Old Testament Studies in Honor of Jacob M. Myers* (Filadélfia: Temple University Press, 1974), pp. 375-401.
14. Como citado por Jeffery L. Sheler em "Mysteries of the Bible", pp. 60, 61.
15. Roland de Vaux, in: *Near Eastern Archaeology in the Twentieth Century*, James A. Sanders, editor (Garden City, Nova York: Doubleday & Company, 1970), p. 68.
16. Eilat Mazar, "Excavate King David's Palace", *Biblical Archaeology Review*, volume 23, n.º 1 (Janeiro/Fevereiro de 1997), p. 52.
17. Entrevista com Keith Schoville, Jackson, Mississippi (em 19 de novembro de 1996).

Capítulo 18 — Para onde as pedras o conduzem?

1. W. F. Albright, *The Archaeology of Palestine* (Londres: Pelican Books, edição de 1954), p. 256.
2. *Sun*, 4 de maio de 1993, pp. 20, 21.
3. *Vide The New Encyclopedia Britannica*, subverbete "The Theory of Evolution", volume 18 (1986), p. 996.
4. *Tennessean*, 3 de março de 1996.

5. William A. Dembski, "The Problem of Error in Scripture", *The Princeton Theological Review*, volume 3, n.º 1 (Março de 1996), pp. 22-28.
6. Entrevista com Keith Schoville, Jackson, Mississippi (em 19 de novembro de 1996).
7. James H. Charlesworth, "Archaeology, Jesus, and Christian Faith", *What Has Archaeology to do with Faith?*, J. H. Charlesworth e Walter P. Weaver, editores (Filadélfia: Trinity Press International, 1992), p. 19.
8. Entrevista com Bryant Wood, Nova Orleans (em 21 de novembro de 1996).
9. Entrevista por telefone com Gordon Franz (em 7 de março de 1997).
10. Robert J. Morgan, *On This Day* (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1997), prefácio.
11. Citado por Walter B. Knight em *Three Thousand Illustrations for Christian Service* (Grand Rapids: Baker Book House, 1961), p. 31.

Créditos

O poema de Anne Moore "As Pedras Clamam", apresentado no início de "Convite para ouvir as Pedras", foi usado com permissão.

Quadros, diagramas, mapas

Páginas 58-59: O quadro "Principais Inscrições com Relevância ao Antigo Testamento" foi adaptado de quadros feitos por John Walton, *Old Testament Charts* (Zondervan) e feitos pelo doutor Clifford Wilson em associação com Gary Stone da *Archaeology, the Bible and Christ* (Pacific Christian Ministries).

Página 165: O mapa "Jerusalém durante o Período do Segundo Templo" foi adaptado do mapa preparado pelo doutor Dan Bahat para *The Carta Atlas of Jerusalem.*

Página 191: O diagrama de seção do Templo e a localização do Santo dos Santos no Templo foi feito pelo doutor Leen Ritmeyer, usado com permissão da *Ritmeyer Archaeological Design.*

Fotografias

Os créditos das fotografias dados a seguir indicam propriedade da impressão original e/ou uso com permissão. Os números se referem aos números das fotos no texto.

Capa: Foto e design de Koechel Peterson & Associates; os artefatos são da coleção particular do autor.

1. O autor, fotografia de Bill Dupont.
2. O autor, fotografia de Bill Dupont.
3. Cortesia do Museu Egípcio, fotografia do autor.
4. Cortesia do Museu Asmoleano, fotografia de Obe Hokanson.
5. Cortesia do Museu Britânico, fotografia do autor.
6. Cortesia do Relicário do Livro, Museu de Israel, fotografia do autor.
7. Cortesia de Gordon Franz.
8. Fotografia do autor.
9. Cortesia do Museu Britânico, Londres, fotografia do autor.
10. Georgina Hermann.
11. Cortesia do Museu Britânico, Londres, fotografia do autor.
12. Reprodução, Cortesia do Museu Egípcio, fotografia do autor.
13. Cortesia do Museu Britânico, fotografia do autor.
14. Cortesia do Museu Britânico, fotografia do autor.
15. Cortesia do Museu Britânico, fotografia do autor.
16. Jürgen Liepe.
17. Fotografia do autor.
18. Cortesia do Museu Skirball, Jerusalém, fotografia de Paul Streber.
19. Fotografia de Paul Streber.
20. Fotografia de Paul Streber.
21. Cortesia dos Associates for Biblical Research, fotografia de Bryant Wood.
22. Fotografia de Paul Streber.
23. Cortesia do Museu Smithsonian, fotografia de Clifford Wilson.
24. Cortesia da Associates for Biblical Research, fotografia de Bryant Wood.
25. Reprodução, cortesia do Ragab Papyrus Institute, fotografia do autor.
26. Cortesia de Trude Dothan e do Instituto de Arqueologia da Universidade Hebraica de Jerusalém, fotografia de Paul Streber.
27. Fotografia do autor.
28. Cortesia do Museu Egípcio, fotografia do autor.
29. Fotografia de Paul Streber.
30. Reprodução, cortesia de Avraham Biran e do Museu Skirball, Jerusalém, fotografia de Paul Streber.
31. Reprodução, cortesia de Avraham Biran e do Museu Skirball, Jerusalém, fotografia de Paul Streber.
32. Reprodução, cortesia do Museu Britânico, fotografia do autor.
33. Fotografia do autor.
34. Fotografia de Zev Radovan.
35. Fotografia do autor.
36. Cortesia do Museu de Israel, fotografia do autor.
37. Fotografia de Paul Streber.
38. Fotografia de Paul Streber.
39. Cortesia de Dan Bahat.
40. Fotografia de Paul Streber.
41. Fotografia de Paul Streber.
42. Fotografia do autor.
43. Cortesia do Holyland Hotel, fotografia do autor.

44. Cortesia de Israel Goldberg, Israel Publications Limited, fotografia do autor.
45. Cortesia de Atara Leyoshna, Museu do Modelo do Templo, fotografia de Paul Streber.
46. Cortesia do Museu Britânico, fotografia do autor.
47. Cortesia do Museu de Israel.
48. World of the Bible Ministries, Incorporated. Fotografia de Paul Streber.
49. Cortesia de Seymour Gittin, Instituto Albright, Jerusalém.
50. Cortesia do Museu Skirball, Jerusalém, fotografia de Paul Streber.
51. Fotografia de Paul Streber.
52. Fotografia de Paul Streber.
53. Cortesia do Centro para Estudo de Jerusalém no Período do Primeiro Templo, fotografia de Paul Streber.
54. Fotografia de Zev Radovan.
55. Cortesia de Gordon Franz.
56. Cortesia do Museu Britânico, fotografia do autor.
57. Fotografia de Paul Streber.
58. Fotografia de Paul Streber.
59. Fotografia do autor.
60. Fotografia de Paul Streber.
61. Cortesia do Museu Britânico, fotografia do autor.
62. Cortesia do Museu Britânico, fotografia do autor.

    (*Nota: Suspeita-se que este códice incompleto do século IX seja de Alepo, mas a procedência é incerta.*)
63. Fotografia de Paul Streber.
64. Fotografia de Paul Streber.
65. Cortesia de West Semitic Research, fotografia de Bruce e Ken Zuckerman.
66. Fotografia de Paul Streber.
67. Fotografia de Zev Radovan.
68. Reprodução, cortesia de Stephen Pfann e do Relicário do Livro, fotografia de Paul Streber.
69. Cortesia do Museu do Homem na Galiléia, fotografia de Paul Streber.
70. Fotografia de Paul Streber.
71. Fotografia de Paul Streber.
72. Cortesia de Ehud Netzer e do Instituto de Arqueologia da Universidade Hebraica de Jerusalém, fotografia de Paul Streber.
73. Cortesia do Museu de Israel, fotografia do autor.
74. Fotografia de Paul Streber.
75. Cortesia do Museu de Israel, fotografia do autor.
76. Fotografia de Zev Radovan.
77. Fotografia de Paul Streber.
78. Cortesia do Museu de Hazor, Kibutz Ayelet Hashahar, fotografia de Paul Streber.

ARQUEOLOGIA BÍBLICA

Randall Price

- *Sodoma e Gomorra eram cidades de verdade e foram mesmo destruídas por catastróficas tempestades de fogo?*
- *Temos como dar resposta à altura a historiadores que há tanto tempo afirmam que o rei Davi não passa de uma figura mítica?*
- *Existem evidências arqueológicas da existência histórica de Jesus aqui na terra?*

Em recentes escavações, os arqueólogos desenterraram respostas surpreendentes e substanciais a estas e outras perguntas. Fragmentos de cerâmica, inscrições em pedras, rolos antigos e outros artefatos fascinantes lançam nova luz sobre os eventos e personagens da Bíblia — tirando-os do reino do mistério para o mundo do fato.

Descubra o que os novos achados arqueológicos têm para nos contar sobre a peregrinação de Israel no deserto rumo à Terra Prometida, a queda dos muros de Jericó, a arca da Aliança, os reis e profetas de Israel, as invasões assírias e babilônicas, os Rolos do mar Morto, a época e o povo de Jesus e muito mais. Tudo isso em meio a depoimentos e entrevistas com os principais arqueólogos da atualidade e fotos impressionantes mostrando os mais recentes achados nas terras da Bíblia.

Arqueologia Bíblica lhe dará nova apreciação sobre o mundo e a Palavra da Bíblia!



O DR. J. RANDALL PRICE (Mestre em Teologia do Antigo Testamento e em Línguas Semíticas, pelo Dallas Theological Seminary, e Doutor em Estudos do Oriente Médio, pela Universidade do Texas, Austin) tem feito estudos de pós-graduação em Arqueologia na Universidade Hebraica de Jerusalém e ensinado Arqueologia Bíblica na Universidade do Texas. Fez escavações arqueológicas em Tel Yin'am, na Galiléia, e em Qumran (sítio dos Rolos do mar Morto). É também o autor de *Secrets of the Dead Sea Scrolls* e *In Search of Temple Treasures*.

ogia Bíblica

ISBN 85-263-0225-6

